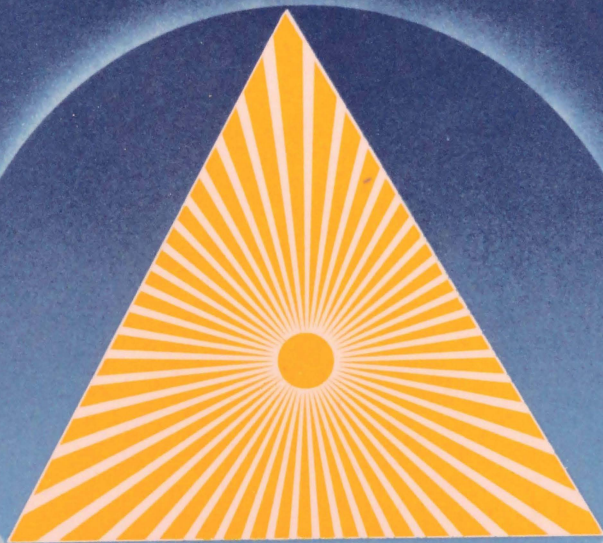


O ADVENTO DO NOVO HOMEM

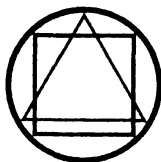


J. van Rijckenborgh

O ADVENTO DO NOVO HOMEM

POR

J. VAN RIJCKENBORGH



2ª edição

1988

Uma publicação do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM
Escola Espiritual da Rosacruz Áurea
São Paulo – Brasil

**Traduzido da versão alemã intitulada:
“DER KOMMENDE NEUE MENSCH”**

**e revisado pelo original holandês:
“DE KOMENDE NIEUWE MENS”**

**ROZEKRUIS-PERS
Bakenessergracht 11-15
Haarlem – Holanda**

Todos os direitos, inclusive os de tradução ou reprodução do presente livro, por qualquer sistema, total ou parcial, são reservados à Rozekruis-Pers, Haarlem, Holanda.

ÍNDICE

Prefácio

9

PARTE I

AUTOCONHECIMENTO COMO CONDIÇÃO PRÉVIA PARA A NOVA GÊNESE HUMANA

I	O advento do novo homem	13
II	Cristo, a fonte universal de luz e de força	23
III	A atividade sétupla do sol divino	31
IV	A natureza do aprisionamento humano	41
V	Não há ligação entre o homem natural e o homem espiritual	55
VI	Gravidade e libertação	65
VII	A loucura da cruz	73
VIII	Deus – arquétipo – homem	83
IX	A alquimia divina e nós	91
X	Homem, conhece-te a ti mesmo!	99
XI	A rosa da manifestação sétupla de Deus	109
XII	A inevitabilidade do caminho da cruz	117
XIII	A ascensão para a liberdade	127
XIV	O Evangelho vivo da liberdade	135
XV	O conhecimento da natureza da morte	145
XVI	A ilusão da dialética	155
XVII	As duas formas no microcosmo	165
XVIII	Ele deve crescer, e eu, diminuir	177

7

PARTE II

A SENDA SÉTUPLA DA NOVA GÊNESE HUMANA

I	Fé, virtude, conhecimento	191
II	Autodomínio (I)	201
III	Autodomínio (II)	211
IV	Perseverança	219
V	Devoção (I)	227
VI	Devoção (II)	237
VII	Devoção (III)	245
VIII	Amor ao próximo	253
IX	O amor (I)	263
X	O amor (II)	271

PARTE III

OS DONS E AS FACULDADES DO NOVO HOMEM

I	O renascimento aural	283
II	Conseqüências do renascimento aural	291
III	O dom da cura	299
IV	As tarefas: cinco correntes para a cura	305
V	As faculdades (I)	315
VI	As faculdades (II)	323
VII	A morte foi tragada na vitória	331
VIII	O novo campo de vida	339
IX	A faculdade da profecia	349
X	A faculdade das línguas (linguagens)	357
XI	A faculdade de explicação das línguas	369
	Glossário	381
	Índice remissivo	393

PREFÁCIO

O aparecimento deste livro marca o novo período no qual entrou a humanidade. A uma grande parte daqueles que habitam nosso mundo de trevas será dada a oportunidade de unir-se a uma nova comunidade, a fim de se capacitarem para verdadeiramente seguir o caminho da libertação. O Novo Homem que se aproxima, a nova raça, o povo de Deus, recolhido de todos os países e que habita em todos os países, evidenciar-se-á de uma forma reconhecível a todas as pessoas. O objetivo deste livro é servir a todos aqueles que amam a Rosacruz; dar-lhes, portanto, algumas diretrizes e informações.

Os temas de *O Advento do Novo Homem* foram extraídos de vários serviços e conferências de Renova e mantidos em forma de alocações orais, como ocorre usualmente com as publicações da Rozekruis-Pers.

Para a comodidade do leitor, este livro contém um índice e um glossário. Além disso, muitos capítulos se iniciam com um sumário dos capítulos precedentes, permitindo assim ao pesquisador que tiver lido parte do livro, retomar novamente o fio de seus estudos, sem que seja necessário reler os capítulos precedentes.

Somos imensamente gratos ao nosso irmão C.G. Stratman, que trabalhou muitos meses para preparar o material para a publicação deste livro.

Possa este primeiro volume da Biblioteca de Renova encontrar seu caminho através do Roseiral em botão.

J. van Rijckenborgh

PARTE I

AUTOCONHECIMENTO COMO CONDIÇÃO PRÉVIA

PARA A NOVA GÊNESE HUMANA

O ADVENTO DO NOVO HOMEM

Muitos de nossos leitores, por certo, terão conhecimento de especulações ocultistas ou etnológicas sobre o advento de uma nova raça na terra, sobre sua natureza e suas características. De fato, novas raças humanas surgiram e desapareceram repetidamente no curso dos anos, e futuras manifestações dialéticas certamente não serão exceções a essa regra.

Em nosso planeta dialético* há certas regiões que, no sentido mais profundo da palavra, podem ser denominadas cadinhos de povos, e é desses cadinhos que novas raças surgem após muitas depurações.

Quando, nas revoluções cósmicas, continentes desaparecem completamente, e muitas outras catástrofes põem termo à vida de grande número de pessoas, há sempre criaturas que escapam e, em parte, são prévia e propositadamente resguardadas, isto é, são levadas para regiões mais seguras. Desses "últimos remanescentes" da humanidade dialética* novas raças se desenvolvem, as quais oferecem nova oportunidade de encarnação àqueles que tenham pere-

* Ver glossário no final do livro.

cido durante uma revolução cósmica.

Sem dúvida tereis lido passagens referentes ao processo de repovoamento de nosso globo depois de uma limpeza cósmica. Incontáveis são as lendas e os mitos que isso nararam. Pensemos, por exemplo, na história de Noé, que, tendo escapado ao dilúvio, encontra terra firme no monte Ararat e, com sua família, se torna a base de outro povoamento mundial. Nos mitos de quase todos os povos encontramos essa história de uma forma ou outra.

Assim, ao longo dos anos, séculos e eões*, a roda do tempo gira, e, com toda a razão, o sábio Pregador pode dizer: "Há alguma coisa de que se possa dizer, 'vê, isto é novo?' Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós". O mesmo é válido para o vaivém das raças humanas. Elas não são "novas", essencial e literalmente falando, mas, no sentido mais profundo, antigas raças, ou misturas destas, que retornam. São sempre as mesmas coisas, os mesmos fatos e os mesmos seres humanos, que nas contínuas revoluções da dialética passam em revista, ininterruptamente, os acontecimentos atuais.

Se agora vos falamos sobre o advento do novo homem, que fique imediatamente claro que não temos a intenção de vos dar informações acerca de alguma raça humana dialética futura, pois conforme foi dito, cada nova raça que alcançou a manifestação dialética já existiu nos séculos que nos precederam, de forma que é grande ilusão classificá-la como "nova". Ainda que o fora, semelhante manifestação racial não teria nenhum interesse para os alunos da jovem Escola* Espiritual. Nós lutamos por libertar-nos do incessante girar no tempo, aspiramos à vida original do reino de Deus, o qual não é deste mundo.

Deveis, portanto, entender nossas explicações sobre o advento do novo homem num sentido total e realmente novo, pois de nenhum modo nos referimos a alguma ciência oculista ou etnológica. Pelo contrário, chamamos vossa atenção para o fato de a Linguagem Sagrada, pura e absoluta, também encerrar afirmações referentes a uma nova raça humana, embora em sentido muito particular. Esta nova raça é conhecida por diferentes denominações. Às vezes é mencionada a vinda do povo de Deus na terra; outras vezes, lemos a respeito da *Una Sancta**, de uma fraternidade santa e ainda de muitas outras comunidades. Certamente isso é de vosso conhecimento, todavia é necessário que também compreendais tudo isso segundo o sentido correto a fim de poder evitar todos os erros possíveis.

Existe uma fraternidade santa, a Fraternidade* Universal, a Fraternidade do reino original, porém as indicações da Linguagem Sagrada acima citadas em geral *não* se referem a essa Fraternidade. Não, nossa atenção aqui é dirigida para a formação de uma fraternidade totalmente nova, de uma *una sancta* totalmente nova. Quando, para alcançar melhor compreensão, consideramos os problemas ligados a isso segundo seus aspectos temporais e espaciais, vemos, de um lado, o mundo dialético e a humanidade e, de outro, o reino de Deus e seus habitantes. Vasto abismo separa esses dois mundos, abismo intransponível consoante tempo e espaço. Homens e raças de carne e sangue da natureza dialética comum não o podem transpor. Eis por que na ordem mundial dialética toda a vida gira qual roda em torno do eixo, num ritmo incessante, numa repetição sem fim.

Sabemos que essa Fraternidade do outro reino aspira a redimir a humanidade decaída e prisioneira e, com esse pro-

pósito, empreende um trabalho cujos aspectos são debatidos e examinados ininterruptamente na Escola Espiritual. Muitos seres humanos neste mundo reagem com seriedade e devotamento aos impulsos da Fraternidade Universal. Não sabemos seu número exato, mas sem dúvida eles existem. Não sabemos a que povos ou nações pertencem nem em que países vivem. Com uma probabilidade que beira a certeza, porém, podemos supor que seres humanos que reagem a esses impulsos existem em quase todos os países. Inúmeros deles evidenciam qualidades e opiniões similares às aquelas encontradas em nossa Escola.

Todos esses seres humanos, com sua diversidade de povos e de países, formarão, em todas as regiões e em todos esses países, em dado momento da história mundial, uma comunidade, uma raça muito especial e exclusiva, que não se caracterizará por habitar determinada região da terra, e sim pelo fato de que se livrará da fatalidade do giro dialético da roda e realizará o milagre de atravessar o intransponível abismo em direção à pátria perdida. É a essa nova comunidade, ora em formação, que a Linguagem Sagrada se refere.

Agora, que o momento para a formação de tal raça despontou em nossa época, é nosso dever chamar vossa atenção para esse fato, investigar convosco como se realizará tudo isso e examinar os diferentes aspectos desse maravilhoso processo. Tencionamos, em primeiro lugar, abordar do ângulo místico-filosófico essa admirável e extraordinária manifestação, esse desenvolvimento de um tipo humano totalmente novo e não dialético neste mundo dialético. Posteriormente, verificaremos de que maneira tudo isso pode ser realizado e, finalmente, que conseqüências podemos esperar em razão disso.

Na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, Paulo fala sobre essa nova raça de libertos quando diz:

Não queremos, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem para que não vos entristeçais como os demais que nada entendem destas coisas; pois assim como cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também, por meio de Jesus, Deus trará para junto de Si os que dormem em Jesus. Dizemo-vos isto, pois, pela palavra do Senhor. Nós, que ficamos vivos aqui na esfera* material até a vinda do Senhor, de modo algum precederemos os que já dormem. O Senhor descerá do céu com grande brado, à voz de um arcanjo e ao som da trombeta de Deus, e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois, nós, que ficamos vivos na esfera material, também seremos arrebatados, juntamente com eles, às nuvens, para encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor.

Essa linguagem místico-transfigurística, pregada como letra morta ao longo dos séculos pelas práticas religiosas naturais e abusada por inúmeras pessoas como fora propriedade particular, contém o esquema completo da gênese da nova *Ekklesia**.

Em primeiro lugar, ela mostra que Paulo também *não* considera os domínios de vida da e na esfera* refletora como domínio celestial, o que conforma inteiramente com a doutrina transfigurística. Para aqueles que entraram em ligação real com a Hierarquia de Cristo, tanto a esfera refletora como a esfera material da dialética são apenas regiões de perma-

nência temporária. Todos os que foram aceitos no processo da nova gênese no pleno sentido transfigurístico, mesmo que inicialmente se trate meramente de um estágio elementar, deverão abandonar qualquer forma de tristeza ou qualquer sentimento de solidão, pois tal comportamento, que pode ser considerado inteiramente normal para o homem desta natureza, é profunda ilusão para aqueles que estão libertos na luz de Cristo.

Naturalmente, todo o processo tem um início. Quando perceberdes de que maneira radical o processo de santificação que temos diante dos olhos intervém, corporalmente, no inteiro microcosmo* e dele se apodera, e quão profundamente esse processo é consolidado em cada fibra do ser, compreenderéis com absoluta clareza que seu início já *significa* liberdade. A consciência de isolamento, essa experiência cabal de solidão, é bastante normal segundo a natureza comum, porém, à luz da renovação, é inteiramente anormal! Quem sabe isso compreende ao mesmo tempo que, quando a ligação com a absoluta liberdade é obtida, já não terá importância em que lado do véu da morte um ser humano viva e esteja. Sem tal ligação, quem abandona a esfera material terá de reencarnar, mas quem a possui já nada tem a temer. A roda da dialética já não o fará retornar nem influência alguma da esfera refletora poderá doravante enganá-lo.

Apesar de até agora não se ter falado muito sobre isso, é indispensável saberdes que a Escola Espiritual, favorecida com múltiplos dons da graça, também atua por trás do véu da morte, e ali, igualmente, vela por seus alunos. Inúmeras dificuldades aqui conhecidas lá são completamente suprimidas em virtude de serem totalmente diversas as circunstâncias em que a Escola trabalha no Além. Ali os alunos podem,

em: completa e imperturbável tranqüilidade, prosseguir no processo iniciado na esfera material. Por conseguinte certo é que nos reencontraremos após deixarmos a esfera material.

É necessário que tomeis conhecimento desses fatos e não mostreis o menor traço de tristeza pela morte de um amigo ou de uma amiga, tal como outras pessoas que dessas coisas nada compreendem. Pelo contrário, deveria haver entre nós grande alegria ao ver um de nossos discípulos sérios atravessar o limiar da morte mais cedo do que nós. Eles são chamados os "adormecidos segundo a natureza".

Um adormecido segundo a natureza não é alguém que simplesmente deixou seu corpo material, mas alguém que já se libertou de qualquer laço ou qualquer influência dialético-natural. Tal ser humano, ao deixar a esfera material, é transferido para uma região que, em essência e vibração, está *fora* da esfera refletora. Esse é o sentido da expressão "adormecer em Jesus". Lembrai-vos bem, todavia, o adormecido segundo a natureza ainda não é um ressurreto! A ressurreição só se realiza ao término do processo em que o adormecido se encontra.

Devemos aqui afirmar que o estado de "adormecimento segundo a natureza" pode também ser alcançado enquanto ainda vivemos na esfera material. É o estado de total demolição do eu, sobre o qual temos falado freqüentemente.

A vantagem do "estado de adormecimento" sobre o de demolição do eu na esfera material é evidente, pois aquele que "adormeceu em Jesus" já está livre do corpo material com seu respectivo duplo etérico e pode continuar, tranqüilamente, a edificar nos princípios renovadores já recebidos, enquanto o aluno no estado de demolição do eu, vivendo ainda na esfera material, deve observar, a todo o momento, a

presença e as solicitações de um organismo material pertencente à natureza da morte. Também se torna claro que, no processo de renovação, os adormecidos precedem, como explica Paulo, os alunos que permanecem na esfera material, uma vez que estão aptos a completar o processo mais rapidamente.



Nossa intenção foi, mediante o que precedeu, conscientizar-vos de que do seio da humanidade comum está surgindo, em todos os povos e países do mundo, novo povo que está a ponto de libertar-se, o povo de Deus, uma multidão que ninguém pode contar. Esse povo, que se manifesta na esfera material e dela parte, já nada tem a temer da morte. Pelo contrário, a morte é vantagem para ele. Esse povo é preparado para uma viagem muito especial, indicada por Paulo como “encontrar o Senhor nas nuvens”.

Essa viagem, “encontrar o Senhor nas nuvens”, é uma expressão universal que alude a um segundo processo subsequente, que se relaciona com a mudança progressiva do novo ser-alma em ser-espírito. Essa é a viagem ao imutável reino original.

Sabeis que também a humanidade, vista como um todo, está submetida a um giro da roda. Esse giro começa num novo dia de manifestação dialética e termina com uma revolução cósmica, repetindo-se sem cessar. Ao aproximar-se o fim de um dia cósmico, as situações e as condições vibratórias se tornam tais que já *ninguém* pode ser salvo e libertado antes que um novo dia de manifestação se inicie. Logo que o

último ser humano apto para essa possibilidade tenha ingressado no processo de libertação, soa "o toque da última trombeta". Isto é, todos os libertos são, em sentido absoluto, retirados do campo de vida dialético, com suas duas esferas, e a gloriosa viagem para casa começa.

Então a nova Fraternidade, a nova *Una Sancta*, está formada: ela vai "ao encontro do Senhor nos ares". Ela é a comunidade daqueles que foram resgatados desta terra. Seus membros foram, primeiro, inflamados pelo Espírito de Deus quando ainda eram buscadores sinceros; segundo, adormeceram em Jesus e, finalmente, foram acolhidos pelo Espírito Santo Universal no processo de renascimento dos filhos de Deus.



II

CRISTO, A FONTE UNIVERSAL DE

LUZ E DE FORÇA

Nova raça humana nasce neste mundo! Novo povo surge, o povo prometido, o povo do Senhor, o povo de Deus!

Ao lerdes a literatura mundial, encontrareis inúmeras referências ao advento dessa gloriosa multidão, a qual ninguém pode contar. Todavia, em razão de vosso estado dialético, assimilais ao mesmo tempo com essa profecia, inevitavelmente, com todos os órgãos sensoriais, a ilusão de que esse advento do povo de Deus se relaciona com a reunificação da velha raça-raiz semítica nas margens do antigo oceano¹. Também se dirige vossa atenção para o Movimento Anglo-israelita, procurando-se despertar com isso a ilusão de ser a raça anglo-saxônica o povo do Senhor.

Quando os antigos poetas cantam: "Ele reunirá Seu povo de todas as nações da terra", não deveis acreditar que esses cânticos se refiram a acontecimentos ocultistas ou etnológicos, e sim deveis compreendê-los num sentido inteiramente novo. Essas velhas profecias anunciam a manifestação extraordinária e admirável de um novo tipo humano não dialético, de um grupo humano que – não apenas misticamente,

1. O mar Mediterrâneo.

mas também estrutural, biológica, portanto, corporalmente – está *neste* mundo, mas não é *deste* mundo. A fase profética alusiva a esse acontecimento chegou a seu término, pois ingressamos no período de realização em maior ou menor escala. Eis por que a Escola Espiritual já não fala em sentido anunciativo. Ela tem de explicar-vos agora o andamento dessas coisas a fim de que, com isso, possais considerar todos os fatores ligados a elas e consolidá-las em vossa vida. É assim que deveis compreender o “ingresso na terra prometida”. Isto não significa que devais mudar de residência, mas sim que deveis preparar-vos para integrar esse novo grupo humano!

Assim sendo, compreendereis que há muito a considerar, ponderar e examinar cuidadosamente. Antes de mais nada, vamos tratar de um velho tema, abundantemente debatido em nosso meio, declarando que Cristo não é um hierofante de estatura majestosa que habita algum lugar fora do mundo material, porém, em primeiro lugar, um ser impessoal, ilimitado, que se manifesta como luz, como força, como poderoso campo de radiação. Esse campo de radiação de Cristo, que surgiu entre nós e inquieta continuamente esta sombria ordem mundial, exerce poderosa influência – em verdade, toda uma série de influências.

Sem dúvida, para o homem moderno, não é coisa fora do comum que radiações invisíveis aos olhos materiais possam exercer grande influência, visto que a humanidade atual conhece suas múltiplas aplicações em vários campos. Na medicina, na tecnologia militar e em muitos laboratórios, fazem-se experiências com radiações invisíveis.

Existem radiações com efeito demolidor, e outras que podem ser indicadas como impulsionadoras ou atrativas.

Denomina-se o primeiro grupo ultravioleta, e o segundo, infravermelho. Pode-se compreender facilmente que as irradiações e influências do campo de irradiação de Cristo são tanto atrativas como demolidoras, pois esse campo, uma vez que constitui uma totalidade, encerra em si um espectro completo, podendo ser indicado também como sol, como corpo solar invisível. As explicações que se seguem vos darão um quadro da atividade dessas influências e forças distintas do campo de radiação de Cristo, que atuam em harmoniosa colaboração.

A luz atrativa, ou infravermelha, do sol divino vos atingirá em dado momento. Ora, quando o santuário do coração é de natureza especial, indicada em nossa filosofia como a natureza das entidades-átomo-centelha-do-espírito – já que existe um átomo-centelha-do-espírito* no ventrículo direito do coração – reagireis a essa luz atrativa, sim, *tereis* de reagir. A consciência comum não toma conhecimento desse fato, o *eu* se defenderá espontaneamente contra isso e até motivará toda a sorte de manifestações caricaturais. Contudo, ele será arrastado, com todo o seu ser, numa corrente de reações. Pelo fato de ter sido tocado pela torrente de luz infravermelha do sol divino, o ser humano, em sua totalidade, fica sujeito a uma série de experiências. Milhões de seres humanos neste mundo conhecem pessoalmente as experiências intensas, inquietantes e inexplicáveis resultantes desse toque.

O fato de ser o homem atraído, literalmente, por essa torrente de luz, torna bem compreensível que a linguagem mística fale de “chamado”. O impulso infravermelho, essa luz atrativa é, sem dúvida, um chamado. Deveis porém estar atentos para o fato de existir um infravermelho terreno, natural, e um infravermelho do sol divino! Quando Deus vos

chama, Ele vos toca com essa luz. Uma vez que é impossível separar essa luz atrativa da luz demolidora, o ultravioleta divino, é claro que, ao mesmo tempo em que ocorre o chamado, surge também uma demolição, isto é, toda aquela série de inquietações e experiências.

Quando de um chamado não surge essa incessante comção interna, podemos estar certos de que *não* foi o infravermelho divino que nos atingiu, mas sim um chamado de influência meramente dialética, em harmonia com o ser-eu natural e, portanto, de modo algum apto a tocar o átomo-centelha-do-espírito.

Quando o verdadeiro sol do Espírito nos chama e *atendemos* a seu chamado, simultaneamente deixamos alguma coisa para trás, pois o infravermelho é sempre acompanhado do ultravioleta. *Este* é o significado das palavras: "Vai, vende tudo o que tens e segue-me!" *Este* é o significado da maçonaria da pedra angular. Quem quer construir sobre a pedra angular, a luz do sol divino, deve sempre levar em consideração ambos os efeitos dessa luz: demolir e construir, perder e ganhar!

Essa dupla atividade da luz divina tem enorme significação na vida. Ela é de tal importância que todas as experiências de vida podem daí ser explicadas. Cada página do livro da vida é escrita por essas influências. Vossa situação particular, tanto como aluno, trabalhador, homem ou mulher, vossas relações com os outros e com a sociedade, se explicam por essa atividade. É evidente que, como alunos da Escola Espiritual, vos abris a essa poderosa atividade da dupla luz de Deus. Do mesmo modo que podeis formar um foco com um espelho côncavo quando este reflete a luz solar comum, assim também nossa Escola forma um foco para a luz divina.

À medida que esse espelho vai sendo finamente polido, que seu foco se torne cada vez mais nítido, e todo o sistema de reflexão seja aprimorado, o átomo-centelha-do-espírito em vós será tocado, atraído e chamado com força e poder cada vez maiores. Ao mesmo tempo, e esse é o segundo dom da graça da Escola Espiritual, esse toque e esse chamado vos são explicados, e seu caráter e sua intenção são expostos. O aluno sabe assim o que a luz divina infravermelha dele requer, por que o chama e para quê o capacita.

Ela o capacita? Certamente, e de forma direta! A luz infravermelha divina é acompanhada pelo potencial de radiação ultravioleta. Isso significa que o aluno que deseja seguir os caminhos de Deus descobre que a radiação ultravioleta remove, no momento certo, todas as dificuldades e barreiras. Esse poder de Cristo aplaina a tal ponto o caminho que "seus pés já não tropeçarão em pedra alguma".

"Aquele que vos chama é fiel", diz a Linguagem Sagrada, "Ele o fará." Destarte, o chamado para a senda significa, ao mesmo tempo, a possibilidade de trilhá-la. Por conseguinte, é com grande certeza que o prólogo do Evangelho de João anuncia: "A todos que O aceitam, dá-lhes o poder de tornar-se novamente filhos de Deus". Agora compreenderéis também por que aquele que conhece essas coisas pode afirmar com segurança: a força do chamado é, ao mesmo tempo, a força que abre o caminho.

Suponhamos agora que um aluno, em virtude de seu discipulado e de sua presença no campo de força da Escola, é atraído e chamado intensamente, mas não está pronto para demolir o que *deve* ser demolido nem quer abandonar o que tem de ser deixado para trás. A despeito de entender tudo muito bem, o referido aluno se agarra com ambas as mãos a

um sem-número de ilusões que ao longo de muitas encarnações, mediante pensamentos e sentimentos, se transformaram para ele em aparente realidade.

Que irá acontecer doravante? Quando um verdadeiro aluno reage de modo harmonioso ao aspecto chamador, ele também reagirá harmoniosamente ao aspecto demolidor do esforço de Cristo. A senda lhe será, então, suavizada.

Se o aluno, no entanto, reage harmoniosamente ao aspecto chamador, mas não, ao aspecto demolidor, ambas as influências atuarão desarmoniosamente em sua vida. Isso é óbvio! Surge daí uma série de dificuldades, sofrimentos vãos, preocupações sem fim, a dilaceração, a solidão e a tristeza, esse perfeito ninho de serpentes em que jazemos aprisionados. Essas aflições, porém, de modo algum nos são impostas pela Gnosis*. Nós mesmos é que nos mortificamos com o açoitado do fanático dialético. Nesse estado de ser, não há ninguém que possa socorrer-nos. Nós mesmos temos de destruir o açoitado do fanático.

Existe infinita alegria a nossa espera! Chamados a pertencer ao povo de Deus, agarrai-vos, porém, à dor e à miséria. Podeis conceber maneira de viver mais insensata?

Não deveis ver essas observações como um sermão ou um chamado, pois já fostes chamados há muito, muito tempo, e como! Nosso chamado é meramente fraquíssimo eco da eterna realidade. Falamo-vos sobre essas coisas porque o tempo é chegado! A fase da profecia já passou. A fase preparatória já chegou ao fim. Entramos no período de realização! Uma multidão daqueles que respondem está sendo reunida de todos os povos e países para nova atividade e novo desenvolvimento. Aqueles que desejam coadjuvar – e estas palavras são dirigidas aos que *podem* fazê-lo – têm de

apressar-se por razões científicas urgentes.

Já mencionamos que, além da dupla radiação do campo solar de Cristo, há também o duplo poder de radiação desta natureza dialética. A luz infravermelha natural se liga ao *eu*, e a luz ultravioleta natural ataca e destrói tudo o que a este *eu* se oponha. Destarte, a dialética desenvolve o perpétuo nascer, florescer e fenecer, o devorar para depois ser devorado. Conseqüentemente, este campo de radiação natural tem um desenvolvimento degenerativo, enquanto o campo de radiação de Cristo está sujeito a um desenvolvimento regenerativo que se expande. Isto significa que os dois campos estão expostos a uma mudança de vibração em oposição recíproca, ou seja, eles se afastam cada vez mais um do outro!

Assim sendo, torna-se evidente que chegará um momento em que uma entidade existente num dos campos já não poderá participar do outro. A diferença entre os dois campos, que no início era apenas fundamental e qualitativa, se tornará por fim tão grande estruturalmente, e os indivíduos que se manifestam em ambos os campos, biologicamente tão diferentes que, em dado momento, o homem pertencente ao campo dialético já *não* poderá reconciliar-se, ligar-se com o campo de Cristo. Semelhante situação trágica sempre surge ao fim de um período humano. Torna-se claro, portanto, que um ser humano chamado pelo campo de Cristo, mas apegado ao campo da dialética, *não* pode servir a dois senhores. Ele será desligado do campo de Cristo, isto é, ele próprio o fará.

Chegou a hora em que esse processo de desligamento se corporaliza, uma grande separação começa a desenvolver-se. A palavra "Cristo" será silenciada nos lábios daqueles que não pertençam ao campo de Cristo. Eles serão desmas-

carados e reconhecidos por todos. Os remanescentes, os buscadores sinceros, têm ainda nas próprias mãos a escolha, se, com determinação, se despedirem a tempo de sua dualidade e, com toda a sua vontade, se confiarem ao campo de radiação de Cristo. Então os cânticos dos antigos serão entoados também para eles:

Embora estejas entre duas fileiras de pedras, tu te assemelharás a asas colombinas cobertas de prata e penas de ouro acrisolado.

As forças luminosas de Deus te guardarão e levarão pela mão em todos os teus caminhos para que não tropeces em pedra alguma.

Maçons da Rosacruz, utilizai vossa razão! Construí sobre a eterna pedra angular recusada pelos construtores deste mundo e, assim, celebrai conosco o advento do dia do Senhor!



III

A ATIVIDADE SÉTUPLA

DO SOL DIVINO

Conforme vos explicamos, este mundo de trevas e sua humanidade mortal estão sendo atingidos por um espectro solar completo, um feixe perfeito de raios do sol divino. O símbolo mais magnífico que a humanidade possui dessa glória divina é, de fato, a imagem do sol material, e isso foi compreendido pelos poetas, filósofos e iniciados no decurso de toda a história mundial. Pensai apenas na majestosa figura de Hiawatha, o herói da epopéia de Longfellow, que podemos considerar como figura mítica, representando a mais elevada, a melhor e a mais nobre vida dos povos. Longfellow relata como Hiawatha, ao romper da aurora, ao nascer do sol, se entrega a profunda reflexão a fim de entrar em ligação consciente com o Eterno, que existe e trabalha por trás de toda a manifestação dialética.

De modo análogo também devemos examinar a eterna luz solar de Cristo, para ensinar não somente a nós, mas também a todos os que estão receptivos a ela, a elevar-se a essa glória áurea, a fim de conduzi-los como novo povo através dos portais da vida libertadora. Os tempos vistos por

Longfellow como futuro distante chegaram. A hora despontou agora. O tempo chegou! O povo do Senhor está sendo chamado de todos os confins do mundo. O essencial não é somente *reagir* a esse chamado, mas também *cumpri-lo* e mostrar se entendemos tudo o que serve a nossa paz eterna.

Já vos indicamos dois aspectos do espectro solar divino: o infravermelho, ou atrativo, e o ultravioleta, ou demolidor. Descobrimos, mediante a utilização da chave mística, que devemos compreender o aspecto demolidor em sentido inteiramente diverso do que o faz o homem dialético. O aluno incipiente, que se tornou cômico do chamado, encara esse aspecto da demolição como uma batalha, como luta intensa contra uma natureza não divina, ímpia. No entanto, ele nada tem a demolir por si mesmo! É a Gnosis quem o faz! É a luz ultravioleta que varre todos os obstáculos, às vezes com a força de um furacão. Tudo o que o aluno tem de fazer é permanecer em negação*, na negação da camisa-de-força em que está aprisionado.

Conheceis o livro de Jack London, *A Camisa-de-Força*?

Um homem jaz atirado no fundo da cela, cruelmente preso numa camisa-de-força. Vermes lhe cobrem todo o corpo, e sua miséria é quase completa. Aquele que aceita os sofrimentos derivados de tal experiência corporal morre em meio a horror infernal. O herói dessa história entretanto nega tudo isso e silencia. Não acusa os carcereiros, ri-se deles. Pensa na magia estival dos bosques, no chilrear dos pássaros. Tenta perceber a fragrância das flores, o murmurar da água no regato. E eis que a fraqueza corporal se lhe torna em bênção. Desenvolve-se uma divisão de personalidade. Ele abandona seu corpo amarrado à camisa, esgueira-se através das pare-

des e, cantando, atinge o vasto campo em que o sol aquece o universo. Enquanto os carcereiros espiam pela vigia, e o prisioneiro jaz mortalmente pálido, inconsciente, absorto, há liberdade e, considerando as circunstâncias, imensa felicidade. Com essa alegria ele retorna ao corpo, e a forma na matéria, carcomida de vermes, recebe a jubilante canção da liberdade e exterioriza sua alegria! Ele sabe que é um prisioneiro, mas, ao mesmo tempo, um liberto! Assim o encontram seus assombrados e confusos carcereiros.

Agora, talvez, possais compreender, até certo ponto, o que a Escola define como negação. Negação não é exaltação nem pôr de lado a realidade dialética, mas uma atitude de afastamento interior dessa realidade, um desprendimento. Este “afastamento” significa lançar-se à busca da maravilhosa libertação. Será tal negação um ato da vontade, como muita gente pensa? Será uma mudança de dieta ou algo parecido? Negação *assim* compreendida significaria apenas cultura de personalidade. Ninguém pode entregar-se a esse estado de negação tal como é compreendido pela Escola Espiritual sem que se reconheça positivamente atraído pelo toque do raio de luz infravermelha do sol divino. Ninguém pode alcançar essa negação sem que traga no coração o átomo-centelha-do-espírito. Quem possui essa assinatura da vida original é chamado, atraído, e, se o desejar, alçado. O aluno meramente tem de prosseguir. Sua negação é bem conseqüente e positiva, porém ela é a conseqüência do chamado.

Vivenciar a força atrativa desse chamado e reagir a ele de modo positivo, mediante a negação de todas as coisas deste mundo, eis o que Paulo chamou de “fé”: o lançar-se à

busca de um ideal desconhecido e grandioso, que surgiu radiante no horizonte da vida, rumo à força-luz que já de longe vem a nosso encontro para envolver-nos em amor. É um processo que preenche o aluno com a força e a irresistível alegria da esperança e o faz cantar na camisa-de-força da decomposição. Se compreenderdes essa linguagem, podereis preparar-vos, juntamente conosco, nas fileiras da nova humanidade vindoura, para o novo dia que irrompeu. Fará sentido, então, estudar minuciosamente o processo relacionado com todas essas coisas e investigar todos os seus aspectos. Até agora utilizamos quase que exclusivamente a chave mística. Passemos agora à consideração dos pormenores.

O sol divino de que falamos envia sete espécies de raios ao mundo perdido e decaído. Esses raios formam um espectro completo, constituído de: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, Índigo e violeta. São os sete raios do sol divino, aos quais ligamos os alunos da Escola, de vez em quando, mediante um canto mantrâmico*:

*Eis que avançamos no vermelho da aliança sanguínea,
Vivendo do esplendor alaranjado do prana divino.
Nosso é o áureo coração da glória solar de Cristo.
Unidos permanecemos no verde país da esperança.
Poderosamente a amplidão azul se nos abre a distância...
A nuvem do Senhor, colorida de Índigo, nos precede.
Então a face é despojada de todo o véu,
E o manto violeta dos reis-sacerdotes nos espera.*

Esse sol irradia sobre o mundo e desperta o átomo-centelha-do-espírito no coração humano. O que irá acontecer em

conseqüência disto? Já tivemos a oportunidade de responder a esta pergunta. Desde que o homem tenha assim despertado, começará a buscar. Na prática, tal resposta nos diz muito pouco. Devemos compreender o que ocorre psicológica e fisiologicamente no homem quando ele é tocado por essa radiação-força especial e mostra, uma vez que possui o átomo-centelha-do-espírito, sintomas de reação.

Tal reação se inicia com um trabalho no santuário do coração. Geralmente, um ou outro abalo violento na vida comum faz com que o átomo-centelha-do-espírito no coração principie a vibrar intensamente. Até esse momento, devido à conduta e à qualidade sanguínea do homem comum, esse átomo se mantinha em estado latente e de tal modo enclausurado que não podia ser despertado pela luz do sol divino. Entretanto, quando em razão de amarga experiência vem a suceder um colapso temporário na vida, atingindo o próprio sangue, uma das sete câmaras do coração se abre, o fogo nela contido se inflama, e uma luz brilhante é irradiada sobre o timo, pequena glândula situada atrás do esterno. Quando houver receptibilidade do timo (em muitos casos *um* impulso de luz não é suficiente, entretanto consideremos que nesse caso tal impulso foi suficiente), o hormônio do timo conduz essa força-luz à pequena circulação do sangue.

Quando este processo se tiver realizado, é certo que, após algum tempo, a força-luz transportada pelo sangue tocará todos os centros cerebrais. Se ela chegar ao santuário da cabeça do referido ser humano, este se transforma instantânea e irrevogavelmente num buscador, pois, mediante a influência da força-luz nos centros cerebrais são despertados pensamentos, todos da mesma categoria. Esse ser humano foi tocado pela luz atrativa e, por intermédio do átomo-cen-

telha-do-espírito, do timo, do sangue e dos centros cerebrais, o “eu” dialético se torna consciente do chamado. Daí em diante se desenvolve, irresistivelmente, toda uma série de pensamentos, e, à medida que os centros cerebrais vão sendo estimulados a uma nova atividade, a atuação do átomo-centelha-do-espírito prossegue seu trabalho, uma vez que foi aberta uma brecha tanto no sangue como na consciência.

Sem dúvida, já tereis ouvido falar sobre a contemplação de bola de cristal. Esse é um método ocultista negativo para obter e desenvolver a visão etérica. É um trabalho extremamente perigoso para quem o pratica, pois, juntamente com as visões, evoca uma legião de forças terrenas que aguardam pelo fim funesto de sua vítima. Esse fim ocorre quando a luz protetora da *kundalini**, em torno da glândula pineal*, apaga-se como resultado do ato de fixar o cristal. Podeis comparar esse fato com a queima de um fusível num circuito elétrico. Quando o *fusível da kundalini* se queima, o ser humano em questão se torna um brinquedo das forças terrenas durante algum tempo.

Podeis avaliar agora como os métodos ocultistas, positivos ou negativos, nada mais são que imitações caricaturais da magia transfigurística. É o que se dá também com o uso de bola de cristal. O cristal esmeradamente lapidado, a cintilante jóia mediante a qual a verdade pode manifestar-se, é o átomo-centelha-do-espírito no coração! Quando, como resultado da atividade já mencionada da luz universal, o ser humano dirige seus pensamentos para uma vida que não está, e todavia tem de estar em algum lugar, para as coisas ocultas que, necessariamente, devem ser compreendidas, esse ser humano fita como que no cristal do próprio coração,

de onde inicialmente emergem apenas vagas visões. Entretanto, o indivíduo simplório, que ouve a respeito da jóia cintilante, instala-se em frente de um pedaço de vidro ou lança ervas ao fogo para propiciar, mediante o fumo, um estado de exaltação.

O átomo-centelha-do-espírito é também chamado o altar de onde deve elevar-se uma fragrância agradável a Deus para preencher inteiramente o santuário da cabeça, de forma a que o homem sacerdotal possa compreender a palavra do Espírito Santo. Então os pensamentos do buscador se elevam, um por um, e como sabeis, pensamentos são criações. Imagens-pensamentos povoam nosso campo* de manifestação, e pensamentos similares têm a tendência de agrupar-se. Essas imagens-pensamentos, consoante sua natureza, trarão harmonia ou desarmonia, força ou fraqueza a nossa vida. Quando alguém começa a buscar nessa direção, podemos acompanhar exatamente os acontecimentos que se seguem.

Quando o hormônio do timo é introduzido no sangue da pequena circulação, a força-luz é, evidentemente, obscurecida em maior ou menor intensidade pela condição do sangue. Em virtude de nosso nascimento, carregamos no sangue as imagens da religião natural ou do ocultismo natural, do humanismo natural ou do materialismo, e é por isso mesmo que as primeiras imagens-pensamentos evocadas pela força-luz são muito impuras e fracas. Assim, a mudança se processa mui lentamente. Compreendemos, portanto, por que a busca é um processo inevitável. É um longo processo de inumeráveis experiências, visto que, impulsionados por nossas imagens-pensamentos, partimos para a experimentação. Associamo-nos a toda a sorte de movimentos deste mundo porque temos de verificar, na prática, a verdade e a justiça

de nossos pensamentos. Portanto, existem aqui inúmeros seres humanos que já palmilharam muitos caminhos, não se pouparam intermináveis esforços ou fadigas para finalmente encontrar a Escola Espiritual. Consolai-vos, pois todos têm de seguir esse caminho!

Os influxos de força-luz do átomo-centelha-do-espírito e o mirar o próprio cristal têm de prosseguir até que a imagem-pensamento da mais perfeita pureza seja criada. Na Escola Espiritual sois eficazmente auxiliados nesse processo. Dia após dia, hora após hora, todos os meios são empregados para expor-vos os caminhos e as intenções do sol divino, para como que soletrá-los para vós, palavra por palavra, de tal sorte que, finalmente, possais guardar convosco a *imagem mental do homem imortal* da maneira mais nítida possível. Convosco, a vosso lado, em vosso campo de manifestação, deve nascer mentalmente a imagem do homem celeste imortal, tão clara quanto possível, antes de poderdes abandonar o já citado estágio de busca na senda.

Paulo fala sobre a imagem do homem celestial que o candidato deve trazer consigo. Esse é um mistério admirável que não podia ser revelado até agora na Escola. Na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, Paulo se dirige aos discípulos que se preparam para a senda:

Atentai que não é primeiro o espiritual, e sim o que pertence à alma; depois o espiritual. O primeiro homem é da terra, terreno; o segundo homem é do céu. Como é o homem terreno, tais são também os demais homens terrenos; e como é o homem celestial, tais também os celestiais. E assim como trouxemos a imagem do que é terreno, devemos trazer também a imagem do celestial. Isto afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem her-

dar o reino de Deus nem a corrupção herdar a incorrupção. Eis que vos digo um mistério de salvação... transformados seremos todos! O perecível deve revestir-se de imperecibilidade, e o mortal, de imortalidade; então se cumprirá a palavra que está escrita: "A morte foi tragada na vitória. Onde está, ó morte, teu aguilhão?"

Quando, após inúmeras orientações no longo caminho de busca, o aluno tiver formado a imagem do homem imortal, como concepção mental nascida da força-luz, fora do corpo, intensificada e vivificada pela radiação do sol divino, nova etapa poderá ser empreendida.

Esta nova etapa, assim diz Paulo, é um *mistério de salvação* que, na prática, significa um remédio, um meio para tornar-se são. A receita para isso é que o corruptível se revista de incorruptibilidade, e o mortal, de imortalidade. A concepção* mental que acabamos de examinar desempenha um papel essencial e dominante nesse processo.

Vamos agora examinar esse maravilhoso acontecimento em suas minúcias.



IV

A NATUREZA DO

APRISIONAMENTO HUMANO

Como acabamos de ver, o candidato à nova vida libertadora deve formar, antes de mais nada, a imagem do homem primordial, celestial, imortal, no processo de santificação que tem de realizar. Ele deve construir essa concepção mental, essa imagem-pensamento, em seu campo* de respiração mediante uma mudança fundamental de vida. Sabeis, provavelmente, que o campo de respiração abriga *todas* as formas-pensamentos criadas pelo homem.

Pensamentos são coisas, lampejos de luz, impulsos de luz do cérebro. Esses raios luminosos são combinações de substâncias mui tênues, passíveis de ser averiguadas e pesadas com instrumentos de precisão. Isso nos faz compreender que pensamentos são coisas, formas materiais de fato, embora de natureza e estrutura muito mais sutis do que as de nosso corpo material grosseiro. Essas formas-pensamentos permanecem no campo de ação imediato de seu criador ou em suas imediações. Elas se agrupam com outras da mesma natureza, tornando-se assim cada vez mais poderosas. Quando não as vivificamos mentalmente e, portanto, se

encontram em repouso em nosso campo de respiração, esses seres-pensamentos aparentam formações de nuvens que apresentam nitidamente certo movimento, como acontece com as formações de nuvens no céu.

Quando observamos um homem, percebemos claramente como essas nuvens de pensamentos surgem do lado direito do corpo, à altura da cintura, erguem-se acima da cabeça para, em seguida, descerem e desaparecerem no lado esquerdo do corpo à mesma altura da cintura. Observando alguém, essa circulação se nos apresenta no sentido dos ponteiros do relógio, enquanto que, observando esse processo em nós mesmos, o movimento se nos apresenta em sentido contrário. Essas nuvens de pensamentos têm de ser alimentadas porque são criaturas, seres vivos. Devemos compreender que os pensamentos são entidades viventes de ordem e classe definidas. Para sua subsistência, dependem de força-luz, de substância-luz do cérebro de que foram criadas. Eis por que esses seres pedem a seu criador – obrigam-no, se possível – para os nutrir e manter com a mesma força cerebral que os criou. Descreveremos agora minuciosamente de que modo tal coação é exercida pelos frutos de nossos pensamentos.

Quando um ser humano cede a essa pressão completamente natural – e isso ocorre todo o dia e quase a toda a hora – vemos surgir, dessas nuvens mentais que circulam em nosso campo de respiração, formas bem distintas, cuja característica exterior mais expressiva talvez seja os olhos. À medida que a forma vai sendo nutrida mentalmente, emana de seus olhos uma influência cada vez mais poderosa, hipnotizante. Assim, hipnotizado por suas próprias criações mentais, tal ser humano é arrastado à ação, a uma série de ações e,

desse modo, a uma completa escravidão por seus próprios fantasmas. Destarte, todos nós, no decorrer de eões nos tornamos escravos de nossa ilusão, de nossos preconceitos e vícios que, pela atividade de nossos pensamentos, se corporificaram em nosso campo de respiração e, conservados e alimentados por nós, acabaram por dominar-nos inteiramente. A conduta de vida que tantas vezes deploramos, contra a qual impotentemente nos insurgimos, conduta de vida que envenena nossa existência, pois nos enjoamos de nós mesmos e corremos o perigo de perder todo o respeito próprio, resulta dessa coação exercida pelo circuito dos hábitos de pensamento, de nossas criações mentais no campo de respiração.

A humanidade está muito doente, mortalmente doente, vítima de seu próprio instinto criador, e nenhum mortal escapa disso. O fato de o homem dialético abusar, de segundo a segundo, do mencionado poder criador do cérebro de modo tão horrível, revolucionário e caótico, com todas as conseqüências daí decorrentes, fê-lo descer freqüentemente a nível abaixo do animal. Quando a Linguagem Sagrada clama contra o abuso da santa função criadora, refere-se a essa aplicação perniciosa da faculdade mental, que está subordinada a uma vida de desejos quase ilimitada, e a suas conseqüências. Encerradas no circuito dos hábitos de seus pensamentos, muitas pessoas se tornaram demasiadamente denegridas e abjetas para que possam ser tocadas.

Se sinceramente colocarmos nossa própria vida à luz discriminante da Fraternidade*, reconheceremos que – acorrentados na cadeia de hábitos de pensamento – já vivenciamos pensamentos indesejáveis vir à tona de nossa consciência, por motivos inescrutáveis, para realizar sua marcha fatal.

Quantas vezes teremos exclamado: "O que não quero, faço!"

Qual será a causa dessa funesta e indesejável torrente da vida de pensamentos inferior, a qual escapa a nosso controle de modo tão alarmante?

A causa pode, em geral, ser indicada como o sangue! Esse desejo, essa predisposição a uma vida ímpia, está em nosso sangue! A dialética está fundamentalmente enraizada em nosso sangue. Se, pela cultura da vontade, tentamos re-frear esse instinto sanguíneo da natureza, é possível que consigamos, em certo sentido, canalizar essa torrente sanguínea. Mais tarde, porém, ela se fará valer mais forte do que nunca sob outro aspecto. Todo o ser humano é, sem qualquer exceção, em certo sentido, mesmo que às vezes muito secretamente, mais perigoso do que um animal bravo. O instinto do sangue sempre forçará sua passagem de qualquer maneira. Isso é uma questão vital para o animal humano. Agora perguntamos: como esse instinto, esse arqu-instinto, surge em nosso sangue?

Para responder a essa ardente questão, teremos de ser muito minuciosos. Até agora a Escola da Rosacruz se tem limitado a dar somente explicações filosóficas e místicas sobre esse assunto, mas o tempo chegou, e uma explicação científica se faz necessária.



Talvez seja de vosso conhecimento que em nossa doutrina falamos de uma personalidade quádrupla. Vamos examiná-la de maneira inteiramente diversa da que temos feito até agora. Nosso corpo físico se manifesta num campo eté-

rico concentrado e por intermédio deste. Até onde este campo etérico trabalha e se revela em nosso corpo, falamos de corpo etérico (corpo vital), visto que vivemos de éteres. O corpo etérico interpenetra o corpo material e se sobressai ligeiramente, conservando ainda o formato deste, mas logo se funde com o campo de manifestação, ou de respiração.

A faculdade mental do cérebro é também uma combinação de éteres, mas de composição muito sutil. Existe, além disso, uma consciência no corpo. Encontramos essa consciência no sistema cerebrospinal, a coluna* do fogo serpentino, e sabemos que esse fogo-consciência está intimamente ligado ao sangue e ao fluido nervoso. Essa consciência, juntamente com o sangue e o fluido nervoso, é governada por nosso ser-desejo e por este se explica. O ser-desejo, de fato, é o núcleo interior de nossa existência dialética material, é o *eu*, o eu sanguíneo, a alma terrena. Ele possui no corpo uma sede determinada: o sistema fígado-baço. Aí ele se abriga não só em sentido figurado, mas também literal. O fígado, o baço, os rins e as supra-renais, juntamente com o plexo solar (o conhecido centro pélvico-cerebral), formam o domínio do eu sanguíneo, do ser-desejo.

O fígado é o órgão supremo de que os homens vivem. Se atentardes ao nome², sabereis que em alguns povos quem dava nome às coisas na antigüidade sabia disso. No sistema fígado-baço, juntamente com os órgãos a ele pertencentes, o sangue, o fluido nervoso, o fogo* serpentino e, por conseguinte, o homem como um todo, são controlados e mantidos em certo estado de ser. Todas as forças-luzes e

2. Nas línguas anglo-germânicas, a palavra fígado (*Leber*, em alemão, *liver*, em inglês) significa vivificador.

seus efeitos hormonais, que não podem ser explicados por esta natureza, são por isso removidos do sangue por esse mesmo sistema. Dissemos que o núcleo do ser-eu reside nesse sistema. Ele fica encerrado no baço. Durante nosso estado de vigília, ele aí permanece enrolado qual uma espiral. Durante o sono, porém, ele sai do baço, a espiral se desenrola, e uma fita de aparência de nuvem aparece. Vemo-la tomar uma forma no campo de respiração, ou seja, *a figura do verdadeiro homem dialético, nosso ser-desejo, nosso verdadeiro eu sanguíneo*. Esse eu, na maioria das vezes, é bem diferente de nossa aparência física! Todavia preferimos omitir aqui sua descrição.

Compreendereis que esse ser-desejo, quando se manifesta no campo de respiração, é bem diferente dos seres-pensamentos a que acabamos de aludir. Durante o sono, esse ser-desejo, nosso verdadeiro eu dialético, pode afastar-se do corpo físico a considerável distância, mas não tanto quanto o corpo mental. Se levarmos em conta que todas as nossas experiências noturnas são feitas com esse ser-desejo, sendo por ele absorvidas, e que esse eu sanguíneo é originário exclusivamente desta natureza, se tornará claro por que lhe é impossível acolher impulsos libertadores. O eu da natureza *não* pode tornar-se suscetível à vida superior. Ele tem de morrer, pois "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus"!

Quando, outrossim, por algum motivo somos tomados de forte agitação, o eu sai do baço sem que o saibamos, prestes a lançar-se sobre um eventual agressor. O baço, além de sede do ser-eu, é também a principal porta de entrada das forças etéricas no corpo. O ser-desejo se alimenta e vive dessas forças e, desse modo, controla todo o sistema corpóreo.

Por fim, os fantasmas mentais, cuja origem e comportamento já descrevemos, influenciam o baço consideravelmente.

O processo em questão pode ser descrito como segue: o ser-desejo impele o cérebro a empregar sua faculdade criadora, sua atividade mental, de acordo com a natureza e as necessidades do eu sanguíneo, povoando assim, com seres mentais, todo o campo de respiração, ou campo etérico do microcosmo*. Cada uma dessas imagens-pensamentos forma um foco de forças etéricas, as quais permanecem no campo de manifestação, e as transmuta em concordância com sua própria natureza. Destarte, o campo etérico é trabalhado de certo modo por todos esses seres-pensamentos, e o resultado desse trabalho é sorvido avidamente pelo ser-desejo, o eu, mediante o baço. Todas essas forças circulam como que por um canal: entram no corpo pelo baço e saem pelo fígado. Vemos, pois, que todos esses fenômenos vitais servem para nutrir o ser-desejo, o eu sanguíneo. Eis o quadro sinistro de nossa realidade!

Após terdes investigado completamente essa atividade inteiramente miserável e, ao mesmo tempo, perigosa, e em consequência disso vos tiverdes tornado conscientes de vosso aprisionamento em todas as fibras do ser, após tudo isso ter sido examinado detalhadamente e demonstrado em todos os seus matizes, de modo que mesmo uma criança possa compreendê-lo, é possível que surja em vós a tendência de considerar todas essas discussões como cruéis tribulações. Assim como antigamente, quando Edgar Allan Poe descrevia, minuciosa e empolgantemente, situações sinistras, prisões e torturas, também podereis exclamar: "Alto! Parai com isso! Sei que vivo numa prisão. Por que tendes, entretanto, de investigar e definir, com todos os seus pormenores, os

muros desta prisão e a natureza de suas limitações?”

Ninguém pode erguer-se do sepulcro da natureza sem que tenha experimentado, até a medula, a frialdade da casa da morte em que “vive”. Ninguém pode trilhar a senda libertadora sem ter sentido aqui, por toda a parte, o sopro da morte. Ninguém verá o oriente da liberdade eterna sem que esteja preparado para levar a cruz da verdade até nas horas mais sombrias da noite.

Quem não for suficientemente forte para suportar isso, permaneça afastado de nosso trabalho! “O evangelho de Jesus Cristo é somente para os fortes”, diz Paulo com muita razão. E esse evangelho começa com o desmascaramento. Se entretanto estais provando conosco, de fato, o amargo fel do aprisionamento e aceitais o acre vinagre para beber, vos conduziremos agora ao mistério de salvação de Paulo, ao método de cura.

Eis que vos digo um mistério de salvação, um mistério de cura: transformados seremos todos! O perecível deve revestir-se de imperecibilidade, e o mortal, de imortalidade: então se cumprirá a palavra que está escrita: “A morte foi tragada na vitória”.

Analisemos agora esse mistério. O verdadeiro aluno é capaz de construir, em meio a este mundo efêmero, em seu microcosmo mortal e danificado, algo imperecível e imortal, ou seja, a concepção mental, a imagem mental do homem celeste imortal. Esta concepção mental deve ser criada de modo inteiramente diverso daquele descrito anteriormente, que origina as tramas mentais. A referida concepção mental somente pode ser realizada pelo homem que possui o átomo-centelha-do-espírito no ventrículo direito do coração. Quando esse átomo é tocado pela luz infravermelha da Gno-

sis, inicia-se uma atividade muito especial no timo, glândula endócrina localizada atrás do osso esterno. O átomo-centelha-do-espírito começa a vibrar vigorosamente e, com seus impulsos de luz, ativa o timo, que por sua vez passa a segregar um hormônio na corrente sanguínea.

O timo é ativo durante nossa infância, todavia se atrofia e torna latente em seguida. Ele é reanimado, porém, pelo átomo-centelha-do-espírito, que foi tocado pela luz gnóstica. Logo que o sangue, carregado com esse hormônio especial, atinja a cabeça e, conseqüentemente, influencie o cérebro, surgirão, em virtude das atividades do sangue nos centros cerebrais, os mais surpreendentes pensamentos, aqueles que caracterizam o verdadeiro "buscador". Doravante, se poderá dizer que, graças a esse maravilhoso trabalho, a imagem do homem imortal é concebida em seu estado embrionário, inteiramente fora da esfera de influência do ser-desejo, do eu sanguíneo. Devemos destacar que a natureza, a vibração e a composição dessa trama mental, conforme já observamos, é completamente diversa daquela dos outros seres mentais já mencionados. Conseqüentemente, essa imagem não pode circular pelo canal do sistema fígado-baço. Ela irradia calmamente no campo de respiração do candidato, qual uma luz peculiar, e se mantém, na maioria das vezes, bem diante dele, face a face. Essa imagem, atraída pela luz infravermelha da Gnosis, vez por outra sai do inteiro sistema microcósmico*, para além do ser aural, e depois retornar revigorada.

Todavia, o hormônio do timo, que realizou esse trabalho é, naturalmente, levado para baixo outra vez pela corrente sanguínea, e a atividade do corpo de desejos faz com que essa substância, sua inimiga, *seja eliminada do sangue* pelos rins. No fígado e nos rins todas as substâncias estranhas à

natureza do eu são filtradas do sangue. Contudo, se o átomo-centelha-do-espírito continua a vibrar, com todas as conseqüências que acabamos de descrever, nos veremos diante dessa estranha cisão tão familiar a inúmeros buscadores, a vivência de duas vidas. Buscando, continuamos a construir nossa concepção* mental supranatural mediante o auxílio da Escola Espiritual. Pela disciplina interior e pela força sustentadora do campo de força continuamos, sem cessar, a purificar nossa Imagem mental divina da ilusão e do engano. Durante todo esse tempo vivemos a vida normal de efésio*, e exteriormente pouco ou nada mudará em nossa vida. Correm os anos, e, quando muito, nos aquecemos, vez ou outra, à imagem mental do imperecível que conosco conduzimos.



Precisamos pois advertir-vos de que esse estado de sonho, durante o qual nos deleitamos com nossas tramas mentais, pode durar muito tempo, tempo demais, às vezes até mesmo inúmeras encarnações. Por que isso acontece? Porque o ser-desejo não somente purifica biologicamente o sangue através do sistema fígado-baço como também coopera, aparentemente, com vossa inclinação de busca! O ser-desejo, o eu, está pleno de astúcia* atlante. Ele possui atrás de si uma cultura eônica. Assim como a cabeça possui um cérebro, e igualmente o coração possui o seu, também a pélvis possui seu cérebro, pleno de consciência* cérebro-lunar, localizado no plexo solar.

Guiado por essa inteligência, o *eu* tenta envolver vossa concepção mental do eterno, nascida do átomo-centelha-do-

espírito, com ilusões, especulações de todo o gênero e absolutas inverdades. Prometeu é assim, literalmente, preso e acorrentado. A imagem do imperecível é enclausurada no campo de respiração ou ligada a desenvolvimentos ocultistas-naturais e religiosos-naturais. Eis por que a Escola Espiritual está sempre alerta a fim de conservar vivo seu trabalho, zelando assim pela pureza de sua filosofia, pois dessa forma ela pode prestar a cada candidato o melhor auxílio. Ela tem de espelhar-se no exemplo de seus predecessores, que viram repetidamente seu trabalho extinguir-se antes do tempo em virtude de toda a sorte de obstáculos, criados da maneira aqui descrita.



Agora, considerando tudo isso, aprendei o mistério de salvação, o mistério de cura. Se o candidato conservar pura e limpa sua concepção mental do ser imortal, mediante a vivência de um discipulado sincero e zeloso, confiando-se completamente à direção da Escola Espiritual, esse ser embrionário recém-nascido de Deus se desenvolverá em toda a plenitude e, finalmente, o candidato trará consigo a imagem completa do homem celeste original, nascido do pólo infravermelho da luz da Gnosis.

O que deve suceder agora? O que acontecerá doravante? Sabeis que toda a comum trama natural de pensamentos circula pelo canal do sistema flgado-baço. Do mesmo modo, impulsionada pelo pólo ultravioleta da luz da Gnosis e por clara* decisão da vontade do candidato, a concepção mental do homem celeste deverá doravante afluir a essa circulação

pelo canal do sistema fígado-baço, eventualmente mediante força* interior, visto que o ser-desejo, o eu, lhe recusará esse acesso.

Podeis prever as conseqüências disso. A fortaleza do eu é atacada em decorrência dessa nova circulação de forças etéricas inteiramente diferentes, os puros éteres de Cristo. O eu, o ser-desejo, é expulso do centro pélvico, e um novo ser-desejo* nasce, a corporificação do grandioso desejo por salvação.

Agora possivelmente compreenderéis o antigo mito que remonta ao alvorecer da era dialética – a lenda de Adão e Eva. Adão é Manas, o pensador, a imagem mental do imortal. Eva é o novo eu, o novo ser astral que, saindo do lado do corpo, tem de manifestar-se. Ambos, esse homem e essa mulher (devido a sua polarização, o ser astral é sempre representado como sendo feminino), esse novo Adão e essa nova Eva, precisam nascer em nosso sistema. Quando ambos se unirem em santo trabalho, deles nascerá, corporalmente, o novo homem transfigurado.

É esse o mistério de salvação a que Paulo alude. Eis o processo. O perecível órgão nuclear dialético, o sistema fígado-baço do homem material, precisa revestir-se do imperecível. Ali, o imperecível precisa forçar seu caminho!

Então serão cumpridas as rejubilantes palavras que estão escritas: "A morte foi tragada na vitória!"

Quem quiser seguir esse caminho de cruz vencerá. Finalmente, o último golpe de lança no flanco, no baço, demonstrará que se completou a morte do homem terreno. Somente então o homem celestial crescerá de eternidade em eternidade. Da mesma maneira que temos levado a imagem do homem terreno, assim levaremos a imagem do homem

celestial.

Todavia, prestai atenção! Primeiro vem tudo o que pertence à alma, e depois o espiritual!

Com ambos os pés plantados firmemente na realidade, iniciemos nossa *via dolorosa* em direção à aurora da ressurreição!



V

NÃO HÁ LIGAÇÃO ENTRE O HOMEM NATURAL

E O HOMEM ESPIRITUAL

Em poucos capítulos vos apresentamos o advento de um tipo humano inteiramente novo. Apesar de essa apresentação ainda não estar completa, achamos conveniente fazer primeiro um resumo dos tópicos já discutidos e tirar algumas conclusões necessárias antes de prosseguir em nossas explicações.

Possivelmente já compreendestes que o homem dialético é provido de uma consciência tríplice, um *eu* tríplice. Portanto, é absolutamente necessário sempre podermos determinar qual desses três *eus* se acha em atividade quando observamos o procedimento de nossos semelhantes e, destarte, somos forçados a entrar em contato com eles – o que acontece a todo o instante.

Esses três estados de consciência no homem não constituem apenas distinções metafóricas ou filosóficas, porém são inteiramente demonstráveis, científica e organicamente.

Assim, existe uma consciência totalmente central, ou um *eu*, a qual tem sua sede no *santuário da cabeça*. Essa consciência utiliza os centros cerebrais e é explicável pela consti-

tuição destes centros. Todas as nossas aptidões intelectuais ou o treinamento delas são resultantes da atividade desse *eu*. Ele está, conseqüentemente, apto a perceber intelectualmente os fatos e os valores da vida, na forma em que se lhe apresentam, deles tirar conclusões e tomar decisões intelectuais.

A consciência do santuário da cabeça é, ademais, provida de uma faculdade volitiva. A vibração que emana dessa faculdade volitiva impele o sangue, os nervos e os músculos à ação. Com base na aparelhagem desse centro de consciência, podemos compreender perfeitamente que muitas pessoas são governadas primariamente por essa consciência e, em conseqüência de hereditariedade ou de treinamento, ficam quase que completamente sujeitas a seu governo. Quando este é o caso, falamos, para designar este tipo, de homem intelectual. O homem que chamamos ocultista, entre outros, pertence a determinada classe desse tipo de consciência central da cabeça.

Podemos perceber o segundo estado de consciência no *santuário do coração*. Em princípio, essa consciência também trabalha independentemente das outras duas. Organicamente, está situada no coração sétuplo, todavia deveis compreender bem que ela nada tem a ver com o átomo-centelha-do-espírito, situado no ventrículo direito do coração!

Essa consciência central do santuário do coração tange todos os registros da vida emocional humana. Tendes de ver, pois, e mui claramente, que a vida emocional é um instrumento perfeito de consciência, capaz, por exemplo, de funcionar independentemente do santuário da cabeça. Com efeito, o homem pode "pensar" com o coração. A palavra "pensar", porém, desperta idéias diretamente ligadas à faculdade

intelectual. Assim, talvez seja melhor dizer que a consciência do coração é capaz de perceber totalmente a vida e seus vários fatores, ponderar sobre isso e, por sua iniciativa, tomar decisões.

A consciência do santuário do coração é também provida de uma faculdade volitiva que podemos indicar como compaixão, comoção, emoção ou sentimentalismo. Pela vibração dessa faculdade volitiva o homem também é levado à ação. Chamamos místicas as pessoas que vivem principalmente dessa consciência central do coração. Entre elas, devem ser contadas todas as que se entregam inteiramente à vida religiosa natural.

O terceiro estado de consciência tem sua sede no *santuário da bacia*, ou mais exatamente, à frente deste, e está organicamente ligado ao sistema fígado-baço-plexo solar, sobre o qual já se falou minuciosamente³. Essa consciência central do abdômen é a mais fundamental dos três egos naturais. Ela determina o caráter com que viemos ao mundo. Todas as nossas inclinações ocultas ou pronunciadas, todo o nosso *karma**, estão contidos nesse ego. Esse *eu* do sistema fígado-baço exerce forte e dominante influência sobre os outros dois egos, e é com ele que "salmos" à noite e fazemos nossas assim chamadas experiências noturnas.

Os egos da cabeça e do coração podem ser cultivados dialeticamente até os limites legais naturais. O ego do abdômen, entretanto, não pode ser submetido à cultura de espécie alguma. Esse ego é o verdadeiro homem dialético, o qual é obrigado a mostrar seu ser verdadeiro, desprovido de adornos – nu. Visto que ele não pode mostrar-se, oculta-se

3. Ver capítulo anterior, pág. 45.

quase sempre por trás da aparência mais ou menos cultivada dos centros da cabeça e do coração. Ouvimos às vezes palavras untuosas e enfáticas, transbordantes de compreensão e de amor pela humanidade, porém, atrás de tudo isso, acha-se a besta primitiva, bramando e arrando o bote.

A consciência abdominal também dispõe de uma faculdade dedutiva, perfeitamente aparelhada, na estrutura do plexo solar, bem como uma vontade. A vontade da consciência abdominal se chama instinto, e todos nós sabemos que o ser humano que é impelido pelo instinto também passa à ação. Quando um ser humano vive desse terceiro ego de forma primária e totalmente desenfreada, ele representa o homem primitivo, o genuíno homem natural desenfreado, o materialista brutal, o usurpador grosseiro.

Tomar-se-á claro, após refletirdes um pouco, que todas as experiências dialéticas no terreno da Civilização, da Cultura, da Religião e da Magia podem ser explicadas por um número incontável de esforços para trazer ordem e equilíbrio às funções e aos aspectos dos três egos naturais. Entretanto, compreenderdes também ser justamente dessa maneira que grande quantidade de hipocrisia é despertada, e tensões poderosas e quase insuportáveis surgem na vida humana. Todas as moléstias que atormentam o gênero humano são provocadas por essa desarmonia e essas tensões entre os egos da cabeça, do coração e do abdômen.

Quando irrompem os instintos primitivos do homem, este passa a uma conduta de vida de tal modo terrível que um demonismo generalizado se lhe impõe. Em todas as fases da história do gênero humano, vemos seus guias esforçar-se para evitar esse perigo básico, submetendo os egos da cabeça e do coração a todos os métodos educacionais possíveis.

Tão logo, contudo, o individualismo, a autoconservação e as normas de vida se achem em perigo – e isso é uma lei natural na dialética – o terceiro ego, em virtude de sua natureza, intervirá. O mundo se transformará em inferno furioso, e o homem, em selvagem predador.

Todas as tentativas da cabeça e do coração para ocultar, disfarçar, argumentar ou fantasiar a situação não podem mascarar a realidade: não há ligação entre o homem natural e o homem espiritual.

O homem natural é provido de três focos de consciência, dois dos quais têm de servir de “válvulas de segurança” para a terceira consciência fundamental. No entanto, em vista dos resultados da vida natural, tudo isso se mostra insuficiente: *ou* uma catástrofe intensa *ou* uma desordem dramática irrompe, e o resultado é, em qualquer dos casos, a morte e o giro ininterrupto da roda da dialética.

Quem, desse modo, começa a estudar objetivamente a criação humano-dialética, e, ao final de suas deduções, experimenta desespero, fornece com isso – desde que esse desespero seja visível e possa realmente ser comprovado – a prova de um acontecimento excepcionalmente notável no próprio sistema.

O homem é um ser natural. Todo o seu sistema* de vida pode ser explicado pela presente natureza, e todo o seu impulso vital se origina de sua unidade com ela. O sofrimento, a dor e a tristeza do homem natural, portanto, não provêm do desespero de sua alienação de Deus, porém, da resistência que tem de enfrentar em seu desenvolvimento natural. Assim como o coelho emite seu grito de morte quando acossado pelo arminho, o homem brada se seu desenvolvimento natural é impedido por moléstias ou por dificuldades burguesas.

Ao examinardes a questão, verificareis ser possível conver-
cer qualquer ser humano da existência da dialética e de suas
leis, mas... no fundo, ele de modo algum se preocupará
com isso. Ele a considera natural e, freqüentemente, até
mesmo maravilhosa, uma vez que a dialética está em perfei-
ta harmonia com seu verdadeiro estado natural. Ele conside-
ra a luta da natureza como luta verdadeiramente humana e
viril. O estilo atual de vida que vige no mundo moderno se
originou completamente dessa luta e dessa lei.

Os seres humanos nesse estado de ser natural mera-
mente se desesperam pelo fato de o mundo não se desen-
volver do jeito que *eles* gostariam que se desenvolvesse, da
mesma forma que se desesperam quando sofrem um colap-
so econômico. Assim, portanto, não vos deveis deixar enga-
nar quando tais indivíduos, possivelmente repletos de senti-
mentalidade religiosa, fazem soar seus lamentos contra o
mundo em o taxando de ruim, pois eles assim o consideram
meramente por não lhes ser possível conseguir o que dese-
jam.

Destarte, vós mesmos deveis analisar-vos a fim de saber
se ingressastes na Escola Espiritual por serdes um desiludi-
do segundo a natureza ou por realmente vos saberdes um
estranho neste mundo, cuja alma é consumida pelo desespere-
ro de sua alienação de Deus.

Se chegardes a esta última conclusão, isso quer dizer
que se realiza em vosso sistema notabilíssima atividade, vis-
to ser tal inquietação o efeito do trabalho do átomo-centelha-
do-espírito. Quando um homem ainda possui esse átomo, e a
Gnosis pode fazê-lo vibrar, cumprem-se as palavras⁴:

4. DIJK, C. van. *Paráfrases sobre o Tao Te King de Lao-Tsé*. Nederlandsche
Keurboekertj, Amsterdam.

*Queremos viver conforme teu grandioso e sábio
exemplo,
Ligados como átomos que, juntos, são nosso ego.
Queremos esforçar-nos em obter a consciência
desse ego,
Até que o átomo reconheça: souro "dor no ego".*

O que importa aqui é a dor do átomo-centelha-do-espírito no ser comum natural, pois somente *essa* dor, somente esse tormento é libertador. Quem conhece algo dessa dor sabe que esses vergões se prestam a sua cura, pois mediante essa dor o verdadeiro aluno compreende que a Gnosis o encontrou. Quem sofre a dor natural, ruge qual fera na selva; quem porém sofre a dor do ser humano tocado pelo Espírito se torna bem-aventurado, pois:

*Então a grande luz será acesa pela força divina,
O átomo-centelha-do-espírito arderá com o fulgor
do Senhor
E se elevará da noite através da sombria matéria.*

Destarte, aquele que "sofre dor no ego", em conseqüência do despertar do átomo-centelha-do-espírito, inicia o processo que acabamos de falar, processo esse que representa, literal e corporalmente, o dobre dos três egos dialéticos, porquanto, como sabemos agora, do átomo-centelha-do-espírito nasce a imagem nítida do homem imortal, cuja concepção mental se introduz, por fim, no sistema fígado-baço para atacar a posição-chave do ser natural dialético.

Em primeiro lugar, o santuário do coração é impellido

pelo átomo-centelha-do-espírito a uma nova atividade libertadora, e assim a consciência central do coração é a primeira a ser banida de seu estado natural. A seguir, mediante nova atividade mental, a consciência central da cabeça é ligada à torrente renovadora. Após isso, a imagem do homem imortal terá de entrar no canal fígado-baço para atacar o terceiro ego. Nesse momento, o machado é colocado à raiz da existência dialética. Logo que essa terceira atividade tem início no aluno, ele começa a se preparar e enobrecer para o advento do novo tipo humano, isto é, ele é organicamente preparado para encontrar Cristo nas nuvens do céu. Desse modo se cumprirão as palavras: "A morte é tragada na vitória".

Doravante iremos discutir e examinar convosco como esse desenvolvimento se realiza. Temos de examinar em conjunto, passo por passo, esse caminho de renovação.

Se *não* possuídes o átomo-centelha-do-espírito, ou se ele ainda não houver sido inflamado pela Gnosis, tomareis, por certo, todas as nossas informações e considerações em sentido puramente intelectual ou místico, de acordo com as inclinações do primeiro ou segundo ego em vós. Entretanto, essas informações e considerações, essencialmente, nada vos dirão, e nada vos tocará. Com isso, não vos movereis. Se, porém, *conosco* sentirdes dor no ego segundo o átomo-centelha-do-espírito, e, por conseguinte, a luz da Gnosis se tornar em lâmpada para vossos pés, todas as exposições recebidas da Escola Espiritual suscitarão uma força muito especial em vós. Cada palavra calará imediatamente no átomo-centelha-do-espírito, sepultado no sangue do coração. Através das maravilhosas qualidades do Espírito, ficareis em condições de examinar toda a palavra recebida, reconhecê-la incontinenti como verdade. Isso introduzirá, conseqüente-

mente, no circuito do sangue, uma força dantes nunca conhecida. Destarte, o trabalho do Senhor, o trabalho da Fraternidade Universal de Cristo, será consolidado em vós.

A essa luz, compreenderéis as palavras de Paulo: "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, vosso trabalho não é vão".

O trabalho do Senhor, nesse sentido, não é nenhuma atividade pastoral que a Escola da Rosacruz deva fazer para vós, porém é o trabalho metódico realizado pela Gnosis em vós e para vós. Essa atividade, que a Fraternidade empreendeu em vós e para vós, não é um trabalho de que ficais ignorantes nem uma libertação automática, porém um trabalho para o qual vosso inteiro átomo-centelha-do-espírito, sofrendo "dor no ego", precisa cooperar inteligentemente. Por isso, vós que sois alunos na senda, sede firmes e inabaláveis!



VI

GRAVIDADE E LIBERTAÇÃO

Um dos objetivos mais importantes fixados pela Escola Espiritual moderna, em tudo o que tem sido revelado sobre o advento da nova raça humana, é fazer com que aqueles que estão em condições de compreender sua mensagem entrem em contato, tanto quanto possível, com as normas, com os fundamentos e com os aspectos da nova gênese humana. O convite a eles dirigido para que usem de todos os recursos na tentativa de participar dessa nova gênese humana esclarece suficientemente esse intento. Com efeito, todas as especulações, todas as inseguranças, todas as incertezas, têm de ser removidas tanto quanto possível, e todas as considerações filosóficas, afastadas.

Se possuíis algo do verdadeiro discipulado, existe em vós um anseio fundamental pela volta ao reino imutável. Pois bem, na fase atual da revelação da Fraternidade, é dada uma orientação a esse anseio, e o desenvolvimento de cada aluno que demonstra a resolução interior é instigado. Deveis compreender bem, todavia, o que vem a ser "instigar" a vida de alguém. Não se trata de ajuda negativa, porém, principalmente, da aquisição de compreensão, de conhecimento. Não é sem razão que a Linguagem Sagrada diz enfaticamente:

“Meu povo se perde por falta de conhecimento”.

Conhecimento, no sentido da Doutrina Universal, significa adquirir, com base na atividade do átomo-centelha-do-espírito, compreensão do caminho e da verdadeira vida e, além disso, de todos os fatores coadjuvantes que estão à disposição do candidato. Se esse conhecimento está presente, o aluno, por si mesmo, entra em atividade. É *dessa* libertadora automaçonaria que a Escola Espiritual gostaria que participásseis.

A nova raça humana não nascerá como por milagre, porém, todo aquele que estiver determinado a tornar-se um de seus membros terá de alistar-se nesse grupo mediante ação autolibertadora. Tereis de iniciar-vos na senda estreita da automaçonaria. “Buscai vossa própria salvação em temor e tremor”, diz o Senhor de toda a vida, isto é, “trabalhai por vossa libertação, em auto-esquecimento”. Conseguireis, triunfareis incondicionalmente *se assim o crerdes*.

Crer, na concepção da Fraternidade, significa ter o conhecimento íntimo, e este “saber interior” é a atividade do átomo-centelha-do-espírito. Por esse motivo, Paulo fala de “fé em vossos corações”. Entretanto, ele não quer com isso referir-se a nenhuma forma de sentimentalidade, nenhuma crença tradicional eclesiástica ou bíblica, mas sim à vibração radiante do átomo-centelha-do-espírito no ventrículo direito do coração. Para obter essa fé, para despertar essa vibração, sois admitidos na antecâmara da Escola Espiritual. Não suponhais, entretanto, que a Escola Espiritual possa fazer ou faça algo em vosso benefício antes que, com base nessa nova e exclusiva vibração de fé, “tenhais movido montanhas”.

Dissemos que fostes admitidos na Escola Espiritual basicamente com o objetivo de despertar a vibração do átomo-

centelha-do-espírito, ou misticamente formulado: “Para libertar a fé em vossos corações”. Declarações semelhantes a esta são, muitas vezes, fórmulas ou chavões que poderão ser ouvidos em qualquer parte, de qualquer pessoa. Pronunciados e ouvidos de modo superficial são de muito pouco significado. Quando dizemos que “estais na Escola Espiritual com a finalidade de libertar a fé em vossos corações”, isso poderá dar-vos, de início, uma espécie de tranquilidade burguesa, uma sensação de ter chegado a casa. Não vos equivoqueis, porém! Nessa Escola não chegastes a casa! A tarefa da Escola é inquietar-vos, “instigar” vossa vida.

Quem *aqui* já se considera em casa não possui ainda o átomo-centelha-do-espírito em atividade. É por isso que esse átomo, o átomo-centelha-do-espírito, “sofre dor no ego”, conforme a citação de Lao-Tsé no capítulo precedente. Quem sofrer essa dor singular em seu próprio ser experimentará a mesma dor em conexão com o mundo em que vive, e um ilimitado anseio pela pátria original perdida despontará. De acordo com esse anseio, a instigação surgirá em vossa vida.

Que vem a ser anseio, do ponto de vista científico?

Anseio é uma força, força atrativa, gravitacional, uma faculdade magnética. E como acontece com todos os ímãs, essa também tem outro pólo, um pólo magnético que repele. Quando nosso anseio, um dos pólos magnéticos, é dirigido a um objetivo, aquilo que se lhe opõe é repellido pelo segundo pólo magnético. Isso é de suma importância, e deveis refletir bem a esse respeito!

Nossa personalidade é o centro de um sistema chamado microcosmo, *minutum mundum*, um pequeno mundo. Onde está esse microcosmo e onde vive? Aqui, neste mundo! Este

mundo em que viveis foi organizado de acordo com o mesmo princípio de vosso pequeno mundo. Por isso, falamos de "cosmo", o mundo, e de "microcosmo", o pequeno mundo, que sois vós mesmos.

O cosmo em que vivemos percorre o espaço com imensa velocidade. Por que razão não somos lançados fora da esfera terrestre? Isso se deve à força de atração, à força de gravidade da terra. A força magnética de nosso cosmo nos mantém em nossos lugares. O campo eletromagnético deste mundo mantém totalmente unidas todas as criaturas que estão dentro de seu alcance. Todavia, o funcionamento e a facilidade de ligação desse sistema dependem inteiramente de vós e de mim! Nascermos desta natureza, dos princípios materiais desta ordem. Em virtude desse nascimento, nosso campo eletromagnético da terra pessoal está completamente sintonizado com o campo eletromagnético da terra, de tal maneira que formamos um todo com este mundo. Quando nossos desejos, nossos anseios, estão focalizados na linha horizontal da vida, quando estamos voltados a esta natureza e às coisas deste mundo, é evidente que fortalecemos os liames magnéticos com a natureza terrena, pois nosso desejo constitui uma ação magnética atrativa. Uma vez que esse desejo seja dirigido à terra, o segundo pólo magnético repelirá então, naturalmente, tudo o que *não* esteja voltado à terra, e, assim, serão afastadas quaisquer influências libertadoras.

Averiguamos, desse modo, que somos mantidos prisioneiros pelo campo eletromagnético desta terra em razão de nossa natureza dialética e de nossas próprias atividades eletromagnéticas e microcósmicas, e que, nisso, somos nossos próprios carcereiros. Suponhamos que, nesse estado, expe-

rimentemos sofrimento e sejamos confrontados com a dor e com a resistência, o que, considerando a dialética, é inevitável. Seria esse sofrimento, esse torvelinho de misérias, a dor do *átomo-centelha-do-espírito*? Certamente que não!

Em virtude das leis naturais deste cosmo, aprisionados no campo eletromagnético de nossa ordem de natureza, somos todos objetos de luta, ódio e instintos naturais. Essa é a maldição deste campo de existência. Quando viveis todas essas experiências, quando os golpes do destino descem sobre vós, o que fazeis? Ansiáis por auxílio, por uma saída, por proteção. Desse modo, emana de vós uma atividade eletromagnética espontânea. Será isso o anseio, o desejo de salvação, o grito magnético por auxílio que parte do *átomo-centelha-do-espírito*? É essa a "fé em vossos corações"? Certamente que não!

Trata-se apenas de uma atividade eletromagnética de vossa natureza, de vosso ego natural tríplice, a qual não causa, de maneira alguma, um só desvio no campo magnético deste mundo. É um desejo terreno por posse, proteção e segurança terrenas. Quando, a partir de semelhantes desejos, desenvolvemos atividades místicas, ocultistas, ou pseudo-transfigurísticas, só poderemos, por causa da natureza do campo magnético, suscitar reações de e em nosso campo natural de existência. Em assim procedendo, jamais conseguiremos libertar-nos da esfera refletora. Portanto, libertação, por mínima que seja, está fora de cogitação.

É bem possível que a experiência vos faça reconhecer, intimamente, tudo isso como verdadeiro. Quanto esforço não temos envidado com sinceridade natural! Temos sofrido por milhares de esforços inúteis. Pode ser também que nos tivéssemos aproximado, com sinceridade natural, da Escola

Espiritual, mas encontramos a porta fechada, visto que a Escola Espiritual não pode ajudar-nos antes que a “fé haja despertado em nossos corações”, antes que o átomo-centelhado-espírito em nosso coração tenha sido despertado.

Se compreendemos isso, devemos agir inteligentemente. Sabemos agora que qualquer movimento é um: movimento de nosso campo magnético que emana de nossa orientação natural. Seus resultados, portanto, só podem ser úteis a esta natureza. Que fazer então?

Devemos aquietar esse movimento magnético, essa perseguição a nossos desejos. No início, devido à descoberta de que tal perseguição nenhum resultado traz, pelo contrário, efetiva uma ligação crescente com esta natureza. Entretanto, a segunda fase dessa quietude e desse silêncio deverá ser uma rendição à Gnosis, um esvanecimento ante os portais dos mistérios, tal qual nos narram as lendas.

Na Doutrina Universal*, todos os candidatos são instruídos sobre a quietude, sobre o silêncio. Dizia-se nos mistérios antigos: “Minha alma está silenciosa diante de Deus – d’Ele vem minha salvação”. E nos novos mistérios: “Aspira a viver em quietude!” Isso podeis encontrar, por exemplo, na Epístola aos Tessalonicenses⁵. Compreendereis agora que, mediante esse verdadeiro silêncio, mediante o aquietamento das tempestades eletromagnéticas da natureza, nova possibilidade surge para o aluno. Nessa quietude, ele pode ser

5. Atentai, porém, que o conteúdo dessa Epístola foi extensamente deturpado pelos antigos padres da Igreja. O tomar-se silencioso ante a Gnosis foi modificado para tomar-se silencioso e calado ante a autoridade eclesástica, aceitar tranquilamente a teologia-moral, etc.

tocado pela força irradiadora do campo eletromagnético da Fraternidade Universal.

Existem dois campos eletromagnéticos neste cosmo terrestre, ambos com seu centro no coração da terra. Um é o campo magnético central desta natureza, e o outro, o campo magnético central da Fraternidade.

Quando um homem que dispõe de um átomo-centelhado-espírito em seu coração anula seu instinto natural, e, no sentido exposto, chega à quietude, ele será tocado irrevogavelmente pelo campo magnético da Fraternidade. Então, o átomo será despertado no ventrículo direito do coração, e nova vibração, novo anseio e, por conseguinte, nova faculdade magnética, serão desenvolvidos. Destarte, a faculdade magnética ficará à disposição do aluno, faculdade essa que não pode ser explicada por esta natureza. A verdadeira fé terá despertado em seu coração, e ele ficará, conforme o expressa Paulo, repleto de "inextinguível esperança", de ingente força magnética mediante a qual atrairá a seu microcosmo numerosas forças e valores não originários desta natureza. Devido a essa força de gravitação transformada, toda a sorte de novos materiais de construção, necessários à recriação de todo o sistema, serão acumulados no sistema microcômico. Assim, descobrimos que a transfiguração é, realmente, uma questão de novas leis eletromagnéticas.

Quando o aluno está no começo dessa nova revelação, ele sente, necessária e naturalmente, o pleno amparo do campo eletromagnético da Fraternidade, de modo inteiramente impessoal e sem a participação de um assim chamado iniciado de aparência majestosa, pois, do mesmo modo como o homem natural se sintoniza com o campo magnético da natureza, em virtude de seu estado de ser, assim também

o aluno se sintoniza com o novo campo de vida em que nasceu. Agora é o novo campo de vida que o prende e, verdadeiramente, adota. Esta adoção, contudo, é um abrigo em Deus, um abrigo na Gnosis.

Imaginai que nós, como alunos dessa Escola, tivéssemos ingressado nesse novo campo magnético! Nosso microcosmo então mostraria esses novos fenômenos magnéticos, e, juntos, desenvolveríamos uma faculdade magnética sobrenatural e, irrevogavelmente, perturbaríamos as funções magnéticas desta natureza! Tornar-nos-famos a causa de desvios magnéticos sem conta e concentraríamos forças na atmosfera que produziriam um caos no reino da natureza.

Em cooperação com o centro magnético da Fraternidade no coração da terra derrubaríamos os muros desta prisão natural e faríamos com que esta ordem mundial retrocedesse aceleradamente a um novo princípio, conduzindo os homens renovados à redenção e os demais a uma nova oportunidade.

Começais a compreender agora, caro leitor, em que fundamento a Escola Espiritual esteia seu trabalho de renovação de vida e de redenção da humanidade?

Provar-vos-emos que a senda da transfiguração* é um novo processo científico, um processo alquímico, um casamento alquímico com a Hierarquia de Cristo, um processo iniciado, desenvolvido e coroado pela automaçonaria. Empreendamos juntos, portanto, cuidadoso estudo do cosmo e do microcosmo a fim de vencer a morte na natureza em Jesus Cristo, nosso Senhor!



VII

A LOUCURA DA CRUZ

Já vos explicamos como toda a série infindavelmente variável de desejos e atividades humanas está intimamente ligada aos processos eletromagnéticos no microcosmo. O campo eletromagnético individual do homem é uno com o campo eletromagnético da terra – de modo que em mais de um sentido seu centro de gravidade se encontra neste mundo. Ele é controlado pelo magnetismo da terra. Toda a sua vida e todos os seus esforços, todo o seu trabalho e todos os seus desejos, se caracterizam por essa dependência. Ele é da terra, terreno.

Todos os esforços comuns, religiosos, ocultistas e humanísticos têm sua origem e seu objetivo nas atividades conformes com as leis naturais. Elas se originam da natureza, desenvolvem-se em e através dela e a ela retornam.

Quando observais o mundo, com sua diversidade de atividades, chegareis à conclusão irrefutável de que nenhuma dessas atividades, embora quase sempre totalmente opostas entre si, são antagônicas à natureza ou contrárias à camisa-de-força eletromagnética fundamental. Por isso, de modo algum interessa aos transfiguristas saber, agora ou no futuro, a que sistema econômico pertencerá o sistema de vida da

humanidade, que ponto de vista o homem adotará em qualquer campo de vida da presente natureza ou como pautará sua atitude de vida para com a religião, o ocultismo ou o humanismo. O transfigurista está completamente orientado para uma *libertação* total deste campo de natureza! Ninguém poderá imaginar tipo de homem mais radical do que o transfigurista. O tipo radical natural se esforça por uma ou outra mudança no campo econômico, social ou político, conseqüentemente, uma mudança violenta no plano horizontal. O transfigurista, entretanto, deseja distanciar-se desse plano horizontal por meio de poderosa intervenção auto-revolucionária em seu próprio ser.

São poucos os transfiguristas existentes neste mundo. Quando dizemos isso, é possível que vos reporteis, com surpresa, ao grande desenvolvimento de nossa Escola com seus inúmeros alunos. Precisamos esclarecer-vos, porém, que a maioria de nós não pode ainda ser designada como transfigurista. Estar alguém interessado no plano de desenvolvimento da Escola da Rosacruz e orientar-se inteiramente pelo que a Escola apresenta não significa realizar realmente seu plano de trabalho na vida. Compreendereis existir aí grande diferença, diferença essa que será observada ainda por muito tempo, pois a Escola transfigurística será, no futuro, forte e rigorosamente combatida, e em vista desse combate, muitos alunos virão talvez a abandoná-la.

Dir-vos-ão: "O transfigurismo é uma forma clássica de loucura que surge na história do mundo de tempos em tempos. O transfigurismo é um absurdo extremo, impossível segundo a ciência. O transfigurista procura realizar algo que é total e fundamentalmente impossível". Ou alguém ainda asseverará: "A única coisa que se pode razoavelmente esperar

é conseguir-se certo objetivo elevado por meio desta ou daquela forma de cultura". Chamar-se-á a atenção para diversas conquistas culturais que, aparentemente, confirmarão totalmente essa assertiva.

Então, se não estiverdes firmes em vossa convicção, abandonareis a Escola. E quando fordes inquiridos "já fostes membro dessa Escola?", corareis de vergonha e, faltando à verdade, direis: "Eu, não! Que idéia é essa?" A negação de Pedro é coisa que sempre se repete entre os alunos que ainda estão na antecâmara. Não obstante, os transfiguristas, sob a alcunha de tolos, estão em muito boa companhia!

Jesus se acha ante o Sinédrio, o Sínodo Geral de seu tempo. Taxam-no de tolo perigoso... e Jesus silencia.

Paulo está ante Festo, o governador, e lhe faz uma exposição do transfigurismo. De imediato, surge a reação do romano: "Estás louco!"... e Paulo silencia.

Vede os brados de Agostinho contra os maniqueus*! Vede como ele zomba ironicamente deles e os coloca à falsa luz!... e os irmãos maniqueus, porém, silenciam. Como poderiam dialogar, diante da inexistência de uma base para entendimento mútuo? Já lestes sobre as acusações feitas aos albigenses* e sua extremada e perigosa loucura, como se dizia na época? Quase uma nação inteira foi massacrada, porém os irmãos albigenses... eles silenciaram.

O transfigurismo, por necessidade natural, deve ser um absurdo para todos os que pertencem a esta natureza. O mundo exala religiosidade, porém, a *religião fundamental de libertação é tachada como loucura*. Esta é a assinatura da dialética.

Atentai para as famosas palavras de Paulo em sua Primeira Epístola aos Coríntios: *Porque a palavra da cruz é*

loucura para os que perecem, mas, para nós que somos salvos, é o poder de Deus. Porquê está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura a Gnosis não tornou louca a sabedoria deste mundo? Visto que o mundo, pela sua própria sabedoria, não reconheceu Deus em Sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação, pois a loucura da Gnosis é mais sábia do que os homens.

Conclui-se, portanto, que estamos praticando a heresia do transfigurismo em muito boa companhia. Tal herege é um louco, um fanfarrão demente, um transviado. Ele é absorvido pela loucura da cruz. E justamente esta loucura assume uma acepção elevada e racional e se toma uma força majestosa para os que estão aptos a compreender e dispostos a carregar a cruz da transfiguração. Dessa forma, o transfigurista não desperdiçará sequer uma palavra com os que continuam cheios de ambição em meio a esta natureza. Conservar-se-á silencioso, sem pronunciar uma palavra sequer de defesa, transigência ou aquiescência.

É por isso que possuímos uma escola fechada, e somente se fala àqueles que se supõe, no momento, poder compreender até certo grau a base racional da loucura gnóstica. O mundo nos dá mui abundantes provas de que, malgrado sua formidável sabedoria, não é ainda capaz de encontrar *Deus na sabedoria de Deus*. Por isso nos distanciamos dele a fim de mergulhar em outra realidade, livres de qualquer hipótese dialético-filosófica de trabalho.

Estaria então presente, porém, essa outra realidade em

nossa natureza? Pode-se descobrir qualquer vestígio dela? Seria possível experimentar essa “outra” realidade de modo prático, a fim de proteger-nos contra nova ilusão? Nossa resposta a essas perguntas é uma afirmativa franca e sincera: *sim!* Cristo é uma elevada e racionalíssima realidade, e não, uma aparição histórica. Indicamos essa realidade como sendo o campo de radiação da Fraternidade e já vos dissemos que o coração desse campo de radiação está situado no coração deste mundo.

Como devemos compreender isso? A filosofia da Rosa-cruz moderna afirma que a verdadeira terra divina, a esfera também denominada reino imutável, não é um planeta que tenha desaparecido no *nada* atrás do véu dos tempos primordiais, mas sim que ainda existe em toda a sua perfeição. Esse planeta original é um conjunto de sete esferas girando umas dentro das outras, e *uma* delas pode ser indicada como o aspecto dialético desse setenário, isto é, esse aspecto, mediante suas leis dialéticas naturais, libera forças a serviço dos outros seis aspectos, da vida perfeita, que encontra sua expressão única e divina no próprio setenário.

É claro, portanto, que o eterno coração paterno do Logos* impulsiona e estimula todos os aspectos da totalidade planetária divina e, conseqüentemente, aqui, *mesmo aqui*, também se encontra o campo de radiação magnético da Fraternidade, visto ser esse campo o coração fundamental deste planeta.

Aquilo que estamos acostumados a chamar de “nosso mundo” é a altamente notável, mui misteriosa e quase totalmente desconhecida sétima parte da realidade cósmica divina. Nós, os habitantes deste vale de lágrimas, fazemos parte de uma onda de vida que foi originalmente chamada à glória

no campo do setenário divino e submergiu, porém, num campo de existência em que nenhuma vida verdadeiramente divina é possível. Estamos exilados, estruturalmente desnaturados e reduzidos a um estado de degeneração geral.

Existe em nós agora uma perseguição fundamental ao progresso e à prosperidade, evocada pelo anseio ardente do exilado em nós pelo sangue e pelo lugar de seu nascimento. E o mundo inteiro corre veloz para a frente qual animal assustado e clama por cultura. Compreendeis o que tal perseguição significa? É um vestígio atávico, uma influência do passado sombrio, transmitido de geração em geração. Ele se faz sentir, clama, todavia ninguém mais pode conhecer a realidade, e ninguém mais tem a capacidade de conhecê-la porque a faculdade de reconhecimento desapareceu.

A humanidade dialética possui, com efeito, uma faculdade de reconhecimento e uma sabedoria, porém com essa sabedoria e essa faculdade de reconhecimento ela já não pode encontrar “Deus na sabedoria de Deus”.

A realidade da queda humana até sua decadência atual e a monstruosa degeneração de nosso campo de vida fazem com que a sétima parte da perfeição cósmica seja continuamente violentada. Não obstante, pode-se e tem-se de dizer que Deus se apoderou do mundo em Seu coração, pois, a despeito de tudo, este campo de vida também está compreendido no universo do setenário. Esse fato efetivo esclarece a presença do campo de radiação eletromagnético dos hierofantes* de Cristo. Simultaneamente, averiguamos e sabemos, por experiência própria, que a humanidade degenerada está presa no campo de radiação eletromagnética de uma natureza inimiga e não divina, e, ainda, que ele é, em sua

essência, uno com ela. Assim, já não nos perguntamos: de onde vem a atração magnética da Fraternidade?, porém: onde encontramos a causa dessa contranatureza dialética? Onde encontramos o núcleo das forças dessa degenerescência natural e geral?

A fim de encontrar resposta a essas perguntas precisamos ingressar na Escola e penetrar os mistérios do setenário cósmico, e para isso chamamos aqui vossa atenção.

É possível terdes compreendido, pelo que já foi dito, que nosso campo de existência nada mais é do que pequena parte de uma esfera, a qual não deve ser considerada como corpo independente, porém, pertencente a um sistema de sete corpos que giram uns dentro dos outros e, juntos formam a verdadeira terra divina – o reino universal. Cada parte desse sistema é perfeita em si mesma e tem a faculdade orgânica de proteger-se inteiramente contra qualquer ataque a sua essência e a seu objetivo, razão por que o funcionamento global do setenário cósmico permanece assegurado.

Já vos dissemos que o coração* cósmico de Cristo pulsa no centro de nossa esfera terrestre, e isso, é claro, também acontece com as outras seis esferas do sistema. Conseqüentemente, podemos falar de coração sétuplo do cosmo, de que nosso coração sétuplo humano teria de ser o reflexo. A maravilhosa faculdade orgânica, a inteligência e o núcleo espiritual do mundo setenário se acham inclusos em cada uma de suas esferas, da mesma forma que no microcosmo humano tudo está contido no interior do ser* aural.

Conhecemos, em geral, muito pouco da esfera em que vivemos. Nosso presente campo de existência se estende por sobre uma parte relativamente muito pequena de nossa

misteriosa terra. O Além, também indicado como esfera refletora, pertence inteiramente a nosso domínio de vida. É neste campo de existência, com suas duas esferas, que se processa o giro da roda* do nascimento e da morte que tão bem conhecemos.

Temos de considerar nosso campo de existência como uma prisão, como uma cela, dentro do enorme sistema do setenário cósmico. O que chamamos de superfície da terra é uma camada relativamente bem fina, e, desta, nossos geólogos e técnicos conseguem penetrar somente uma pequena camada e, assim mesmo, parcialmente. Tudo o que fica por baixo dessa camada é, em sua maior parte, desconhecido do homem comum. Geralmente se supõe que a temperatura aumenta à proporção que se vai penetrando o seio da terra, de modo que, à certa profundidade, será encontrada uma massa líquida ardente e, finalmente, o calor infernal de um núcleo gasoso.

Entretanto, o transfigurista sabe que o interior da terra é composto de campos de força e de vida que se abrangem reciprocamente e estão intimamente ligados entre si, sendo capazes de se corrigirem e neutralizarem uns aos outros de maneira a assegurar o funcionamento do todo. Chamamos vossa atenção para dois destes campos existentes nas profundezas da terra.

Nestes campos residem forças, as quais poderíamos chamar de *forças naturais* e *arquétipos*. Destes podemos dizer o que se segue.

Uma força natural é a faculdade mediante a qual um plano é executado e mantido. O campo de forças naturais é um campo magnético muito poderoso, ou ainda melhor, um campo em que se desenvolve ilimitada quantidade de ten-

sões, vibrações e condições magnéticas diversas, todas a serviço do lar cósmico. Essas forças naturais não são cegas, como freqüentemente se acredita, ao trabalho que efetuam em nosso campo de existência, porém estão ligadas aos arquétipos. Em outras palavras, todas as forças naturais estão irrevogavelmente ligadas a um plano, a uma inteligência superior, pela qual são conduzidas. De acordo com essa condução elas se manifestam.

Os arquétipos são as imagens-pensamentos viventes e vibrantes da Gnosis. São chamados arquétipos pelo fato de a idéia divina original ter-se corporificado neles. São esses princípios viventes primordiais, essas imagens-pensamentos de Deus, que evocam e aplicam as forças naturais. Quando, por exemplo, no complexo sétuplo corpo da terra houver qualquer coisa que ameace desenvolver-se de modo a vir perturbar a harmonia e o perfeito funcionamento do todo, a faculdade sensorial da terra, minuciosamente sintonizada, perceberá isso imediatamente, e os arquétipos e as forças naturais – que corporificam a idéia e a vontade de Deus – intervirão prontamente com fins corretivos.

Imaginaí agora que vossa presença neste campo de vida, vossa conduta de vida, vosso estado estrutural de ser, vossa luta pela existência, em suma, todas as vossas atividades e as de vosso próximo, *não* estejam em harmonia com o plano fundamental de Deus, com o campo de força dos arquétipos – e *não* estão mesmo! Neste caso, em virtude de sua natureza, as forças naturais se voltarão violentamente contra vós. Sentireis estas forças, por conseguinte, como sendo desarmonicas e, assim, sereis impelidos pelos fatos de um lado para o outro no mundo dialético, causando explosões uma após a outra.

Loucura absoluta não é, pois, o transfigurismo, que tenta uma reconciliação total com a vontade universal, e sim *o esforço pela cultura dialética*, o qual quer fazer a *separação* da vontade universal um estado permanente.

Neste campo eletromagnético de forças naturais que atuam contra vós estais agora aprisionados, e nele também se desenvolveu um mal, um satanismo. Este mal não provém das forças naturais, porém é consequência de nossa vida caótica e absurda.

Vosso cativo durará até achardes o caminho de retorno. A isso vos chama o campo eletromagnético da Fraternidade. Para tanto sois apoiados pela força radiante dos hierofantes de Cristo e, um dia, experimentareis de novo as forças naturais como benfeitas e santas.



VIII

DEUS – ARQUÉTIPO – HOMEM

Tivemos de fazer rápida alusão aos mistérios do setenário cósmico em nossas considerações sobre as forças naturais e sobre os arquétipos. Acerca disso, explicamos que a verdadeira terra consiste num sistema de sete planetas que giram uns dentro dos outros; que nossa onda de vida decaída, comprimida como que numa prisão, manifesta-se numa parte muito pequena do planeta dialético do setenário cósmico; que este campo de existência não foi idealizado como tal e, devido a esta existência não-divina, entramos e estamos fundamentalmente em conflito com as tensões magnéticas das forças naturais, as quais experimentamos desarmonicamente.

As forças naturais estão ligadas aos arquétipos, que são os pensamentos vivos de Deus e encontram sua expressão num dos estratos terrestres.

Todo o setenário cósmico é uma expressão, uma realização de uma idéia definida, um plano, e, uma vez que esse setenário divino é infinitamente matizado e variado em sua manifestação, torna-se claro que a idéia global no estrato terreno dos arquétipos consiste também num número infinito de tijolos mentais de construção. O edifício imperecível de Deus

foi, um dia, erigido com esses tijolos e, do mesmo modo, é conservado imperecível por estes valores eternos. Tudo o que não está em harmonia com essa natureza divina, surge e perece numa contranatureza, tal qual a humanidade* adâmica experimenta diariamente. Todo o aluno admitido na Escola* Espiritual poderá verificar empiricamente como axioma divino que a idéia universal da Gnosis é e *tem de ser* o fundamento de tudo o que vem à manifestação fora da contranatureza, no setenário cósmico. O homem original portanto proveio também desta idéia divina.

Uma idéia, qual energia criadora, permanece ligada a sua manifestação. Esta é uma lei primordial. Destarte a idéia de Deus, a idéia divina, está permanentemente ativa em todas as suas manifestações. Tão logo, contudo, a manifestação, a criatura, deixe de agir de acordo com essa idéia, surgirá um conflito, um rompimento, uma queda perigosa. Inicialmente, vemos como a idéia se torna latente na criatura, como ela passa à inatividade. Posteriormente, à medida que a criatura segue o ímpio caminho da contranatureza, e se divide cada vez mais a divisão* aumenta, a idéia divina, a princípio ainda latente, se enfraquece pouco a pouco e, por fim, desaparece inteiramente do sistema da criatura.

Destarte, o fato de estar-se inteiramente perdido pode ser provado cientificamente, tomando-se ao mesmo tempo compreensível o motivo por que *todos os que o sabem* exultam de alegria sempre que a idéia divina latente é revivificada numa criatura e assume novamente o comando de sua vida. Somente a esse homem pode-se dizer: "Em verdade, em verdade vos digo que o reino de Deus está em vós".

Possivelmente, isso exige uma explicação. *O reino de*

Deus, na acepção aqui dada, é o átomo-centelha-do-espírito já mencionado. Quem quer que possua esse átomo-centelha-do-espírito, quem quer que *ainda* o possua, tem o reino de Deus em si. Isso quer dizer que a idéia de Deus acerca do reino imutável se encontra em estado latente dentro do indivíduo. E o objetivo único da Fraternidade Universal é despertar esse átomo divino primordial de seu estado latente. Quando esse processo de salvação se realiza com sucesso em algum aluno, grande força original é nele liberada, e ele pode trilhar indefectivelmente a senda para o reino imutável.

Já deveis ter ouvido falar tantas vezes desse processo de salvação que, em teoria, já o tendes de memória. O perigo disso está justamente em que esse assunto pareça estar esgotado para vós, em que ele perca a força por achardes que já o dominais suficientemente. Se prestardes a devida atenção, porém, a tudo que vos temos transmitido até agora, perceberéis que nossas exposições possuem apenas um enfoque superficial e, assim, ficareis prevenidos contra qualquer enfraquecimento de vossa orientação interior.

Dissemos que as idéias de Deus residem no estrato terreno dos arquétipos, e isto não somente com relação a Sua criação, mas também com relação a Sua criatura.

Uma idéia é uma forma-pensamento. Ela possui uma estrutura de linhas de força, sendo, portanto, uma realidade vivente. Considerando as idéias de Deus, pode-se com razão referir-se a elas como sendo "arquétipos". Com força divina, o grande objetivo torna-se realidade concreta à imagem dos arquétipos. Não existe, portanto, uma forma humana genérica no estrato terreno dos arquétipos, porém, um arquétipo especial para e de cada ser humano. Precisaís, entretanto, compreender perfeitamente que o exposto acima não se re-

fere ao homem dialético, senão, e exclusivamente, ao verdadeiro homem original. Desse modo, o homem original, o homem real, não pertence a determinada espécie, povo ou raça. Qualquer entidade das hostes gloriosas pertencentes ao setenário cósmico é uma realidade autônoma e autocriadora. Essa entidade é modelada à imagem de um arquétipo que está ligado exclusivamente a ela.

Não se deve todavia pensar que o arquétipo seja primariamente condutor, e uma entidade, uma vez preenchida por esta idéia, seja sua escrava. O arquétipo é um *modelo* divino que a alma tem de esforçar-se em alcançar. Uma imagem-pensamento é vivente e vibrante, mas ninguém pode dizer que imagem-pensamento e alma, imagem-pensamento e consciência, sejam a mesma coisa. Destarte é o arquétipo do verdadeiro homem um modelo vivente e vibrante, um plano de Deus vivente e vibrante concernente a si mesmo. Este homem é, pois, convidado a manifestar-se em liberdade segundo esse modelo.

A experiência vos deve ter ensinado que ao entrardes em atividade impulsionados por uma forma-pensamento, o plano desta atividade também se desenvolve conforme é realizado. O mesmo acontece com os arquétipos. Eles são planejados para ser utilizados pelo verdadeiro homem. Quando isso acontece em conformidade com sua natureza e seu ser, vemos que os arquétipos, plenos de majestade, continuam a desenvolver-se, desabrocham em entidades magistras e estimulam as forças naturais a enormes realizações.

Averiguamos, portanto, que existem arquétipo e homem. O primeiro é uma revelação gnóstica, e o homem se manifesta a imagem desse arquétipo. Veremos agora como se realiza essa manifestação humana. Quando um arquétipo

é criado, “pensado”, pela Gnosis, esse arquétipo é vivente e vibrante, como dissemos acima. É uma combinação alquímica capaz de efetuar uma concentração de força e matéria no local focalizado pela forma-pensamento. Dessa concentração devém o microcosmo: o homem. Há, pois, uma unidade inquebrantável entre Deus, arquétipo e homem. Com efeito, o homem original foi criado à imagem de Deus, isto é, à imagem do arquétipo e totalmente de acordo com a forma-pensamento de Deus.

O maravilhoso princípio que chamamos de átomo-centelha-do-espírito foi, inicialmente, o foco central do arquétipo em torno do qual se formou o microcosmo. Poderíamos, portanto, com razão, falar de átomo-arquétipo. Quando a luz do sol é absorvida por um sistema qualquer, há sempre um órgão que torna isso possível. Da mesma maneira como o baço absorve a luz do sol material, da qual o terceiro ego natural vive e pela qual mantém sua posição de domínio, também o maravilhoso átomo do ventrículo direito do coração é o foco, o ponto de contato, do arquétipo.



Após essa explicação, talvez possamos formar um quadro mais realista de nossa realidade existencial, em que admitimos que estamos – que *ainda* estamos – de posse de um átomo-centelha-do-espírito, ou átomo-arquétipo.

Tomar-se-vos-á claro que assim como o arquétipo se desenvolve e manifesta em plena majestade quando o homem segue a senda da glória imperecível, também o arquétipo entrará em latência sempre que o homem decair na manifes-

tação* adâmica.

É isto acontece conosco, seres humanos deste mundo! A trinalidade Deus-arquétipo-homem se tornou uma realidade esfacelada no que tange a nós, visto não vivermos da força de irradiação de nosso arquétipo, porém "da vontade do homem, da vontade da carne", como diz o prólogo do Evangelho de João. Isso quer dizer que nosso microcosmo está sendo mantido pelo processo dialético do nascimento e da morte, pelo giro da roda em nossa prisão. Conseqüentemente, a irradiação de luz e de força do arquétipo desapareceu, e o átomo-arquétipo em nosso peito se escureceu, o fogo eterno se extinguiu em nós. Grande abismo se abre entre Deus e o homem. Para manifestar-se, o homem se tornou dependente de um processo antinatural de conservação, que nos é, não obstante, muito natural e necessário no momento. Como conseqüência de sua degeneração fundamental, o homem foi entregue pela contranatureza ao campo eletromagnético de forças naturais que lhe são hostis.

Se a Fraternidade Universal deseja ajudar o homem submerso, que, com efeito, já foi um filho de Deus, o que deve acontecer então? *É preciso tentar-se restaurar a antiga trindade: Deus-arquétipo-homem.*

Isto não pode ser conseguido apenas pela reanimação do arquétipo. Se tal acontecesse, grande força emanaria do arquétipo, o átomo-arquétipo seria despertado com violência, e o efeito disso mataria a pessoa num segundo.

A unidade esfacelada não pode também ser restabelecida pela reanimação forçada do átomo-arquétipo no coração. Tal processo daria lugar às mesmas dramáticas conseqüências.

Para a Fraternidade não resta senão a alternativa de

assumir, temporariamente, a função do arquétipo e, também, a do átomo-arquétipo, em favor do filho de Deus desamparado e decaído. Literalmente, a Fraternidade se oferece ao homem como intermediária, como mediadora. Ela coloca o homem no campo de força sempre que ele cai vencido em seu desespero dialético. Inicialmente, esse campo de força é inteiramente uno conosco e radia grande suavidade e intenso amor, ele deseja "enxugar as lágrimas de nossos olhos". Quando entramos num período relativamente calmo, o campo de força entra em movimento, trazendo-nos inquietação nova e diferente. Percorremos uma milha com a Fraternidade, e eis que ela nos precede agora outra milha. Compreendemos já ter começado o processo de desligamento, nosso microcosmo tem de ser retirado do ossuário da petrificação.

O caminho que a Escola e seus alunos seguem se caracteriza, portanto, por um ataque contínuo, um avanço de estrato em estrato, que oferece sempre perspectivas e realidades diferentes. Ao trilhades o caminho da Escola soarão para vós as seguintes palavras: "É para vosso bem que parto, mas vos mandarei o Consolador, que vos falará em meu nome".

Quem é o Consolador – esse Espírito Santo? E o que é anunciado com Sua vinda?

É o momento glorioso em que o átomo-arquétipo recomeça, em certa medida, a trabalhar independentemente e ressuscita em seu estrato terreno, após longo preparo pelo mediador, de modo que Deus novamente toca Seu filho de maneira fundamental. O que Deus quer é despertado pelo filho e crescerá no Espírito Santo. Depois de tudo o que foi dito aqui, fica claro que esse crescimento representa uma completa transfiguração, pois nada pode permanecer do homem dialético. Um homem inteiramente novo tem de nascer!

Já explicamos o que acontece no aluno quando o átomo-arquétipo entra em atividade novamente. Por meio do novo hormônio do timo e da pequena circulação do sangue, o aluno é compelido a uma atividade de pensamento inteiramente nova. Por intermédio dela, ele cria a imagem do homem imortal após muitos erros e muitas peças que o antigo Adão lhe pregou.

Talvez possamos compreender agora que espécie de imagem é essa. É a projeção do arquétipo, que se torna sempre mais pura, como base para o novo homem que deve vir. A imagem do homem imortal está, mediante o átomo-arquétipo, em ligação direta com o arquétipo propriamente dito e, assim, também com a Gnosis. Esse é o plano do Grande Arquiteto, que destarte se aproxima e é realizado no aluno. É óbvio que, então, forças grandiosas serão liberadas para o candidato. O campo eletromagnético divino, por tanto tempo seu inimigo, pois o aluno provinha da contranatureza, se transformará para ele em bela harmonia. Ambos, esse campo e o da Fraternidade, confluirão reciprocamente numa perfeita unidade. Deus e homem se terão reencontrado, e a criatura prosseguirá de força em força e de glória em glória.

Compreendereis que essa glorificação não se refere somente ao candidato propriamente dito, mas também ao estrato terreno dos arquétipos, uma vez que um dos arquétipos foi libertado e reanimado neste estrato. À medida que o estrato terrestre vai sendo glorificado, as forças naturais também se farão sentir em maiores proporções. Todavia, os contrastes na contranatureza aumentarão na mesma medida e, destarte, graças a Deus, será abreviado o dia do grande fim.



IX

A ALQUIMIA DIVINA E NÓS

É bem possível que em nossas considerações preliminares sobre o advento do novo homem tenhamos traçado diretrizes ainda insuficientemente concretas para muitos, pois considerações sobre estratos terrenos, arquétipos, forças naturais e atividades magnéticas podem, na verdade, provocar confusão. Esperamos, entretanto, que o teor deste capítulo vos ligue mais intimamente do que antes, de acordo com vossos mais íntimos sentimentos, com os valores e realidades que a Fraternidade almeja conferir a vossa consciência. O estado de ser de nossa onda de vida humana dialética será, agora, abordado de maneira diferente, na esperança de que os fatos, mais do que nunca, venham tocar-vos e induzir à reação requerida.

Uma fórmula alquímica divina é o fundamento de nosso maravilhoso planeta, de que meramente conhecemos uma parte muito pequena, tornada desarmoniosa por nós. Esta fórmula, que se encontra em uso contínuo, é uma fórmula estabelecida *em, mediante, e com* a substância primordial pelo Espírito divino.

A substância primordial ocupa o grandioso e infinito espaço intercósmico, o oceano eterno da divina plenitude de

vida. É a *materia magica* universal, por cujo intermédio essa manifestação se torna possível. Todos os elementos, todas as substâncias e forças concebíveis e inconcebíveis estão inorganicamente presentes nessa *materia magica*, e nesse oceano universal de águas vivas se manifesta aquilo que bem foi indicado como "o Grande Alento". É o Espírito incognoscível que movimenta, manipula e impele à manifestação desse fluxo de águas.

Quando o Grande Alento toca as águas da matéria primordial, vemos primeiramente aquilo que se denomina a "alma original", que é a fórmula, o plano alquímico da manifestação. A alma, portanto, é um princípio de manifestação na matéria primordial. Essa definição, entretanto, não basta para esclarecer nosso entendimento acerca da natureza da alma. Definimos, portanto, o princípio-alma como um fogo inflamado pelo Espírito na matéria primordial, na *materia magica*.

Todos sabemos que a alma é *um fogo*, por isso falamos de fogo-alma, de fogo serpentino, de princípio ígneo da alma. Investigando mais de perto esse princípio ígneo da alma, descobrimos que, em nosso campo de existência, o fogo fluido da alma é um elixir de matéria muito sutil, um gás, denominado hidrogênio. O hidrogênio é encontrado em infinitas variações que, não obstante, possuem os mesmos princípios fundamentais. Deveis ter aprendido no colégio que o hidrogênio está presente em todas as substâncias compostas, queima na presença do oxigênio, produz o maior calor de combustão dos elementos que conhecemos e, finalmente, é altamente explosivo.

Meditando sobre isso, compreendereis perfeitamente em que fase crítica e de intensa magia negra caiu a humanidade, fase que a humanidade da Atlântida atingiu também, um

pouco antes de seu fim, pois, bem sabeis, os magos científicos de nossos dias estão produzindo a bomba de hidrogênio. Os Estados Unidos orgulhosamente anunciaram que "o presidente ordenou a produção da bomba de hidrogênio!", e a Rússia retrucou: "Há muito nos ocupamos com isso!"

A bomba de hidrogênio corporifica o princípio-alma da destruição, da explosão, da auto-aniquilação. Quem isso começa ataca os fundamentos do espaço de substância primordial, mais ainda do que pela bomba atômica, e pode levar o universo a um colapso total. Se alguém ainda duvida de que a humanidade ingressou no período de seus últimos dias, poderá, agora, converter sua dúvida em certeza. Já vos dissemos que o hidrogênio pode ser encontrado em variações infinitas, de acordo com o grau de vibração em que e por que ele se manifesta. Isso explica a variedade quase infinita de revelações e manifestações no universo. Além do mais, devemos compreender que o princípio ígneo da alma pode modificar sua natureza e, conseqüentemente, sua vibração. Nesse caso, o efeito original da vibração-alma dará lugar a um resultado inteiramente diferente.

Quando a alma original, a primogênita, se mantém em perfeita harmonia com o Grande Alento, com seu divino criador, a revelação se manifesta de imediato naquilo que a Doutrina Universal dá o nome de *Manas*, em outras palavras, o ser humano original, a manifestação original do homem. Todavia, fica bem claro que nossa alma já não é uma alma original. Nosso fogo-alma é um princípio de hidrogênio desta natureza terrena. Se nossa alma fosse original, no pleno sentido da palavra, um princípio de fogo original inflamado na *materia magica* pelo Grande Alento, nossa manifestação demonstraria a evidência perfeitamente divina desse fato.

Nossa alma, entretanto, é um fragmento da alma original, um princípio-alma decaído. Esse princípio-alma é uma fórmula-hidrogênio perfeitamente sintonizada com esta natureza e inteiramente explicável por ela.

É por isso que somos chamados "nascidos da matéria", e nossa manifestação é mortal. Está claro que, se desejarmos ser removidos deste campo de existência e renascer como novos homens, homens primordiais, esse princípio-alma nascido da matéria deverá ser aniquilado, e uma alma original deverá, em compensação, tornar a nascer do Grande Alento. Eis por que Jesus Cristo chama nossa atenção para a transfiguração, o renascimento da alma, e eis por que aqueles que renasceram segundo o antigo princípio ígneo divino são denominados os "nascidos duas vezes". Quem não for capaz de celebrar esse nascimento não verá o reino de Deus. "Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus."

Jesus, em sua conversa com Nicodemos, faz alusão à verdadeira essência de toda a transfiguração. Todo o aluno da Escola da Rosacruz Áurea, todo o candidato ao caminho da transfiguração deve renascer inicialmente segundo o fogo-alma. As irradiações de sua alma têm de voltar a resplandecer e vibrar segundo a antiga fórmula divina do Grande Alento; a concentração de substância primordial de seu microcosmo deve ser posta em movimento, com poder, pelo Espírito. Essa tempestade do Espírito, essa festa de Pentecostes do fogo divino deve varrer o antigo princípio de hidrogênio, de modo que o antigo campo de manifestação possa novamente irradiar com esplendor inefável.

Quem não ansiar por isso não alcançará o reino de Deus. Quem não aspirar a morrer segundo o *eu* não deverá ingres-

sar em nossa Escola.

Todo o mortal, segundo esta ordem de natureza, é uma bomba de hidrogênio viva que se propaga explodindo, retumbando, em um inferno de horrores, até que o todo, como coletividade, arda qual fomalha ígnea e consuma o universo. Entretanto, consideremos o assunto ainda mais sóbria e objetivamente, de modo que possamos reconhecer a verdade do testemunho da Doutrina Universal como um fato empolgante que já não podemos negar.

Quando o fogo-alma é inflamado na matéria primordial, uma concentração de hidrogênio surge em consequência de certa fórmula. Logo que esse hidrogênio é liberado na matéria primordial, um segundo elemento, o oxigênio, é simultaneamente despertado de sua latência. Sabemos que o hidrogênio queima na presença do oxigênio e se converte em fogo. Deste modo, quando a concentração de hidrogênio entra em contato com o oxigênio, logo se inicia um processo de combustão. Assim também, um processo de combustão se desenvolve em nosso corpo, mediante a respiração, devido ao contato entre o oxigênio da atmosfera e a concentração de hidrogênio da alma.

Talvez agora direis: "Será que esse processo de combustão não conduz a uma explosão de hidrogênio e não irá tal fato provocar tremenda e danosa destruição? Não haverá a esse respeito certas fronteiras naturais que encerrem esse processo dentro de certos limites, de acordo com um plano determinado?" Tais limites existem, sem dúvida. Os limites naturais do processo de combustão decorrente do contato entre o oxigênio e hidrogênio são determinados por um terceiro elemento, a saber, o nitrogênio.

Em nossos tempos de estudante, talvez tenhamos

aprendido que o nitrogênio é um gás de combinação, mas semelhante definição não exprime suficientemente sua atuação. O nitrogênio encerra duas forças: uma retardadora e outra de inércia. Ambas se originam da fórmula que fundamenta a manifestação. O papel da força de inércia é permitir que o plano de manifestação se realize sem interrupção; o da força retardadora é permitir o controle do desenvolvimento do plano de modo que o processo de combustão não se torne explosivo.

Em suma: um processo se desenvolve partindo de uma combustão, de um fogo, mediante o contato entre os elementos hidrogênio e oxigênio, enquanto que um terceiro, o nitrogênio, serve para dar continuidade ao processo, segundo o plano. Esse processo em sua totalidade provoca uma revelação, uma manifestação, em que a causa primeira, o próprio plano, torna-se evidente. Essa manifestação se efetua com o auxílio de um quarto elemento que todos conhecemos com o nome de carbono. Graças ao carbono, as coisas são moldadas em formas, em compostos. O carbono é uma força cristalizante. É a base de todas as substâncias orgânicas e o elemento mediante o qual todas as formas imagináveis e inimagináveis podem ser produzidas. Assim, existem:

- 1º) um elemento-fogo fundamental – hidrogênio;
- 2º) um elemento-comburente fundamental – oxigênio;
- 3º) um elemento manifestante fundamental, isto é, um elemento moldador – carbono.

O plano fundamental desses três elementos cooperantes, sua natureza, sua qualidade e sua origem, possivelmente divina ou não, evidencia-se através de duas forças de um quarto elemento, do elemento controlador – nitrogênio. Os

fatores de retardamento e de inércia do nitrogênio determinam, por fim, o resultado final.

A alquimia divina se efetua através desses quatro elementos fundamentais. Todo o cosmo e todo o microcosmo existem de e por esses quatro elementos. Uma vez que toda a alma original vive graças ao Grande Alento, segundo um plano divino, não vos surpreenderá o fato de que cada arquétipo desse plano, como fórmula vivente preservada para cada entidade, tenha sua morada na esfera terrestre dos arquétipos, porque pertencemos a sistemas que vivem e existem por meio do sistema planetário composto, por nós denominado setenário cósmico.

Nosso planeta-mãe sétuplo preserva todos esses tesouros divinos em seu ventre, de onde teremos de desenterrá-los de novo. Não é sem razão, portanto, que nos contos lendários repletos de parábolas sobre os mais sublimes e profundos mistérios, o candidato, como Dante em sua *Divina Comédia*, seja obrigado a descer aos diferentes estratos terrestres a fim de ser conduzido à luz universal por Beatriz, a Divina. Após tudo quanto tentamos explicar-vos, já não vos admirareis quando vos dissermos que o coração da terra se compõe de uma concentração de hidrogênio cuja radiação procede de um dos pólos, tal qual o antigo fogo-espírito original, e se difunde em nossa atmosfera; que há, portanto, "um testemunho nas nuvens do céu", uma radiação vivente de Cristo, a qual, por meio da respiração, pode ser absorvida de nossa atmosfera, e que assim o campo de radiação da Fraternidade não é mero símbolo, mas realidade vivente e antítese completa de nosso estado dialético comum.

A esta altura todo o aluno já deverá saber por que

entramos no período dos últimos dias e por que o grito "o tempo chegou" tem de soar tanto como um chamado como, ao mesmo tempo, um grito de júbilo, pois a simples reflexão e os próprios fatos nos provarão isso. Quatro quintos de nossa atmosfera de vida dialética se compõem de nitrogênio. Seria esse nitrogênio o elemento controlador divino em seu estado original? De modo algum! Ele é o elemento controlador dialético, posto em ação graças ao e através do processo ímpio de manifestação. Essa enorme força controladora nos leva e compele para a morte e destruição. Com uma inércia satânica e uma atividade retardante, como um filme em câmara lenta, essa força poderosa nos arrasta em um contínuo girar da roda. E nesse estado de cativo, consumimos o nitrogênio da dialética na forma de albumina e muitos outros produtos animais e vegetais. E falamos de alimentos puros e de ar puro, mas enquanto vivermos deste campo fatal e nele respirarmos, dele também nos alimentaremos de modo a sufocar-nos, afinal, em nitrogênio, num processo de morte contínua.

"O que há num nome?", indagou um dos dramaturgos clássicos. Agora, sabemos o que esse nome, nitrogênio⁶, tem a dizer-nos e também como é absoluta a urgência de viver, respirar e alimentar-se dos quatro alimentos santos no campo elementar original dos hierofantes de Cristo.

Para essa maravilhosa alimentação todos nós somos convidados.



6. Em holandês a palavra é *stikstof*, que significa elemento que sufoca.

X

HOMEM, CONHECE-TE A TI MESMO!

Destarte, tornamo-nos conscientes de que em nosso campo de existência foi inflamado e é mantido um fogo ímpio. Todos nós o trazemos como fora a flamante tocha ígnea da alma. Esse fogo em nós é continuamente alimentado pelo fogo ímpio central que arde em certo núcleo* pérfido de nosso domínio de vida. Na Doutrina Universal, desde a mais remota antigüidade, esse fogo central de impiedade tem sido denominado Lúcifer*. É um centro de hidrogênio que não vibra em harmonia com um arquétipo divino e, portanto, jamais pode originar vida divina real. Ele somente desencadeia desgraça, morte e destruição.

O hidrogênio é substância-alma. Por isso, uma concentração de hidrogênio na *materia magica* é sempre individualizada. Ela é plena de consciência, de inata consciência natural. Isso torna claro para nós por que Lúcifer é sempre tido como uma entidade poderosa em oposição a Deus.

Contudo, a consciência de Lúcifer, segundo sua essência mais profunda, é irreal, falsa, porque Lúcifer não é uma entidade, mas um fenômeno natural, ativo em impiedade neste mundo, pois a idéia que vivificou essa concentração de

hidrogênio não é divina, isto é, está em desarmonia com o plano de Deus. Só podemos falar de uma consciência, de uma entidade, quando o foco da alma estiver ligado ao Espírito absoluto. Sem tal ligação com o Espírito, existe meramente um foco, um fogo cintilante irracional, uma ilusão perigosa.

Os elementos do fogo de nossa alma, inflamados em Lúcifer, são tão irreais quanto o próprio fogo ímpio central, e é perfeitamente claro que, quando todos os elementos do fogo da alma, ardendo em Lúcifer, compreenderem sua irrealidade, sua ilusão fundamental, e se recusarem a continuar existindo no fogo de impiedade, o fogo central luciferino será também extinto.

Deve ser-vos difícil compreender, pior ainda admitir que, em realidade, não viveis, mas existis apenas como um fenômeno natural. A totalidade de vossa existência é o resultado das diversas possibilidades existentes na *materia magica*. As tochas de vossa alma ardem mediante a reunião de certo número de espíritos ígneos naturais, denominados "salamandras". A ação conjunta, ou confluência, de certo número de salamandras (esses princípios serpentinos ígneos do elemento hidrogênio, isto é, do elemento ígneo fundamental) dá lugar ao fenômeno que conheceis como consciência, a sensação de "eu sou".

Como almas dialéticas, sois fúteis, fundamentalmente sem objetivo. Vossa existência se assemelha ao giro de uma roda. Viveis para morrer e morreis para viver. Tudo aqui na terra nasce e fenece. Nada é permanente, nada é essencial.

Tudo isso vos mostra que vós próprios e vosso mundo sois meramente o resultado de uma atividade ígnea motora sem objetivo, de uma reação em cadeia. Toda a vossa exis-

tência está baseada numa fórmula alquímica ímpia:

a tocha de hidrogênio de vossa alma queima no oxigênio;

o processo é dirigido pelos dois fatores do elemento nitrogênio;

o resultado se manifesta em e mediante o carbono, e o todo emana de um foco, o qual é Lúcifer.

Caso não queirais ver ou aceitar esse estado dialético fundamental, se vos opuserdes a essas conclusões, que podeis então fazer? Podeis fazer o que foi feito por muitas pessoas antes de vós: seguir o caminho da magia natural, do ocultismo natural. Aonde vos levará esse caminho? Para o núcleo do campo de Lúcifer! Podemos vo-lo provar.

Antes de mais nada, uma pergunta. É possível abandonar o campo de existência dialético? Pode um homem desta natureza, um princípio Ígneo da alma inflamado pelo núcleo luciferino e nele ardendo, livrar-se desse campo ígneo?

Ele não pode fazê-lo, pois estaria inteiramente fora do alcance de suas faculdades naturais. Ele só pode existir no campo de seu nascimento, no campo da base natural de seu ser. Ele pode apenas permanecer onde está e continuar a ser o que é. Ele pode vagar e tatear os limites de seu círculo de existência.

Ele também pode tentar irromper no núcleo de seu campo de existência. Isso é o que faz o ocultista natural! Penetra os alicerces, o fundamento-chave de sua existência e quer dominá-la, controlá-la. Conseqüentemente, não deseja ser servidor, vítima, porém senhor. Tal caminho pode, sem dúvida, ser trilhado, mas o que ele faz na realidade?

Pela sua atividade e respectivos resultados, ele reforça o núcleo luciferino do campo ímpio de existência. Faz com que

o fogo arda mais forte do que nunca ou o atija de novo se está em perigo de extinguir-se. Em outras palavras, corporal e literalmente, ele ingressou no inferno, unificou-se com o núcleo do fogo ímpio. Do mesmo modo que um órgão apresenta novo caráter devido à mudança de certo número de células e à mudança de estrutura celular, assim também o ocultista da natureza luciferina mergulha nessa natureza, já não podendo libertar-se dela. Ele se tornou uno com ela.

Este é o estado descrito em todos os contos, mitos e lendas da Escritura Sagrada, quando se referem ao inferno e ao fogo do inferno. Só entram no fogo infernal de Lúcifer os que nele a si próprios se atiram.

Quem se atira a si próprio neste fogo? Aquele que, por meio da paixão de existência, a ele se liga consciente e fundamentalmente. Talvez agora se torne patente para vós, com toda a sua dramaticidade, a inominável fatalidade que paira sobre a força composta que nos é conhecida pelo nome de hierarquia* dialética. Esta hierarquia é a força composta de todos os que têm de manter o núcleo luciferino de nosso campo de existência, daqueles que são *obrigados* a assim proceder por necessidade de automanutenção. Todavia, observemos esse elemento dramático de sua verdadeira perspectiva, visto não se tratar aqui de vida real, mas apenas de um fenômeno natural que está apartado da Gnosis!

Não condenemos, portanto, o ocultista natural, pois, de acordo com sua paixão de existência, não fugiu ele para o coração de sua fonte de existência por caminhos muito naturais? Ao mesmo tempo descobrimos que toda a religiosidade desta natureza, fundamentada nos bem conhecidos sistemas religiosos naturais, na realidade tem como base o núcleo do campo de hidrogênio luciferino. O fato de alguém ser mfs-

tico, ocultista, materialista ou um ser biológico primitivo é determinado pelo número de salamandras ou princípios ígneos no fogo da alma. Todas essas formas estão ligadas umas às outras como elos de uma corrente, e o estado de ser de todas elas é um estado que é mantido pelo fogo infernal. Algumas dessas pessoas já se ligaram definitivamente com o núcleo desse fogo, outras ainda não. *Ainda não!* E vós pertenceis a esta última categoria.

Tudo isso, entretanto, não precisa encher-vos de receio, de medo do fogo infernal. Na realidade, todos os movimentos dialéticos naturais, após longo circuito, retornam a seu núcleo, ou seja, ao fogo luciferino. O ocultista natural faz isso rápida e radicalmente. Os outros trilham um caminho que corre de forma mais espiralada. Uma vez que tenham atingido o centro e se unificado com ele, novas centelhas de existência brotam desse núcleo ígneo. Estas, a princípio, são novamente acolhidas em um processo de manifestação do fenômeno humano-dialético, que dura eões, e retornam depois à fonte primordial. O algo novamente se converte em nada. A pseudo-consciência, formada durante tanto tempo de ligações à roda, é novamente dissolvida.

Destarte se originam o conhecido giro da roda e o circuito luciferino.

Situados num ponto definido desse duplo caminho, quer como místico, ocultista, materialista ou qualquer outra coisa, a Escola Espiritual se dirige agora a vós. E vos é dito: "Tendes agora uma consciência, mas sois absolutamente vazios de vida, porque só existe *vida* no Espírito e pelo Espírito". Essa consciência passa rapidamente por uma série de estados de ser, até chegar ao núcleo de vosso campo de exis-

tência e ser dissolvida. Esta imersão, esta unificação com o núcleo luciferino de nosso campo de existência, é chamado inferno*, o entrar no fogo do inferno. Em suma, estamos fazendo uma tentativa para explicar-vos uma série de fenômenos naturais em que vós mesmos estais envolvidos e vos perguntamos: "Isso deve continuar? Não pretendeis efetuar uma mudança?"

Ora, é possível que essas explicações e essas perguntas caíem em vós de modo especial, de tal modo que por elas sejais tocados, pois por meio dessas perguntas e da força contida por trás delas é dirigido um apelo ao átomo-centelha-do-espírito no santuário do coração. Quem possuir o átomo-centelha-do-espírito não poderá permanecer indiferente a este apelo.

O átomo-centelha-do-espírito é uma coisa maravilhosa. No capítulo precedente abordamos esse mistério quando falamos a respeito do átomo de hidrogênio, pois o átomo ígneo de hidrogênio é o início do processo de gênese da personalidade. O átomo de hidrogênio, inflamado pelo Espírito de Deus, deu vida à personalidade original. Essa personalidade original, entretanto, desapareceu, e é apenas o antigo princípio de hidrogênio que resta e jaz, em estado latente, oculto no santuário do coração. Esse antigo princípio de hidrogênio, esse átomo-centelha-do-espírito, de modo algum toma parte no processo de manutenção da pseudo-realidade da presente dialética.

Pode surgir aqui alguma dificuldade em compreender o que foi dito. Sois capazes de imaginar, possivelmente, que o antigo princípio de vida seguiu uma linha de conduta degenerativa, uma linha de declínio. E agora vai parecer lógico supor que, em dado momento, essa linha mostrará uma mudança,

uma nova ascensão, de modo que um processo de evolução se inicie. Devemos asseverar-vos, entretanto, que semelhante idéia de modo algum está em conformidade com a verdade. Assim como um motor deixa de funcionar logo que o combustível finda, também o princípio de vida original interrompe seu trabalho tão logo se rompam os laços com o Espírito mantenedor. Tudo o que, pelo Espírito, a princípio era possível, desaparecerá irrevogavelmente.

Surge assim a pergunta óbvia: “Haverá, então, dois princípios de vida, dois princípios de hidrogênio, dois princípios de fogo serpentino? Um original, em estado latente, uma vez que não existe força disponível que o alimente, e um segundo princípio que, no momento, está intensamente ativo?” Efetivamente, esse é o caso! Esse fato constitui um dos inabaláveis fundamentos da filosofia transfigurística, todavia, é bom que penetremos mais profundamente o assunto a fim de que possais conhecer toda a verdade.

A Doutrina Universal sempre se referiu a esses dois princípios. Segundo essa doutrina, sabemos que “Cristo defronta com Lúcifer”. Cristo é o mandatário divino, Lúcifer, o servidor revestido de grandioso poder e, em razão de sua glória, é denominado “a Estrela Matutina”, “o Filho da Aurora”, o Apóstata Brilhante, o Poderoso Rebelde, o Portador de Luz. Dele se diz ser o portador do mais alto título *fora* do céu, pois *no* céu ele não pode estar. Fora do céu, porém, ele é tudo. E nas lendas sagradas, Miguel, a invencível energia celestial, é conduzido ao campo de batalha contra ele.

Que devemos pensar de tudo isso? Quando o Espírito incognoscível irradia na substância primordial, na *materia magica*, e quando o fogo é nela inflamado, e os elementos dão início a suas reações em cadeia, segue-se aí, ao mesmo

tempo, uma atividade reflexiva, isto é, uma atividade de sombra. O trabalho do Senhor na *materia magica* é refletido qual uma figura ao espelho.

Deveis ter percebido que essa projeção possui certa força, que dela emana uma atividade mágica. Essa atividade não é insignificante, pois conquanto nada represente existencialmente, realiza algo definido. Não obstante ser uma ilusão, mesmo assim forma um foco, e tal foco coopera com o próprio ser a serviço do grande objetivo. Eis a razão de esse foco estar realmente revestido de "poder".

Quando, pois, o Espírito penetra a substância primordial – a fim de iniciar e realizar um plano divino, o qual, em sua totalidade, é indicado com o nome de Cristo, isto é, o Ungido, Aquele que está associado ao plano divino – produz-se, simultaneamente, na *materia magica*, o reflexo direto desse fato, Lúcifer. Assim, além do sol divino inflamado na substância primordial, surge também a Estrela Matutina. Lúcifer, a Estrela Matutina, é conseqüentemente uma projeção direta de uma realidade superior, meramente uma projeção, não a própria realidade! Essa é a razão por que os mitos sagrados dizem: "Ele, Lúcifer, traz o mais elevado título *fora* do céu, mas ele não pode estar *no* céu".

Desse modo, em que tange a toda a manifestação na *materia magica*, averiguamos que existem dois fogos flamejantes, um concêntrico e outro excêntrico, um fogo divino e outro que resulta de um processo natural. Ora, a substância primordial não se comporta de modo a deter a atividade do processo natural quando o processo divino entra em repouso. Pelo contrário, uma vez que esse duplo processo tenha tomado seu curso, e o processo nuclear tenha estagnado, a lei da natureza dobrará suas investidas qual força cega, com

todas as conseqüências daí decorrentes.

Quando um pensamento começa a brotar no cérebro, sua imagem é imediatamente projetada no campo de manifestação e mantém os olhos fixados sobre vós. Fizestes surgir uma estrela em vosso microcosmo. Mesmo quando abandonais esse pensamento, ainda assim a imagem-pensamento continuará a irradiar e a executar seu trabalho.

Destarte podeis imaginar que houve uma época de que os antigos poetas sagrados testemunhavam:

*...de quando as estrelas matutinas juntas cantavam
alegremente, e todos os filhos de Deus jubilavam...*

Podeis também compreender quando o antigo profeta diz:

*Como calste do céu,
Ó Estrela Matutina, ó Filho da Aurora!
Precipitaste-te numa labareda ígnea!*

E agora entenderéis o autor do Apocalipse, quando profetiza:

Ao vencedor, dar-lhe-ei a Estrela Matutina.



Todos os que, sinceramente, desejam ser alunos da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea têm uma tarefa de Pentecostes a realizar. Mediante uma vida endurística*, em arrependimento*, humildade* e auto-esquecimento, devem ofertar seu átomo-centelha-do-espírito, o átomo original de hidro-

gênio, ao Espírito Universal, na única oração brotada da atitude de vida renovada: "Espírito Santo, desce sobre nós!"

Então Cristo, o Ungido, o portador divino original da tocha, fará morada em vossos corações, isto é, o átomo original em vós reentrará em contato com seu arquétipo. Ele começará a atuar e a irradiar, conforme já descrevemos. E, oh maravilha! Fora de nós, em nosso campo de manifestação, a imagem do homem imortal surgirá diante de nós! A Estrela Matutina terá de novo despertado, o antigo Lúcifer, o Glorioso, e, em ligação com este foco, o templo de Deus, o edifício da transfiguração, será concluído. E quando a imagem do homem imortal se ergue corporalmente no firmamento de nosso microcosmo, as palavras do capítulo 22 do Apocalipse se cumprem literalmente:

Eu, Jesus, enviei meu anjo para vos testificar as coisas concernentes à realidade única, o anjo que dirá: "Eu sou a raiz e o rebento da nova vida, a brilhante Estrela Matutina". Assim há o Espírito e a noiva, e eles dizem: "Vem!", e quem ouvir diga: "Vem!" E quem tiver sede que venha e beba de graça da água da vida.

Quem tiver ouvidos para ouvir, que ouça. E quem ouvir, diga: "Certamente venho logo. Amém".

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo esteja com todos vós!



XI

A ROSA DA MANIFESTAÇÃO SÉTUPLA DE DEUS

Sem dúvida, já tereis visto, em uma ou outra oportunidade, na literatura da Rosacruz moderna ou num de seus templos, a imagem da rosa estilizada. Essa rosa é formada de sete círculos interligados, com um centro comum. De fato, é o símbolo do setenário cósmico, do verdadeiro e divino planeta terra, e em contemplando essa rosa sétupla ligada à cruz, certamente compreenderemos a significação desse símbolo.

O transfigurista é o homem que escolhe essa Rosacruz como seu objetivo. Ele é o homem que rompe a prisão eletromagnética da natureza dialética pelo caminho da cruz, a fim de tornar possível sua readmissão na pátria perdida, o reino imutável.

Então conclui-se que nem todos os que se denominam rosacruzes expressam a mesma idéia, nem todos os que afirmam seguir a Rosacruz trilham o mesmo caminho. Existem símbolos rosacruzes místicos, ocultistas, eclesiásticos e transfigurísticos. Aí reside, naturalmente, grande perigo para o homem buscador, pois nem todos os rótulos correspondem ao conteúdo legítimo. Grande precaução com o simbolismo é, portanto, da mais elevada importância para aqueles que ainda estão buscando seu caminho. O símbolo da rosa do

setenário cósmico está, entre outras coisas, também esculpido na pedra fundamental do templo internacional de Renova, da Rosacruz, em Lage Vuursche, Holanda. Essa pedra expressa, assim, a vocação da Escola Espiritual moderna. Nessa pedra angular, encontramos também, próxima à meta da rosa, a cruz, que é o caminho mediante o qual a meta deve ser alcançada. Em seguida, vamos encontrar a indicação dos quatro alimentos santos, as quatro forças elementares originais que constituem o único viático na jornada rumo à meta da rosa.

Alguém poderá perguntar pois: "Esse símbolo de tão gloriosa realidade não poderá, em muitos aspectos, revelar-se uma ilusão? Pode-se imaginar que uma idéia magnífica possa elevar as pessoas do curso deprimente em que segue a rotina de seus hábitos e fortalecê-las; que, assim como um lampejo de alegria é capaz de restituir um pouco de coragem ao homem, também a idéia da jornada à Jerusalém original pode contribuir para encarar a dura realidade com um sorriso nos olhos. Portanto, é bom continuar falando acerca de uma nova vida. Isso ajuda sempre um pouco. Todavia, a realização... ah!"

Há, talvez, pessoas com esse estado de alma que ingressaram na Escola Espiritual exclusivamente com o propósito de reconfortar-se com a doçura de uma idéia. Deixai-nos, portanto, explicar-vos quanto o símbolo do setenário cósmico, o símbolo da Rosacruz e os quatro alimentos santos constituem as características de uma realidade tão intimamente ligada a nós que um dos grandes pôde afirmar: "O reino de Deus? Ele está em vós!"

Deveis estar lembrados de que explanamos o modo como a humanidade decaída está sendo mantida escravizada

em seu campo de existência, isto é, no campo eletromagnético das forças naturais opostas ao homem. Na esfera terrena dos arquétipos e na esfera das forças naturais, sempre se desenvolve poderosa resistência contra qualquer vida não divina, e visto que essas esferas terrenas correspondem completamente a nosso campo de existência, nós, envolvidos pela queda, estamos confinados em uma prisão eletromagnética e nos é propiciada, por atividades vulcânicas e outras atividades da natureza, uma atmosfera completamente compatível com nosso estado de ser. Aqueles que pesquisam de que modo a natureza divina se protege compreenderão a veracidade das palavras de Jacob Boehme: "Deus fez desse campo de existência um todo isolado em que toda a humanidade decalada é obrigada a nascer, florescer e fenecer, numa rotação contínua, até o advento do dia da autolibertação".

Toda a entidade que se desenvolve no setenário cósmico está estreitamente ligada à fórmula fundamental de vida deste planeta. Quem de alguma forma se opõe a essa lei de vida fundamental produz uma vibração que suscita resistência imediata por parte das forças naturais fundamentais. Como que de modo automático, essas forças naturais fundamentais emitem uma corrente eletromagnética que envolve e prende a entidade rebelde a fim de que ela já não possa ter iniciativa nem viole a lei. Assim, ela é mantida em um *todo isolado* para ficar protegida de si mesma.

Nesse novo campo eletromagnético, quatro forças elementares são postas em manifestação para servir de viático à entidade em seu estado de isolamento: hidrogênio, para sua irradiação-alma; oxigênio, para o processo de combustão; nitrogênio, para regular e manter o processo de combustão, e

carbono, para expressar a idéia de vida que prevalece no campo mencionado. Essas quatro forças dialéticas, contudo, possuem apenas algumas das características dos quatro alimentos santos originais. Elas turbilhonam, por exemplo, procedentes de inúmeras crateras vulcânicas, que são dirigidas pelas forças naturais, e são os quatro alimentos santos adaptados para *nosso* uso por transformação. A estação transformadora está localizada no estrato terrestre das forças naturais, e a atmosfera assim produzida é mantida, do mesmo modo que nós, pelo campo eletromagnético.

Tendes pois de atentar para o fato de que as puras forças elementares originais também estão presentes na terra. O centro dessas forças está localizado no coração do setenário cósmico e coincide aproximadamente com o centro daquilo que denominamos terra. Essas forças fluem dos sete pólos norte para alimentar todas as criaturas divinas e são conservadas intactas, como atmosfera original, pelo campo eletromagnético dos sete estratos de forças naturais, que também se desenvolve segundo seu ser original. Os quatro elementos originais e os quatro elementos dialéticos têm portanto a mesma origem: são determinadas vibrações e emanações da substância primordial.

Suponhamos, agora, que o incidental campo eletromagnético dialético subitamente desaparecesse. Nesse exato momento, a atmosfera dialética deixaria de existir e se dispersaria no espaço, e nós todos nos encontraríamos no mar infinito da atmosfera original. Não teríamos capacidade para aí manter-nos e logo morreríamos por falta de ar. Afogar-nosíamos no mar de águas vivas.

É bom demorar-nos nesse ponto um pouco mais, pois daí se conclui que nossa prisão não é apenas uma colônia

penal, mas, ao mesmo tempo, um local de graça em que esforços estão sendo feitos para sermos auxiliados a recuperar a filiação divina. A verdade das palavras de Jacob Boehme é, de novo, confirmada: "Deus guardou este mundo no coração, a fim de tornar possível um retorno". Talvez já se tenha tornado claro para vossa consciência que há *dois* campos atmosféricos. Não um aqui e outro ali, mas *presentes simultânea e existencialmente*, assim como também há dois campos eletromagnéticos existencialmente presentes.

Uma condição caracteriza o campo de queda e graça, o campo de tolerância e de assistência, a outra condição, o absoluto e a divindade. Ambas as condições estão presentes no mesmo instante, no mesmo espaço, aqui e agora. Não existe lugar que possa ser apontado onde o mar da divina plenitude de vida não esteja presente. O reino de Deus e sua atmosfera de vida estão mais próximos do que mãos e pés; sim, ele está em vós.

E os grandes, que testemunham dessa divina plenitude de vida, nos dizem:

"Vede, estou sempre convosco, até o fim de vosso mundo!"

"Entre vós se acha aquele que não conheceis!"

"Dar-vos-ei de graça da fonte da água da vida!"

"Se quereis beber dessa água da vida e viver e existir na outra atmosfera, tereis de abandonar vosso próprio mundo incidental e acabar com vosso mundo atual. Ide, vendei o que possuís e segui-me!"

Entretanto, a fim de abandonar a prisão de vosso próprio mundo incidental, deveis transformar-vos em mestre da pedra; tereis de lançar a pedra fundamental de um novo templo. Para chegar a ser mestre, porém, tereis primeiro de ser

aprendiz, aprendiz de construtor de templos! Escolhidos para isso pela experiência, tereis aprendido a conhecer perfeitamente a natureza de vossa prisão dialética e tereis descoberto que esse mundo é, ao mesmo tempo, um local de graça, porque a Gnosis não deseja vosso declínio, ela anseia socorrer-vos. Por conseguinte, existe uma fraternidade universal servindo de ponte sobre o abismo entre as duas atmosferas de vida. Ela vos traz um pouco de água da vida original, em diferentes formas, adaptadas a vosso estado de ser. Não podeis nem tendes de transpor tudo de um salto. Há irmãos e irmãs dispostos a ajudar-vos em cada passo que vos propuserdes a dar e que colocam vosso pé sobre pedras da ponte que conduz de vosso atual estado de ser ao outro. Por que deveríeis ficar amedrontados e assustados? Ninguém vos forçaria a galgar um degrau se ainda não estivésseis capacitados a fazê-lo. Irmão algum vos coagiria. Ficai firmes sobre a pedra em que estais no momento, e quando tiverdes acumulado forças para o próximo passo, sereis auxiliados.

Portanto, é dito: "Vinde a mim todos vós que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei". "Procurai e achareis, batei e se vos abrirá!"

Há apenas *uma* condição para a senda: é exigido que sejais aprendiz de construtor de templos. Então, sem dúvida alguma, vos tomareis mestre da pedra. O que significa ser aprendiz de construtor de templos? Significa estar em condições de lançar a primeira pedra da nova construção do templo e de preparar essa primeira pedra de maneira correta.

Podemos ensinar-vos como fazê-lo? Pois bem, tomai um bloco de granito, isto é, colocai-vos ante a basáltica, a dura realidade de vossa existência dialética sem objetivo; colocai-vos ante esta realidade com o afiado cinzel de vossa

atitude reta e de vossa determinação inabalável, e, com todas as vossas forças, entalhai nela a rosa estilizada do setenário cósmico. Essa rosa estilizada será, então, como uma janela em vossa prisão. Através dela podereis olhar o exterior. Através dela Fausto, de Goethe, olhou. Graças a ela, Dante contemplou o Paraíso.

Através dessa rosa, o aprendiz de construtor de templos vê claramente. Através dessa janela, o aprendiz corta, cinzela e entalha a cruz. Ele abre seu caminho, sua senda para a libertação. Por este sinal vencerá, tal qual Christian Rosenkreuz. Então ele coloca sua pedra ante a Gnosis e, enquanto prossegue no caminho endurfístico de auto-esvaziamento, conduzindo seu velho mundo a um fim, ele evoca, com o fio de suas armas, os quatro alimentos santos:

Ignis – o hidrogênio original;

Flamma – o oxigênio da realidade divina;

Materia – a dupla força da realização;

Mater – o carbono modelador original.

Ele deposita, então, sua pedra no nicho da realização, no salão superior dos arquitetos. O que supondes que irá acontecer em seguida?

E ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. Subitamente veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E apareceram para eles línguas repartidas como que de fogo, e pousou uma sobre cada um.

A nova atmosfera, o antigo fogo espiritual, apodera-se do peregrino e sobre ele se coloca, agora que ele, conforme ilustra uma antiga gravura, transpassa com a cabeça e com o bordão a esfera da ilusão dialética e contempla a realidade da rosa estilizada. Já não a vê como símbolo, porém como

posse interior, uma realidade que se lhe abre. Seu sistema se converte em um campo radioativo da Fraternidade. Ele entra no campo eletromagnético original. Mediante a colocação dessa primeira pedra, as chamas do fogo espiritual são inflamadas, e o aprendiz de construtor de templos se torna mestre da pedra.

Possa a rosa da manifestação sétupla de Deus em breve emanar de vós como sétuplo fogo flamejante!

Que possais iniciar vossa construção templária nesse luminoso fogo!



XII

A INEVITABILIDADE DO CAMINHO DA CRUZ

Novamente colocamos perante vossa consciência a imagem da rosa estilizada como símbolo do setenário cósmico, do verdadeiro e divino planeta terra. Com isso não deveis pensar nos sete planetas de nosso sistema solar nem nas várias esferas de nosso campo de vida, mas deveis ver apenas uma indicação da sagrada terra divina, conforme ela era anteriormente e é até este momento. Referimo-nos a um sistema que pode ser melhor definido como um sistema de sete esferas, umas girando dentro das outras, e possuindo um centro comum.

É compreensível que os antigos tenham escolhido uma flor, uma rosa pura, um lírio ou um lótus, para dar uma bela imagem dessa eterna e divina realidade. Às vezes vemos uma flor ou então uma grinalda de sete flores corporificando sempre a mesma idéia: a divina terra sétupla, devindo e existindo eternamente da causa primeva do universo.

Assim como é a verdadeira terra, também deve ser o verdadeiro homem. Eis por que a flor sagrada indica tanto o macrocosmo como o microcosmo. Para o microcosmo decaído alçar-se novamente ao estado original, ele deve lutar e vencer dois processos, trilhar dois caminhos. Um caminho de

despedida, de aniquilamento, de morte endurística total, representado por uma haste horizontal, e um caminho de ascensão, de renovação, de renascimento, de transfiguração, representado por uma haste vertical. Assim, a flor, a rosa, terá de formar uma unidade irrevogável com a cruz.

O pé da haste vertical da cruz está implantado nas escuras profundezas da terra para demonstrar o fato glorioso de que a senda da transfiguração realmente pode ser iniciada aqui, nas escuras cavernas da dialética.

A haste horizontal da cruz, o caminho do aniquilamento da natureza, não tem ligação direta com o fundamento natural da dialética, uma vez que essa despedida é totalmente contrária à natureza, sendo encarada como loucura. Entretanto, o que é perfeita loucura, de acordo com os padrões de raciocínio natural comum, vem a ser sabedoria divina quando trilhamos o caminho da endura.

Nossas mãos são, sobretudo, órgãos diretos de ação. Quando o candidato aos mistérios de Cristo segue o caminho da endura, sua ação dialética natural é progressivamente interrompida, suas mãos são pregadas na cruz. Então seus pés já não podem continuar a trilhar os caminhos habituais. Eles desejam seguir a nova senda, a senda vertical de ascensão, de elevação. Destarte, segundo a velha natureza, seus pés são igualmente pregados na cruz.

E no coração da cruz, que o candidato erigiu em si mesmo, uma flor se desabrochará, a flor maravilhosa, "a jóia preciosa no lótus", isto é, o átomo-centelha-do-espírito, um dos menores átomos, inimaginavelmente pequeno, tal qual o embrião da planta completa, do inteiro devir, está presente inimaginavelmente pequeno em sua semente.

E o candidato se rejubila: "Ó preciosa jóia no lótus!", "Ó

rosa que floresce na cruz!"; "*Eli, Eli, lama sabactani!*" (ó Elohim, como me glorificastes!). E, afinal, soa o clamor da libertação: *Consummatum est*⁷.

É necessário que vos digamos isso tudo uma vez mais para dirigir vossa atenção, mais nitidamente do que nunca, à meta absoluta da Escola Espiritual. Para auxiliar vosso poder de imaginação, nós podemos concordar em que faleis de uma rosa, de um lírio ou de um lótus, ou de qualquer flor de que gosteis, se vos fixardes neste único propósito: o retorno à terra divina, o reino imutável, mediante o duplo caminho de demolição e elevação. Nós já tentamos explicar-vos⁸ que nosso campo de vida dialético não constitui uma unidade absoluta, mas apenas uma parte isolada do setenário cósmico. Partindo desse campo de isolamento, desse local de quarentena macrocósmica, o homem que quer retornar a seu lar original tem de palmilhar os dois caminhos indicados pela cruz. Então ele se tornará um liberto, um redimido, e, como prova disso, a rosa florescerá.

Após tudo o que foi tratado e estudado, presumimos ter ficado claro para vós que existem dois campos de vida: o campo de vida do aprisionamento e o campo de vida original. Ambos possuem um campo eletromagnético e uma atmosfera. Sabemos que as condições eletromagnéticas e atmosféricas são determinadas pela atividade das forças naturais, enquanto estas, por sua vez, são determinadas pelo gênero de vida que se expressa dentro do respectivo campo de vida. Todos nós experimentamos a atração eletromagnética do campo de isolamento dialético em que estamos. Pela ação

7. Está consumado.

8. Ver pág. 111.

da força de gravidade desse campo somos mantidos prisioneiros aqui.

A atividade das forças naturais e a ação da gravidade desse campo constituem os muros de nossa prisão terrena. Nessa prisão existe uma atmosfera que, segundo a natureza, está em perfeito equilíbrio com nosso estado de ser. Ao mesmo tempo, isto é uma graça, porque, se a atmosfera apropriada para nós desaparecesse, se evidenciaria que nos faltam condições orgânicas para adaptar-nos a outro estado atmosférico e, portanto, que estaríamos incapacitados de nele viver. Admitindo que compreendestes tudo isso, fazemos algumas perguntas importantes:

Estaremos, agora, sendo atraídos também pelo outro campo, o campo eletromagnético original? Estaremos, talvez, respirando parcialmente nessa atmosfera divina que pertence a esse campo? Teremos alguma experiência com respeito à ação da força de gravidade da Gnosis e seu prana original, à semelhança do que conhecemos, por experiência, da força de ação da gravidade pertencente a nosso campo de isolamento e da inalação de sua atmosfera a cada inspiração?

A resposta resoluta a tais perguntas tem de ser, absolutamente não! De modo algum! Isso está totalmente fora de cogitação! Talvez vos sintais chocados com esta resposta, mas a Fraternidade deseja confrontar-vos mais enfaticamente com esta resposta para livrar-vos de todas as eventuais mistificações.

Aparentemente esta resposta está em contradição com os fatos, pois podereis observar que todos os grandes enviados da Gnosis nos trouxeram todas as forças redentoras do reino imutável como remédio universal. E, folheando a literatura mundial, podereis citar muitas afirmações contra nosso

ponto de vista.

Devemos aconselhar-vos, contudo, a que vos aprofundeis mais no problema, com grande sobriedade, e empreendeis uma limpeza completa no torvelinho de vossas concepções. Muitos, um número incontável mesmo de pessoas em nosso campo de existência, sustentam que pertencem a Cristo, com ele caminham, o vêem e possuem. Com efeito, falam a seu respeito diariamente, de modo sério, mas falham visivelmente ao ter de mostrar-nos a mais óbvia e direta prova do fato, isto é, a prova da total “mudança ante nossos olhos”, conforme a Linguagem Sagrada a denomina. Tão logo um homem estabeleça contato com o campo eletromagnético e com a atmosfera do setenário cósmico, uma mudança de natureza fundamental e estrutural ocorrerá, e ele se tornará irrevogavelmente incapacitado de manter-se no campo de isolamento.

Se a humanidade como um todo e os alunos na antecâmara da Rosacruz devessem, em dado momento, ser afetados pela ação da gravidade do reino imutável, eles não estariam em condições de corresponder a esta ação, de reagir a ela, e semelhante contato seria nada menos que catastrófico.

Não somos então alvo de um trabalho gnóstico? Sim, sem dúvida alguma, porém deveis encarar esse trabalho não como uma atração, mas sim como um *chamado*.

A Fraternidade Universal, que trabalha pela humanidade decaída, nunca se aproxima de nós com o potencial eletromagnético do setenário cósmico. Em primeiro lugar, porque essa influência seria fundamentalmente perigosa para todo o estado de ser dialético, e, assim, a finalidade não seria atingida, pois as criaturas em questão de modo algum teriam a condição orgânica adequada para elevar-se a outro estado de

ser. Em segundo lugar, uma influência magnética dirigida a alguém fundamentalmente incapaz de a ela corresponder será sempre um fator de coação, de preponderância e, portanto, provocará uma ação que não está em harmonia com o estado interior.

A Fraternidade nada exige de vós que não possais. Ela não quer exercer nenhuma coação sobre vós, forçar-vos, e por isso ela vos *chama*. Ela vos chama para a automaçonaria, e ela deve e pode auxiliar-vos somente à medida que iniciardes o auto-aniquilamento. Se andardes uma milha com a Fraternidade, ela vos dará luz e força para a próxima milha. Lembrai-vos, entretanto, de que, pelo bem da própria salvação, ninguém pode ficar livre da auto-atividade.

O trabalho de chamado da Fraternidade Universal se relaciona com uma admirável irradiação em nosso campo de existência. É uma irradiação em que, e o repetimos enfaticamente, qualquer elemento magnético e qualquer fator coercitivo estão ausentes, embora essa irradiação não deixe em paz nenhuma entidade-centelha-do-espírito, pois o átomo-centelha-do-espírito tem polaridade com ela. Tal ação, portanto, causa agitação contínua, permanente sensação de saber-se chamado, acordado.

Assim como um aparelho de rádio é sintonizado em determinado comprimento de onda e reproduz o que está sendo irradiado, também o átomo-centelha-do-espírito, em virtude de sua natureza, está continuamente sintonizado com as vibrações cósmicas da Fraternidade e as reproduz dentro de seu próprio sistema. Estas vibrações estão presentes em toda a natureza de nosso campo de isolamento, falando uma linguagem especial a todos os que a elas sejam receptíveis. Em todos os tempos, irmãos e irmãs são enviados à huma-

nidade com a missão de traduzir essa linguagem, de fazê-la compreensível e explicar o sentido da luz que chama e, ao mesmo tempo, reforçar destarte os efeitos desses raios cósmicos.

Assim, podeis imaginar que milhões de pessoas neste mundo são, pois, no amplo sentido da palavra, chamados. A maioria dos alunos da Escola Espiritual experimenta, conscientemente, esse chamado. Ser-se chamado, saber-se chamado, experimentar esta sensação em cada fibra do próprio ser, acarreta, sem dúvida, além de tudo o mais, intensa alegria e grandiosa certeza, momento a certeza de estar-se de posse do átomo-centelha-do-espírito. Há entretanto, ao mesmo tempo, grande perigo em tudo isso, o perigo do desenvolvimento de falso misticismo e da enorme ilusão que daí pode resultar.

Suponhamos que saibais estardes sendo chamados. Experimentar o chamado, não obstante quão rejubilante ele possa ser, não é, em si, a redenção. Isso indica apenas uma condição orgânica típica em vossa personalidade. Possuís o átomo-centelha-do-espírito, esse princípio exclusivo de hidrogênio no santuário do coração, portanto, sois obrigados a reagir aos raios cósmicos em questão. Inúmeras são as pessoas que, ao longo de muitas encarnações, lutam contra isso, negando seu verdadeiro estado e se agarrando à natureza dialética. Não obstante, existem também muitas pessoas que, como reação àquilo que as toca, se perdem em falso misticismo. Como se explica isso?

Suponhamos que tenhais experimentado o chamado de Deus e que sobre isto faleis, canteis, escrevais poemas e deis outras demonstrações do fato, mas, quanto ao resto, permaneceis exatamente a mesma pessoa que sempre fos-

tes. Dizeis continuamente: "O Senhor me chamou", mas, se observarmos bem, continuais firmemente no mesmo lugar. Isto é falso misticismo!

Quando um aluno fala verbosamente sobre sua vocação ou tagarela sobre a Fraternidade com sereno sorriso, quando ele fala sobre o que sente no coração, sobre a compreensão que recebeu, mas, ao mesmo tempo, não mostra a menor mudança em sua atitude de vida, isto é falso misticismo! Assim como um gato ronronante pode, repentinamente, estender as garras em autodefesa e enterrar maldosamente as unhas na carne da vítima, mais de um se levantará imbuído de falso misticismo e, cheio de desaprovação, explodirá em indignação e protestará quando se lhe disser que o chamado pressupõe o *trilhamento* da senda. A Gnosis exige todo o vosso ser, a renúncia a vosso apego a esta natureza. Como resposta a seu chamado, ela exige a oblação de vosso eu e as provas concretas disso. O falso misticismo consiste no grande erro de considerar-se a vocação como a meta final do processo, enquanto que a vocação é apenas um começo orgânico, uma espécie de predisposição orgânica para os raios cósmicos em questão.

Quem foi chamado e se recusa a palmilhar o caminho torna-se, irrevogavelmente, vítima das incontáveis correntes negativas existentes, cuja finalidade é acorrentar permanentemente a humanidade à roda. Todas as religiões naturais trazem esse sinal e alimentam o instinto do eu. Podeis compreender, por isso, as palavras de Jesus, o Senhor, quando ele diz: "Muitos são chamados, mas poucos os escolhidos!"

Somente quando alguém que foi chamado palmilha o caminho de modo conseqüente, com base em seu estado fundamental, e quando o chamado luminoso de que falamos

se converte em lâmpada para os pés, chega o momento do primeiro toque pelo campo eletromagnético do setenário cósmico. Só então se origina uma atração, um ser capturado, um ser escolhido, isto é, o irrompimento em novo processo metabólico. Também nesse caso não se pode falar em coação, ou ainda em qualquer perigo, ou em nascimento prematuro nã nova vida, porém se cumpre o que está na parábola: "E o pai saiu ao encontro do filho e, tomando-o nos braços, beijou-o". O filho pródigo foi novamente encontrado. Para isso ele percorreu os dois caminhos da Rosacruz: o caminho da demolição e o da elevação. A jóia preciosa no lótus irradiava, plena de brilho, uma nova manhã. O candidato nasceu na nova vida. A essa ressurreição são chamadas todas as entidades-centelhas-do-espírito.

Agora, algumas palavras sobre o Apocalipse, cap. 17. Ali se fala da revolução cósmica, do movimento a ela ligado e da vitória do Cordeiro. No versículo 14 está escrito que aqueles que participam da vitória são os crentes, os chamados e os eleitos. Crentes são os que, embora chamados, ainda não estão plenamente conscientes disto e, não obstante, reagem espontaneamente, aproximando-se da Escola Espiritual, impelidos por seu ser interno. Chamados são os que se tornam conscientes de seu estado de ser e, despertando, decidem retornar. Eleitos são os que palmilham o caminho da cruz e, como renascidos, despertam na nova manhã.

Em qualquer dos três degraus que estejais no momento, se vossos motivos são puros, se vossa atitude está em harmonia com as exigências e vossa reação sintonizada com a grande lei, permaneceréis ao lado da liberdade, em meio à separação progressiva neste mundo. Essa liberdade, que é mais elevada do que toda a razão, é o que rogamos para vós.



XIII

A ASCENSÃO PARA A LIBERDADE

No capítulo precedente, dirigimos vossa atenção para a natureza do campo de radiação da Fraternidade Universal tal como ele se manifesta em nossa sombria ordem dialética de espaço e tempo. Vimos que esse campo de radiação não é de modo algum eletromagneticamente ativo, porque além de ser, neste caso, inútil e muito perigoso, suscitaria imensas catástrofes.

Ser atraído por um campo de vida a que não se pode fundamental e estruturalmente corresponder, campo em que um microcosmo desfigurado não poderia respirar, significaria o verdadeiro fim de toda a existência. O campo de radiação da Fraternidade Universal se caracteriza, portanto, exclusivamente pela faculdade chamativa, assim como nós a denominamos. Pretende-se apenas que sua influência seja notada e experimentada por aqueles que são suscetíveis a esse chamado intercósmico. Essa ligação elementar constitui a condição para todo o trabalho executado pela Fraternidade Universal, e ela é totalmente garantida pela presença do átomo-centelha-do-espírito.

O átomo-centelha-do-espírito, situado à frente do santuário do coração, está perfeitamente sintonizado, devido a sua

natureza e estrutura, com o campo de radiação divino, pois seu núcleo atômico contém hidrogênio da mesma natureza. Existe por isso, desde o começo, uma união, baseada em leis naturais, do microcosmo decaído com o Logos. Desse modo, o microcosmo decaído permanece um filho de Deus, e a palavra mística, afirmando que Deus conhece todos os Seus filhos pelo nome, assume profundo sentido científico. O vocábulo *conhecer* deveria ser compreendido aqui como *influenciar em permanente ligação*, portanto, *reconhecer*.

A entidade portadora do átomo-centelha-do-espírito, de início, experimenta tal ligação mediante todas essas experiências dolorosas, misteriosas e peculiares neste vale de lágrimas terrestre – experiências de natureza corporal, moral, ética e material. Ela é continuamente inquietada e não pode encontrar descanso em razão de sua dupla natureza, estando permanentemente empenhada na busca, na investigação e na experimentação. Este é um estado que pode durar muitas, muitas encarnações, e o fato de estarmos perambulando neste campo de vida dialético, nesse estado, vem provar que todos nós, visto do aspecto tempo e espaço, temos atrás de nós um período de possivelmente milhões de anos.

A dificuldade com que a entidade portadora de átomo-centelha-do-espírito tem de defrontar-se durante este imenso período, é o mistério de sua dupla natureza, das complicações daí decorrentes e da confusão que em grau desmedido é gerada nela.

Quando conversamos uns com os outros, trabalhamos juntos, pensamos, queremos, sentimos e agimos, executamos todas essas funções por meio da consciência-eu comum. Esta consciência-eu, ou consciência dialética, não tem nenhuma relação com o átomo-centelha-do-espírito. No

entanto, não deveis encarar desdenhosamente essa consciência-eu, em auto-acusação, auto-humilhação, pois ainda precisais desse eu terreno. Ela é um foco de vida urgentemente necessário à existência de vosso atual microcosmo. Se fôsseis capazes de acabar com ele neste momento, a nova natureza em vós ainda não estaria em condições de assumir a direção de vossa existência microcós mica!

A consciência dialética possui também um foco atômico que se encontra no santuário da cabeça. Assim como o fogo luciferino era originalmente a projeção do fogo de Cristo no campo criador da substância primordial⁹, o átomo em questão, no santuário da cabeça, era também originalmente um átomo refletor do átomo-centelha-do-espírito no coração. O átomo na cabeça se abrasava na luz do átomo no coração. Já transcorreram eões, todavia, desde que o átomo luciferino no santuário da cabeça interrompeu a obediência ao átomo de Cristo (átomo-centelha-do-espírito), assumindo a direção de todo o sistema, desorganizando-o estruturalmente em todo o sentido e se submetendo à cultura durante milhares de anos a fio. O quadro de nossa realidade talvez apareça agora claramente ante vossos olhos e compreenderéis também por que a transfiguração é necessária.

Em virtude de sua natureza, o átomo de Cristo exerce influência inquietante sobre a consciência-eu e a despoja de sua segurança; porém o efeito refletor do átomo luciferino – mediante o qual a alma, o eu, foi capaz de viver das obras de Deus – desapareceu, porque o sistema foi desfigurado irremediavelmente, tanto segundo a alma como segundo sua

9. Ver págs. 105/106.

estrutura. É necessária, portanto, uma nova alma, um novo princípio luciferino, um novo fator de reflexão, e somente quando este for adquirido, poderá todo o microcosmo ser transfigurado conforme seu ser original.

Compreendereis que isto é um processo. Tal renascimento, tal evento tremendamente radical, não se pode realizar em duas semanas. Entretanto, o que importa é que o processo seja iniciado, que um início seja dado ao caminho de santificação, isto é, de cura, de restabelecimento, de tornar-se são, de nova gênese primordial em sentido divino. A Escola não cessa de explicar, de esclarecer o como e o porquê desse poderoso processo, de provar sua necessidade, de colocar todos os fatores à luz justa, de citar as causas de vossa inquietação.

Por que vindes a esta Escola? Por que assistis a nossos serviços templários? Por que, como alunos, aceitais os sacrifícios exigidos por um trabalho como o nosso? Porque possuí o átomo-centelha-do-espírito! Vossa inquietação de séculos, vossa longa busca sem fim vos trouxe aqui; o átomo de Cristo em vós agora radia numa personalidade incapaz de reagir ao chamado em sentido libertador, e esse fogo vos impele.

Através do Jordão, isto é, da corrente de vossa pequena circulação sanguínea, vedes as radiações do átomo de Cristo vindo em vossa direção. Falareis agora como João o fez: "Em verdade, ele é muito mais poderoso do que eu, e não sou digno de abaixar-me para desatar as correias de suas sandálias"? Vós agora também vos extinguireis na *endura**, como João, de modo a permitir que o poder lucífero renovador de vida, emanante do átomo de Cristo, realize sua transformação em vosso sistema decaído, em vosso pequeno

mundo de trevas? Permitireis que, mediante o processo¹⁰ de que falamos, a imagem do homem imortal possa ser formada, para um dia, segundo o caminho atômico da cruz de Cristo, ele possa ressurgir imortalmente em vosso ser?

Compreendeis agora que o batismo de Jesus no Jordão também é um acontecimento que deverá ocorrer, corporalmente, em vós mesmos?

O inquieto homem-eu, o eterno buscador da luz na escuridão, clama de tal maneira que sua voz ecoa pela terra qual grito de dor: "Preparai os caminhos do Senhor, endireitai suas veredas!" Ele busca a retidão e, qual João em sua veste de penitência, permanece no deserto deste mundo.

Pode ser que vós ainda sejais uma vítima da ilusão fundamental de que, como ser natural, sois capazes de participar da justiça divina, da realidade divina; mas também pode ser, e isto é o que se espera de alunos da Rosacruz, que digais, como o fez o profeta em sua túnica de pêlo de camelo: "Não eu, mas o outro!". Conheceis esse outro, pois por ele sois inquietados dia e noite, ano após ano, vida após vida. Fostes chamados pelo átomo de Cristo em vós. E agora, em vossa crise de vida, vedes o outro vindo a vosso encontro. As radiações do átomo de Cristo em vosso coração ardem no sangue por meio do timo. O sangue é impelido para cima, através de vosso Jordão da vida, enche o santuário da cabeça e se espalha por todo o ser. Deveis observar agora, porém, se vossas reações são idênticas àquelas que tivestes em todos os casos precedentes ou se estais reagindo, *pela primeira vez*, de maneira absolutamente nova.

Vossa velha reação é aquela em que percebeis e experi-

10. Ver págs. 37 e 52.

mentais o fogo sangüíneo da inquietação e aflição, em que o apreendeis e assimilais com o máximo de vossa habilidade, e, quanto ao mais, permaneceis os mesmos. Podeis adestrar-vos muito bem nessa prática. Em consequência, podeis ser considerados corajosos e respeitáveis, mas vossa natureza permanece a mesma de antigamente. De lábios cerrados suportais tudo, ou vos enganais e aos outros com um sorriso bem estudado, dizendo, de acordo com a psicologia barata e satânica de nossos dias: "Oh! Tudo está bem!" Porém de modo algum está bem, e isso é extremamente dramático.

Vossa reação somente é nova e boa quando já não reagis à outra força sangüínea que flui através de vosso Jordão da vida nem a pondeis de lado à moda antiga, mas a *aceitais* com os mais profundos princípios de vossa consciência-eu, em perfeita prontidão, em paz absoluta e alegria interior. O mensageiro do átomo de Cristo, que se aproxima no sangue, é então *batizado* pelo vosso eu mais intrínseco, o qual é definitivamente ligado ao átomo de Cristo. Esse é o grande milagre do batismo no Jordão, no início do Evangelho. É a fase final do primeiro processo de santificação, o primeiro reflexo voluntário do átomo de Cristo no átomo luciferino da cabeça. É o momento em que Lúcifer se precipita de sua fortaleza celeste. A nova Estrela Matutina ainda não surgiu, mas sua luz brilhante já se anuncia. A *endura* principiou!

A Escola Espiritual aspira a fazer deste começo uma realidade em vós. Quando este começo glorioso do processo de santificação se manifesta, o aluno em questão se torna um homem predisposto à liberdade, um eleito. Em vos falando nos capítulos precedentes a respeito dessas coisas, chamamos vossa atenção para o Apocalipse, cap. 17, onde é indicado o começo da vitória do Cordeiro em três estágios. "O

crente, o chamado e o eleito tomam parte nessa vitória", diz o Apocalipse, isto é, três grupos de entidades portadoras de átomo-centelha-do-espírito podem ser conduzidos à liberdade numa revolução cósmica. A fim de compreender isso, deveis comparar esta afirmativa com a essência do Evangelho.

No começo do primeiro processo evangélico de santificação nasce João. Logo após, ele se torna profeta e, finalmente, torna-se batista. Então ele desaparece, e Jesus surge.

O Apocalipse denomina o primeiro estágio o de "crente", o segundo, o de "chamado", e o terceiro estágio, o de "eleito".

Quando, movidos por verdadeira necessidade interior, aproximai-vos da Escola Espiritual com a absoluta convicção de que deveis abandonar esta natureza a fim de, como microcosmo, penetrar a outra natureza, quando possuísses essa convicção com base no inextinguível fogo da experiência, estais no primeiro estágio. Sois, então, nascidos como João. O Evangelho escreveu seu primeiro símbolo em vós. O átomo luciferino do ser-eu dará suas primeiras provas endurísticas, e é lógico que, desse momento em diante, o microcosmo receba um lugar inteiramente diferente dentro do campo de força da Fraternidade Universal. Ele participa da bênção de fé, do antegozo da liberdade. Isso é o *nascimento!*

Nessa base, o candidato pode adentrar o segundo estágio, o da *profecia*. Ele demonstra com sua vida: "Eu devo diminuir, mas ele, o outro, deve crescer". Ele já não é o humanista que repete estas palavras enquanto está dirigido para um reino terrestre, porém exclama: "Tornai reto o caminho para nosso Deus!" Ele é o que clama no deserto. Ele foi chamado e faz com que seu ser-eu, seu fogo luciferino, que ele sabe ser indigno, submeta-se cada vez mais ao átomo de Cristo. Assim, o antegozo da liberdade se converte em cer-

teza. Esse homem se torna inabalável. Ele diz: "Não é que eu já tenha obtido a liberdade, mas *ela* virá!"

E no dia seguinte João vê Jesus vindo do outro lado do Jordão. O candidato torna-se o Batista, o definitivamente ligado. Ele tornou-se o Batista no templo de seu mais profundo ser e pode falar como Simeão: "Senhor, permite que teu servo parta agora em paz, pois que meus olhos viram tua salvação!"

Do mesmo modo como em nossos templos galgamos o lugar de serviço mediante três degraus e a ele estamos ligados já no primeiro degrau, assim também a ascensão evangélica para a liberdade se caracteriza por três fases. O nascimento de João já efetua a ligação com a liberdade. A fim de liberar essa fé redentora no coração, não se faz mister esforço sobre-humano, porquanto ali está "a jóia preciosa no lótus", o átomo de Cristo. Este átomo, situado à frente do santuário do coração, devido a sua natureza e estrutura, está inteiramente sintonizado com o campo de radiação divino. A jóia é iluminada pela Gnosis dia e noite, e nós temos apenas de caminhar nessa luz.

Não faz sentido e constitui prova de tensão nervosa ou de íntima má vontade, quando, ainda no início do caminho, insistimos em falar sobre o fim, ainda inteiramente oculto a nós por um nevoeiro. Procurai alcançar a glória e a luz do início atingível! Chegará então o dia em que todo o vosso microcosmo caminhará na luz, tal qual a jóia preciosa no lótus está na luz. Interrompei as contínuas tagarelices e as ponderações teóricas e, como verdadeiro maçom, tomai vossas ferreamentas e assentai vossa primeira pedra!



XIV

O EVANGELHO VIVO DA LIBERDADE

Como já observamos, existem milhões de entidades portadoras do átomo-centelha-do-espírito. Uma linha de separação corre por entre essas fileiras de seres tocados pela luz cósmica. Abaixo dessa linha de separação estão aqueles incontáveis grupos de buscadores que, conquanto possuam um átomo-centelha-do-espírito e, por isso, não encontrem tranquilidade interior, ainda se apegam inteiramente aos valores dialéticos devido à ignorância, à falta de suficiente iluminação, ao desencaminhamento intencional e a sua própria orientação para coisas terrenas.

Acima da linha de separação estão as entidades portadoras do átomo-centelha-do-espírito que, por necessidade anímica, compreensão e decisão própria, reagem à luz chamada da Fraternidade Universal. Essas entidades portadoras do átomo-centelha-do-espírito que estão acima da linha de separação podem ser divididas em três grupos, em três estados de ser. A Linguagem Sagrada os designa como: os crentes, os chamados e os eleitos, ou diferencia seus estados da seguinte forma:

1ª) O nascimento de João:

a primeira ligação com a luz libertadora, o antegozo da liberdade;

2ª) A fase profética de João:

a entrada a serviço da liberdade;

3ª) A fase batista de João:

a unidade elementar com a liberdade.

Aquele que sabe liberar no coração a fé redentora nos mistérios universais galga dessa maneira o primeiro degrau da libertação em Cristo e, com isso, junta-se aos que se encontram acima da linha de separação. Essa fé libertadora nada tem a ver com submissão à autoridade intelectual, ser arrastado por emoções místicas ou com o impulso do eu para automanutenção. Não, este primeiro estágio elementar de libertação se evidenciará microcômica, anatômica e corporalmente. Por isso, afirma-se que a verdade, a realidade, nos libertará.

Podemos sugerir a nós mesmos muitas coisas, podemos também iludir outros por muito tempo, mas somente fatos serão úteis para o aluno e lhe proporcionarão certeza interior. Trata-se aqui de um novo estado anatômico, que inicialmente se demonstra nos santuários do coração e da cabeça e, transportado pelo sangue, difunde-se por todo o estado de ser. Pela vibração mais elevada do átomo de Cristo, uma nova força sanguínea é liberada mediante o timo – um novo hormônio!

Esta nova força sanguínea corre primeiro através do *Jordão*, ou pequena circulação do sangue, alcança o santuário da cabeça e seus centros e transforma o novo estado de fé-certeza em realidade quando o átomo luciferino, ou refletor, no santuário da cabeça, começa a demonstrar alguma capa-

cidade ou inclinação à projeção, isto é, quando começa a reagir positivamente aos impulsos do átomo de Cristo. Se esta capacidade está claramente presente, no mesmo momento, Jesus é batizado no Jordão, isto é, a nova força sanguínea, o novo hormônio do átomo de Cristo, pode fazer valer sua influência em todo o sistema controlado pelo eu dialético. Jesus inicia então sua peregrinação no pequeno mundo do aluno.

Esses processos se tomam possíveis quando o eu dialético recua psicológica e fisicamente diante do eu-Cristo: o aluno submerge em Jesus, o Senhor. João é preso e decapitado. Sobre esta base corpórea se apóia o tríplice processo de libertação. Quem sobe ao primeiro degrau deste caminho fornecerá provas disso com sua inteira atitude de vida e com todas as suas ações, sem qualquer forçamento e de maneira completamente natural.

Todo esse caminho nos é descrito rigorosamente no Evangelho. A despeito de todas as mutilações a que lamentavelmente foi submetida a Escritura Sagrada, a verdade ainda se irradia através de todos os véus deliberadamente tecidos. Só podeis ler essa verdade, contudo, quando o Evangelho for escrito em vossos corações. Daí em diante, não desperdiçareis nenhuma palavra com fanfarronices místicas e ocultistas, as quais olhareis, no máximo, apenas com um sorriso, pois quem pode ler a verdade da única maneira possível é vosso companheiro nos mistérios cristãos. Vossa atitude de vida e a de vosso companheiro estão, assim, dirigidas para as mesmas coisas, e qualquer mal-entendido é impossível – há, então, unidade, liberdade e amor. Quem é diferente e age diferentemente, quer em sentido intelectual, quer místico, dá testemunho, mediante tal comportamento,

de que não conseguiu ainda encontrar Jesus, o Senhor, em seu Jordão da vida. Tal encontro não pode ser forçado.

Sede, portanto, silenciosos, não desperdiceis palavras, irradiai amor e “sede sábios como as serpentes”! A grande Fraternidade dos homens não precisa ser fundada, pois ela já existe em todos os que se encontram acima da linha de separação. Estareis claramente cômnicos disto tão logo o Evangelho seja escrito em vossos próprios corações.

Quando um aluno se aproxima da Escola Espiritual por verdadeira necessidade interior – com convicção absoluta de que precisa abandonar esta natureza a fim de, como microcosmo, ingressar na outra natureza e chega a essa compreensão baseado no inextinguível fogo da experiência, como buscador e escravo abaixo da linha de separação – ele nasce como João. Esta é a primeira página do Evangelho. Após algum tempo o átomo de Cristo, mediante o timo, começa a produzir nova força sangüínea. Jesus, o Senhor, o Salvador, nasceu. Esta é a segunda página do Evangelho.

João cresce, e Jesus cresce. A idéia vivente do caminho endurístico amadurece em João, e ele dá prova disso. O espelho sujo, embaciado, do átomo refletor no santuário da cabeça se torna cada vez mais límpido, sua superfície é limpa, e Jesus, recém-nascido, cresce em força e graça. Esta é a terceira página do Evangelho.

E – como poderia ser diferente? – no momento exato João vê Jesus atravessando o Jordão. A nova força sangüínea pode fazer-se valer no santuário da cabeça em sentido libertador. João batiza Jesus e se afasta. O eu da natureza se entrega prisioneiro ao ser da natureza de Cristo. A quarta página do Evangelho é escrita no sangue.

João foi aprisionado, mas não é comovido misticamente

nem é um especulador intelectual. Ele é o observador objetivo que se liberta de toda a imaginação. Por isso, quando a nova força sanguínea brame em todas as fibras de seu ser, e Jesus já iniciou sua peregrinação e chamou seus discípulos, João envia um mensageiro a Jesus com a importante pergunta: "Sois aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?" Percebeis que, ao colocar-se este problema no próprio ser, um controle contínuo é exercido sobre uma possível imaginação, sobre a garra da esfera refletora? Assim, o aluno lê a quinta página do Evangelho em seu próprio sistema.

Jesus começa a chamar seus doze discípulos e a dar-lhes os primeiros ensinamentos. Quem são esses doze discípulos? São os doze pares de nervos cranianos que se ramificam, qual ramos de árvore, do santuário da cabeça, controlam e governam todo o sistema. Quando existir um novo estado de consciência, esta nova consciência, a nova alma, terá também de conhecer, guiar e impelir todo o ser. Os doze pares de nervos cranianos devem, por isso, ser submetidos inteiramente ao controle da nova força sanguínea. Eles devem estar totalmente sintonizados com ela a fim de tornar-se verdadeiros servidores, discípulos do Senhor.

Assim, as páginas do livro sagrado da vida são viradas após o rompimento dos selos. Todas essas páginas testemunham do caminho da cruz, do declínio do velho ser-eu em Jesus, o Senhor, e todo esse processo é registrado nas tábuas do coração. Vemos, claramente, que essa trilha evangélica da cruz não é nenhum sofrimento intenso nem drama horripilante com esgotamento físico e faces emagrecidas e carregadas de dor, mas um caminho de alegria, uma mensagem jubilosa que grava indelevelmente sua linguagem sagrada no ser do aluno.

É um caminho que conduz à ressurreição, pois enquanto a moradia terrena é demolida de acordo com o plano, um novo lar de Deus, não construído por mãos, cresce, a saber, a imagem do homem imortal¹¹. Quando esta imagem foi concebida, nasceu, cresceu e se tornou adulta, é dito aos candidatos: “Convém-vos que eu me vá – e vos enviarei o Consolador, o Espírito Santo. Ele dará testemunho de mim”. E Jesus se afasta; a nova força harmoniosa suspende seu trabalho após haver completado sua tarefa.

E agora, a última, a mais formidável página do Santo Evangelho é escrita como que com toques de trombetas e com violência de tempestade, pois o imortal, o imperecível, o recém-nascido penetra o ser preparado por Jesus e preenche toda a casa. O fogo de Pentecostes irrompeu. O verdadeiro Círculo Apostólico se formou.

E vede, o Apocalipse, o Livro das Revelações, é agora desvendado. O Círculo Apostólico vai por todo o mundo com suas boas-novas e escreve suas cartas às sete comunidades de possuidores de átomo-centelha-do-espírito, explicando o processo, chamando, auxiliando e salvando. Assim, afinal, é formada uma multidão incontável, vestida de túnicas brancas, puras, adquiridas do sangue da terra. A áurea linguagem do Evangelho, insculpida nos corações, termina com um pedido em favor daqueles que pertencem à grande Fraternidade dos homens, mas que ainda não chegaram: *A graça do Senhor Jesus esteja com todos vós!*

Isto significa, irmãos e irmãs, que estais no início da revelação cristã de salvação:

Possa a força sanguínea do átomo de Cristo em vós em breve libertar-vos! Possa o Evangelho ser escrito em vossos corações, do princípio ao fim, até a última letra!

11. Ver págs. 48/49.

Essa é a bênção apostólica do Círculo Apostólico, os habitantes do Terceiro Templo. Essa bênção difere de todas as outras por sua força. Ela não é apenas um desejo devoto, pois esse pedido conseguirá comover até um coração quase empedemido e insensível, desde que nele ainda exista uma centelhazinha de vida. Aquele que é despertado por esse grito do coração das últimas palavras do Evangelho é advertido, já com as primeiras palavras, a começar, pois somente a verdade, a realidade, poderá libertá-lo. Talvez saibais agora o que vem a ser a leitura e o estudo do Evangelho, e compreendereis, então, o que significa a pregação do Evangelho.

Talvez possais agora irromper numa decisão verdadeira, a de deixar para trás, definitivamente, todo o dano que o misticismo natural e o ocultismo vos causaram. Isso permanece nas cabeças e nos corações qual imenso lastro. Deveis livrar vosso templo de tudo isso. Eis uma página do Evangelho que não deveis esquecer. Lembrai-vos de que o caminho que conduz à libertação é o caminho da automação!

Segundo a natureza, talvez suponhais que, eventualmente, sereis objeto de um esforço especial e pessoal de hierofantes e em dado momento amplamente providos de mestres e adeptos. Isso contudo está totalmente fora de cogitação!

Existe uma radiação de Cristo fundamental, universal e cósmica. Ontem e hoje, bilhões de anos atrás e agora, essa radiação era e é exatamente a mesma. Ela não muda. Essa graça universal é e permanece eternamente imutável em si mesma. Ela é a mesma radiação que desassossega as entidades portadoras do átomo-centelha-do-espírito situadas abaixo da linha de separação, pondo-as em desespero no mundo, e conduz o aluno-candidato ao reino imperecível. É a mesma força que faz o buscador pecador cair em seu des-

caminho e induz o Círculo Apostólico aos assim denominados milagres.

Nessa radiação universal, o inteiro trabalho deve e pode ser realizado. Ao que pede mais, exige mais e apaixonadamente anseia por salvação, a ele são ditas as palavras: *Minha graça vos basta!*

Deveis acima de tudo lembrar essa página do Evangelho, porque, se esquecerdes essa lei primordial de libertação, vosso destino será igual ao de incontáveis indivíduos que não a conheceram ou já a esqueceram. Então a esfera refletora virá a vosso encontro. Hordas de mestres e adeptos chegarão, e todos terão aquilo que desejam. E, então, também é escrita em vossos corações uma linguagem, mas esta é a linguagem do sofrimento. É a grande farsa, a horrível paródia do Evangelho da liberdade. Uma via dolorosa tal qual é apresentada pela hierarquia terrena será vossa revelação de salvação. Todos podem candidatar-se a essa hierarquia com suas múltiplas subdivisões, libertar-se da roda às expensas de outrem e subir às mais excelsas regiões da esfera refletora, o núcleo do campo de Lúcifer. É um estado de ser que tem de ser continuamente defendido. Para alçar-se a esse *devakan**, tem-se de trilhar caminhos que coincidam perfeitamente com o caminho do imenso sofrimento da cultura e da divisão de personalidade.

No passado, existiram muitos que compreenderam e ensinaram que esse *devakan* é, de fato, o ápice da ilusão, e que o candidato, por fim, terá também de renunciar, voluntariamente, a esse assim denominado céu eterno. A Escola Espiritual vos mostra, entretanto, um caminho sem par, um caminho prático, um caminho de alegria e felicidade, o caminho universal. É o caminho em que, por meio da auto-

maçonaria, por meio do auto-aniquilamento, chegaremos a alçar-nos diretamente ao campo universal exterior de radiação cósmica.

Contentai-vos com essa graça inabalável! Segui o caminho dos mistérios universais de Cristo e proclamai estas alegres novas, escrevendo o Evangelho libertador em vossos corações!



O CONHECIMENTO DA NATUREZA DA MORTE

Deveis estar lembrados de que já falamos a respeito da origem dos sólidos, líquidos e gases da esfera química do mundo material, e explicamos que todos eles provieram de éteres existentes em determinados estados na esfera refletora.

Esses estados etéricos fundamentais são determinados pelo campo magnético de nossa ordem natural, ao passo que a natureza deste campo magnético é, por sua vez, o resultado das forças naturais de um dos estratos terrestres, as quais reagem exatamente ao caráter e ao comportamento do homem. Tem-se de ver claramente que o próprio homem criou este desconsolador campo de vida e ele próprio conserva as paredes de sua prisão, pois *fora* da esfera material e de sua esfera refletora, as condições etéricas são totalmente outras, visto que os éteres intercósmicos se originaram direta e harmoniosamente da substância-raiz primordial.

Todavia é sempre bom levar em conta a possibilidade de que muitos alunos ainda não possuem essa clara compreensão. Pode ser que já tenhais averiguado bem a realidade desses fenômenos dialéticos e concordeis inteiramente quando a Escola Espiritual diz que vos falta, porém, compre-

ensão das causas desses fenômenos. A falta desse conhecimento é um perigo, um fator funesto e retardante em vosso desenvolvimento como alunos. Se deveras existisse a compreensão das causas concernentes à existência deste nosso campo dialético, muitos na Escola Espiritual reagiriam com espontaneidade e de modo totalmente diverso.

Os alunos na antecâmara ainda reagem demasiado no plano horizontal. Esse fato sempre indica ausência de compreensão clara. Nessas reações se luta, apesar de toda a luta significar desperdício de energia, e se é inativo quando as ações são absolutamente necessárias. Assim, muitas pessoas preenchem seus dias com futilidades e estão febrilmente ocupadas com o supérfluo, não obstante possuir, como conseqüência da dor, das provações da dialética e da nostalgia do lar despertada pelo átomo-centelha-do-espírito, disposição para trilhar a senda.

Nesse estado, portanto, só há *uma* saída: conhecer primeiramente as causas da queda da humanidade.

Estamos convencidos de que muitos pensam conhecer uma coisa ou outra acerca da queda. Podeis, talvez, citar pilhas de livros ou dispensá-los, visto que as bem exercitadas câmaras de vosso hemisfério cerebral direito estão repletas de conhecimento. Em primeiro lugar, vêm a Bíblia e os representantes de outras tradições sagradas. Ouvimos novamente de Adão e Eva, do Paraíso e da serpente; de "comerás teu pão do suor de teu rosto" e de "em dor darás à luz teus filhos"; da torre de Babel e da confusão de línguas; do dilúvio e da embriaguez de Noé. A seguir vêm os intermináveis comentários ocultistas e místicos: "Assim está escrito" e "esta é a interpretação". "Naquele tempo começou e assim prossegue. Estamos agora metidos nessa confusão e somos mes-

mo tal como somos.”

Todos nós temos dores no pescoço de tanto olhar para trás, para o passado primordial. Temos opiniões diferentes, pois o campo da história superficial está cheio de especulações, e também o está o campo da memória da natureza, pois não há duas pessoas que, sendo capazes de ler nessa memória, nela leiam igualmente. Em consequência de mal-entendidos, novos livros são escritos, e seguimos novas autoridades, até que estas, finalmente, escamecidas e rejeitadas, são substituídas por outras.

Admitamos ter estudado toda a literatura mundial sobre as causas da queda e que, a esse respeito, reuníssemos formidável cabedal de conhecimento imediato. Seríamos então conhecedores? Seríamos então unânimes nesse conhecimento?

Certamente que não! Nesse campo, o autor deste livro pode também falar de sua própria experiência. Desde o instante em que uma criança consegue ler, até determinado momento psicológico, devoramos bibliotecas inteiras, para desespero de todos os educadores. Reagimos a uma imensurável fome intelectual, mas nos afogamos na fadiga inútil de milhares de línguas. Quantos soçobraram em tal tempestade, neste impulso intelectual tão imenso?

Somente aqueles que mergulham nessa violenta tempestade e dão ouvidos a esse impulso porque desejam ser “pescadores de homens” são salvos desse mar acadêmico pela rede da Fraternidade Universal e atirados na terra da realidade concreta, isto é, da realidade do *agora* e do *aqui*.

Vós podeis, sim, tendes de determinar as causas de nossa queda a partir da realidade do *agora* e do *aqui*. Não ten-

des de procurar essas causas em ancestrais desconhecidos, deveis encontrá-las em vós próprios!

Muitos se debatem, cheios de mortal agonia, no mar acadêmico de seu impulso buscador intelectual e místico. Nesse mar, a Fraternidade lança sua rede, rede que não foi tecida com palavras, mas consiste em um método para o autoconhecimento fundamental. Quem realmente conhece a si mesmo possui uma compreensão clara, e, conseqüentemente, abre todo o seu sistema às forças auxiliadoras, as quais transfiguram o sistema. Nesse processo de salvação, vós mesmos vos tornais um dos cordéis da rede de pescar e, juntamente com outros afogados, pescadores de homens. Por isso, encimando a entrada dos antigos templos de mistérios, estavam as palavras: "Homem, conhece-te a ti mesmo!" Quem se conhecia a si mesmo podia adentrar o portal do templo, irromper no santuário e santificar-se, isto é, fazer-se são.

Quem está em perigo de afogar-se no mar acadêmico, nele caiu por causa do imenso impulso do átomo-centelhado-espírito e dos milhares de problemas da existência. Todos eles estão ocupados em pescar nesse mar a pedra filosofal. Jesus, o Senhor, lhes fala: "Segui-me, e eu vos farei pescadores de homens!" Seguir Cristo significa, principalmente, compreender, de modo claro, que o próprio homem criou seu desolado campo de existência e conserva as paredes de sua prisão. Quem sobe a esse primeiro degrau vê diante de si, sem dúvida, o segundo.

Nosso microcosmo é comparável a uma pilha atômica¹² que é alimentada por:

12. Ver págs. 94/96.

éter refletor – em parte na forma de hidrogênio;
éter luminoso – em parte na forma de oxigênio;
éter de vida – em parte na forma de nitrogênio;
éter químico – em parte na forma de carbono.

Esses são os quatro alimentos da pilha atômica humana.

Por que recebemos esses alimentos? Por que, em consequência disso, ocorre combustão na pilha? Para que os processos de vida sejam possíveis. Processos de vida são processos de produção. Os quatro éteres, nas condições em que os recebemos para serem utilizados em nosso sistema, são a origem das diversas substâncias e forças produzidas em nossas pilhas de vida.

Tomemos, como exemplo, o processo respiratório. A substância que inalamos é totalmente diferente daquela que exalamos. Entre outras coisas, exalamos gás carbônico, que é um óxido de carbono, um produto de combustão, uma transformação do éter químico.

É possível que conheçais várias propriedades do gás carbônico. A atmosfera o contém, sem dúvida, porque ele é produzido durante o processo respiratório de homens e animais e também durante a combustão ou decomposição de substâncias orgânicas. Sem mais nada, nossa atmosfera certamente conteria mais e mais gás carbônico, o que poderia ser fatal, visto que uma chama se extingue imediatamente quando entra em contato com ele. Todo o processo de combustão se tornaria impossível na presença de tal excesso de gás carbônico na atmosfera, e toda a vida poderia ser literalmente sufocada.

Como auxílio contra esse perigo, aparece o reino vegetal. As folhas das plantas absorvem gás carbônico e exalam oxigênio. O reino vegetal evita assim que, em dado momento,

nos sufoquemos com o produto de nossas próprias pilhas de vida. Investigadores averiguaram até que ponto a atmosfera pode ser saturada com gás carbônico sem causar a morte de um ser humano. Segundo eles, um ser humano normal pode resistir à concentração de 5% de gás carbônico num ambiente. Observem, porém, que este gás está sempre presente na atmosfera, embora numa percentagem bem menor!

Agora pensai em vosso lar, em vossa sala de estar, em vosso pequeno jardim! Grande parte de vossa vida decorre em vosso lar. Nele respirais e assim produzis gás carbônico. Todas as plantas em vossa casa, em vosso quarto e em vosso jardim, respiram à vontade o gás carbônico que produzis.

Para vós bem como para as plantas isso é uma bênção, pois se não houvesse gás carbônico, não haveria plantas, e não havendo plantas, sufocarfeis! O reino vegetal e sua proteção são, portanto, necessidade vital para todos os seres humanos dialéticos. Quanto mais decomposição e mais consumo houver, tanto maior a quantidade de gás carbônico. Quanto mais gás carbônico, tanto mais plantas, e quanto mais plantas, maior segurança de vida para todos nós.

As plantas devolvem pois oxigênio em troca do gás carbônico que recebem de vós e de vosso gato. Contudo, não é oxigênio integral, mas um derivado dele. Pode-se dizer que ele se assemelha ao éter luminoso, mas é um tanto escuro, e sua vibração, muito mais lenta. Esse oxigênio inferior das plantas se mistura outra vez com oxigênio da atmosfera. Novamente o inalamos e produzimos novo gás carbônico...

Talvez vejais agora diante de vós essa corrente de vida e concluais que viveis da misericórdia do reino vegetal! Talvez descubrais também que tudo isso, considerado corretamente, é um processo assustador, muito duvidoso e mesmo degene-

rativo. Antes que o explanemos, porém, desejamos falar-vos acerca de algo mais. O gás carbônico é um subproduto do éter químico, mas os outros três éteres também são transformados em nossas pilhas de vida. Assim como o gás carbônico é mortífero para nós, também o são os outros derivados em igual ou mesmo em maior medida.

O subproduto do carbono torna o reino vegetal necessário a nossa sobrevivência. Pois bem, os subprodutos do éter de vida, nitrogênio, do éter luminoso, oxigênio, e do éter refletor, hidrogênio, tornam necessários, além do reino vegetal, o reino* animal, o reino* dos insetos e micróbios e o reino* dos elementais, mais uma vez, por nossa causa, pois esses reinos assimilam todas as coisas pelas quais logo pereceríamos! Eles existem, eles vivem, literalmente, de nossas radiações mortais e nos devolvem o produto decomposto dessas radiações¹³.

É pois de admirar-se que esses reinos – que vivem e provêm dos vapores letais de nossa existência automantenedora e afastada de Deus – se persigam, destruam, devorem, mutilem e infectem? Como é possível ver beleza nisso? Como é possível esperar algo disso? Vedes claramente diante de vós esse horror, normal segundo a natureza? Quem pode realmente *viver* neste inferno, caçadores de saúde?

Está agora claro para vós que viveis em estado de queda? Que, com vosso presente estado humano, ainda cooperais continuamente na queda? Que a humanidade está a ponto de precipitar-se, com pressa furiosa, num horror atômico destituído de toda a razão? Pode ser provado com precisão, de modo científico, que a cada segundo participamos

13. Ver glossário: "Reinos naturais subumanos".

duma catástrofe cósmica e com ela cooperamos e que – enquanto o homem original recebia outrora o alento de vida da Gnosis – nós, nesta ordem de existência, exalamos permanentemente o alento da morte. Mesmo uma criança pode compreender que os reinos naturais, necessários para proteger-nos de nosso próprio alento da morte, falham nessa tarefa.

O homem está usando cada vez mais alimentos sintéticos. Regiões cada vez maiores são desflorestadas e cultivadas, o perigo microbiano e os insetos venenosos são combatidos em escala crescente, as enfermidades são extirpadas, os cadáveres são queimados, e os animais são substituídos por máquinas. Sim, que mais não faz o homem em sua existência automantenedora? Ele combate perigos, mas com isso desencadeia outros. É um esforço vão. As forças difusoras da morte, produzidas pelas pilhas de vida humanas e que já não podem ser completamente absorvidas pelos reinos protetores da natureza, se tornam cada vez mais numerosas e abrangentes. O alento da morte ganha cada vez mais terreno, e a consequência não pode ser outra senão uma explosão atômica, a qual é por nós designada como "revolução cósmica".

Sabeis que todas as enfermidades que flagelam a humanidade são causadas por um dos reinos* subumanos da natureza, por reinos, portanto, necessários à transmutação de alguns produtos de nossas pilhas de vida, produtos perigosos para nós? Pensai num mosquito, com seu ferrão venenoso, causador de muitas enfermidades. O inseto vive de produtos atômicos de nossas pilhas de vida. Ele nos ataca e pica em cega reação, pois toda a criatura se dirige, para sua manutenção, em autoconservação, a seu criador e sustentador.

Qual é a consequência? Os mosquitos são exterminados e isto é compreensível. Outros insetos, que os substituem em suas tarefas, são igualmente atacados em sua existência. Micróbios e diferentes espécies de vírus que atormentam nosso corpo, estão, pela mesma razão, sendo combatidos. Fazemos isto e precisamos fazê-lo porque não podemos fazer outra coisa! Quando, porém, alcançarmos êxito no extermínio desses germes causadores de enfermidades, seremos inteiramente vitimados pelo veneno principal produzido por nós mesmos, o qual, graças às funções biológicas dos reinos subumanos, experimentamos até agora na forma de doenças, uma reação retardada, portanto, *bem* enfraquecida.

Podeis imaginar tragédia maior? Combater enfermidades, buscar saúde e por este meio inalar, em grandes doses, os próprios vapores da morte!

Quem vê e vivencia claramente tudo isto, quem, do íntimo, possui esse conhecimento da natureza concernente ao estado humano, possui autoconhecimento. Tal pessoa já não permite que seus livros falem e cessa as furiosas tentativas de conservar sua cabeça fora das águas do mar acadêmico. Há nela uma só resolução e um só anseio: a resolução de acabar com seu estado atômico doentio, e o anseio do coração de salvação mediante o alento da vida.

*Assim como a corça anela pelas correntes de águas,
Minha alma anela por Ti, ó Deus!
Minha alma está sedenta de Deus, do Deus vivo.
Quando chegarei a contemplar a face de Deus?*



XVI

A ILUSÃO DA DIALÉTICA

No capítulo precedente tentamos fazer-vos participar de um novo conhecimento da natureza, objetivando conduzir-vos ao autoconhecimento, que é a porta para os mistérios do homem divino. Descobrimos a nua realidade da essência da dialética.

Vimos que a pilha de vida do homem dialético produz diversas irradiações e forças muito letais, que imediatamente o arruinariam existencialmente e fariam sua cadeia de existência totalmente impossível não fora a existência de alguns reinos naturais em nossa ordem mundial, que retiram sua *vida e existência* dessas mesmas forças e, portanto, absorvem parcialmente as irradiações letais da humanidade. A existência do homem dialético torna necessários os vários reinos subumanos naturais. Esses reinos devem sua origem e sua manifestação a nossos miasmas mortais, a nossa realidade de manifestação. É evidente daí que eles são inteiramente unos conosco e também provas das causas de nosso destino, de nosso *karma*. Portanto, embora tencionados como preservadores de nossa vida, ao mesmo tempo constituem nossa ameaça, nossos inimigos e, de acordo com a causa primária de sua existência, também estão em conflito uns

com os outros.

O homem dialético produz uma imensa e multiforme força nefasta. Conquanto essa força seja temporária e parcialmente contida pela presença dos reinos naturais em questão, ela o alcançará durante sua vida, de diferentes modos, pela ação da lei de causalidade. Destarte o verdadeiro buscador da senda de libertação percebe em que terrível ordem mundial ele vive e que, já meramente em virtude das funções de seu ser, é cúmplice da tragédia mundial. Ele está convencido de pertencer, com seu inteiro microcosmo, a uma ordem mundial não divina e dela participar. Todo o seu coração, portanto, tem sede de Deus, de uma realidade divina absoluta pela qual ele sabe ser chamado. Com isso, o aluno vai tornando-se cada vez mais consciente de sua incurável realidade dialética.

Quem ainda não possui essa consciência perceptiva de si e do mundo prosseguirá em seu esforço de realizar seus desejos na linha horizontal. Ele continuará a aspirar aos prazeres terrenos e a perseguir as "coisas boas da vida", como são denominadas. Exultará com as pretensas posses e sentirá profunda dor quando elas desaparecerem qual miragem. Essa perseguição e esse desapontamento virão e desaparecerão muitas vezes, mantendo o homem extremamente ocupado por muitos anos, talvez por muitas vidas, até que, em virtude dessas contínuas experiências dolorosas, a realidade do verdadeiro conhecimento da natureza finalmente desponha em sua consciência.

Então o buscador e escravo já não *cita*, mas *vivencia* a verdade das palavras do Pregador: "Tudo é vaidade e aflição de espírito". Tudo aqui é vã esperança, ilusão e perfeito logro. Ademais, tudo é dor imensa, tragédia indescritível. "Por-

tanto”, diz ele, “suspendo todos os meus esforços na linha horizontal em favor do pensar, do sentir, do querer e do agir, e elevarei os olhos para as montanhas, de onde me virá o socorro.” Enquanto ainda buscais a realização de vida nesta natureza, enquanto perseguis esperanças burguesas, sociais, políticas ou humanísticas nesta ordem de natureza, não tendes ainda esse ponto de vista. Não se pode forçar-vos a aceitá-lo nem podeis elevar-vos a ele mediante uma decisão. Deveis crescer e amadurecer para ele pela experiência. Tendes de possuir o conhecimento empírico absoluto de que vossa pilha de vida produz e espalha morte em *todas* as suas atividades. Essa morte é absorvida pelo que denominamos “reinos de vida”, que em essência, contudo, nada têm em comum com a vida e expelem vossos produtos letais sob numerosas outras formas. Destarte vossas forças letais lançam e desencadeiam infortúnios qual uma reação em cadeia, e portanto vossa existência, no sentido mais verdadeiro, é produtora de dor, morte e tormento.

Quando possuídes esse conhecimento, essa compreensão, já não co-participareis desse redemoinho de tormento; primeiro, porque provastes a realidade dialética até o âmago e, segundo, porque já não vos tomareis vítima de nenhuma ilusão, qualquer que seja.

Estes são os dois pilares sobre os quais o discipulado tem de assentar-se, pois eles capacitam o homem a orientar-se completamente para o alvo único da realidade divina. Somente então ele pode verdadeiramente buscar e bater à porta dos mistérios divinos. A ele é dito: “Procurai e achareis, batei e se vos abrirá!”. Unicamente aí ele poderá emitir o verdadeiro brado por salvação.

Nossos pedidos de socorro geralmente são conseqüên-

cia de apuros secundários, causados por nossas concessões à ilusão e pela ausência de verdadeiro conhecimento da natureza. Muitas vezes, mal um apuro acaba de deixar-nos, já estamos diligentemente procurando criar motivos para nova dificuldade.

Todavia, o pedido de socorro, sempre atendido pela Fraternidade, é a consequência de um estado de alma em que, de acordo com as palavras de Buda, subsiste claramente a idéia de que se esta terra fosse tudo o que os poetas dela sonharam, toda a maldade fosse varrida, todas as dores terminassem, todas as alegrias se tornassem mais íntimas, todas as belezas tornadas sublimes, e tudo aqui chegasse ao fastígio da perfeição, a alma estaria, não obstante, cansada de tudo isso e, despojada de todos os desejos, se afastaria dessas coisas. Esta terra dialética se tornou então uma prisão para ela, e, por mais magnificamente adomada que esteja, a alma suspira pela atmosfera livre e infinita além das muralhas que a rodeiam. O assim chamado mundo celestial da esfera refletora também lhe é tão pouco atrativo quanto a esfera material. A alma está igualmente cansada dele. *Essas alegrias celestiais também perderam totalmente seu poder de sedução.*

Para uma criatura nesse estado, os deleites mentais e emocionais já não produzem a mínima satisfação. Com efeito, eles vêm e vão, transitórios que são, tal qual a percepção dos sentidos. São limitados, passageiros, insatisfatórios. A alma está fatigada de todas essas mudanças e é devido a essa fadiga que ela clama por libertação.

Muitos buscadores já terão conhecido um dia esse estado de ser, essa idéia da inutilidade de tudo, mas, na maioria

dos casos, não terá passado de lampejo de consciência, após o que as coisas exteriores terão voltado a exercer seu completo domínio, e a cegueira da ilusão, com suas alegrias sedutoras, uma vez mais terá embalado a alma em um estado de contentamento.

Compreendereis que a ilusão se nos apresenta muitas vezes como alegria, beleza e magnificência. A ilusão deste mundo também nos apresenta muitas perspectivas que, em certo sentido, são altamente respeitáveis e nobres. Tais perspectivas nos são sugeridas por forças que se empenham ao máximo em transformar este mundo em uma *ordem* aceitável para a Gnosis e em harmonia com ela. Também essas sugestões podem ser, em certo sentido, denominadas nobres e respeitáveis. Assim, podem decorrer anos e vidas repletos dessas nobres obras. Nossos dias podem ser preenchidos com numerosos e extremados esforços altruísticos. Estamos sobrecarregados de ocupações humanas em todos os sentidos. Queremos melhorar e tornar saudável a humanidade. Perseguimos numerosos ideais práticos e nos regozijamos com os marcos alcançados.

A marca de todo esse devotamento altruístico, de todos esses esforços, de toda essa luta, é impressa em toda a nossa personalidade. Nossos olhos falam das distâncias que fizemos, de tudo o que acreditamos como certo no futuro. . . , mas ilusão é doença mental, loucura!

Se prestarmos atenção, veremos, por trás dos espelhos dos olhos, essa loucura arder qual fogo. Esse fogo da ilusão arde intensamente neste mundo. A arte, a ciência e a religião natural disso testemunham. Esse fogo arde no ocultismo natural e no humanismo.

Esse charco de fogo, esse incêndio ígneo não é atizado por perversidade consciente e propositada. Essas labaredas vermelhas sobem até o céu, porém, como um esforço potente e contínuo de tornar esta ordem mundial aceitável e de fazer com que todas as forças divinas trabalhem para este plano.

A maior fraternidade ocultista natural de todos os tempos trabalha na execução deste plano, conquanto sem o menor sucesso. Ela trilhou todos os caminhos para a consecução de seu objetivo e, embora sua intenção, de certo ponto de vista, fosse nobre e altruísta, ela começou no passado remoto a aplicar a coação a fim de realizar, custasse o que custasse, seu ideal. Coação, porém, exige poder, e para fazer valer o poder, necessitam-se de recursos de poder. Descobris o drama dessa fraternidade, consequência absoluta da loucura?

Ela se precipitou num abismo de imensa profundidade. No propósito de eliminar tudo o que se lhe viesse opor, instituiu suas próprias leis, julgou e emitiu sentenças. Para a execução duma sentença são necessários os meios. Destarte, os meios foram criados.

Assim vieram as prisões, as câmaras de torturas e os combates sangrentos. Havia e há agora um aprisionamento quase geral de toda a humanidade. Somos prisioneiros desta natureza não somente em razão de nosso estado natural, mas também como resultado da magia da aludida fraternidade. Em cada bairro de nossas cidades, em cada vilarejo e em cada povoado de vasta parte do mundo, há edifícios em que a magia para a prisão permanente é exercida, de modo que incontáveis milhões de seres humanos jazem amarrados segundo corpo e alma, e outros milhões são obstaculizados, em grande extensão, em sua liberdade de movimento.

Com o auxílio de métodos muito antigos, oriundos da

velha Atlântida, perniciosas preparações de éteres são irradiadas na atmosfera hora após hora. Numerosas subcorrentes de magia negra são, portanto, conseqüência do nobre objetivo original, nascido da ilusão fundamental da dialética. Assim como a mencionada fraternidade mantém a esfera material em suas garras, do mesmo modo seu poder está firmemente assentado na esfera refletora. Aí também ela impera, com suas companheiras, por meio da magia.

Após esta explanação, talvez possais imaginar o que significa a excomunhão de um ser humano por esses ocultistas naturais. Ele é atingido por uma irradiação pessoalmente dirigida e oposta a sua vibração de vida, tanto aqui como na esfera refletora. O que isto significa para alguém que nada conheça da vida libertadora, vós podereis imaginar. Quando esse ser humano morre, é imediatamente acochado no Além por violenta força inquietadora, de maneira que, geralmente, ele logo é forçado, na maioria dos casos, a uma encarnação que lhe é completamente determinada de fora.

Confrontamo-vos com essa realidade, que a nenhum de nós deixa de molestar, com a intenção de mostrar-vos aonde toda a ilusão invariavelmente nos conduz. Primeiramente se é Judas, o Nobre, o Grande Idealista, o homem que deseja ser pescador e salvador de homens. Então Judas se torna um discípulo chamado e, como tal, assume a administração de valores extraordinariamente grandes.

Quando o caminho de Cristo se desvia desta natureza, e a voz proclama: "Meu reino não é deste mundo!", Judas, se não tem conhecimento da natureza nem consegue compreender a ilusão, e, por conseguinte, não quer nem deseja trilhar o caminho, será primeiramente um estrategista e procurará um acordo. Por fim, acabará em traição e assassinato.

Entretanto, esta perversidade, nascida da bondade deste mundo, essa lei irresistível da dialética, transmutando tudo que é bom em mau, não consegue agarrar nem um filho da Gnosis! O resultado de todo o esforço mundano, de toda a dialética organizada, será, no mesmo instante, autodestruição – qual o fim de Judas – já que o vermelho da manhã da ressurreição tinge o horizonte oriental. Portanto, se desejais colocar o pé no caminho, o vazio e a inutilidade de todas as aparências e esforços dialéticos têm de converter-se em permanente idéia consciente de vossa alma. Então compreendereis que mesmo os esforços mais altruístas e mais nobres, iniciados e mantidos na ilusão, terminarão, cedo ou tarde, irrevogavelmente, em crime contra a luz universal.

Sem esse discernimento, sem haver atingido esse estado preparatório de libertação, ninguém colocará o pé no caminho ou transporá a primeira porta dos mistérios. Quando, porém, tiverdes irrompido nesse estado de consciência, estareis ante a porta da senda. Somente então renunciareis à poeirenta e larga estrada dos giros da roda para galgar a montanha do templo, firmemente decididos a escapar da escravidão da vida na esfera material e na esfera refletora e a conquistar a liberdade do cume da montanha da realização.

Colocar o pé no caminho não significa ainda atingir a grande meta, mas trilhar um caminho que para lá conduz. Um caminho em que todas as coisas desta natureza, caso tenham penetrado o microcosmo ou crescido com ele, e todas as que, fundamentalmente, nele estão corrompidas, têm de ser radicalmente abandonadas. Destarte, passo a passo, todas as condições são criadas para transfigurar todo o ser numa nova luz e numa nova força.

Presentemente, há alunos que deram os primeiros pas-

sos hesitantes no caminho. Eles podem banhar-se na graça da nascente alvorada. Sentimo-nos na obrigação, em seu benefício, de proclamar séria advertência, com a maior ênfase, em razão dos grandes perigos no caminho de transmutação e de transfiguração, sendo um dentre eles da mais notável espécie. Se cairdes vítima desse perigo, começareis a duvidar do poder absoluto, da realidade do caminho, e a seguir negareis o caminho transfigurativo. Finalmente, sereis de modo irrevogável arrastados a atos diretamente opostos à Escola Espiritual, e depois tentareis destruí-la.

Essa assinatura tríplice da traição – dúvida, negação e ameaça – é tão extraordinariamente clássica que podeis encontrá-la em qualquer parte da história do mundo e até no momento atual. Pensai, por exemplo, em Agostinho, outrora discípulo dos maniqueus*, que mais tarde se tomou um dos fundadores da supramencionada fraternidade.

Todas as fraternidades dialéticas na esfera material, assim como as da esfera refletora, com todos os seus hierofantes, adeptos e candidatos, devem sua origem e existência a esse grande perigo inicial do único caminho verdadeiro.

Todas as fraternidades dialéticas têm sido fundadas por candidatos fracassados de escolas transfigurativas e preenchem suas fileiras com os que, pela mesma razão, passam também por essa mesma experiência hodiernamente. Assim, dúvida, negação e ameaça não chegam à Escola somente de fora, mas têm origem em sua própria antecâmara!

Primeiro vem a dúvida, que é ainda um estágio negativo. Depois se desenvolve uma atividade que se vai tornando cada vez mais veemente: a negação, inicialmente experimentada no próprio coração, é transmitida a outros. A princípio secretamente e depois premiada por crescente impulso inte-

rior, é declarada de maneira cada vez mais aberta.

A seguir essa negação toma forma, é organizada, toma-se um plano. Como não poderia deixar de ser, o plano é descoberto, assim como os primeiros vagos sinais já haviam sido reconhecidos. Quando, na Escola Espiritual, todos estão à mesa para alimentar-se do pão celestial, o pedaço é propiciado mui conscientemente àqueles portadores da assinatura de Judas, e as palavras mantrâmicas ressoam: "O que queres fazer, faze-o depressa!"

Por conseguinte, Judas sai para a noite do próprio eu, de modo a prosseguir do estado de negação para o de ameaça, que somente pode ter *um* fim, um fim fatídico.

Que espécie de perigo é esse, por que muitos foram e serão vitimados?

É o perigo das duas pessoas, das duas existências no microcosmo.



XVII

AS DUAS FORMAS NO MICROCOSMO

Um fantasma tríplice ameaça o aluno no início do caminho: o fantasma das duas personalidades, ou duas existências, no microcosmo. Todo o aluno que deseja seguir o caminho de transfiguração encontrará esse fantasma de forma tríplice.

Em primeiro lugar, ele semeará no aluno a dúvida, entre outras coisas, sobre o caminho de renascimento, como este é proclamado e tomado possível pela Doutrina Universal, dúvida que é suscitada de modo bem natural. Em segundo lugar, se a dúvida encontrar terreno favorável no aluno, a negação se apoderará dele. Em terceiro lugar, ele partirá para a ameaça. Ele ameaçará todo o servidor da Doutrina Universal e toda a atividade autêntica da Escola Espiritual fidedigna, sim, terá de ameaçar, por medo e oposição, por necessidade e ira, pois ele quer sufocar a própria voz interior do átomo-centelha-do-espírito.

A luz da Gnosis, que brilha em todos os corações, constituiu-se em obstáculo para tais alunos. Eles se lhe opõem, tentarão extingui-la. Compreendereis, sem dúvida, que isso é impossível. Por este motivo, dissemos-vos que tal atividade tríplice só pode ter *um* fim: suicídio, a morte espiritual do alu-

no desencaminhado e de seus partidários, exaltação e aceleração de seu declínio dialético.

Nesse drama, representado em todos os períodos da história mundial, o elemento trágico é tão forte, angustiante e, infelizmente, totalmente inevitável para tantos, que julgamos necessário falar do assunto em forma de orientação e advertência. Os ensinamentos e explicações relativos às duas existências no microcosmo sempre pertenceram à parte mais secreta do trabalho da Fraternidade. Sempre foram transmitidos oralmente àqueles que deles necessitavam para encontrar seu caminho. Entretanto, no “período dos últimos dias” que a humanidade acaba de ingressar, muito do que estava até o momento oculto tem de ser revelado, precisamente pelas seguintes razões: uma revolução cósmica faz com que as possibilidades de ter-se sucesso na senda se tornem muito maiores e variadas do que o eram antes. Em consequência disso, o número de candidatos crescerá, e com isso o trabalho da Escola Espiritual se tornará mais abrangente. Enquanto anteriormente se tratava de um único candidato, breve milhares terão de ser ajudados. Esta situação significa que, dos lugares de serviço nos templos e mediante nova literatura, advertências, necessárias aos alunos, são transmitidas a todos os que estejam capacitados a compreendê-las. A forma em que as advertências são ministradas evitará abusos e reações desvirtuadas.

Os alunos devem saber que há três grandes obstáculos antes de encontrar-se o verdadeiro caminho: o primeiro é nosso ser-eu e todas as ilusões da esfera material; o segundo provém da esfera refletora e de todas as forças e entidades aí ativas; o terceiro, até o momento quase não mencionado, provém inteiramente do próprio microcosmo, especial-

mente, de sua parte menos conhecida, o ser aural. Este terceiro obstáculo exerce completa influência quando o aluno ameaça escapar dos dois primeiros.

Já vos apresentamos o ser^a aural antes. Ele é um campo organizado de modo sétuplo em que todas as forças e órgãos do firmamento microcósmico estão presentes. Além da forma esférica facilmente imaginável, este ser aural também tem a forma de uma personalidade, personalidade de estatura muito maior do que a terrena, que conhecemos e somos nós. Não será difícil compreender que a personalidade aural é um ser-luz e, como esta personalidade traz em si os órgãos da *lipika*, pode-se falar com razão, em certo sentido, de um ser celestial, uma forma brilhante, cintilante e poderosa, de pelo menos 2 metros de altura, repleta de esplendor multidimensional.

Portanto, pode-se e tem-se de dizer que todo o microcosmo conhece duas personalidades: uma forma terrena e uma forma aural. Tendes de compreender bem, contudo, que essa celestial forma aural, quase ciclópica e dotada de grandes faculdades, certamente não deve ser confundida com a figura original que tem de renascer no microcosmo e será capaz de retornar ao reino humano original, o reino imutável. Por conseguinte, desejamos enfatizar que do mesmo modo que a figura terrestre do microcosmo, a figura celestial também tem de ser renovada pela transfiguração.

Particularmente na literatura ocultista natural, a personalidade aural é freqüentemente indicada como sendo o eu superior, o verdadeiro homem, o deus-em-nós, e o aluno é incitado a efetuar união perfeita com esse eu superior. Pessoas sensíveis, que possuem qualidades mediúnicas, de tempos em tempos apanham impressões do eu superior ou são con-

frontadas vez por outra com ele. No estado de exaltação místico-religiosa, o eu inferior é quase sempre eclipsado pelo eu superior. O homem ignorante encara semelhantes eclipses como experiências da graça divina especial, mas, na realidade, ele nada vê senão o próprio protótipo aural.

A conhecida Teresa Neumann, a estigmatizada, que é íntima da virgem celestial e é quase que adorada como milagre da Igreja, não é vítima de ilusão ou fraude da esfera refletora, mas efetuou uma ligação negativa ocultista com o próprio ser aural. *Este é* que é sua "virgem celestial"! Experiências com aparições de Jesus e coisas semelhantes, mediante exaltações místicas, todas têm exatamente idêntico fundamento.

Quando examinardes vossas próprias experiências com base nessa informação, provavelmente chegareis à conclusão de que em alguma ocasião também tereis experimentado o toque desse ser aural e visto ou sentido algo semelhante.

Talvez perguntareis: "De onde o ser aural retira seu esplendor e sua magnificência? Por que ele é tão poderoso? Qual é sua natureza, sua meta, sua essência? Este ser é bom ou ruim?"

Para obter resposta satisfatória a essas perguntas, tendes de considerar tudo o que a Doutrina Universal vos transmitiu até agora sobre o ser aural.

O ser aural é, entre outras coisas, um firmamento de centros sensoriais, centros de força e focos. Todos esses princípios, tomados em conjunto, formam uma unidade, um fogo flamejante, um conjunto de forças ingentes em que certo fogo foi inflamado.

Uma das manifestações dessa unidade flamejante é

uma aparição brilhante ígnea, em que reconhecemos a imagem, a imagem gigantesca de uma forma humana, grotesca, mágica, estranhamente imponente.

Outra manifestação desse fogo grandioso é o pequeno mundo que devém nesse firmamento, o microplaneta, o homem terrestre, o eu inferior. Desse fogo aural flamejante devemos e por ele somos mantidos. A forma aural, por conseguinte, encontra seu reflexo em nossa forma terrestre, todavia ela é alimentada e mantida pela atividade de nossa existência. É evidente portanto que quando volvemos nossos olhos em exaltada adoração para o firmamento microcômico, para nosso próprio céu microcômico, nosso próprio deus ígneo, de quem devemos e existimos, envia uma resposta. É também óbvio que o deus ígneo aural barre nosso caminho quando queremos trilhar a senda dos verdadeiros mistérios divinos com o eu, com nosso próprio pequeno mundo não transfigurado, pois de nossa dependência mútua resulta que o egocentrismo e a automanutenção do eu comum implicam, em termos de reciprocidade, na centralização do próprio sistema* da *lipika*.

Desse modo há efetivamente um deus-em-nós: o ser-*lipika*.¹⁴ Ele é nosso criador¹⁴, e nós, suas criaturas. Este criador jamais pode livrar-se de sua criatura, pois devido a sua mútua dependência, a destruição da criatura significaria a destruição do criador.

Em outras palavras, embora tenha forma, o ser ígneo de nosso próprio firmamento, em muitos aspectos, é *impessoal*. Ele é mau quando *somos* maus, e bom quando *somos* bons. E ele será demolido à medida que *nós* mesmos nos demolirmos na *endura*.

Quando afirmamos que estamos na senda, enquanto es-

14. Isto é, de nosso ser ímpio, mortal.

se *ser-lipika* ainda está vivo com toda a sua força, estamos dizendo uma mentira.

O ser Ígneo da aura é o Lúcifer dos mistérios, nome esse que elucida o que acabamos de relatar.

Em consequência dos processos microcósmicos causados pelo estado de queda, arde na *lipika* um princípio não-divino de hidrogênio em oxigênio.

Neste processo o nível de vibração é determinado pelo nitrogênio, que é o fator de retardamento possibilitador da manifestação do microplaneta no carbono terrestre inferior.

O microplaneta perece periodicamente, o que acarreta o nascimento de novo microplaneta na desordem do pequeno campo de manifestação. *Entretanto, o ser-Ígneo permanece!* Ele absorve todos os resultados das sempre alternantes existências microplanetárias, e sua forma e suas estruturas orgânicas dão testemunho disso e trazem os sinais de inúmeros anos. Tal como os antiqüíssimos focos do período pré-luciferino estão adormecidos há eões, pois não podem arder no fogo Ímpio, estes sinais do céu microcósmico mudam continuamente, pois a atividade do fator de retardamento extingue fogos e inflama outros. Os resultados desse estado são manifestados repetidamente no pequeno planeta.

Destarte se precipita o inteiro sistema, qual relâmpago vermelho-escuro, pelo espaço, como que perdido no universo. O homem, visto como pequeno planeta, é acompanhado e guiado por seu Lúcifer individual, seu próprio satã, seu próprio deus natural.

Compreendei agora contudo, leitor, que esse deus da natureza é, em essência, vosso subordinado, vosso servo, vosso amigo mais querido, vossa imagem-imitação de Jesus, vossa virgem celestial, vosso mestre, pois ele vos serve de

acordo com vossos desejos, recebeis o que ordenais. Se invocardes o fogo, ardereis! O que semeardes, colhereis. Tudo o que fostes e sois é outorgado a vós por vosso *ser-lipika*, por vosso eu superior, por essa projeção degenerada de vosso verdadeiro eu, por esse deus natural em vós.

O *ser-lipika*, que jamais foi destinado a ser a causa da existência de vosso sistema de vida, cria e mantém este sistema. Muitos têm feito desse *ser-lipika* um tirano, um ígneo e diabólico monstro, um deus natural que castiga vossos pecados por inúmeras gerações.

Os seres humanos têm toda a razão em temer essa herança aural. Surge, então, medo, imenso medo. E dele surge a religiosidade e o ocultismo naturais, pois os seres humanos têm bastante motivo para se reconciliar com seu próprio, assim denominado, eu superior, com esse deus ígneo, esse portador e irradiador de seu *karma*.

Derramais lágrimas, sujeitais-vos a vosso deus e sonhais em vosso coração com a busca da senda. Emanais, então, certa mansidão e doçura. Em tal estado, cultivais um grau razoável de boa vontade, por cujo intermédio, conforme a lei natural, a corrente de fogo flamejante é controlada. A mansidão cultivada retarda o afluxo da desgraça, o deus natural vos socorre.

Todo o ocultismo é um método para criar certo equilíbrio entre o eu superior e o eu inferior, para controlar o eu superior impessoal pelo eu inferior. Em tola ilusão, acredita-se que já nada pode acontecer. O cego fala: "Estou ao leme e posso conduzi-lo conscientemente". Porém, quando o eu inferior e o eu superior estão unidos desse jeito, todo o ser, como sistema microcósmico, está irremediavelmente perdido.

Tudo isto poderia causar-vos medo, mais medo do que

nunca. Se tiverdes compreendido, porém, o que estamos tentando dizer-vos, todo o medo desaparecerá de vós, pois o ser aural não pretende matar-vos! Sua atividade somente causará vossa destruição se a provocardes com uma vida egocêntrica ininterrupta. Quando vós vos dependurais pelo pescoço em uma corda, será a corda a causa de vossa morte? Ou fostes vós próprios que cometestes a ação?

Quando, um dia, as luzes celestiais tiverem sido realmente extintas em vosso sistema da *lipika*, será possível restaurar o antigo firmamento glorioso por uma mudança fundamental de vida? Para isto, do mesmo modo que existe um átomo-centelha-do-espírito em vosso coração, existe um princípio-centelha-do-espírito no firmamento, qual latente e extinto sol! Se um ser humano trilha o caminho, conforme vem sendo indicado há tanto tempo pela Escola de mistérios tranfigurísticos, o eu superior não é invocado nem se apela ao firmamento da *lipika*. Ele já não estuda esse firmamento, amigos astrólogos, porém, traspassa, qual broca, esse céu que arde em impiedade e "ergue o olhar para os montes, de onde lhe virá socorro".

E esse socorro chega. Graças ao fato de que uma das luzes que se extinguiu na *lipika* foi inflamada para nova glória, o átomo-centelha-do-espírito no coração pode ser tocado, após o que o processo tantas vezes descrito por nós se realiza. Por meio da glândula timo, a irradiação da centelha-do-espírito alcança o sangue e, por este Jordão da vida, alcança o núcleo do princípio luciferino no eu inferior, o núcleo da consciência no santuário da cabeça. Se esses dois princípios se aceitam reciprocamente, Jesus é batizado no Jordão. João, o eu natural purificado, se afasta, e Jesus inicia sua peregrinação de três anos. O que significa tal peregrinação? Ela

representa o toque processual por meio de uma força sagrada em um microplaneta corrupto.

Na mitologia da Sagrada Escritura, no início dessa marcha, Jesus é representado como ingressando no deserto. Não é nosso ego terreno um verdadeiro deserto, onde tudo o que é verdade só encontra aridez e miséria? Entretanto, todo esse deserto tem de ser forçosamente vencido pela irradiação-Jesus durante "quarenta dias e quarenta noites", uma imagem da plenitude absoluta dessa batalha, da taça que tem de ser esvaziada até a última gota.

Talvez compreendais o que irá acontecer agora. A força da nova vida ataca nosso microplaneta e, em consequência, a ação mútua entre o microplaneta e o fogo da *lipika* natural é imediatamente perturbada. O equilíbrio entre o deus natural e o homem dialético é perturbado. Quando esse homem dialético é agora impelido a sua morte endúrfstica, será inevitável, igualmente, a morte da *lipika* natural, o fim de Lúcifer, o fim de Satã, o fim do deus natural em nós.

Entendereis portanto o que acontece no início do caminho que vai do deserto à vida verdadeira: o ser-*lipika*, com toda a sua grandiosidade, com toda a sua carga cármica, com todos os seus poderes de eões, ataca o candidato. E agora ouvi o que se sucede:

Então Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espírito Universal. E depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, ansiou pelo fim. E Satã veio e lhe disse: "Se queres ser um novo homem, ordena a estas pedras que se convertam em pães. Em virtude da nova força de que participas, não és capaz de transformar, cultivar, esta natureza e fazer pão destas pedras?"

O eu superior desta natureza se esforça por deter o candidato em seu êxodo desta ordem natural, tentando-o a tornar aceitável a natureza luciferina.

Mas Jesus respondeu: "O homem não vive apenas desta natureza, porém da força e da essência do Verbo, do Absoluto."

Jesus rejeita resolutamente a figura da *lipika*, que nada mais faz do que completar sua missão natural.

Então Satã o conduziu à cidade sagrada, colocou-o no pináculo do templo e lhe disse: "Prova agora que és um novo homem! Atira-te lá embaixo como prova de que sobrepujaste a força da gravidade! Comprova tua filiação no Círculo Apostólico!"

Mas a prova do que é original não pode nem deve ser dada ao terreno. Demonstrasse o candidato sua força, isto não teria nenhuma influência sobre o homem terreno. Ele não compreenderia o estado de ser do candidato, e este, na tentativa de convencer, forneceria a prova de que ainda não confia na própria força que uma vez mais lhe foi confiada. Assim, ele poria à prova a força da Gnosis. Seria mero controle dialético conforme com o princípio "em primeiro lugar a segurança". O candidato reserva como resposta a essa tentativa de sedução:

Não tentarás o Senhor, teu Deus.

Então Satã o levou a uma montanha muito alta e lhe mostrou todos os reinos e a glória da natureza dialética e lhe disse: "Tudo isso eu te darei se prosternado me adorares".

O *ser-lipika*, sabendo agora que toda a sua existência está absolutamente insegura, lhe aparece em toda a sua magnificência e com todo o seu poder e oferece o que de mais excelente pode ser alcançado na dialética. Agora o candidato dá testemunho de sua firme resolução, de sua completa despedida, mesmo das mais sublimes ilusões, e diz:

Vai-te, Satã – somente à Gnosis hei de servir!

Em suma, o *ser-lipika*, à entrada do verdadeiro caminho, dirige um apelo aos três egos naturais do candidato: primeiro a seu antigo egocentrismo; segundo, a sua antiga moralidade; terceiro, à sua antiga idealidade.

Se a nova radiação da Gnosis no sangue do aluno der provas de ser bastante forte, Satã recuará, isto é, todas as luzes da *lipika* luciferina serão extintas. A forma do antigo eu superior se desvanece, e as antigas luzes do homem primordial, há muito extintas, se inflamam na aurora de um novo dia, e, qual anjos, confortam e cuidam do novo microcosmo nascente. Por isto está escrito:

Então o demônio o deixou, e, vede, eis que vieram anjos e o serviram.



XVIII

“ELE DEVE CRESCER, E EU, DIMINUIR”

Vimos que há duas existências no microcosmo: um eu inferior na parte mortal do microcosmo, a consciência terrestre comum, e uma parte imortal, o denominado eu superior, a consciência do ser aural. Ambos os aspectos no microcosmo dispõem de sua personalidade, mas são interdependentes e inseparavelmente ligados um ao outro.

O eu superior, a personalidade aural, carrega o *karma*, o resultado de todas as manifestações de eus inferiores. Todos compreenderão que com o tempo esse eu superior se torna, por isso, fator tão decisivo e direcional para todo o sistema que se pode certamente falar de uma dominação. Ele contém quase todas as vias de acesso ao microcosmo; destarte, pode controlar completamente o eu inferior e transmutar todas as forças e radiações entrantes de acordo com seu próprio estado de ser. Assim, segundo sua essência, o eu superior, no mais verdadeiro sentido da palavra, é nosso deus natural. Ele exerce sobre nós poder onidominante.

A fim de permitir que compreendais algo dessa força, aludimos o mapa astral, por exemplo, a nossos amigos astrólogos. O quadro do instante de nascimento, calculado e desenhado por eles, é regido inteiramente pelo eu superior.

Esse quadro é, de fato, uma projeção direta do eu superior, representada em diagrama. Compreendi bem que, exatamente como vosso corpo e seu duplo etérico nasceram no corpo de vossa mãe, o resto de vossa personalidade, isto é, o ego tríplice, a faculdade mental e o corpo de desejos, nasceu do corpo de vosso eu superior.

Quando uma futura mãe nota, pela primeira vez, sinais de vida da criança que traz, isso significa que um ser aural esvaziado – isto é, um ser aural cuja personalidade mortal dele se desligou em virtude da morte – estabeleceu ligação com ela, a fim de preencher suas deficiências, e irradia uma força de hidrogênio no canal do fogo serpentina, que é, por sinal, quase a primeira coisa a manifestar-se no embrião. Esse raio de consciência se liga com o embrião e, desse momento em diante, exatamente como a criança cresce materialmente no ventre da mãe até a maturidade para o nascimento, a fórmula da consciência, a qualidade e a vibração dos processos de combustão etéricos serão cuidadosamente sintonizados com o ser aural que adotou a criança. Após o nascimento da criança material, ela se vai apartando vagarosa e progressivamente do ser aural materno e incorporando ao sistema do outro ser aural que adotou a nova forma humana material.

Claro está que o ser aural adotivo deve ter afinidade com o ser aural materno. Não sendo este o caso, surgem as famigeradas anomalias temporárias da futura mãe.

Às vezes o nascituro é completamente inaceitável para um ser aural estranho. Por exemplo, a estrutura orgânica talvez seja tão fraca e ruim que nenhum ser aural pode usar tal produto para seus propósitos. Em tais casos, a criança nasce morta ou imperfeita em um ou outro aspecto, ou se prende

firmemente ao ser aural materno. No último caso, o recém-nascido não só é filho, mas simultaneamente, em certo sentido, irmão ou irmã. É também possível que tal criança, inaceitável para um ser aural estranho, seja aceita pelo ser aural paterno.

Em tais circunstâncias, forte ligação se estabelece com o pai ou a mãe. Seja com mãe e filho, ou pai e filho, a força vital decai consideravelmente em virtude de o ser aural ter então de trabalhar para dois. Biologicamente, isto às vezes é suportável, mas quando o ser aural tem muita cultura e, conseqüentemente, consome enorme cota de hidrogênio e oxigênio, isto é, éter refletor e éter luminoso, o eu inferior naturalmente sofre a necessidade cultural correspondente, e então as forças etéricas imprescindíveis são de coleta difícil. O campo magnético fica sobrecarregado.

Nos casos em que a maternidade ou a paternidade é ardentemente desejada, semelhante duplicação, semelhante união de dois planetas em um só microcosmo, muitas vezes se realiza. Quando, mais tarde, uma das partes desejar seguir o caminho de libertação, quase sempre é necessário esperar até que morra o pai ou a mãe, a morte de um dos dois planetas, antes que a liberdade de ação possa ser obtida. Logo que a morte de um dos pais se tome um fato, a outra parte, mui rapidamente se transforma em um tipo inteiramente diferente. A face e os hábitos se modificam, e qualquer comportamento anormal desaparece.

A informação acima vos é dada para que compreendais claramente que, em nossa ligação ímpia com o *ser-lipka*, não se pode falar de *vida* verdadeira no sentido original da palavra. Tudo o que venha a se passar em nós, a nossa volta e conosco, é apenas processo biológico. Estamos submeti-

dos a um processo natural e somos o produto condenado dele.

Vede, à luz desse esclarecimento, o que denominamos existência contínua e reencarnação. Podeis afirmar já ter conhecido alguma existência anterior? Não o podeis, pois quando morreis segundo vosso ser natural, todo o sistema de vossa personalidade desaparece com o passar do tempo, e somente o princípio-hidrogênio, que vos deu vida, regressa ao eu superior. Tal como o ser de um cão se desvanece dentro de poucos dias após a morte, assim ocorre comigo e convosco num maior lapso de tempo quando permanecemos nesta natureza.

Pode-se afirmar que o eu superior tenha conhecido uma existência anterior? Não, pois ele tem somente *uma* existência! Essa existência começou na aurora da impiedade e prosseguiu até o momento presente, embora com inúmeras reformulações e transformações.

O eu superior é uma força cega que se projeta velozmente, a personificação de uma estrutura de forças que escapou ao controle, procurando e esforçando-se pelo cumprimento de sua fórmula básica, cujo resultado – o planeta no microcosmo, a manifestação humana – sempre é, todavia, destruído.

Portanto, quando a Escritura Sagrada diz "sois pó e ao pó retornareis", essa é a expressão da verdade. E quando, por exemplo, a filosofia hegeliana destrói a ilusão da tagarelice metafísica, ela está certa e, nesse sentido, encontra a doutrina transfigurística a seu lado. Esboroamos, por isso, toda a vossa ilusão, pois só após rasgados seus véus, somente após cuidadosa limpeza da casa, pode alguém investigar o

sentido da verdadeira vida. Se desejais pertencer à raça da nova humanidade vindoura, tereis de renunciar a todas as especulações em todas as esferas de vida.

Admitimos que negais a divindade da esfera material dialética e da esfera refletora dialética; entretanto, deveis prosseguir em vossa negação e aplicá-la, igualmente, à esfera material em vosso microcosmo, com seu eu terreno, e à esfera refletora em vosso microcosmo, com seu eu superior. Somente então sereis coerentes, e vosso discernimento interior, vosso conhecimento, estará racional e moralmente justificado. Se rejeitais este macrocosmo* porque ele é o universo da morte, deveis também rejeitar este cosmo, porque ele é o campo de vida do macrocosmo da morte. E se rejeitais esse cosmo, tereis de avançar em vosso raciocínio e repudiar também vossa atual condição microcós mica. Somente então sereis coerentes em vossa filosofia.

O representante da inteira natureza da morte em nosso sistema é o eu superior, a personalidade aural. Ele é "o satã" do infício; esta palavra significa opositor, inimigo. Atentai bem porém que, em virtude de nossa natureza terrena comum, o eu superior *não* é nenhum opositor, pois, como acabamos de ver, ele é simultaneamente nosso pai e mãe, nosso mantenedor! Segundo a natureza, temos o mesmo sangue que o eu superior e dele vivemos. Como alunos da Escola Espiritual ainda desejamos ocasionalmente viver desse sangue. Traçamos então horóscopos progressivos, examinamos os aspectos e tentamos destarte orientar-nos pelas sugestões do eu superior. Quando já não podemos compreender a voz interior por falta de sensibilidade, a ciência astrológica, com seu método, vem em nosso auxílio. Ciência magnífica para o

eu superior quando ensinada ao eu inferior!

Se somos um pouco sensitivos, a voz do eu superior pode ressoar dentro de nós e podemos ver algo dele. Imaginamos então ter visto Jesus, ou a Virgem Maria, ou um belo mestre, ou, pensando na linguagem da Escola Espiritual, imaginamos que em nós há alguma coisa do novo ser. Não há, porventura, muitas religiões e sistemas ocultistas que almejem alcançar a unidade com o eu superior? Oh, não! O eu superior ainda não é nosso opositor, pois achamos maravilhoso ainda agarrar *uma* particulazinha de ilusão. *Não nos atrevemos a ser encontrados nus!* A imaginação não é nosso sustentáculo? Quem ousa repudiar essa auto-ilusão?

Para o homem que o faça, o eu superior se converte em Satã, um opositor. Somente quando o eu superior se torna um adversário, pode-se dizer: "Afasta-te de mim, Satã!"

Freqüentemente a ilusão é conseqüência da ignorância. Muitos supõem que outra personalidade deve surgir em nosso microcosmo, que outra microterra deve nascer no microcêu. Tal suposição é absolutamente falsa! O vidente de Patmos enxergou novo céu e nova terra, e o primeiro céu e a primeira terra se haviam extinguido. Compreendeis essas palavras?

Para falamos de nova terra, é mister primeiro haver novo céu! Isto significa a liquidação total do microcosmo no sentido mais profundo e completo – e o advento de outro totalmente diferente. Isto significa o fim de todo este nosso sistema. *Vós* desejais ingressar em novo estado de ser. Impossível! Tendes de perecer, deveis ser inteiramente dissolvidos. Nada mais deve ser encontrado, tanto de *vós* como de vosso eu superior: *a sepultura deve ser esvaziada. Tudo do antigo*

céu e da antiga terra tem de perecer, acabar-se. Pela primeira vez, nos tempos atuais, essas palavras de aniquilamento voltaram a ser pronunciadas. Pela primeira vez, a palavra da verdade está na *extinção* de todo o nosso estado natural, na dissolução em nada.

Um grande servidor de Cristo disse uma vez, no século passado, que não acreditava em existência posterior. Quem o ouviu se espantou de que *ele* pudesse afirmar semelhante coisa. Vós, contudo, o compreendeis. Ele acreditava no aniquilamento do velho céu e da velha terra! Isso ele acreditava, professava, manifestava e destarte se despediu. Isso, com efeito, era a *endura* verdadeira. Não apenas a extinção do eu segundo o eu inferior, mas também a aniquilação do eu superior. Essas coisas são difíceis de compreender. A magnitude desse caminho é surpreendente. Permiti-nos apresentar-vos os seguintes fatos com toda a sobriedade. É bem provável que algum dia já tenhais afirmado a vós mesmos: "Satã, afasta-te de mim!" Quem diz isso? Na natureza comum, Satã diz isso a si mesmo, em sua luta* contra o mal e suas conseqüências. Nesta luta, o adversário, o eu superior, encontra resistência em si mesmo, como conseqüência da relação mútua entre o bem e o mal, e sua exclamação prova que ele ainda está muito ocupado em manter-se. Provavelmente observareis agora, com certo desespero: "Já que nada há em mim e em torno de mim para ser transfigurado e, segundo vossas palavras, trata-se apenas de completa extinção de toda a minha realidade existencial, não é o maior absurdo tudo o que é ensinado sobre o transfigurismo? Não é sonho a doutrina concernente ao átomo-centelha-do-espírito? Não deveríamos relegar ao reino das fábulas a afirmação da existência de um sol latente no ser aural?"

Seria esplêndido se tais perguntas proviessem de vosso ardente desespero. Respondemos a vossa pergunta fazendo outra: quem é Jesus, que terá de nascer em vós? E quem é Cristo, que deverá voltar nas nuvens de vosso céu micro-cósmico? É Jesus uma alteração de vosso ser-eu, e Cristo, uma transformação do eu superior? Não, mil vezes não! Jesus Cristo é o outro, totalmente diferente, é o novo microcosmo, a nova terra-céu.

“E que tenho *eu* com ele?”, voltareis a atacar-nos com vosso fogo inquisitivo. E respondemos: já ouvistes falar da lei sagrada, lei que vige em todos os reinos: onde a luz um dia surgiu, aí voltará? Outrora existia um microcosmo divino, mas grande impiedade tomou seu lugar, impiedade organizada através de ações naquilo que é hoje nós e o eu superior. Esse sistema de impiedade, contudo, não poderia subtrair-se a algumas das características do passado. No ser aural há um sol latente divino, e no ser terreno há um princípio atômico divino, situado no coração, qual latente e oculto segredo do passado remoto. Quando a totalidade do sistema quiser reduzir-se, quiser aniquilar-se completamente, rompendo, dilacerando e afastando toda a ilusão, a luz, a luz original, reaparecerá em seu antigo lugar.

Novo céu e nova terra serão criados. O sol latente no ser aural será inflamado, e seu espelho, sua lua, o átomo-centelha-do-espírito, dará início a sua trajetória. É nesta base que o novo homem surgirá. Se, fundamentados nessa nova gênese, puderdes exclamar do imo da alma, expressando-o enfaticamente por perfeita vida de ações: “É necessário que ele, o outro, cresça, e que eu diminua”; se puderdes dizer isto com alegria e júbilo que ultrapassem toda a compreensão, a salvação dos mistérios assomará sobre vós, e a luz do Jor-

dão virá a vós.

Nesse momento, o grande presságio de que fala o Apocalipse, capítulo 12, assomará sobre vós.

E foi visto um grande sinal no céu: uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça.

E então o processo continua, durante mil e duzentos e sessenta dias, o símbolo da realização do processo, e, ao final, pode ser dito: "E vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido, e o mar das velhas forças etéricas já não existia".

Podeis percorrer esse caminho conosco? Possivelmente já não sabereis tão bem como um homem se transfigura, pois nenhum de nós, mortais terrenos, se transfigura, porém compreenderéis melhor que e por que o microcosmo ímpio tem de ser completamente liquidado e o demonstrareis com ações. Dessa hora em diante, paz imensa descera sobre vós, a paz do fim! Toda a perseguição e toda a busca pertencerão ao passado, e a cada alento professareis: "Ele deve crescer, e eu, diminuir".

"Ele, que é o menor, será o maior", pois onde a luz um dia surgiu aí voltará, logo que a impiedade se haja dissolvido.

Acabamos de chegar ao fim de nossas considerações preliminares sobre o advento do novo homem. Exploramos filosoficamente, de todos os ângulos, a "nova raça" mencionada na Escritura Sagrada e agora devemos passar a refletir sobre os processos de gênese em si e as possibilidades e qualidades desse tipo humano exclusivo, que já se faz valer aqui e ali e breve aparecerá em quantidade avassaladora.

O grupo daqueles que compartilham esse novo processo de gênese e já deram os primeiros passos nesse caminho rumo à casa paterna denominamos o *Círculo Apostólico* e a *Fraternidade Apostólica*. Por *Fraternidade Apostólica* entendemos a reunião de todos aqueles renovados que se estão libertando em todo o globo terrestre, e por *Círculo Apostólico*, aqueles que, entre eles, já despertaram no campo de força da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

O *Círculo Apostólico* veio à luz em uma sexta-feira, 15 de junho de 1951, e ele inaugurou destarte o Terceiro Templo, mediante o qual o grande campo de trabalho da Escola Espiritual atingiu seu alvo pré-estabelecido depois de 36 anos de trabalho. O trabalho começou a 17 de dezembro de 1915, e na sexta-feira, 15 de junho de 1951, a incumbência estava realizada.

Com o Primeiro Templo indicamos a Escola da Rosacruz, que é mister encarar como a grande antecâmara em que todos os buscadores são recebidos e têm a oportunidade de examinar o objetivo e a atividade da Escola e experimentar sua força atuante. Com o Segundo Templo indicamos a Escola de Consciência Superior, em que são admitidos alunos que já se aprontam para o advento do novo estado de vida. O Terceiro Templo é o local de trabalho do *Círculo Apostólico*, de que fazem parte os que já compartilham esse novo estado de vida.

Destarte, nossas considerações a respeito do advento do novo homem obtêm significação altamente atual, pois o resultado das atividades dos três templos, a realização do novo homem, se demonstrarão aqui. Deve ficar claro para o leitor que o caminho foi aberto para um trabalho, que em futuro próximo, será gravado com letras indestrutíveis na história da

humanidade. Um dia, a Fraternidade dos três templos já não será encontrada no campo dialético. Terá sido arrebatada às nuvens do céu, caminhando ao encontro do Senhor!



PARTE II

A SENDA SÉTUPLA DA NOVA

GÊNESE HUMANA

FÉ, VIRTUDE, CONHECIMENTO

Quem quer trilhar a senda de renovação tem de estar bem orientado sobre as condições prévias da senda a fim de poder, se as cumprir, alcançar sua meta.

Há sete condições para a senda. Vós a achais esboçadas na Escritura Sagrada no início da Segunda Epístola de Pedro, onde lemos:

“Ponde nisso toda a vossa diligência
e, a vossa fé, acrescentai a virtude;
à virtude, o conhecimento;
ao conhecimento, o autodomínio;
ao autodomínio, a perseverança;
à perseverança, a devoção;
à devoção, o amor ao próximo;
ao amor ao próximo, *o amor*,
pois se tais coisas abundarem em vós, não sereis deixados estéréis. Agi por isso com bastante zelo, e a entrada no eterno, imutável reino de nosso Senhor vos será amplamente franqueada”.

Muitos, no curso dos séculos, leram estas palavras e estudaram essa tarefa sem chegar a um resultado positivo se-

quer. Eles começaram a perguntar o que é "virtude", discutiram isso uns com os outros, consultaram literatura e estudaram diversas normas místicas de vida. Após essa preparação puderam compor algumas regras de vida, em parte de natureza puramente biológica, em parte de caráter ético, moral. Dispuseram mandamentos e determinaram o que era e o que não era permitido fazer. Esboçaram teoricamente o padrão "homem virtuoso", e cada qual pretendeu de per si chegar a uma realização prática segundo esse quadro teórico.

Em seguida se viram ante a tarefa de, com base na virtude adquirida, chegar ao conhecimento. Pensavam que reunir conhecimento fosse compreensão intelectual, treinamento da capacidade cerebral, e que se podia fazer isso melhor e mais rápido se se fosse virtuoso e aplicado. Vivendo o mais simplesmente possível, praticando a virtude em solidão, dedicavam-se ao estudo, a uma compreensão intelectual a mais abrangente possível. Alcançava-se muito, muitíssimo. Sabia-se tudo o que há para saber e abranger neste mundo. Tornava-se muito erudito.

Compreendereis que destarte, exercendo a virtude e reunindo conhecimento, se tinha extremo autodomínio. Ressoava algures um riso alegre, que com sua vibração estimulante pode atuar de modo tão contagioso em outros, a face do candidato permanecia impassível, qual uma máscara. Ele permanecia, muito senhor de si, orientado a sua tarefa concretamente à virtude, ao conhecimento e ao autodomínio.

Um raio de sol adentrava a cela de estudo, o gorjeio de um pássaro entrava pela janela. Quem, de tempos a tempos, não dirigiria seu olhar para a amplidão dos campos? Certamente não o candidato. Ele não queria ser distraído. Com férrea perseverança, com persistência quase incompreensível,

continuava o processo que havia iniciado. A face empalidecia, e as feições se afilavam. Nenhuma diferença era feita entre o dia e a noite. Pausas para o descanso e o cuidado corporal eram negligenciadas.

Será que a devoção viria agora? Não, o candidato tinha de *ser devoto!* A todas as tensões ainda era acrescentado algo: a devoção tinha de ser *exercitada*.

O que era, o que abrangia a devoção? Consultava-se reciprocamente, refletia-se em conjunto e se estabelecia um programa, uma ordem do dia. Com base na virtude, no conhecimento, no autodomínio e na perseverança, orações tinham de ser proferidas, ladainhas, murmuradas, e piedosas reflexões, feitas. Além disso, as orações não deveriam ter fim, e destarte se originaram os cultos ininterruptos nas capelas dos mosteiros, onde se ajoelhava por horas a fio em lápidas ou se exercitava a devoção no frio das noites de inverno.

Assim, cada candidato-monge se tomava um iogue-cristão, pois não havia nenhuma diferença prática entre todas as penitências desse gênero de adeptos e as daqueles sob o sol tórrido da Índia. Momentos de exaustão não podiam deixar de sobrevir. Momentos em que, sob pressão tão violenta, os pensamentos divagavam; quase não podiam ser evitados. Isso dava origem a grande auto-ressentimento e à autoflagelação. Flagelava-se a si próprio com vergastas, renunciava-se ao menor conforto que ainda restara e se passava a curas pela fome, pois a qualidade alcançada tinha de ser mantida. Não se devia desanimar, sobretudo porque ainda havia uma tarefa a ser cumprida. O candidato também tinha de exercitar na prática o amor ao próximo. O que isso poderia ser senão o manifestar-se em uma ou outra forma de atividade hu-

mana? Preparar refeições e distribuí-las, arranjar vestimentas e assistir doentes, ser amigável para com todos e, com um sorriso muito elevado e pleno de amabilidade, trilhar os caminhos do Senhor.

Também para isso ainda era arrumado tempo. Como isso era possível, ninguém compreende, mas era arrumado. Certo é apenas que o candidato que trilhava esse caminho estava mais morto do que vivo, vivia quase que fora do corpo e num estado sanguíneo totalmente mediúnico.

E agora viria a glória das glórias: mediante o amor ao próximo, o amor!

Aqui porém os candidatos perdiam o contato com o chão. Eles compreendiam que não se tratava aqui de amor humano e achavam que a questão tinha de importar em renúncia mística, em amor a Cristo; a Jesus, no caso de uma candidata, e em amor a Maria, no caso de um candidato, porém, um amor a ambos também acontecia.

Ouvi-los falar sobre seu doce Jesus e sobre a brilhante majestade da virgem celestial! E um dia, numa noite, acontecia: os protótipos de sua adoração apareciam na forma de fantasmas, os quais deslizavam através das janelas das igrejas. Figuras se desprendiam dos vitrais coloridos e deles se aproximavam, faziam gestos abençoadores e pronunciavam palavras inefáveis.

Possivelmente já lestes como esses devotos lutavam até o fim por trilhar o caminho que lhes fora indicado pelo Pai da Igreja, Pedro. Milhões supõem que esse peregrino podia então ter acesso à entrada no reino do Senhor. Quanta ilusão! A verdade, a realidade, é que esses iogues-cristãos haviam forjado, mediante a totalidade de seu método, uma ligação tão enorme com a esfera refletora que quase se poderia falar

de uma ligação eterna. Seu resultado era o resultado da mediunidade místico-ocultista: a ilusão de uma bem-aventurança dialética.

Esse método ímpio descrito a vós pode ainda também ser exercitado de outras maneiras. Pode-se com isso aspirar, com pequenas diferenças, ao mesmo objetivo, e isso também se fez. Tudo isso porém conduz irrevogavelmente ao mesmo resultado: um agarramento mais intenso à roda. Diversas escolas místicas fizeram toda a sorte de experiência nesse âmbito, e nós julgamos como certo que também na Escola Espiritual da Rosacruz moderna há alunos que trilham esse caminho ímpio porque não querem ouvir suficientemente as indicações, os conselhos e as exortações que lhes são transmitidos. Também há entre nós aqueles que se aferram a determinada ética, abrangem intelectualmente, com avidez, a filosofia e demonstram completo autodomínio e perseverança. Eles são, no sentido mencionado, devotos e praticam diligentemente, de diversas formas, o amor ao próximo e a elevação. Todavia isso de nada lhes adiantará. Sua liberdade breve será uma ilusão; sua ligação, uma carga de chumbo, e sua salvação, uma ascensão ao país das sombras. E isso tudo porque não se deram ao menor esforço real para forjar a chave da senda sétupla.

Esta chave se assenta na fé. "Ponde nisso toda a vossa diligência e, a vossa fé, acrescentai a virtude."

Tendes de possuir fé. Em nossos tempos modernos isto é um conceito gasto e morto. Com isso se entende, entre outras coisas, a aceitação ou o reconhecimento de determinada doutrina; e se é crente ortodoxo quando tal aceitação se refere aos difíceis dogmas calvinistas, e tolerante e muito liberal quando é o caso contrário. Destarte se é, em diversas esca-

las, crente ou, eventualmente, descrente. Todavia a Linguagem Sagrada de todos os séculos evidencia que fé não é o reconhecimento ou a aceitação de uma doutrina ou de uma igreja, de uma escola ou de um deus, senão se refere a uma posse de que se tem de realmente estar consciente. Também se nos dará a entender que tal posse tem de ser experimentada no santuário do coração, que ela "tem de fazer morada" no coração, ou com outras palavras, que o átomo primordial, o átomo-centelha-do-espírito, tem de ser vivificado. Não se pode de nenhum modo falar de fé antes que este átomo esteja desperto. Tudo então é apenas falatório dialético, imitação, religião natural. Por conta disso devemos notar que essas sete condições prévias, de que Pedro fala, adquiram, com base na verdadeira fé, tonalidade totalmente outra e, ao mesmo tempo, sentido altamente científico.

Quando o átomo primordial é impelido à comoção e o candidato, em auto-rendição, a ele se confia, isto significa vivificação do sangue. Então se produz, em todo o nosso ser, algo que brilha em todas as células de nossa existência, e espontaneamente existirá um impulso para a *virtude*. Isto não significa estudar normas morais de vida e utilizá-las legalmente. Aí já não se perguntará: "O que me é permitido, o que posso e o que tenho de fazer?", porém nossa consciência sanguínea se dirige espontaneamente ao caminho, que é iluminado como por um sol, a luz do átomo primordial. Virtude é aqui uma auto-orientação segundo a luz, um seguir as diretrizes da luz interior. Se um aluno ainda não pode liberar esta luz, ele ainda não serve (para a senda). Então surgem mal-entendidos e erros grosseiros, e ninguém pode evitá-los.

Quem todavia experimenta no sangue a salvação do átomo primordial, e destarte se dirige à senda, também che-

ga ao *conhecimento*. Bem provavelmente compreenderéis o que se quer dizer com isso.

Nossos centros cerebrais possuem a faculdade de abranger racional e moralmente aquilo a que os órgãos dos sentidos se dirigem e fixar no cérebro uma impressão disso. Se a consciência do homem é totalmente desta natureza dialética e nela está focalizada por completo, e os órgãos dos sentidos estão em harmonia com isso, ser-lhe-á impossível reunir no cérebro conhecimentos diferentes daqueles que concernem à esfera material e à esfera refletora. Quando lides um livro da Rosacruz, assistis a um serviço, ou ainda, suponhamos, quando houverdes memorizado toda a doutrina da Escola de A a Z, não penseis que possuíis o conhecimento da Gnosis – mesmo se houverdes lido e estudado *A Gnosis Universal* – enquanto o átomo primordial não vibrar no coração, portanto, enquanto não fordes inflamados pelo Espírito de Deus e obtiverdes “fé”.

Que utilidade tem então nossa filosofia? Nossa literatura objetiva orientar vossa busca, ajudar-vos a obter fé, conduzir-vos a ações autolibertadoras, mediante as quais o átomo primordial pode ser inflamado. Sem essas ações, todo o vosso conhecimento de nossa filosofia será conhecimento superficial, e todo o vosso esforço com base nele será ocultismo místico e afero à roda. Destarte, a bênção se transforma em maldição. E quando houverdes descoberto o lado negativo de vosso esforço, é evidente que imputareis vosso fracasso à filosofia e à Escola, e não a vós mesmos. Aborrecidos, retirareis a literatura em questão de vossa estante e a vendereis a um sebo de livros ou, irritados e cheios de sarcasmo e cólera, nos devolvereis vossos livros, acompanhados de uma cartinha mordaz, o que também já aconteceu. Uma terceira pos-

sibilidade é surgir em vós uma inclinação a adulterar o conteúdo da literatura e adequá-la a vosso próprio uso.

Provavelmente há em vossa estante diversas obras das escrituras sagradas de todas as épocas. Podeis estar certos de que todas essas publicações foram adulteradas, uma vez que, no passado, alguns senhores, que se julgavam uma autoridade na Metafísica, achavam ter de fazer modificações nelas, já que o conteúdo não correspondia com suas próprias experiências.

Se colocardes no chão uma folha de papel limpa, descobrireis que vosso gato ou vosso cão se sentará sobre ela com as patas sujas de terra de jardim. A natureza sempre senta-se sobre a pureza e a imaculabilidade. Da pureza sempre irradia algo que atrai a natureza, porém, quando esta toca aquela, conspurca-a. E isto sempre acontece com a brutalidade e com a ignorância da insciência. Não podemos, portanto, zangar-nos, isto somente causa dor. Já chegastes a averiguar que abuso monstruoso e terrível se faz neste mundo de nossa já irremediavelmente mutilada Bíblia?

Quando o átomo-centelha-do-espírito em vosso coração inicia seu santo trabalho mediante vossa auto-rendição, e vos dirigis a essa luz, somente aí se poderá falar de *conhecimento* em vós no sentido da Escritura Sagrada. Sabeis que o átomo-centelha-do-espírito libera um novo hormônio e destarte influencia vosso sangue. Em consequência disto, novo archote é inflamado no santuário da cabeça, o archote da pineal. A luz deste archote liga o candidato à Gnosis Universal, ao Tao*, a "Isto", ao conhecimento que é como uma plenitude de vivente, como uma realidade vivente, vibrante.

É o conhecimento que é simultaneamente Gnosis, Espíri-

to, Deus, Luz. Conhecimento que é onibarcante, onipresente, e de que foi dito:

*Senhor, Tu me sondas e conheces.
Conheces meu sentar e meu levantar;
De longe entendes meus pensamentos.
Quer eu caminhe, quer eu deite,
Tu estás a meu redor.
Tu vês todos os meus caminhos,
Pois, vê, não há palavras em minha língua
Que Tu, Senhor, não a conheças.
Tu me envolves de todos os lados;
Tu manténs Tua mão sobre mim.
Tal conhecimento me é demasiado maravilhoso
e excelso;
Não o posso atingir.*



II

AUTODOMÍNIO (I)

"Ponde nisso toda a vossa diligência
e, a vossa fé, acrescentai a virtude;
à virtude, o conhecimento;
ao conhecimento, o autodomínio;
ao autodomínio, a perseverança;
à perseverança, a devoção;
à devoção, o amor ao próximo;
ao amor ao próximo, o *amor*."

Isso rezam as condições para a senda sétupla. Quem quiser subir esses sete degraus precisa primeiro possuir a chave sétupla para isso. Essa chave consiste na fé, e descobrimos que a fé, no sentido da Linguagem Sagrada, não é a aceitação ou o reconhecimento de uma doutrina ou de uma igreja, de uma escola ou de um deus, senão a posse e a experiência conscientes do átomo primordial no santuário do coração. Quando o átomo primordial é compelido à atividade, e o candidato a ele se confia em auto-rendição, isto significa, como dissemos, uma nova vivificação do sangue. Essa vivificação do sangue constitui o primeiro degrau da senda sétupla e é denominada, na Epístola de Pedro, *virtude*.

Virtude aqui significa seguir espontaneamente as diretri-

zes da Gnosis com base na nova posse sanguínea. Quem não possui essa base sanguínea, não serve ainda para a senda e dá, com isso, a prova de que, em caso favorável, ainda está ocupado em forjar a chave da senda, a fé.

Quem possui a virtude, isto é, essa base sanguínea, obtém o conhecimento, pois o facho da pineal no santuário da cabeça é então inflamado, e em consequência disso o candidato entra em ligação direta com a luz universal da Gnosis, com o grande Livro da Vida, como assim o denominavam os rosacruzês* clássicos. O segundo degrau é galgado, e agora começa a evidenciar-se também o *autodomínio*, a aptidão para o terceiro degrau.

É necessário iniciar-vos, com certa abrangência, na essência desse terceiro degrau, uma vez que diversos mal-entendidos concernentes ao conceito "autodomínio" têm de ser tirados do caminho.

O homem dialético, seja ele primitivo ou culto, conhece diferentes formas de autodomínio. Esse autodomínio é certa tática de vida, a atitude segundo formas de cultura adotadas antigamente, o "refreamento". Com base nessa atitude de vida, calar-se-á, embora o sangue impila a falar. Dominar-se-á a cólera e se mostrará serenidade mesmo quando interiormente uma tempestade se desencadeia. Impor-se-á uma atitude que está em completa contradição com os pensamentos e se simulará amabilidade, atenção, correção, solicitude e amor humano em casos onde um golpe mortal estaria muito mais em concordância com a índole. Quantas vezes não se nos mostra enorme interesse, somente porque se sente obrigado a isso ou ex-officio ou por determinada situação. Tal atitude de vida é tão inverídica, tão falsa, tão incorreta, que unicamente por ela diversas formas de mal neste mundo são

conservadas e estimuladas. Nessa atitude de vida se é instruído e educado, ela é um fator infrangível em todos os métodos de vida e de ser. Ela também está presente na antecâmara da Rosacruz, quase ninguém está livre dela.

Esse autodomínio é autoproteção, pois fôramos nós mostrar o próprio eu com sua verdadeira qualidade, sem entraves, o que aconteceria conosco e com outrem! Um caos, um banho de sangue, um horror infernal, que ultrapassaria a mais ousada fantasia, irromperia, um estado que somente se pode observar nas regiões fronteiriças do Além. Não temos autodomínio, portanto, apenas para exaltar uma ilusão de cultura, também o temos por medo, o medo do instinto natural de terceiros. É claro que se pode forçar a humanidade inteira, em todos os aspectos de nossa vida em comum, a um férreo autodomínio, a erigir e a manter certa norma de cultura. Nem por isso ela deixa de ser uma cultura que se baseia em mentira, ilusão e medo, motivo por que a humanidade vive sobre um vulcão.

Vemos que esse vulcão entra em erupção periodicamente, pois as amarras do autodomínio sempre mostram pontos extremamente fracos. O autodomínio é solapado pelo impulso do eu e pela automanutenção. Interesses humanos entram em conflito uns com os outros de modos múltiplos. Considerar-se-á então o melhor método – por trás da máscara do autodomínio, e portanto com extrema amabilidade e cultura macia como o veludo, murmúrios religiosos e uso múltiplo de nomes santos – servir aos próprios interesses e realizá-los. Isso significa que o autodomínio do homem, por trás da máscara, ataca o autodomínio de outro homem. Inopinadamente, o desenfreado instinto natural irrompe, qual erupção de lava ardente, com todos os seus horríveis aspectos.

tos, ou formulado de outro modo, os poderes e as forças do instinto natural reprimido, acumulados nas regiões fronteiriças do inferno, se precipitam contra o mundo e a humanidade.

De tempos a tempos essas erupções acontecem. Pode-se comprovar isso com certeza absoluta. É uma lei de nossa natureza da morte que o autodomínio dialético faça os instintos naturais reprimidos crescer como que de minuto a minuto nas regiões fronteiriças. Tal como o calor do fogo aumenta a pressão numa caldeira, assim cresce no inferno a carga avernal. Mesmo uma criança pode prever qual a consequência disso. Eis por que a Escritura Sagrada reza, de maneira científica inatacável, que a humanidade ouvirá falar de guerras e rumores de guerra, que as dores da humanidade virão e irão qual giro de roda.

Nossa cultura, nosso autodomínio, nossa amabilidade e nossa atitude humana causam o aumento das tensões do inferno. Esta é a abominável verdade perante a qual a humanidade é colocada. Este é o profundo abismo sem fundo perante o qual estamos.

É isso a conclusão de um lunático? Ou se pode falar aqui de uma causa comprovável? Vós mesmos tendes de julgá-lo!

O que chamamos neste mundo cultura, autodomínio, amabilidade, comportamento humano, atitude religiosa de vida, está em total contradição com nossa disposição natural e com nosso instinto essencial. Segundo a natureza todo o homem é um animal e se comportará desenfreadamente, portanto em estado natural puro, como um animal. Ele não se compraz nisso, pois sofre dor imensurável, proveniente não de seu comportamento, porém do âmago da alma.

Quando reprimimos nossa disposição natural, nossos impulsos naturais, nossas razões fundamentais de ser, com alguma cultura que se encontra em oposição a eles, criamos em torno de nós e sob os pés um campo de tensão, um vulcão. Uma vez que esse campo de tensão tem suas fronteiras, pode-se averiguar que uma explosão ocorrerá tão logo o equilíbrio entre a tensão e a segurança do campo de tensão seja perturbado.

Esse campo de tensão e suas explosões não são de natureza puramente pessoal. Todos os instintos naturais que reprimimos mediante nossa cultura, nossa ilusão e nossas mentiras de vida, criam um campo de tensão coletivo, que se estende em torno do mundo, nos mantém aprisionados de todos os lados, aumenta sempre mais em ameaça e de tempos a tempos rebentará. Destarte a humanidade criou, mediante sua ilusão, seu medo de vida, os estratos mais inferiores da esfera refletora. Esses são as regiões fronteiriças, as regiões de impulsos naturais reprimidos. No início de um dia de manifestação essas regiões são sempre esvaziadas de forças humanas reprimidas. Elas formam então apenas um campo de tensão para os éteres naturais. Logo que o homem comece a viver fora de sua realidade, ele reprimirá em si forças que se acumulam nas chamadas regiões fronteiriças. Ele as povoa com fantasmas e demônios. Como ele mesmo os criou, eles se lhe declaram, eles são produtos dele. Quando a morte sobrevém, e as amarras do autodomínio são partidas, tal homem cai vitimado desses demônios, começa a viver com os restos de sua personalidade no meio desses fantasmas e se torna aquilo que se chama espírito ligado à terra. O Além é a região fronteiriça para todos os homens primitivos. Sua religião é a oferenda aos demônios e o medo dos demô-

nios, os quais foram criados pela humanidade inteira. Já há muito, muito tempo, muitos homens compreenderam esse horror e procuraram escapar a seu cerco. Eles fizeram isso do seguinte modo. Eles sabiam que instintos naturais reprimidos vivificam demônios. Evocavam por isso, com base no medo e na necessidade anímica da humanidade, desejos elevados, pensamentos elevados. Teceram, visto dialeticamente, a rede de uma ordem celeste, de um *devakan*. Produziram muitas doutrinas sobre elevação, beleza e graça. Estabeleceram normas sobre o amor humano e sobre grandes sacrifícios e ligaram todas essas sugestões ao sangue da humanidade mediante a utilização de métodos eugenéticos.

Destarte vivificaram outra esfera refletora, as assim chamadas regiões superiores da esfera refletora, e as povoaram com os deuses sombrios de sua imaginação. Campos de éteres e campos de forças, outrora de pureza natural, se tornaram então em campos de vida. Após a morte, os homens que desse modo estavam preparados até o sangue transpunham primeiro as regiões fronteiriças, porém se seu sangue tivesse maior polaridade com outra espiral de fantasmas, para lá mudavam finalmente com o resto da personalidade, já que semelhante atrai semelhante. Destarte deviu da esfera refletora o complicado campo de fantasmas e mortos, de sombras e fantasias, o campo de intensa ilusão e enormes paixões. Com tudo isso o homem dialético permaneceu porém, por eões a fio, o condenado, o atormentado. Tal como as regiões fronteiriças mostram a fúria dos instintos naturais, o resto da esfera refletora é o campo de tensão da ilusão, o qual causa os incontáveis desenganos e as amargas quedas na realidade mediante sua descarga periódica. Isso tudo au-

menta o sofrimento da humanidade. *Não se vai* para o inferno, *está-se* nele, e continuais a ser arrastados no frenesi do giro da roda.

Pode ser que ao aluno da Escola Espiritual, de quem irradia uma vida aspirante ao que é elevado, essa conclusão se afigure uma injustiça. Poderia mesmo ser que ao examinardes vossa atitude de vida, vossos interesses e mais profundos desejos, já nada encontrásseis de instinto natural, de bestialidade reprimida, de automanutenção grosseira ou de algo congênera. Todavia, após averiguação inteiramente impessoal, tereis de chegar à conclusão inegável que – enquanto ainda se é desta natureza, e a natureza divina ainda não vos libertou – existe uma ação recíproca entre nós e nosso campo natural, e atuamos de uma ou outra forma para a conservação deste campo natural. Tanta coisa do passado habita nosso microcosmo, e naquilo que se chama subconsciente jaz oculto tanto desta natureza que nós – pensando nas palavras de Jesus, o Senhor, que ele dirigiu uma vez a seus alunos mais íntimos, concementes ao julgamento deles da pecadora arrependida: “Quem dentre vós está sem pecado lhe atire a primeira pedra” – não podemos deixar de reconhecer: enquanto ainda sou desta natureza e nela estou, sou cúmplice e coadjuvo em sua conservação.

Muitos alunos se distanciam da vida grosseira e inferior, e grande número deles trespassaram a fronteira do alcançável dialeticamente, enquanto outros estão rapidamente caminhando para isto. Não obstante eles ainda são moradores da fronteira, efésios, e ainda se encontram, segundo o mais profundo ser, no interior das fronteiras desta natureza, até que chegue o momento em que possam transpô-las. Compreendei agora portanto vossa imensa responsabilidade para com

todos os vossos semelhantes! Vós não vos defrontais pessoalmente com esses problemas nem tendes de perguntar-vos: "Como os resolvo por mim mesmo?", porém tudo aquilo que reprimis mediante educação, cultura ou outra maneira, a totalidade dos impulsos naturais repelidos, se junta ao mal demoníaco das regiões fronteiriças e ameaça, por conseguinte, vosso próximo, do mesmo modo que os fantasmas de vossos semelhantes fazem conosco. Temos por isso de estar profundamente compenetrados de nossa culpa recíproca.

Nós nos mantemos encerrados com uma força diabólica enquanto falamos uns aos outros de amor humano e cultura. Nossa atitude de vida é talvez pura e, segundo nossa concepção, muitíssimo elevada, porém vos dizemos: ela é, enquanto estivermos nesta natureza, tão terrivelmente venenosa que se não pode imaginá-lo. É então exagero dizer, tal como a Escritura Sagrada: "Nós somos mau cheiro para as narinas de Deus"? Pode-se denominar falsa a declaração do Evangelho: "Branco por fora, mas por dentro cheios de ossos mortos e imundície"? Não é totalmente correto quando a Doutrina Universal indica o homem dialético como a mais perigosa das criaturas? Por isso o autodomínio, tal como o mundo o concebe, é semelhante à tentativa de tapar com um dedo, em meio à violência de furacão, um buraco num dique.

Vedes agora expostas diante de vós as causas do sofrimento? Percebeis agora que, enquanto bancais o aluno da Escola Espiritual, não resolveis os problemas da humanidade com sorrisos, com apertos de mão e com amabilidades? Descobris que se tem de trabalhar a fim de salvar os homens deste mar da vida, que se tornou novamente *tão* sujo, *tão* corrompido e *tão* horrivelmente perigoso que cada inspiração se assemelha a uma morte? Precisam-se aqui homens e

mulheres que queiram trilhar a senda* de *sangha*, a senda de santificação, a senda única de cura – não por causa de exaltações místicas, senão por causa do sofrimento de seus semelhantes!

Há apenas *um* meio de amenizar o sofrimento da humanidade, a saber, que trilheis essa senda de cura. Ela modifica vossa natureza, tomando-a novamente natural, de modo que possais viver e ser, sem nenhuma violência interior, segundo vossa natureza e essência. Ela vos livra incontinenti, de maneira totalmente natural, de todos os demônios, todos os fantasmas e todas as sombras da esfera refletora. Tornar-vos-eis inteiramente livres deles.

Já não sereis então um veneno mortal para vossos semelhantes e, com isso, suprimis algo de seu sofrimento. Contribuireis destarte para o esvaziamento e para a limpeza de todos os estados da esfera refletora.



III

AUTODOMÍNIO (II)

Vimos em nossas considerações precedentes que o autodomínio, tal qual o mundo o pratica e utiliza, de modo algum pode ser uma fase libertadora na senda sétupla. Ele contribui para a repressão dos instintos naturais do próprio ser, em conseqüência do qual desenvolvemos um campo de tensão individual ou coletivo, que de tempos a tempos tem de descarregar-se. Assim criamos continuamente para nós próprios e para outrem as causas do sofrimento e evocamos a situação que Johannes Valentinus Andrae nos descreve tão magistralmente em *As Núpcias Químicas de Christian Rosenkreuz*. A massa na torre, que quer escapar ao sofrimento, chuta, golpeia, se estorva e aperta de maneira tão dialética e cientificamente perfeita, que se pode considerar um milagre quando alguém logra êxito em seus esforços.

Há apenas um meio de escapar ao sofrimento da humanidade e, com isso, amenizá-lo, a saber, trilhar a senda de *sangha*, a senda da santificação, a senda do remédio universal. Já indicamos algumas fases dessa senda.

Primeiro temos de possuir a chave da senda, chave que é denominada *fé* na Linguagem Sagrada. A fé abrange a posse, a experiência, do átomo primordial no santuário do

coração e a reação positiva a ela.

Quem pode dispor dessa chave galga o primeiro degrau da senda e obtém a *virtude*, isto é, ele se constrói uma nova base sanguínea, outra estrutura sanguínea. O aluno então se torna apto para a senda, isto é, ele recebe, do imo, a aptidão para ela.

Sobre essa base sanguínea, o aluno galga o segundo degrau, ele obtém *conhecimento*. A vibração do átomo primordial e as funções hormonais modificadas daí resultantes realizam um processo maravilhoso no santuário da cabeça. O archote da pineal é inflamado, em conseqüência do que o aluno entra em ligação de primeira mão com a luz universal da Gnosis.

Temos de compreender bem o que tudo isso significa.

Como sabeis, há quatro estados etéricos diferentes, e cada um destes éteres se distingue em três vibrações, em três aspectos. Isso quer dizer que recebemos quatro vezes três ou doze influências etéricas diferentes. Além disso temos de saber que todas as influências etéricas nunca sobre-vêm ao mundo e à humanidade individualmente, senão sempre em grupo.

Há um grupo de quatro éteres que atuam exclusivamente com e mediante o santuário da cabeça, e que indicamos como éteres mentais.

Em segundo lugar há um grupo de quatro éteres da mesma natureza que os éteres mentais, porém de vibração diferente e portanto de outro grau de atuação, que colaboram exclusivamente com o santuário do coração e são denominados éteres astrais ou elétricos.

Em terceiro lugar conhecemos um grupo de quatro éte-

res, colaborando exclusivamente com o santuário da bacia, os assim chamados éteres sanguíneos.

A opinião geralmente defendida na literatura ocultista de que unicamente o éter refletor provoca a atividade do pensamento é totalmente errônea. Um grupo completo de quatro éteres impele à atividade do pensamento e às outras funções do santuário da cabeça, assim como, igualmente, os quatro éteres em conjunto constroem e mantêm o sangue.

Vemos assim que quatro éteres atuam em nosso reino dialético natural, ao total, doze aspectos, estados ou vibrações. Essas doze forças ou alimentos, emanantes dos quatro e atuando em três grupos, nos são indicados em toda a Filosofia Universal. O inteiro universo visível é formado destas e mediante estas doze forças, e uma série infindável de deduções simbólicas na Linguagem Universal foi consequência disto.

Em sua unidade eles são Deus se manifestando na natureza.

Em sua trinalidade eles são a Trindade.

Em sua quaternidade eles são os quatro alimentos santos, ou os quatro senhores do destino.

Em sua coletividade, achamo-los indicados como os doze patriarcas, os doze apóstolos, os doze *Dhyânis*, as doze hierarquias, etc...

Imaginal pois um homem que é inteiramente desta natureza. É claro que nesse homem todos os três santuários têm de funcionar em perfeito equilíbrio uns com os outros e funcionarão de modo que os processos de assimilação etérica e

os efeitos deles emanantes apresentem absoluta conexão.

Primeiro pode averiguar-se, no que concerne a esse homem, uma base de vida, determinado nível, em que a vida se desenvolve. Essa base de vida é a base sanguínea em que todo o *karma* acumulado do ser aural se manifesta. A totalidade de nosso subconsciente, de nosso passado dialético, a qual foi acolhida em inúmeros estados de existência pelos pontos magnéticos do ser aural, faz-se valer no sangue e pelo sangue. Em concordância com isso, os éteres naturais, que são acolhidos pelo sistema do baço, se afinam com a natureza deste homem. Destarte os impulsos primários, as atividades motoras vitais, são assegurados.

Por isso dizemos que esse eu sanguíneo, atuando mediante o sistema fígado-baço e a partir do sistema fígado-baço, é o ego natural, predominante¹⁵. Se o homem de nosso exemplo ainda é uma criança, vemos como o eu sanguíneo desempenha um papel dominante nos primeiros anos de sua vida. Os outros dois egos naturais ainda não despertaram.

Após decorrer alguns anos, todavia, o segundo ego natural desperta. O que ocorre então? A atividade do santuário do coração começa a desenvolver-se, a vida de sentimentos da criança toma forma. Anatomicamente, isso significa que o esterno (isto é, o irradiante!), o osso do peito, inicia sua função. O esterno é um órgão maravilhoso. Ele possui doze pares de vias de entrada e saída, os quais estão ligados diretamente com o fogo serpentina, e dois pontos magnéticos, um órgão atrativo e um órgão irradiante.

Esse maravilhoso sistema também desempenha grandioso papel na atividade do átomo primordial, todavia deixe-

15. Ver pág. 46.

mos isso no momento fora de nossas considerações¹⁶.

Quando a vida de sentimentos da criança se torna um fator perceptível, bem pessoal, o externo passa claramente à assimilação etérica mediante seu órgão atrativo. A vida de desejos, a vida de sentimentos, a vida de sensações, começa a fazer-se valer. Em conseqüência disso o externo irradia um desejo, uma radiação buscadora, cobiçante. Com sua faculdade atrativa ele agora acolhe forças que satisfarão o desejo. Essas forças acolhidas são éteres de radiações e vibrações mais sutis do que as dos éteres sanguíneos. Todavia atentai bem que esses éteres astrais, coadjuvantes com o santuário do coração, embora de vibrações mais sutis, não são de uma classe mais elevada do que a dos éteres sanguíneos. Eles são apenas um grupo de funções totalmente novas que têm de ser forçosamente vivificadas na criança em crescimento. Um desejo pessoal dirigido individualmente tem de ser respondido. Quando um poderoso impulso material emana do ser aural, ele será primeiro gravado no sangue da criança. Quando o santuário do coração se manifesta – mediante o crescimento, e portanto mediante vigorosa formação dos ossos – a inclinação, a natureza do desejo primário do coração, se evidenciará no sintoma do instinto de posse. Destarte se demonstra a conexão absoluta que existe entre os éteres sanguíneos e os éteres astrais. Todavia o homem em crescimento não deviu completamente. Falta ainda um fator. As condições de vida estão criadas, o desejo vital, trabalhado. Agora todas as atividades do santuário da cabeça ainda têm de nascer. Esse nascimento se realiza numa terceira fase de crescimento. O homem é provido de uma faculdade para

16. Ver págs. 24/26 e 34/35.

poder utilizar inteligentemente suas forças vitais, tanto quanto possível, independente de terceiros, e alcançar suas intenções. Pensamento, vontade, memória e aspectos semelhantes do santuário da cabeça se manifestam com o auxílio de uma terceira categoria dos quatro éteres, os éteres mentais. Estes são os mesmos éteres naturais, porém novamente de vibração distinta.

Agora o homem está crescido e pode, no pleno sentido da palavra, comer dos doze pães. Os Doze Eões* da natureza falam nele e por ele. O ser aural o guia completamente por esses doze apóstolos. Assim, o homem desta natureza é guiado por esse deus da natureza.

Dirijamo-nos agora novamente aos processos de *sangha*, aos processos da senda de cura.

Atrás do esterno irradia o átomo primordial, e o aluno desperta essa estrela de Belém. Se o aluno dirige sua atenção para o princípio ígneo interior e a ele se oferece em auto-rendição, é claro que um novo desejo surgirá até nos ossos, um desejo com aspectos muito notáveis. É um desejo que não nasceu do sangue, do eu sanguíneo ou de outra atividade natural. Esse desejo libertará outra natureza, uma natureza pré-humana.

Em concordância com este desejo não natural, é emitido contra o esterno um impulso vigoroso. Essa oração, que não se originou do murmúrio de palavras, senão como que do suspiro dos ossos – e não poderia ser de outro modo – é respondida. A estrela paira imóvel sobre Belém, a casa do pão da natureza divina, e o candidato é alimentado. Ele se

torna *apto* para a senda.

Todavia, entendei-o bem: esse processo significa um distúrbio ingente no processo duodécuplo natural. Ele significa “guerra no imo”, a espada em nossa alma. O santuário do coração preenche pois duas funções: a assimilação etérica astral desta natureza, e a da natureza divina. Desenvolve-se com isso um distúrbio no coração. A fortaleza das doze forças naturais, a fortaleza da aliança duodécupla do Velho Testamento é atacada no centro, no coração. A irradiação ígnea da Gnosis acomete, por um lado, o sangue e, pelo outro, ataca as funções do santuário da cabeça. Entendereis pois que, quando nosso desejo, nossa irradiação do estemo, se transforma fundamentalmente, nossa faculdade de pensamentos terá de acompanhá-lo. Podeis imaginar um desejo sequer a que o pensamento não se dirija?

Quando então, compelidos pelo átomo primordial, seguirmos a voz do coração, far-se-á luz como que da aurora no santuário da cabeça. O novo sol tinge as nuvens da manhã. Um segundo golpe de espada divide nossa alma: à virtude segue o *conhecimento*. Uma segunda luta força seu caminho, pois, juntamente com os éteres mentais da natureza, os éteres da nova natureza adentram o sistema.

Leitor, conheceis a luta das duas naturezas? Os alunos que se enobreceram para esses processos têm, graças a seu estado de ser, duas considerações do coração e duas ponderações do intelecto: a voz interior da Gnosis e a voz da natureza comum.

“...e, à vossa fé, acrescentai a virtude” – o novo toque do coração; “à virtude, o conhecimento” – a nova atividade da pineal; e, em consequência disso, a ingente luta interna, a graça e a inevitável cisão.

Que deveis fazer pois? Galgai agora o terceiro degrau! "...ao conhecimento, o *autodomínio*"! Uma nova força veio existencialmente a vós. Pois bem, segui essa força! Segui a pista que ela vos indica! Não se trata aqui do já mencionado autodomínio dialético, que consiste no refreamento das doze forças naturais com todas as suas sinistras conseqüências e efeitos ligadores à natureza, porém o seguimento consciente da voz da luz que foi inflamada existencialmente em vós pelo Espírito de Deus. Podeis fazer isso sem nenhum esforço, precisais apenas abandonar a voz e a pressão da natureza em vós e dirigir-vos totalmente a esse outro, ao novo em vós: *isto é autodomínio*! Observareis então que a velha natureza cala e define cada vez mais.

Autodomínio, tal qual a santa lei sétupla o considera, é uma auto-orientação com base na verdadeira virtude e no verdadeiro conhecimento: o seguimento da nova voz interior. Esse autodomínio constitui o terceiro degrau da senda.

Agora pode surgir a pergunta: "Como podemos saber se nosso autodomínio provém do toque da nova natureza? Não se pode demonstrar que, inúmeras vezes, somos vítimas do auto-refreamento comum e de todas as suas conseqüências explosivas?"

A resposta se tornará clara no quarto degrau: "...ao autodomínio, a *perseverança*"!

Quem persevera até o fim, quem *pode* perseverar até o fim, "será salvo", segundo as palavras do Apocalipse.



IV

PERSEVERANÇA

Tratamos pois minuciosamente de três degraus da senda sétupla.

Primeiro o aluno entrará em ligação pessoal com a Gnosis, com base em sua auto-rendição ao átomo primordial no santuário do coração, e destarte receberá a aptidão, a força correta, para poder trilhar a senda. A Escritura Sagrada denomina isto "obter a virtude mediante a fé". Se essa força da Gnosis se torna ativa, portanto, no sistema do aluno, ela compelirá em seguida o santuário da cabeça à mudança. Assim como as irradiações santificadoras da Gnosis são recebidas primeiro pelo esterno, esses toques também habilitam o santuário da cabeça para uma ligação de primeira mão com o campo de irradiação universal.

Se esta segunda ligação está ativa, o candidato pode, tal qual a Escritura Sagrada o denomina, "progredir da virtude para o conhecimento". Os dois santuários, o da cabeça e o do coração, se abrem então literalmente para a atividade do Espírito Santo.

Uma nova luz irradia do santuário da cabeça e brilha pois qual lâmpada para os pés. O caminho correto se torna com isso visível interiormente, e o candidato deste segundo

degrau tem simultaneamente a força interior para trilhar realmente esse caminho que se lhe torna visível. Não obstante ele tem de estar consciente de que sua inteira realidade de ser provém da comum natureza da morte e de que ele ainda está totalmente em terra dialética inimiga. Isto significa que, apesar das radiações da Gnosis adentrarem agora, de primeira mão, o estemo e a pineal, ao mesmo tempo as radiações da natureza comum também tocam coração e cabeça e fazem valer seus direitos, suas influências.

Por isso surge agora uma grande dificuldade: duas forças se declaram agora no aluno, duas vozes ressoam, duas naturezas falam, as quais se defrontam irreconciliavelmente. Por conseguinte, este homem se acha diante da tarefa de decidir em inúmeros aspectos, num conflito contínuo de escolha, que voz, que influência, ele deve seguir. É claro que se ele deseja totalmente a nova vida, ele terá de conduzir as influências da natureza comum ao biologicamente necessário, ao lógico e ao responsável, e lhes determinar as fronteiras conscienciosamente. Quanto ao mais, ele seguirá a voz e a força interiores com todo o seu interesse, com toda a sua atenção, com toda a sua alegria e com todo o seu entusiasmo. Essa ordenação da vida, completamente compreensível e necessária, a Escritura Sagrada chama "progredir do conhecimento para o autodomínio". Este é o terceiro degrau da senda, após o qual se seguirá o quarto degrau: evidenciar, em autodomínio, a *perseverança*.

Eliminemos primeiro alguns mal-entendidos do caminho a fim de adquirir uma compreensão correta.

De tempos a tempos todo o homem dialético dá demonstrações de perseverança. Sempre existe um alvo que o homem persegue com perseverança. Mostra-se perseverança

principalmente quando se trata de objetos materiais ou ainda também fama e honra. Todas estas manifestações de perseverança provêm de uma egocentralização dura como pedra. Pensai em questões de prestígio em vossa vida, onde decidis, durante conflitos com terceiros, perseverar numa posição já tomada anteriormente. Perseverança é então teimosia, obstinação.

Considerai a palavra *hardnekkig*¹⁷! Ela provém de um conhecimento primordial e alude a determinado estado da medula, da medula oblongada, que se acha na nuca. Por meio da medula, impulsos da consciência são transmitidos ao sistema inteiro. Obstinação é então manter-se aferrado, defrontando todos, a uma decisão já tomada, é forçar a medula, como que numa crispação do ser inteiro, a fazer valer sua influência numa direção.

A palavra *volharding*¹⁸ tem, segundo o idioma primordial holandês, dois significados: um conhecimento onde a idéia *hard*¹⁹, pétreo, inflexível, "obstinado", está em posição central, e um significado que deriva da idéia *hart*²⁰, do santuário do coração. Ter-se-á de falar, de fato, considerando a distinção das duas idéias, de *volharding*¹⁸ e de *volharting*²¹ ou *volhartigheid*²¹. Devemos advertir-vos quanto a isso porque o quarto degrau vos coloca diante da "integridade de coração".

Quando vos falamos, segundo a Escola Espiritual, de "integridade de coração", referimo-nos a uma qualidade do car-

17. Obstinado, em holandês. Literalmente é: aquele que tem a nuca dura.

18. Perseverança, em holandês.

19. Duro, em holandês.

20. Coração, em holandês.

21. Integridade de coração, em holandês.

didato que principiou no santuário do coração, progrediu consoante o santuário da cabeça, e destarte se demonstra tanto no coração como na cabeça. Desejamos traduzir a palavra "perseverança" como "persistência". A Escola Espiritual deve tornar-vos compreensível agora de que maneira um aluno no caminho pode persistir em sua tarefa iniciada na Gnosis. Relembrai primeiro, conosco, todo o caminho já falado até aqui, com o que ainda voltamos ao exposto no capítulo anterior.

Há três grupos de quatro éteres:

– os éteres sanguíneos, que cooperam com o sistema baço-fígado e provêm as funções puramente biológicas de nossa personalidade;

– os éteres astrais, que cooperam com o santuário da cabeça e provêm toda a nossa vida de emoções e o registro completo de nossos sentimentos e desejos;

– por fim, os éteres mentais, que cooperam com o santuário da cabeça e nos capacitam, com base em nossa vida de emoções, para a compreensão, para a decisão e para a atividade volitiva e, conseqüentemente, para a ação. *O que vem portanto em primeiro lugar é a natureza e a qualidade do instrumentário de emoções. Por isso é dito que Deus sonda os corações.*

A pureza do coração determina tudo, pois a cabeça entra em atividade totalmente conforme com a qualidade de nossas emoções. Como conseqüência da ação daí resultante, chegamos, corporal e por conseqüente biologicamente, a determinado estado sanguíneo, pelo qual o estado do coração é novamente influenciado. Pode-se dizer por isso que a irradiação do esterno, a qual provém do coração, é a chave para a inteira conduta de vida.

O esterno, como sabeis, não é apenas um órgão irradiante, mas também simultaneamente um aparelho receptor. Toda a irradiação que é recebida por esse aparelho receptor é incontinenti refletida no centro da cabeça e al age. Imaginai agora que estais, pela primeira vez, no templo da Rosacruz. Por que viestes a ele? Porque por um motivo ou outro estais buscando. Com outras palavras: mediante essa busca irradiante de vosso esterno sois mais ou menos receptíveis à atividade irradiante da Escola Espiritual. O que acontece agora?

Sois atingidos no coração, de maneira irrevogável, por uma influência que emana nesse instante da Escola Espiritual. Essa influência atua em todos nós de modo diverso porque a faculdade do esterno, como consequência de nosso estado pessoal de sangue, é diferente. Todos nós porém, sem exceção, sofremos uma influência nesse momento. Incontinenti após a recepção dessa influência pelo esterno, ela é projetada no santuário da cabeça e atua em vossa faculdade de compreensão. Esta faculdade de compreensão, pelo motivo há pouco citado, é igualmente individual. Suponhamos que nesse momento compreendais estardes totalmente errados, que em consequência daquilo que foi projetado chegueis mentalmente a uma conclusão sem pé nem cabeça. Resta não obstante o fato de que reagis! Que uma influência atingiu vosso coração e irrompeu em vosso santuário da cabeça!

Podeis comparar isso a um choque. Na terapia moderna um homem com a consciência obscurecida pode ser submetido a um "choque" e, com isso, chegar ao aclaramento da consciência. Assim sois igualmente submetidos a um choque, se bem que de outra maneira, pela Escola Espiritual.

Imaginar agora que aquilo recebido corresponde de maneira cabal àquilo buscado e desejado por vós! Então ocorre, em poucas palavras, o mesmo que a senda sétupla tenciona: Mediante o que recebeis no coração por meio de esterno obtéis a virtude. Aquilo que é recebido é projetado na cabeça, e recebeis com isso uma compreensão, ou dito de outro modo: obtendes o conhecimento. Sentis e compreendeis por conseguinte, num momento, consoante vosso sentimento e vossa compreensão, que vos tornareis entusiásticos e dinâmicos e decidireis imediatamente, em autodomínio, a continuar a trilhar o caminho. Já saístes de muitos serviços templários e de muitas conferências com tal disposição, em tal estado de ser. Com a consciência aclarada pelo choque recebido, e carregados de força, ides de cabeça erguida ao trabalho. Vivenciastes como que num átimo os três degraus da senda.

Por um curto período tudo vai bem, às vezes apenas por uma hora, e então fracassais irrevogavelmente no quarto degrau, pois... *não existe perseverança suficiente!* E de repente, os três degraus vivenciados como que num átimo parecem haver desaparecido totalmente. Foi uma quimera, um sonho, uma ilusão? Carregados de força pela Escola Espiritual, tratamos de dizer uns aos outros: "Agora o faremos!" – "Agora permaneceremos na realidade!" – "Agora a realização virá!". Todavia antes de chegarmos a casa, isso já está ausente. Ao choque se segue novo obscurecimento da consciência. Há apenas uma hora experimentamos, por meio do toque cheio de graça da Escola Espiritual, um antegoço da senda, porém nada mais que isso. E a causa?

A causa reside no fato de não haver perseverança suficiente. Nosso coração ainda não foi dado inteiramente à

Gnosis. Nosso desejo ainda não é bastante puro e ainda está completamente misturado com intenções dialéticas. Nosso coração ainda está sujo, impuro. Uma bagatela, às vezes numa fração de segundo, já é suficiente para interromper o afluxo da luz universal. Quando não há portanto perseverança, também não pode haver persistência, firmeza, no quarto degrau. Nosso primeiro desejo e nosso primeiro anseio têm de ser portanto possuir pureza suficiente de coração a fim de que um mínimo de atividade da luz gnóstica esteja presente e permaneça em nosso sistema. Nosso estado de ser deve ser tal que essa flama já não possa extinguir-se. Por isso, nosso santuário do coração deve ser esfacelado consoante a velha natureza. A flama do santo fogo será então inflamada permanentemente no coração com todas as suas consequências libertadoras. De um choque sempre repetido, com a recálca que se segue, não obtendes nada. Tendes de ser curados!

Propõe-se-vos pois que vos coloquais, com a aparelhagem luminosa do coração, à luz do sol universal e vos ligueis com a luz desse sol. Enquanto não existir essa ligação, estais fora da luz, um estado que na Escritura Sagrada é denominado "pecado". Esta palavra, "pecado", não indica um estado de maldade, tal qual a teologia natural afirma sem nenhum fundamento, senão um estado puramente natural. Por isso diz o poeta na Escritura Sagrada:

"Pequei contra Ti, unicamente contra Ti, e fiz o que é mal a Teus olhos, pois que nasci em iniquidade, e em pecado (completamente fora da Luz Universal) minha mãe me concebeu nesta natureza".

"Por isso cria em mim, ó Deus, um coração puro e re-

nova em meu imo um espírito firme, perseverante!"

Que conduta de vida é pois necessária para manter ar-
dendo em nós a flama do fogo curador? Que oferenda de-
vemos fazer? O mesmo poeta vos responde:

"As oferendas que agradam a Deus são um espírito
alquebrado. Um coração aquebrado e destroçado. Tu
não desprezarás, ó Deus!"

Tendes de entender que não podeis, sem mais nem me-
nos, decidir-vos a acender a flama do fogo curador no san-
tuário do coração e a trilhar a senda. Bem podeis decidir isso,
porém não persistireis, não haverá perseverança. O que se
manifesta então é uma caricatura, um sucedâneo, o barril de
pólvora, das forças naturais reprimidas.

Não, o facho do fogo tem de ser conquistado. O grau ne-
cessário de pureza do coração somente é possível após uma
derrota completa da natureza. Temos de ser despedaçados
segundo nosso eu conservador. Ninguém que não haja pri-
meiro sido atingido aqui pela ilusão do sofrimento alcançará
vitória. Quando então a última labareda do desejo terreno do
eu houver desaparecido, e apenas estiver presente um olhar
para os montes da salvação, a oferenda, com a purificação
do coração, será aceita.

Quem não quiser isso, permaneça longe da Escola Espi-
ritual! O Evangelho de Jesus Cristo, segundo as palavras de
Paulo, é unicamente para os fortes. Sobre estes fortes é eri-
gido o templo da devoção.



V

DEVOÇÃO (I)

Estudamos, pois, quatro degraus da senda sétupla e passaremos agora a esclarecer perante vossa consciência o quinto degrau em diversos aspectos: “. . . à *perseverança, a devoção*”.

Permiti primeiro que vos recordemos novamente: “Ponde nisso toda a vossa diligência e, a vossa fé, acrescentai a *virtude*”; – a força-luz da Gnosis, mediante a atividade do átomo primordial, penetra a nossa personalidade através do esterno;

“à *virtude, o conhecimento*”; – a força-luz, com o auxílio do hormônio do timo e do sangue, é projetada no santuário da cabeça com todas as conseqüências daí resultantes;

“ao *conhecimento, o autodomínio*”; – o candidato reagirá às sugestões da luz interior e se despedirá inteligentemente da atividade da natureza que também se manifesta em seu sistema;

“ao *autodomínio, a perseverança*”; – progredindo no autodomínio, o candidato viverá de modo que a flama da luz de Cristo, a qual foi inflamada no santuário do coração com todas as conseqüências intervenientes, já não possa extinguir-se e permaneça sempre ardendo. Em seguida a isso, guiado

e compelido por esse candelabro ardente, ele galgará o quinto degrau: “à perseverança, a *devoção*”. Algo ocorrerá, algo se modificará, na personalidade do candidato. Não se trata apenas de uma mudança da conduta de vida, de uma auto-orientação espontânea no caminho, por causa da luz interior, porém os fundamentos para uma realidade de ser *por completo* nova são estabelecidos de baixo para cima, estrutural e corporalmente.

Somos extremamente gratos e nos sentimos muito felizes por nos ser permitido dar-vos um esclarecimento razoável sobre esse assunto, pois isso, qual presságio, é mais uma vez a prova de que o dia dos dias se aproxima. Novamente se aproxima um dia de Pentecostes, uma festa sagrada de Pentecostes, e as sete Escolas têm de esforçar-se para mais uma vez tornar verdade as palavras históricas e ao mesmo tempo proféticas de Atos dos Apóstolos II:

“E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos de todas as nações que estão debaixo do céu”.

Também em nossos dias essa multidão de devotos tem de ser reunida. Será a multidão que mais uma vez vos indicamos como o vindouro novo homem. E já agora, no futuro imediato – hoje, amanhã e depois de amanhã – podeis, como alunos da Escola Espiritual, adentrar o estado da nova gênese humana, porém unicamente com base no quinto degrau, ou seja, quando o candelabro da luz universal, graças a sua flamejante realidade, já não puder ser removido de seu lugar. Esse candelabro gera em nós a *devoção*.

Desprendei-vos e libertai-vos de toda a superficialidade existente, com relação a isso, nas massas religiosas e con-

solidada no sangue de inúmeros pela ignorância grosseira dos guias espirituais. Diz-se: "Devoção é religiosidade. Uma vida devota e, portanto, religiosa significa ser e viver segundo os dogmas da Igreja e, com isso, demonstrar de fato uma vida de ações de moralidade elevada e completamente conseqüente". Ninguém poderá reclamar contra isso, porém tal atitude de vida nada tem a ver com devoção segundo o sentido da intenção gnóstica primordial. Todavia, por séculos a fio, nunca se conseguiu ocultar o conhecimento da verdadeira devoção. A ciência da devoção primordial foi transmitida de modo tão perfeito e completo a todas as raças e povos que é para se admirar quando é encontrado, em homens de categoria superior, desconhecimento completo daquilo concernente a isso. Achamos que a ciência da devoção tem muito que dizer aos homens, principalmente àqueles de nosso século moderno.

Nós, que ouvimos e lemos sobre as descobertas dos fisiólogos, biólogos e médicos, conhecemos o poder do infinitesimal num sistema como nosso corpo. Sabemos o que um hormônio, um núcleo de vitamina, a milésima parte de miligrama de um remédio, podem causar e realizar em nosso corpo. Sabemos como se pode influenciar e modificar o processo de crescimento do homem com o hormônio da tireóide e o hormônio da hipófise. Sabemos quanto esses hormônios estão ligados a nossa força criadora corporal, a nossa moralidade e quanto eles influenciam toda a nossa vida de ações.

Refleti bem! Pensáveis então, quando um homem é atingido por tão poderoso raio de luz, como o é o raio de luz da Gnosis, e essa luz cai qual raio e toca corporalmente o coração, a cabeça e o sangue, que esse medicamento de cura, esse remédio, nada mais causaria em nosso corpo do que

uma religiosidade burguesa, uma religiosidade reconhecida oficialmente?

A força do Espírito Santo é santificadora, curadora, isto é, um remédio não somente em sentido abstrato, filosófico, místico, porém, ao mesmo tempo, corporal, anatômico e biológico. Isso é magnífico e esplêndido, e ao mesmo tempo interveniente e perigoso!

Que diferença haveria entre a Escola Espiritual e uma ou outra orientação religiosa natural se o trabalho da Escola Espiritual meramente se dedicasse por completo a reflexões sobre o reino imutável – que não possuímos nem vemos e com que não temos a menor ligação – se nos perdêssemos em inúmeras considerações filosóficas e, como homens puramente naturais, afirmássemos: “Isso é assim!”. Não se poderia perguntar, com razão: “Para que todo esse esforço? Para que todo esse palavreado?”, se o aluno da Escola Espiritual que deseja trilhar o caminho fosse ou permanecesse igual àqueles que estão fora da Escola Espiritual? Quem reflete seriamente sobre o caminho e se decide realmente a trilhá-lo, modifica-se, a partir dessa hora, corporal, biológica e anatomicamente. Tendes de compreender a grande lógica, a necessidade disto: estamos encerrados aqui, nesta cabana adâmica, com todas as conseqüências daí resultantes. Pois bem, se a senda da cura, o processo do remédio universal, for realidade e verdade, ele tem de começar *corporalmente* aqui, tem de ser estabelecido aqui!

Se alguém todavia é apenas ouvinte da palavra, um observador, então ele permanece um falador, alguém que talvez saiba, mas que não faz. Palavra e ação, nele, não estão em harmonia uma com a outra. Isso é compreensível, pois nele existe apenas *uma orientação* do estado natural para o

estado espiritual. Quem permanece nesta natureza é, no melhor dos casos, apenas um ouvinte, e todo o seu procedimento é e permanece desta natureza, muito egocentralizado e conforme com o mundo. Quem todavia irrompe, partindo do estado natural, no estado espiritual, modifica-se incontinenti e, como dito, não somente em sentido moral, ético e religioso, porém sua mudança é, ao mesmo tempo, corporal.

Esta mudança corporal é que é a devoção! Ela se manifesta no quinto degrau da senda sétupla.

Por isso tais palavras são dirigidas a todos os que estão decididos a subir a senda sétupla, especialmente aos irmãos e às irmãs que se preparam para o quinto degrau. O vindouro novo homem se manifestará em futuro próximo, o dia do novo Pentecostes se aproxima. Se a flama da nova luz sobre o quarto degrau se tornou em um candelabro a arder ininterruptamente, pode-se falar de uma força ígnea proveniente dos ossos que aflui via santuário do coração e prossegue rumo à cabeça.

Em que consiste essa força ígnea? Essa força ígnea da Gnosis se relaciona com o valor etérico quádruplo de natureza completamente diversa daquela que conhecemos na dialética. Por conseguinte, o candidato é ligado aos quatro alimentos santos.

Atentai agora no fato evidente de ser tal candidato, que pode festejar essa ligação, um ente natural, um homem de carne e sangue que está e vive nesta natureza. Ele também precisa, portanto, dos quatro éteres naturais comuns. Se a corrente etérica comum natural fosse subitamente interrompida pela ligação com os quatro alimentos santos, isso acarretaria incontinenti a morte. Portanto, vede agora de que maneira esse homem, embora temporariamente, vive duas vidas

– uma vida que sempre diminui, e outra que cresce sempre, continuamente.

Sabeis que no sistema* do fogo serpentino está presente, como sede da consciência, uma constante de hidrogênio. É a constante de hidrogênio da natureza comum. Compreendereis que é impossível transferir-se o éter-hidrogênio dos quatro alimentos santos para a coluna* do fogo serpentino comum, onde se encontra o fogo serpentino da natureza comum. Isso causaria uma fermentação, um envenenamento, uma explosão.

Tal desgraça sempre ocorre quando um homem, com sua consciência dialética, com seu eu dialético e, conseqüentemente, com seu fogo serpentino dialético, aspira a apoderar-se dos valores e das forças da Gnosis Sagrada. Então surge, por curto tempo, tempo que no melhor dos casos pode durar um par de anos, uma violenta luz flamante, uma atividade febril que cessará abrupta, inopinada e dramaticamente, semelhante à vida de um cometa. Não se pode pôr vinho novo em odres velhos. Por isso é formado no corpo do candidato, que, enquanto for necessário, ainda tem de viver segundo a natureza, *um segundo fogo serpentino*.

Achamos a possibilidade para isso no simpático*. Por isso o *nervus sympathicus* é indicado na sabedoria antiga²² como a futura, segunda medula espinal. Este *nervus sympathicus* consiste de dois cordões nervosos, um disposto do lado direito, e o outro, do lado esquerdo da coluna vertebral. Ele parte de um ponto, situado acima da medula oblongada, em que os dois cordões do simpático e a esfera da influência imediata da pineal concorrem.

22. Ver H. P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta*.

Os dois cordões do simpático formam, de fato, dois campos separados. Um campo, situado à direita da medula espinal, é criador; o outro, situado à esquerda da medula espinal, é manifestador. O primeiro é impulsionador, masculino; o segundo é reagente, feminino. Eis por que os antigos Árias denominavam *pingala* o campo masculino do simpático, e *ida* o campo feminino. Em Atos dos Apóstolos, o campo masculino é indicado como Ananias, e o campo feminino, Safira, nomes que significam, literalmente, o campo da graça divina e o campo da beleza maravilhosa.

A força de irradiação do campo manifestador do simpático, o campo feminino, abrange todas as cores do espectro, tal qual acontece em todos os tipos de safiras. No homem comum da massa sua cor de irradiação é vermelha, no candidato do quinto degrau ela é de um maravilhoso violeta, tal qual nas ametistas.

No candidato do quinto degrau os dois cordões do simpático se fundem em um lento processo de mudança. O elemento criador e o elemento manifestador se unem. O elemento masculino e o elemento feminino se tornam destarte em uma unidade, e por fim em uma trinalidade, quando o antigo fogo serpentino do sistema espinal comum é extinto de maneira completamente não forçada e natural no caminho da endura, e o fogo da renovação pode adentrar esse sistema.

Vemos, pois, desenvolver-se no candidato do quinto degrau o seguinte: quando, pela comoção do átomo primordial, as radiações do fogo gnóstico penetram o santuário do coração, o hormônio do timo providencia, em primeira instância, a

projeção desse fogo no santuário da cabeça. Este hormônio é apenas um recurso temporário, como também é o caso da infância. Em nossa meninice, a glândula timo é um depósito de forças para um posterior crescimento autônomo. Este depósito foi preenchido pelos pais da criança.

No aluno acontece, de fato, o mesmo, só que o depósito é agora preenchido pelo átomo primordial para um possível novo crescimento espiritual. Quando, pois, a luz divina é inflamada no santuário da cabeça, vemos essa força afluir pelo cordão direito do simpático até o plexo sacro, situado na parte inferior da coluna vertebral. O plexo sacro, no que concerne ao fogo serpentino comum, está quase totalmente isolado. Por conseguinte, vemos como a torrente da graça da Gnosis preenche todo o ser e, ao longo da torre dos mistérios, mergulha até a câmara terrena do plexo sacro.

Lá *pingala* é confrontado com *ida*. Aí, o campo impulsor é ligado ao campo manifestador, reagente. E agora a torrente tem de subir novamente mediante esse campo reagente, portanto, ao longo do cordão esquerdo do simpático, para o ponto de encontro no santuário da cabeça. Então a jornada na torre dos mistérios está cumprida, e o novo processo é posto em atividade. A força gnóstica impulsionadora corre para baixo; o simpático reage e impulsiona para cima sua resposta, sua oferenda, seu filho da graça. Os antigos poetas diziam que essa torrente ascendente é uma torrente de louvor e gratidão, uma alegria jubilante, uma torrente de renovação. Por isso não é surpresa alguma os antigos sábios denominarem o simpático de “lira de Deus”, o instrumento musical tangido pela Gnosis.

Se puderdes imaginar a atividade dessa circulação da manifestação gnóstica no duplo simpático e compreender por

que os iniciados originais chamavam o plexo sacro o plexo santificador, de onde subia a força de *ida*, então prevereis razoavelmente a consequência disso: o simpático, tocado assim pela força gnóstica, se transformará em um novo sistema nervoso, uma mudança literal do corpo acontece. O novo éter-hidrogênio se manifesta por intermédio do novo sistema nervoso, do novo sistema de linhas de força. Um novo grupo de harmônicos, que reagem unicamente ao novo fluido nervoso, é liberado no sangue. Um novo fluido sanguíneo etérico se faz valer e desse modo, ó maravilha, uma personalidade inteiramente nova é erguida na velha personalidade da natureza, porém fora dela! E esta nova personalidade é a personalidade do vindouro novo homem. Quem iniciou a construção desse novo templo, ainda que tenha deitado uma única pedra, é pleno de graça, é pleno de ventura. Ele é um irmão ou irmã do quinto degrau.

Porém atentai e vigiai: "Quem estiver de pé, cuide em não cair!" Por isso, é necessário informar-vos minuciosamente sobre o significado do relato dramático de Ananias e Safira, que é exposto em Atos dos Apóstolos.

Mediante o maravilhoso campo do simpático se torna possível construir a cidade com as doze portas da libertação. Possa vossa Cristianópolis em breve deitar o fundamento de suas doze portas!

Possa a duodécima porta, com sua refulgência de ametista, logo luzir em vós!



VI

DEVOÇÃO (II)

Quando o candidato alcança a devoção na senda sétupla, algo muda em seu corpo. Os fundamentos para uma realidade de ser totalmente nova são deitados sem que essa mudança prejudique demasiado as funções comuns da personalidade dialética. O candidato passa a viver duas vidas. Uma vida que diminui continuamente, e outra que progride, cresce sempre. Um segundo fogo serpentino é formado, e para isso se utiliza o nervo simpático.

Como vós foi explicado, o nervo simpático consiste em dois cordões, um deles situado à esquerda da coluna vertebral, e o outro, à direita. Eles partem de um ponto, acima da medula oblongada, em que os dois cordões do simpático e o círculo de fogo da pineal concorrem, estando além disso em ligação com a câmara do rei, atrás do osso frontal.

Os dois canais dessa maravilhosa segunda medula espinal formam dois campos isolados. Um campo é impulsionador, masculino, criador, o outro campo é reagente, feminino, gerador. Na Doutrina Universal o campo masculino é denominado *pingala*, e o feminino, *ida*, enquanto em Atos dos Apóstolos eles são indicados como Ananias e Safira, traduzido literalmente como: "Uma graça divina que se manifesta

em maravilhosa beleza”.

Por fim, tratamos do processo em que a nova torrente magnética é recebida exclusivamente pelo coração, portanto pelo átomo-centelha-do-espírito, sobe para o santuário da cabeça, com o auxílio do hormônio do timo, para então descer pelo cordão direito do simpático e ligar-se, no plexo sacro, ao cordão esquerdo, o qual impulsiona novamente a torrente para cima, para o ponto de partida no santuário da cabeça.

Essa nova circulação magnética é o segundo fogo serpentino, e a nova vida se manifestará processualmente, guiada por essa consciência, em todos os que a tenham. Tornar-se-vos-á claro, todavia, que para todos os participantes desse novo processo magnético surge grande nova responsabilidade, outra exigência de vida elevada. É sobre isso que agora desejamos falar-vos e o fazemos após a introdução da história de Ananias e Safira, que podeis encontrar em Atos dos Apóstolos, cap. 5:

“E certo homem, de nome Ananias, com sua mulher, Safira, vendeu uma propriedade. Todavia, de acordo com sua mulher, reteve parte do preço, trouxe certa parte e a depôs aos pés dos apóstolos. Disse então Pedro: ‘Ananias, por que encheu Satã teu coração para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço do campo? Se o não vendesses, não permaneceria teu? E após a venda, não estava à tua disposição? Por que deste lugar em teu coração a tal proceder? Não mentiste aos homens, porém a Deus!’

“E Ananias, ao ouvir estas palavras, caiu e expirou. E os mancebos levantaram, envolveram o corpo com panos, levaram-no para fora e o sepultaram.

“Após o decorrer de quase três horas, sua mulher também entrou, sem saber o que acontecera.

“Pedro lhe dirigiu as seguintes palavras: ‘Dize-me, vendestes a propriedade por este preço?’ E ela disse: ‘Sim, por este preço’.

“Então lhe disse Pedro: ‘Por que vos concertastes tentar o Espírito do Senhor? Vede, os pés daqueles que enterraram teu marido estão à porta, e eles também te levarão’.

“Então ela caiu a seus pés e expirou. Eis que os mancebos entraram e, a achando morta, levaram-na para fora e a sepultaram junto de seu marido. E grande temor sobreveio a toda a comunidade.”

Uma pessoa sóbria, ao ouvir essa narrativa da primeira comunidade de cristãos, observará: “É, os senhores daquele tempo não pensavam em meias medidas!” Visto objetiva e literalmente, trata-se aqui, de fato, de um duplo homicídio em que as autoridades civis não intervieram, consequência certamente dos costumes bárbaros daqueles dias.

Suponhamos que vendais um terreno por certa quantia e digais a vossos familiares: “Guardemos vinte por cento para nós mesmos para comprar isso e aquilo e o restante depositemos no caixa do Lectorium Rosicrucianum”. Presumimos que a comissão de finanças, após o recebimento dessa quantia, de modo algum cometerá um homicídio duplo, mesmo que soubesse não haverdes esvaziado completamente vossa carteira! Com certeza pensaríeis duas vezes antes de entrar em contato com a comissão de finanças se ela fosse tão radical. Imaginai que por infelicidade uma moedinha houvesse ficado no bolso de trás!

Propositamente colocamos isso desse modo para mos-

trar-vos o completo absurdo dessa narrativa se a tomarmos em sentido literal, pois mesmo no conto de fadas mais banal há mais lógica. Quis-se explicá-la uma vez em a indicando como a lei comunista da comunhão de bens, à qual os membros da primeira comunidade de cristãos tinham de submeter-se. Todavia aqueles que isso dizem ainda estão com sua consciência totalmente baseada no Velho Testamento. Eles não ponderam que o verdadeiro cristianismo é completamente inviolento, que a verdadeira comunhão de bens não pode basear-se em uma lei escrita e que nessa comunidade a pena de morte está totalmente fora de cogitação. Eis por que esse relato, quando o examinamos segundo a natureza, é desesperançadamente falso, tão completamente inverdadeiro, que se tem de escolher entre o descrédito de Atos dos Apóstolos ou uma avaliação totalmente diferente. Optamos pela última alternativa na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea.

Já dissemos que nesse relato se alude ao duplo simpático, o qual se torna em um segundo fogo serpentino, em uma segunda consciência, para o candidato da Escola Espiritual enobrecido para isso. Quando essa devoção se manifesta no aluno, quando a nova circulação magnética se inicia, se torna perceptível, ele tem de comportar-se completamente segundo uma nova lei divina interna. Ele adentra literalmente, corporalmente, um novo mundo, uma nova comunidade, a qual se pode com certeza denominar a primeira comunidade de cristãos. É a primeira comunhão consciente com as radiações de Cristo, de natureza completamente nova. Quem deseja ser acolhido *nessa* comunidade terá de portar-se segundo sua ordem. Essa ordem de maneira alguma está regulada por leis, prescrições e inúmeros artigos. Por trás dessa ordem não há patibulos, revólveres ou prisões, polícia ou cortes de

justiça. Nessa ordem não há nenhum apóstolo assentado num trono elevado nem mancebos que se ocupam de retirar do salão seres humanos que morreram de medo, porém é uma ordem que atua de maneira auto-reguladora.

Precisais de ar para encher os pulmões, para viver. Esta é uma das necessidades vitais espontâneas. Na ordem de natureza em que viveis recebeis esse ar, ele existe para todos. Se adentrásseis um vácuo, onde não há ar, sufocaríeis, eis por que não o fazeis. Todavia se o fizerdes, sabeis quais serão as conseqüências. Pois assim também é com a primeira comunidade de cristãos. Não há nenhuma segunda ou terceira comunidade de cristãos... ou breve talvez uma quarta. Há *uma ekklesia* da Gnosis, *uma* comunidade da vida universal. Uma comunidade com uma ordem espiritual e científica evidentes, que tem sua origem no número de linhas de força magnéticas nela atuantes. Quem deseja participar dessa comunidade tem para isso de trilhar um caminho.

Já vos indicamos esse caminho. É o caminho que foi aberto no coração pelo átomo primordial e conduz a uma nova circulação magnética no duplo simpático. Essa relação com o fogo da Gnosis, mediante o simpático, significa uma nova consciência. Essa consciência manifesta um novo querer, um novo desejar, um plano de ação e uma orientação de vida totalmente outros, uma obediência completamente inflamada na Gnosis. Em suma, um estado de vida totalmente novo, o qual está sintonizado com a base científica de outra realidade mundial.

Suponhamos pois que algo desse novo nasce em vós. A Escola Espiritual procura continuamente alçar e guiar seus alunos, coletiva e individualmente, *rumo* a essa Cristianópolis. Desse modo, de tempos a tempos, uma flama de elevada

vibração magnética cai, qual raio, no simpático de muitos deles. Porém ela logo desaparece! Antes que Safira possa reagir, Ananias, a irradiação impulsionadora, já foi levado para fora, completamente morto, pelos mancebos.

Quem são esses mancebos? Eles são os coveiros mais trágicos que possais imaginar. São os círculos plexiais, que têm de purificar continuamente o sistema nervoso de influências espúrias e dele remover as elevadas forças que se já não podem manifestar mediante as influências espúrias. Destarte, Ananias e Safira não foram sepultados no aluno apenas *uma vez*, senão talvez já milhares de vezes! E assim, esta advertência é válida para toda a multidão de alunos da Escola Espiritual:

“Desse modo, já inúmeras vezes atraíçastes, difamastes e vendestes o grande e santo trabalho da Fraternidade e o campo de sua serenidade, pois enquanto a Fraternidade se esforçava por vós e vos ensinava a ficardes sobre os pés, escarráveis o veneno do velho fogo serpentino da medula espinal central no novo fogo serpentino. O simpático não pode suportar tal injeção. Eis por que a semente da renovação já várias vezes foi completamente arrebatada de vós”.

Compreendeis que perigo representa vossa egocentricidade pétreia, vossa teimosia e vossa obstinação no próprio sistema? Compreendeis que talvez vos mateis diariamente segundo uma possibilidade de renascimento?

Compreendeis o que a Fraternidade diariamente e com paciência ilimitada suporta de vós quando deixa descer na torre do simpático, com ternura incompreensível, a graça divina, a fim de que vos alceis a nova beleza, e vós mesmos aniquilais com *um golpe* do eu esse jovem princípio?

Compreendeis o que se tem de suportar no trabalho prático da Fraternidade Servidora na terra quando se tem de ver como danificais o trabalho com vossa presunção e ilusão? Que longanimidade há em sempre se vos dar uma nova oportunidade para dardes novo golpe no trabalho!

Não podeis compreender isso porquanto é amor que ultrapassa nosso entendimento. Todavia esse amor é extremamente perigoso, pois quem, após paciência sem fim, não quer ouvir e prossegue em seu instinto do ego não será punido em consequência de uma prescrição ou de artigo tal da lei, porém será entregue completamente à própria opressão do eu.

Após ele haver sido continuamente protegido da própria estupidez pelo campo de força da Fraternidade, ele será colocado ante aquilo que ele mesmo desencadeou, até o próprio eu, esmagado ou despedaçado, ter aprendido a extinguir-se, a resistir ao satã do ser aural e a consagrar-se em completa obediência ao "não-ser". Compreendeis agora que a automortificação é uma das primeiras condições prévias da senda?

Quem não puder sepultar o eu da natureza, não adquirirá o novo eu. Tem-se de ressuscitar do túmulo da natureza para a nova vida. Quem diz servir à Fraternidade, e todavia sossega segundo o eu da natureza, quem altera a Doutrina Universal, por teimosia e presunção, segundo o próprio gosto, a expensas da Escola de Mistérios e por responsabilidade de terceiros, será lançado para trás com todas as consequências ligadas a isso em responsabilidade própria. Tal pessoa ainda não perdeu nada, pois aquilo que em grande graça nascera no simpático nunca se tomará posse sua, porquanto desde esse momento ela já o matara.

Contudo, quando tal ser humano houver aprendido finalmente a pôr o machado ao instinto do eu, com a clara idéia de sua filiação perdida, e levantar-se de seu isolamento para aproximar-se da Fraternidade do modo correto, o Pai lhe irá ao encontro, o abraçará e lhe prestará mais honra do que ao filho que permaneceu em casa, pois quem vence a si mesmo é mais forte do que aquele que conquista uma cidade.



VII

DEVOÇÃO (III)

"Ponde nisso toda a vossa diligência e, a vossa fé,
acrescentai a virtude;
à virtude, o conhecimento;
ao conhecimento, o autodomínio;
ao autodomínio, a perseverança;
à perseverança, a devoção."

Até este ponto tratamos, mais ou menos pormenorizadamente, da senda sétupla e vimos, por último, que a devoção se relaciona com uma nova e maravilhosa circulação magnética da força do Espírito Santo no nervo simpático, o qual é designado na Doutrina Universal como a segunda medula espinal, ou o segundo fogo serpentino. Esse segundo fogo serpentino é a base de toda a nova gênese humana. Sobre essa base, é formada uma nova figura corporal, uma nova personalidade, cujos aspectos e qualidades serão tratados minuciosamente quando o tempo para isso estiver maduro e vários precisarem de instruções.

Tratam-se aqui de ensinamentos relacionados com o Círculo Apostólico, com o Terceiro Templo. Quem pode adentrar esse Terceiro Templo em virtude de sua devoção recebe o auxílio necessário para poder aprender:

- 1º – como o novo corpo deve ser alimentado;
- 2º – como o novo corpo se desenvolve;
- 3º – como movimentar-se nele;
- 4º – como o novo corpo deve ser utilizado;
- 5º – como despedir-se processualmente do velho corpo da natureza.

Essa informação, evidentemente concisa, talvez esclareça um dos maiores problemas – ainda hoje velado para o público dialético – concernente aos antigos santos albigenses, a saber, seu assim denominado suicídio. Os relatos descrevem como na Cruzada contra os Albigenses, durante a Idade Média, os prisioneiros dos cruzados foram forçados a deixar o corpo, com um sorriso feliz na face, pois eram submetidos às mais refinadas torturas e não viam nenhuma salvação. Mediante o suicídio, escapavam à violência de seus algozes. Seus corpos exânicos, em completa paz, eram encontrados sem nenhum ferimento externo nem sinal de veneno.

Que devemos pensar disso? Sabeis o que é o suicídio. Põe-se fim à própria vida, força-se a morte corporal. Após isso, o resto da personalidade se dirige para a esfera refletora e, em certas regiões do Além, tem de sofrer um período extremamente miserável e doloroso até chegar o momento em que a morte teria ocorrido normalmente. Segue-se então incontinenti a reencarnação, e o fio da vida, o qual foi rompido de maneira forçada, tem de ser reatado em circunstâncias mais difíceis.

Compreendereis que nem um único albigense cometeu tal ato, que, além das demais conseqüências do suicídio, poria a perder completamente uma possibilidade existente de

real libertação da roda. Não, os santos cátaros* possuíam o novo corpo, a nova personalidade! Eles participavam do Círculo Apostólico daqueles dias e desde então pertencem à Fraternidade Apostólica Universal. Eis por que podemos fazer, de suas antigas experiências, uma imagem clara que está em total conformidade com as leis do processo transfigurístico. Tendes pois de entender que o candidato com o fogo serpentino gnóstico no simpático constrói uma nova personalidade, a qual está completamente equipada de materiais de construção da Gnosis e absolutamente livre desta natureza. É uma personalidade que se desenvolve em um campo de vida magnético totalmente outro, enquanto ocupa todavia o mesmo espaço que a personalidade dialética. Há portanto em certo momento, além da personalidade aural, ainda duas personalidades no microcosmo do candidato, a personalidade da velha natureza e a personalidade da nova natureza. Eis por que há também, nesse estado, dois núcleos de consciência, dois seres-eus.

Nunca cometais o erro de pensar que vosso eu comum é transferido para o novo corpo, que vós próprios, como núcleo de consciência dialético, participareis da nova vida! Vossa consciência, como homem dialético, pertence aos fenômenos desta natureza. Ela desaparecerá, ela um dia cessará de existir quando trilhades a senda. O outro deve crescer, e vós tendes de declinar.

Quando a Fraternidade se dirige a vós, ela o faz à vossa totalidade microcômica. Ela fala a vós e ao outro*, que, caso ainda o não possuais na forma de uma personalidade, existe todavia potencialmente em vós, em vosso microcosmo, oculto como "semente".

Podereis imaginar que é de suma importância para os

servos da Fraternidade Servidora em nosso campo de existência, embora já possuam o novo homem, manter a velha personalidade dialética tanto tempo quanto possível, pois que com essa personalidade dialética se pode estabelecer contato com seres humanos dialéticos. Discretamente, de maneira normal e natural, pode-se pescar seres humanos do mar da vida da decadência. Eles manterão portanto, nesse sentido, sua personalidade dialética até os limites extremos do que é alcançável praticamente e somente quando seu tempo é chegado, eles abandonam, sem ostentação alguma, sua velha forma da natureza. Eles morrem, todavia compreendereis que essa morte é totalmente diferente da morte de qualquer outro ser humano. Essa morte não é, então, o fruto do pecado, não é nenhuma divisão de personalidade, mediante a qual o resto da personalidade se dirige para o Além, porém com essa morte o sepulcro é encontrado completamente vazio: nele só há a veste da velha natureza. Nem mesmo um corpo que foi abandonado, pois esse corpo era para o aluno já há anos e anos, apenas um disfarce, uma veste, um véu ocultando outra realidade.

Num morto comum, o resto da personalidade ainda está presente após a morte do corpo. No iniciado transfigurista, contudo, esse resto da personalidade já há muito havia desaparecido, já há muito havia "morrido em Jesus, o Senhor", como assim o denominavam os antigos rosacruzes. O que restava era apenas o disfarce, a aparência exterior da velha forma corporal, o qual era ainda utilizado, tanto tempo quando possível, a serviço da humanidade. Quando essa velha veste, pois, em certo momento é abandonada, patenteia-se que já nada existe da velha existência, quer aqui, quer no Além.

Eis por que também se diz que o sepulcro de Jesus foi encontrado completamente vazio. Não se via nada mais do que alguns lençóis enrolados, isto é, a veste exterior da velha forma corporal. Quando Maria quer ver o Senhor, ela tem de olhar para trás. Esse "olhar para trás" é uma antiga expressão gnóstica para o contemplar do espaço magnético primordial, agora outra vez novo para nós. Lá ela vê aquele que sempre havia conhecido interiormente, aquele de quem todavia ainda não pode aproximar-se, pois ela ainda existe no velho estado de natureza comum. Por isso, ressoa para ela: "Não me toques!" Aqui se alude à mesma lei que ocasiona a morte de Ananias e Safira. Não se pode aproximar do "totalmente outro" com o que é dialético sem causar-se uma catástrofe.

Caso reflitais, à luz do que foi dito acima, sobre os antigos albigenses, então compreenderéis. Um grupo de prisioneiros foi emparedado vivo numa caverna. Um muro de um metro de espessura se erguia entre eles e o mundo exterior. A intenção é clara: uma lenta morte por fome. Nem uma possibilidade sequer de libertação. Pensais que tenham ficado ali dias e talvez semanas, na escuridão, em meio à imundície e aos insetos, para morrer lastimavelmente? Não, eles, que já há muito tinham transformado o sistema nervoso simpático em cerebrospinal, sabiam: "Agora chegou nossa hora. Nossa tarefa terminou", e com uma leve pressão da vontade sobre o nervo vago, fugiam da veste, de seu disfarce, e iam ao encontro da eterna liberdade, deixando atrás o sepulcro vazio.

Outro grupo deles, agrilhoados pela garganta, foi precipitado do alto do Monte da Cruz, em Foix. Pensais que esperaram o resultado de sua queda? Que morreram esmagados,

sangrando por causa das feridas abertas, com os membros quebrados e em meio a dores infernais? Não, antes de chegarem ao chão, já haviam escapado de sua veste, de seu disfarce, evoluindo-se rumo à claridade da nova vida! O mesmo aconteceu com aqueles que foram para a fogueira e com aqueles que foram atirados às masmorras. Uma vez que já não eram deste mundo, e a mão profana da violência dialética se estendera sobre eles, adentravam sua própria pátria. Esta também é a verdade sobre a morte de Jesus, esta é a verdade do assim chamado suicídio dos antigos cátaros.

Aqueles que não sabem nem podem ver colocam desesperados as mãos sobre a face e dizem: "Oh, que terrível, que sofrimento imensurável!" Aqueles todavia que sabem cantam um hino, um hino de borbulhante alegria, pois aqueles que morrem em vida a morte voluntária da natureza na endura já não podem ser prejudicados pela segunda morte, a morte do corpo que era um disfarce.

Desejais compreender isso tudo? Prestai pois atenção mais uma vez, para uma informação pormenorizada, ao sermão da montanha. Lá está escrito, entre outras coisas:

Vós – os alunos da Fraternidade Apostólica que possuem 'outro' – ouvistes o que foi dito: "olho por olho, dente por dente". Eu porém vos digo que não resistais ao mal. Todavia, a quem vos bater na face direita, voltai-lhe também a outra. E a quem demandar convosco e tirar vossa veste, deixai-lhe também o manto.

O que as hordas romanas tencionavam com a Cruzada contra os Albigenses era a destruição do manto, a aniquilação da aparência externa dos santos cátaros, pois elas partiam da mistificação de que sob esse manto pulsava o cora-

ção vivente da Gnosis. Todavia com um riso que ressoava pelas montanhas, os cátaros deixavam o manto dialético a seus inimigos – após terem cumprido sua tarefa por tanto tempo quanto possível, indo para isso até os extremos – e se evolviam às serenas alturas da sagrada tranqüilidade.

Eles se alçaram dos locais plenos de lágrimas, eles adentraram um novo alvorecer. Eles já eram antes irmãos e irmãs da aurora, eles possuíam o corpo para tanto, porém permaneceram até quando possível nos campos da noite a fim de auxiliar os buscadores em sua escuridão. Pensais todavia que eles lutariam por isso?

Eles adentraram a nova vida por que sabiam que sempre haverá auxiliares, irmãos e irmãs. A corrente da Fraternidade Servidora na terra jamais será quebrada. Há um entre eles a quem se queira tomar a veste? Prazerosamente ele também deixará a seus agressores o manto. Todavia ele os não provocará nem desafiará, dizendo: "Por favor, ajudem um pouco!", pois ele conhece seu dever. Espontânea e naturalmente, porém, ansia pelo momento da despedida. E quando esta chega, seu lugar é ocupado incontinenti por um sucessor. Achais talvez esse ponto de vista falso? Prestai atenção pois a Coríntios II, cap. 5, onde Paulo diz:

"Sabemos que se nossa casa terrena, a tenda corpórea, for demolida, receberemos de Deus um edifício, uma casa, feita não por mãos, mas que é eterna, nos céus.

"E por isso ansiamos também por nossa morada, que é do céu, e desejamos dela ser revestidos, pois enquanto ainda nos encontramos na tenda corpórea, suspiramos e nos sentimos aflitos, porquanto antes desejamos ser revestidos do que despidos, a fim de que o mortal seja ab-

sorvido pela vida.

“A Gnosis é que nos preparou para isso e nos deu a devoção como material de construção.”

Assim nos dirigimos a todos aqueles que estão no quinto degrau e àqueles que anseiam por esse estado de maçom, por esse ofício de construtor. Mais perto do que nunca, os santos valores da nova vida são trazidos a vós. Palavra por palavra, os valores do *consolamentum*, que no quinto degrau se torna realidade como devoção no simpático, vos são soletrados. Eis por que também vós podeis acolher as palavras de Efésios, cap. 2, como se fossem pronunciadas para vós:

“Assim já não sois estrangeiros nem forasteiros, porém condidadãos dos santos e membros da família da Gnosis, edificados sobre o fundamento da Fraternidade Apostólica, de que o próprio Jesus Cristo é a pedra angular, em quem o inteiro edifício, bem ajustado, aumenta para um templo, santo no Senhor, em quem vós também sois edificados para morada de Deus no Espírito.”

Um edifício imperecível, livre de toda a natureza dialética, pode ser erigido sobre a base de uma nova circulação magnética. Para esse ofício de construção todos vós sois chamados.

Quem puder mostrar suas ferramentas para isso receberá no Círculo Apostólico a oportunidade para a construção do novo templo, santo no Senhor, bem ajustado, uma nova morada.

Quem adentra esse céu está seguro, é intangível para toda a violência.

Quem vive nesse céu sorrirá pela primeira vez em sua existência microcômica. Sorriso libertador, jubilante de alegria.



VIII

AMOR AO PRÓXIMO

No sexto degrau da senda sétupla, o *amor ao próximo* segue à devoção, e examinaremos agora o que em realidade acontece nesse sexto degrau.

Vimos que a *devoção* se refere a uma nova e maravilhosa circulação magnética de força gnóstica santa no nervo simpático, o qual é indicado na Doutrina Universal como a segunda medula espinal, ou segundo fogo serpentino. Se esse processo se inicia e não é perturbado por ações egocêntricas da natureza comum, a consequência, entre outras coisas, é que o inteiro ser do candidato será iluminado por uma luz supranatural. Ela é uma força-luz cujos elementos não provêm de nenhum campo dialético, porém é de qualidade totalmente outra, a qual não se explica por esta natureza.

Essa nova força-luz sobe pelo cordão esquerdo do simpático, e, por conta de suas características, ela é denominada, na Doutrina Universal, maravilhosa, bela, encantadora e gloriosa. Quando ela se manifesta, isto é uma prova de que o fluido gnóstico que o toca se tomou uma propriedade, uma posse pessoal do aluno. Enquanto o fluido da Gnosis desce pelo cordão direito do simpático, não se pode falar de uma posse pessoal. Isso só acontece quando o fluido consegue

passar pelo plexo sacro, sendo aí como que transposto, e sobe ao longo do cordão esquerdo do simpático.

Essa corrente ascendente todavia é de natureza totalmente distinta da corrente descendente, de vibração muito mais fraca e de faculdade não tão dinâmica. Inicialmente aquilo que se manifesta nessa marcha ascendente é apenas um princípio, um fraco prenúncio, o início de uma aurora, uma faculdade que pode desenvolver-se em uma força muito poderosa. Aquilo que desse modo se manifesta é denominado pela Escritura Sagrada amor ao próximo. É claro pois que esse amor tem de passar por um processo de desenvolvimento.

O amor é chamado a maior e mais poderosa força em todo o universo. Deus é identificado com ele. "Deus é amor", diz a Escritura Sagrada. Aquilo que se manifesta nessa nova circulação magnética é também, portanto, "Deus manifestado na carne". A Gnosis mesma brilha e trabalha no sistema microcósmico decaído, o amor mesmo tornará tudo novo.

Não é necessário argumentar que aquilo a que se chama amor na dialética nada tem a ver com esse amor nem mesmo pode ser comparado a ele. O amor em nossa natureza é uma qualidade de nosso potencial natural de bondade. Essa qualidade pode realizar muito e ter sua própria beleza; comparada todavia com a nova faculdade do sexto degrau é menos do que nada. O amor na natureza como qualidade da bondade tem, primeiro, seus limites; segundo, não é incondicional; terceiro, exclui outros e é portanto egocêntrico; quarto, surge sempre com diversas máculas, como por exemplo, estupidéz, egoísmo, indiferença e ódio. Ele pertence claramente a esta natureza e tem portanto de contar com a lei dos opostos. Por isso ele é responsável pelo maior sofrimento que a

humanidade decaída já vivenciou. Se um dos mais belos aspectos da faculdade humana da bondade pode converter-se em seu oposto e projetar sombras tão perigosas, então é certo que aqui, ou justamente aqui, reside a maior fonte de dor.

Essas coisas são muito dramáticas. Por séculos a fio se soube disso. Quantas figuras imortais da literatura mundial testemunharam disso! A mais bela coisa que o ser humano pode possuir sobre a terra, o único raiozinho de calor que os homens podem alcançar na frialdade do mundo, pode transmutar-se na maior perversidade, na maior atrocidade, no maior demonismo. Mesmo no fastígio de suas possibilidades, esse amor não é perfeito e exclui outros.

Atacamos aqui o ponto mais fraco da dialética! Eis por que não é de admirar-se que em todos os tempos se tenha procurado, partindo do lado conservador da natureza, disfarçar esse ponto extremamente fraco de diversas maneiras. E é evidente que, nesse dia de manifestação em que o livro da natureza vira agora uma de suas folhas, se tente parodiar, por meio do humanismo, o único amor, o amor manifestado na carne. Quem se oporia a uma realização de humanidade? Quem não teria respeito por esforço e vida humanistas? Quem de nós não tem respeito pelos representantes humanistas da humanidade, que sacrificam sua vida a serviço de outrem? De fato, o humanismo prático, levado a efeito até as mais extremas conseqüências, é a única coisa existente no plano horizontal da vida comum que se pode fazer em prol da deplorável humanidade. Compreendeis entretanto ao mesmo tempo a horrível ilusão, o contínuo girar da roda, que surgem daí?

Uma terrível enfermidade aflige a humanidade, enfermi-

dade que faz inúmeros sofrer as mais medonhas dores. Milhares e dezenas de milhares estão ocupados em minorar essas dores. Grandes somas são angariadas. Grande onda humanista se movimenta. Grande bondade arde em milhões. A causa fundamental, a essência de toda a doença: nossa existência dialética permanece completamente intata. Pior ainda, segundo as leis fundamentais da dialética, a maldade coletiva da humanidade e os sofrimentos a ela ligados são estimulados e fortalecidos na mesma proporção em que a luta humanista comum contra a enfermidade se desenvolve. O terrível estado doentio da humanidade é com isso ainda piorado! Dez anos, porém, de uma atitude de vida modificada total e fundamentalmente fariam a aflição sumir como que uma rajada de vento!

Não obstante, humanidade é bondade. Ela libera elementos de fraternidade. Quem aspira a tal fraternidade tem de realizar esse trabalho. Ele todavia deve saber que tal fraternidade de homens de modo algum liberta, senão, ao contrário, atua mantendo a natureza e, por isso, gerando dor.



Tomando novamente o fio de nossa explicação, averiguamos que a força do amor ao próximo, a qual se manifesta no aluno no sexto degrau da senda sétupla, não é nenhuma força, nenhuma qualidade que possa ser explicada por esta natureza, e que portanto tampouco jaz potencialmente submersa na humanidade dialética. Aquilo que se declara na nova circulação magnética é "Deus manifestado na carne". Essa força de irradiação parte do simpático, propaga-se via fluido nervoso e sangue e em certo momento preenche todos os

órgãos.

Destarte se origina maravilhoso cativo. O candidato está literalmente cativo na Gnosis, uma situação que, entre outros lugares, é descrita tão magnificamente no salmo 139, que já foi mostrado com outro sentido:

*"Senhor, Tu me sondas e conheces.
Conheces meu sentar e meu levantar;
De longe entendes meus pensamentos.
Quer eu caminhe, quer eu deite,
Tu estás a meu redor.
Tu vês todos os meus caminhos,
Pois, vê, não há palavra em minha língua
Que Tu, Senhor, não a conheças.
Tu me envolves de todos os lados;
Tu manténs Tua mão sobre mim.
Tal conhecimento me é demasiado maravilhoso
e excelso;
Não o posso atingir."*

Quando essa força de irradiação arde por completo no aluno e dele se apodera por frente e por trás, ele passará, a partir desse momento, a ver o mundo dos fenômenos de maneira diversa, dele se aproximará sensorialmente de modo completamente outro. Ele está nesta natureza como homem totalmente diferente. Ele abandonou o egocentrismo da velha natureza, ele já não é uno com ela nem é atormentado pelas aflições próprias deste campo de vida, senão permanece literal e corporalmente como um estranho neste mundo. Já não pertence a ele, porém está nele.

Suas faculdades de reação funcionam de maneira com-

pletamente distinta. Ele compreende melhor do que nunca o procedimento de seus semelhantes, que ainda são perfeitamente unos com este campo de vida. Ele sabe que esses pobres, esses condenados, não podem agir de outro modo, e dessa maneira aquilo que irrita, enraivece e impele outros à ação o deixará completamente indiferente. Assim como um animal compreende e averigua as características e o comportamento da espécie e não se irrita porque determinado animal é e age conforme sua espécie, o irmão ou a irmã do sexto degrau distinguirá os diversos tipos humanos em sua espécie e os considerará de maneira perfeitamente não emocional.

Os seres humanos desta natureza são mantidos ocupados por outros seres humanos de todas as formas possíveis, dia e noite, com seus problemas e expressões de conduta. Talvez canseis o cérebro com todos os muitos problemas, perguntas e enigmas a vossa volta, que são causados por todos os seres humanos com quem tendes de lidar cotidianamente. Todavia, tão logo estejais inflamados na torrente de amor da Gnosis, tereis sobejamente tempo e energia, pois assim como conheceis o cãozinho do vizinho, também conheceis o próprio vizinho. Com o raio de ação inteiramente novo de vossos órgãos do sentido, sabeis, sentis, percebeis, o que o vizinho pensa, o que ele é e o que fará. Num relance descobris seu tipo e então não tendes de defender-vos, não tendes de lutar nem tendes de demorar-vos nisso. Tendes apenas de cuidar-vos. Reconheceis um animal zangado e um animal estúpido. Não vos zangais porque o animal está zangado, muito menos vos irritais por causa de sua estupidez. Apenas levais isso em conta. Assim, vós que estais no sexto degrau, levareis em conta seres humanos zangados, estúpi-

dos ou treinados nesta ou naquela direção. Concomitantemente emana de vós a influência que a Gnosis manifesta em vós. É a força do amor de Deus. Todavia atentai bem! Ela é uma força magnética, uma força atrativa e, ao mesmo tempo, uma força repulsiva. Desse modo, ireis com essa nova faculdade por entre a humanidade e certamente entrareis em ligação com todos os diversos tipos humanos que possuem um átomo-centelha-do-espírito. Ireis reconhecê-los, assim como eles se sentirão atraídos pela nova corrente magnética. Assim, andareis qual pescador entre os homens e apanhareis irrevogavelmente em vossa rede todos aqueles que podem ser apanhados.

Isso é o amor ao próximo: verdadeira nova faculdade existencial irradiante na Gnosis. Por trás dela não está o eu. Ele não é consequência de uma decisão: "Agora tenho de amar meu próximo!", ou: "Agora me colocarei a serviço do ser humano". Quem possui essa faculdade *está* existencialmente a serviço do ser humano. Ele não pode deixá-la, pois essa faculdade *é*, ela o cerca de todos os lados. Este é o segredo do Círculo Apostólico, este é o segredo do trabalho da Escola Espiritual moderna.

Por que os alunos vêm às centenas a nossos templos? Por que os seres humanos fora da Escola Espiritual se admiram do procedimento dos alunos, que semana após semana vão aos templos e mês após mês viajam para os locais de conferência? Por que eles dizem: "Isso é incompreensível, isso não pode ser"?

Porque aquilo que está oculto aos homens deste mundo é revelado aos filhos de Deus. Um filho de Deus é um ser humano com um átomo-centelha-do-espírito a arder por trás do esterno, um ser humano que, perdido, tateia e busca na

noite do mundo. Esse filho de Deus é achado irrevogavelmente e, por conseguinte, atraído para o campo de força da Fraternidade, em consequência da força gnóstica do amor ao próximo, a qual se manifesta em número cada vez maior de irmãos e irmãs. Nada pode resistir a esse amor ao próximo, pois este amor é um fogo consumidor. Quem foi apanhado por ele e é arrastado por esse redemoinho é subjugado. Semelhante ligação já quase não pode ser desfeita. Este é o segredo desse trabalho. Não é necessário ser-se profeta para poder-se dizer com segurança que breve, e com rapidez crescente, milhares freqüentarão a Escola Espiritual. Se todos vós vos esforçardes em galgar a senda sétupla, o resultado da tempestade do amor ao próximo, a qual é desencadeada por isso, ultrapassará toda a faculdade de compreensão. O conhecimento, a experiência disso nos será demasiado maravilhoso, elevado.

Talvez também compreendereis agora algo do famoso capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios:

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou o sino que retine”.

Paulo acha que o ser humano sem a nova faculdade existencial é sem força.

“E ainda que eu pudesse profetizar e soubesse todos os mistérios da ciência” – aqui ele alude ao fastígio alcançável pelo ocultismo natural – “e ainda que tivesse fé e movesse montanhas” – aqui ele indica as alturas sagradas da vida religiosa natural e mística – “e não tivesse amor, eu nada seria” – não se pode realizar nenhum trabalho de libertação da humanidade sem esse amor –

"e ainda que desse todas as minhas posses aos pobres e entregasse meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria."

Paulo alude aqui às limitações da vida humana natural. E então ele continua a explicar o que é e faz o verdadeiro amor ao próximo, que ele é libertador do mundo e da humanidade, como ele abarca, trespassa e purifica tudo, como ele é eterno e imperecível, porque é Deus. E ele conclui: "E assim permanecem a fé, a esperança e o amor, porém o amor é o maior deles".

Um aluno que irradia a *fé* lapidou seu átomo-centelhado-espírito, transformando-o em uma maravilhosa jóia, a qual irradia luz e traz amabilidade.

Um aluno que está preenchido de *esperança* colocou o círculo de fogo da *kundalini* qual coroa sobre a cabeça, e essa força radiante dá coragem.

Porém o aluno que está no *amor* possui a nova faculdade do sexto degrau, e isso dá força. Ele é acolhido no Círculo Apostólico, ele tem seu assento no Terceiro Templo, ele se tornou pescador de homens.

Portanto permanecem a fé, a esperança e o amor, porém o maior deles é o amor.



Pudemos explicar-vos então o que é e o que pode fazer essa força divina liberada num homem. Agora ainda nos resta explicar o que esse amor realiza no próprio candidato.



IX

O AMOR (I)

Pudemos explicar-vos pormenorizadamente o amor ao próximo, que se revela em nova faculdade existencial, irradiante na Gnosis, e não deve ser confundido com o potencial de bondade do homem dialético.

Essa nova faculdade se desenvolve no aluno do sexto degrau que, sem obstaculizar esse processo com o egocentrismo da velha natureza, tornou possível a realização corporal de uma nova circulação de fluido gnóstico no simpático. A luz que irradia dessa circulação ígnea magnética é o amor ao próximo de que fala a Doutrina Universal. Ela é uma força verdadeiramente divina, nascida na carne, e confere um apostolado, isto é, o candidato que possui essa força pode ser um verdadeiro servo de Deus, um servo da Gnosis. Quando essa força de amor toma forma no sistema de algum aluno, é-lhe possível irradiar e transmitir essa força santa, também denominada Espírito Santo, àqueles que anseiam e buscam o Espírito. Tal irmão ou irmã poderá espontaneamente alcançar outros e ajudá-los com a Gnosis recebida. O fluido magnético do outro reino pode então desse modo ser consolidado nos corações dos homens que estão abertos a isso.

O potencial de bondade da natureza comum, o qual também é indicado como amor ao próximo, está em forte contraste com isso. Esse potencial de bondade pode estar apto a realizar muito, todavia nunca é libertador. Ele permanece sendo da natureza dialética e é uma faculdade totalmente distinta do amor ao próximo a que a Doutrina Universal se refere. *Esse é o segredo do sexto degrau!* A devoção nasce mediante a perseverança. Talvez compreendereis que essa devoção não cresce e se manifesta automaticamente. Nossas explicações prévias tornaram isso bem claro para vós.

Também a utilização da nova faculdade, o uso prático dela, não pode nem deve ocorrer assim sem mais nem menos. Ela está ligada a leis santas. Somente quando o candidato que possui a faculdade conhece e domina essas leis, é que ele pode e deve utilizá-la na prática, com conseqüências verdadeiramente servidoras a Deus. Talvez também podereis compreender agora melhor a conexão entre os três templos:

– no Primeiro Templo o aluno é instruído na Doutrina Universal e com ela confrontado;

– no Segundo Templo é empreendida uma tentativa de consolidar definitiva e conscientemente a luz e a força do novo auxílio magnético;

– no Terceiro Templo o aluno, que desse modo irrompeu no Círculo Apostólico e portanto dele faz parte, receberá instrução e auxílio das leis sagradas do apostolado e em dado momento, de posse do novo domínio sobre si próprio, poderá e deverá, a serviço da Fraternidade, pescar do mar da vida as almas humanas buscadoras.

Não queremos privar-vos de uma indicação clara concer-

nente às três leis sagradas do apostolado, a fim de que tenhamos uma perspectiva bem nítida do inteiro trabalho que é feito nos três templos. O fundamento desse grande trabalho não são mistérios, e a chave única para a entrada é a qualidade interior.

Dirigimos assim vossa atenção ao último capítulo do Evangelho de João, capítulo 21. Lede uma vez mais esse capítulo, com atenção, e lembrai-vos então de tudo o que lestes aqui sobre isso.

O relato começa assim: Alguns alunos mais ou menos adiantados da Escola Espiritual se reuniram às margens do mar de Tiberíades, que é o mar da vida dialética. Esses alunos dispõem de grandes possibilidades e certamente não são os melhores. Eles compreendem a Doutrina Universal com sua consciência cerebral e possuem um conhecimento adequado de todos os aspectos dessa doutrina. Eles foram instruídos pessoalmente por Jesus, o Senhor, que lhes revelou o caminho da vida. Eles cresceram no trabalho da Escola Espiritual e com isso foram fortalecidos. E agora lhes vem espontaneamente a necessidade de sustentar e expandir o trabalho que viram e ouviram também mediante atividade pessoal. Eis por que está presente neles, ao lado de seu conhecimento, o desejo de ser pescadores de homens.

Simão Pedro disse: "Vou pescar"; os outros responderam: "Queremos ir contigo". Eles saíram e subiram ao barco. Eles se organizaram, reuniram, discutiram, decidiram e foram; todavia não apanharam, não pescaram nada! Isso nunca se mostra incontinente. No início parece como que se os pescadores tivessem sucesso, quando porém a manhã irrompe, evidencia-se que todas as redes estão completamente vazias. Isso é uma experiência maravilhosa para um aluno do-

tado e desejoso, isto é, de que ele de nada é capaz – a não ser juntar ilusões – se ele se põe a pescar segundo a natureza e com a conservação de seu egocentrismo. O resultado então é completamente negativo. Quem ainda não experimentou isso, quem ainda não está consciente disso, quem ainda não pode aceitar isso, tem ainda de esfalfar-se durante um período na noite de sua ilusão até que venha a alvorada da desilusão.

Quando, na história de Pedro, a alvorada surge, Jesus, o Senhor, se aproxima deles e pergunta: “Tendes algo para comer?”

Imaginaí que vós, em semelhante estado de ser, sois desiludidos pela aurora, todavia não quereis aceitar essa desilusão. Enganastes-vos tão indescritivelmente acerca da pesca, dirigistes o lançamento das redes e, embora navegando, falastes tanto sobre os resultados vindouros que a alvorada vos esmagou completamente. E então vem a pergunta: “Tendes algo para comer?”

Podeis ou dizer honestamente, do imo, embora, é lógico, muito desiludidos: “Absolutamente nada!”, ou podeis, disfarçando completamente vossa insuficiência e vossa consternante autodescoberta, dizer com um sorriso magistral, um gesto de superioridade e algumas rugas na testa: “Entraí, há aqui comida em abundância!” Fazeis alarido. Aqui um livro e ali uma brochura. Pregais uma lição ao faminto ou o convidais para um encontro. E assim o dia passa, e nova noite de ilusão cai sobre as ondas do mar da vida.

Aquilo por que o faminto indagava era algo da cintilante, cálida, nova faculdade magnética, da água viva do amor ao próximo, da faculdade magnética de Deus na carne. Ah! Não se vos levará a mal se nada tiverdes a oferecer. Todavia

esse é o estado dialético fundamental! Não pode ser de outro modo. Declarai isto porém! Não vos escondais atrás da ilusão da autocegueira, da tola presunção do eu! Descobri a vós mesmos!

Trata-se aqui do grande momento psicológico na alma do aluno em que ele pode responder à pergunta: "Tendes algo para comer?", não com desespero, obstinação doentia ou inocência ofendida, porém do imo, pleno de autoconhecimento e alegria interior: "Absolutamente nada". Quem aceita e reconhece esse nada, e realmente está cheio de interesse pelo horrível sofrimento e pela busca da humanidade, ouve a voz: "Lançai a rede do lado direito do barco e apanhareis algo".

E o resultado? Cento e cinqüenta e três peixes! Talvez conheçais o significado desse número. A soma de seus algarismos é o número da humanidade: 9. A rede tem uma ligação completamente impessoal com o público que se interessa em encontrar a Escola Espiritual.

Como se desenvolve esse milagre aparente? A história narra que Pedro estava nu. Ele lançara tudo fora, até os limites mais extremos de suas possibilidades. Quem chegou a seu nada e se comporta correspondentemente pode permanecer na única luz universal da nova dispensação* magnética. Quando essa luz puder afluir ao coração e preencher a cabeça, o ardor do amor ao próximo, a força com que os homens terão de ser salvos do mar da vida, poderá demonstrar-se. Esse é o significado do número cento e cinqüenta e três. Quem nasceu nessa ligação pode comer do pão celestial e dá-lo a outrem.

A fim de elucidar isso, um diálogo se desenvolve entre Jesus e Pedro em que as três leis sagradas, inabaláveis, do

apostolado são tratadas. Com grande ênfase falamos convosco sobre essas leis. Não para já confrontar-vos com elas, porém para tornar-vos claro que todo o aluno, cada um em seu próprio ritmo, tem de crescer para o cumprimento dessas leis. Além disso queremos lembrar-vos de que quem diz: “Estou de pé” tem de cuidar para não cair!

A primeira lei sagrada nos é descrita na história da seguinte maneira:

Quando terminaram de comer, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, amas-me mais do que estes?” Pedro respondeu: ‘Sim, Senhor, tu sabes que te amo’. Jesus disse: “Apascenta minhas ovelhas”.

Imaginai que vos encontrais no círculo de todos aqueles que vos amam, em meio a vossos caros amigos e caras amigas, em meio àqueles para quem talvez faríeis tudo, e que então ressoa a pergunta da Gnosis: “Amas-me mais do que estes?” Responderíeis então que a torrente de bem-aventurança que aflui ao santuário do coração é mais importante para vós do que qualquer outra coisa? Que desejais aceitar todas as conseqüências correspondentes? Que não dizeis isto numa onda de emoção ou exaltação, senão porque compreendeis de modo fundamental que esse estado é vosso estado? Se sim, então cumpristes a exigência da primeira lei sagrada, a primeira lei sagrada do apostolado. Isso não significa de modo algum, segundo espaço e tempo, que ireis despedir-vos completamente de todos os vossos parentes e amigos, senão que passareis a relacionar-vos com eles de maneira completamente distinta: no mundo, porém já não do mundo, e que as eventuais conseqüências já não trarão nem um problema. Quem preenche essa primeira lei sa-

grada ofereceu à Gnosis o santuário do coração com todos os seus aspectos e somente ele pode pescar no mar da vida.

Pela segunda vez Jesus lhe disse: "Simão, filho de João, tu me amas? Ele respondeu: "Sim, Senhor, tu sabes que te amo". Jesus disse: "Guarda minhas ovelhas".

O candidato é colocado aqui perante a segunda lei sagrada. Agora já não se trata do relacionamento emocional com outros, que eventualmente pode ser um obstáculo ao grande trabalho da Fraternidade, porém da correta relação conceitual com o sagrado trabalho. Assim como o coração tem de estar livre do eu, este também é o caso com o santuário da cabeça. A pureza do querer e do saber tem de tornar-se absoluta. A vontade tem de ser absorvida de maneira totalmente harmônica pela vontade da Gnosis. Assim deve ser demonstrado o amor à Gnosis. Quem ainda está na cegueira da obstinação aniquila, de tempos a tempos, a ligação de amor com a Gnosis, o que leva a horríveis caos no simpático.

Pela terceira vez Jesus lhe disse: "Simão, filho de João, tu me amas?" Pedro ficou então triste, pois isso lhe era perguntado pela terceira vez e disse: "Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que te amo". Jesus disse: "Apascenta minhas ovelhas. Quando ainda eras jovem, cingias a ti mesmo e andavas por onde querias; agora porém entenderás as mãos, e outro te cingirá e levará por onde não queres". E após ter dito isto, Jesus falou: "Segue-me!"

Esta é a terceira lei sagrada do apostolado. Quem se consagrou à Fraternidade, segundo coração e cabeça, com o

não-eu, já não trilhará, em nenhuma circunstância, o caminho da natureza, mas sim todas as veredas em que é conduzido pela Gnosis. Unicamente af ele se torna um instrumento perfeito nas mãos da Fraternidade, e a nova circulação magnética do simpático irradia, qual luz do sol, o amor ao próximo na escura natureza, e as cavernas mais tenebrosas são aquecidas com essa chama. Quem cumpre essa terceira lei sagrada experimentarà que outro o cingirá e levará aonde ele não quer ir.

Aparentemente de modo sombrio e sinistro o evangelista observa:

“Com isso Jesus pressagiu o tipo de morte com que Pedro glorificaria Deus”.

É Pedro aqui de fato abandonado à morte? É dito aqui ao candidato: “Agora que cumpriste essa lei, receberás o que lhe segue: perseguição e martírio, prisão e uma morte miserável”?

Fora isso correto, o inteiro drama de Cristo e da imitação de Cristo seria colocado na esfera mística estereotipada de sofrimento e dor da religião natural. Pelo contrário, a vida dialética é puro esforço e dissabor, quem todavia segue as pegadas de Cristo é dispensado dessa dor contínua e vai aonde a vida e a existência dialéticas nunca podem existir. Não é assim que *todo* o candidato, mediante o trilhamento da senda, morre a morte da natureza completamente não-divina a fim de glorificar Deus de modo absoluto no novo campo de vida magnético?



Chegamos agora, após essa renovada introdução, ao sétimo degrau: “... ao amor ao próximo, *o amor*”, pois esse sétimo degrau se refere à morte com que o candidato glorificará Deus, enquanto testemunha da Gnosis corporal e literalmente em si e através de si.



X

O AMOR (II)

Desejamos agora falar-vos sobre o último degrau da senda sétupla: “. . . ao amor ao próximo, o *amor*”. Novamente, fazemos uma retrospectiva para dar-vos uma visão geral de tudo aquilo que vos foi transmitido nos capítulos imediatos precedentes. Vimos minuciosamente que caminho percorre a luz gnóstica, a força do reino imutável, o fluido magnético não-dialético, no aluno que a ela se abre.

A chave para a senda é a *fé*, isto é, a ligação do átomo-centelha-do-espírito no coração com a pura luz divina. Quando essa porta está aberta e a nova força pode adentrar o sistema do aluno e aí atuar, ele estará realmente apto para a senda da renovação. Por esse motivo, o primeiro degrau da senda sétupla reza: “. . . a vossa *fé*, acrescentai a *virtude*”. Quando a verdadeira *fé*, e com ela, *virtude*, *aptidão*, estão presentes, há uma perfeita disposição de abandonar a própria natureza egocêntrica, de diminuir cada vez mais segundo o eu da natureza, a fim de que a nova luz possa afluir desimpedida ao sistema.*

Se essa condição foi cumprida, o candidato pode galgar o segundo degrau e, com isso, progredir da *virtude* para o *conhecimento*. Esse segundo degrau alude a uma libertação

elementar, ou abertura do santuário da cabeça ao fogo da renovação. A consequência disso é que a aptidão recebida se manifesta em conhecimento. O antegozo da onisciência da onimanifestação se torna realidade. Quando o aluno chegou a esse ponto, desenvolve-se nele grande luta interior, pois duas naturezas, duas forças, a velha e a nova, declaram-se agora nele. Trata-se, pois, se ele trilhará até o fim a senda joanina do "Ele, o outro, deve crescer, e eu, diminuir".

Ele terá de demonstrar se leva a endura a sério. Por isso, ele terá de mostrar, no terceiro degrau, *autodomínio*. Não apenas por algum tempo, como que num esforço extremo, porém fundamentalmente. Ele mostra assim, no quarto degrau, perfeita *perseverança*, uma grande, interna e imutável fidelidade ao processo da graça que nele se revela. Quem é capaz disso, quem portanto é achado fiel, recebe no quinto degrau a *devoção*.

Essa é a descida do novo fluido gnóstico pelo cordão direito do simpático a fim de que seja deitado o fundamento para um segundo fogo serpentino. Se essa mudança fundamental do ser não experimenta nenhum estorvo, o novo fogo do cordão direito do simpático irromperá através do plexo sacro, ascenderá pelo cordão esquerdo do simpático e retornará a seu ponto de partida, acima da medula oblongada.

Quando esse caminho é inteiramente explorado e a nova circulação ígnea magnética se manifestou completamente ao longo dos dois cordões do simpático, o novo fogo serpentino, a nova consciência, o novo eu nasceu, e o sexto degrau pode ser galgado: "... à devoção, o amor ao próximo".

A nova consciência irradia, evidencia-se tal qual o fazia o antigo eu. Uma nova atividade, uma nova ação é levada ao mundo. E vede, essa nova ação é característica, extraordinária-

riamente diversa de todos os esforços e atividades da bondade da velha natureza. A nova ação é espontânea, não forçada magicamente. Ela é capaz de achar, atrair magneticamente e capturar, como que em uma rede tecida de novas linhas de força magnéticas, tudo o que está e se sabe perdido nas trevas do mar da vida. Essa rede é tão forte que mesmo se a inteira parte da humanidade interessada por ela fosse nela colhida, ela se mostraria bastante resistente. Apesar da grande quantidade de peixes, ela não se romperia.

Esse é o segredo do trabalho fidedigno. Quando se pesca com a rede do amor ao próximo, o qual surgiu no sexto degrau, todas as tempestades são vencidas invariavelmente, pescas gloriosas se derramarão todos os dias na praia.

Agindo e pescando desse modo, o sétimo degrau é galgado: "... ao amor ao próximo, o amor".

Queremos agora examinar o que significa o sétimo degrau, e o que ele nos tem a dizer. A Segunda Epístola de Pedro, de onde tiramos o texto da senda sétupla, indica com relação a esse sétimo degrau: "... e a entrada no eterno e imutável reino de nosso Senhor vos será amplamente franqueada". Trata-se portanto da participação corporal na nova vida, a entrada, o ser acolhido definitivamente, em um estado de vida inteiramente novo.



Queremos falar-vos sobre essa vindoura nova vida, pois tais palavras concernem a todos. Quando forjamos a chave para a virtude, para a aptidão à senda, mediante uma decisão séria e enérgica, participamos do processo que conduzirá à nova vida.

Tendes de entender que se realizarmos no primeiro degrau a ligação com o novo campo magnético, a violência de toda a comoção dialética já *não* poderá fazer-nos mal algum. Então já fomos acolhidos no campo de força da nova vida. E o que mais poderíamos desejar?!

Está fora de cogitação que queiramos, em nossos dias movimentados, transmitir-vos uma doutrina e dar-vos visões sobre aquilo que um dia poderá ser possível. Falamos sobre forças cósmicas sumamente importantes que têm de ser recebidas por nós.

A salvação outrora prometida a nós pelos grandes enviados pode de novo evidenciar-se nestes dias. Eis por que temos de considerar como muito atual as palavras da antiga e bela canção:

Como te receberei?

E como te encontrarei?

Tu, desejo de todo o mundo,

Tu, adorno de minha alma.

Não se trata apenas de que testemunhemos, e vós vos limiteis a ouvir. Tendes de colaborar com a Escola Espiritual em uma grandiosa construção que devemos e podemos realizar: o vindouro novo homem!

Já não está longe o tempo em que as primeiras evidências desse novo tipo humano virão à luz do dia. Será um homem que confirmará cabalmente as palavras: "No mundo, porém não deste mundo". Será uma multidão que ninguém poderá contar. Ela se subtrairá a toda a disputa e a todo o barulho da natureza dialética e entrará em uma quietude imperturbável, na quietude e na imutabilidade de uma nova

dispensação magnética, a quietude do povo de Deus.

E cada um de vós poderá falar: "Essa é minha quietude eternamente; aqui quero viver, pois eu a desejei".

Falamos-vos a fim de que também vós desejeis essa quietude e compreendais que esse desejo não precisa ser pura fantasia nem um belo sonho, porém que ele pode tornar-se realidade se tão-somente quiserdes utilizar todas as vossas possibilidades e na atual agitação neo-revolucionária pôr as mãos ao arado, pois o tempo chegou!

Que desejo é exigido de vós? Que desejo atua pois de modo tão intensamente libertador? É o desejo de salvação, isto é, o desejo de verdadeira cura.

Quem deseja cura tem de ter a consciência de estar doente, de estar fundamentalmente danificado e de viver em um mundo que não oferece nenhuma salvação e nos arrasta consigo em revoluções sem fim. Quem deseja salvação deve estar disposto a suprimir a causa de todo o sofrimento, a saber, sua ilusão, seu engano, sua paixão do eu, sua paixão de existência, em suma, ele próprio. Isso é anseio de salvação!

Quem assim anseia subtrair-se ao poder da ilusão, será conduzido à aurora da consecução, a um novo dia, à quietude inatacável do vindouro novo homem. Ele progredirá na senda sétupla tal como vos foi exposto pormenorizadamente, na senda dos nascidos duas vezes, a senda da transfiguração.

Quem desejar perder-se a si mesmo achará essa senda e, finalmente, no sétimo degrau, verá a entrada para o novo reino aberta para si.

Como ela será então, podemos perguntar! Essa entrada é aberta, como já dissemos, pelo desenvolvimento da nova circulação magnética no simpático, pelo nascimento do se-

gundo fogo serpentino, do novo eu. Essa nova circulação magnética, esse novo eu, constrói uma personalidade inteiramente nova. Se imaginardes o microcosmo como uma esfera, então é como se no coração desse microcosmo um velho templo fosse processualmente demolido e um inteiramente novo fosse erigido. Desejamos tentar explicar-vos como é isso possível.

Sabeis que o nervo simpático consiste em dois cordões, cada um situado em um lado da coluna vertebral. Em muitos locais, esses cordões são interrompidos por nós nervosos ou gânglios. Um nó nervoso ou gânglio é uma dilatação circular, lisa, de cor vermelha acinzentada, consistindo em células de uma construção típica e situado entre os nervos ou nas fibras nervosas.

Precisais dirigir agora vossa atenção para duas propriedades importantes desses gânglios do simpático. Nervos também nascem da medula espinal comum. Fala-se de um ramo anterior e de um ramo posterior desses nervos da medula espinal. Ora, os gânglios do simpático estão em ligação direta com o ramo anterior dos nervos correspondentes da medula espinal. Além disso, desses gânglios do simpático partem alguns feixes de nervos, que são ramificações de nervos que, ao longo das artérias, se distribuem para quase todos os órgãos e controlam os movimentos do coração e do inteiro sistema vascular.

Se puderdes agora fazer uma idéia disso, estareis na posição de poder tirar algumas conclusões. E elas serão tanto mais acertadas se tiverdes algum conhecimento da anatomia do corpo humano.

Quando um aluno do sexto degrau recebe a devoção, quando portanto a nova circulação magnética se realiza no

simpático e esse aluno persevera em sua autodemolição, o fluido nervoso da velha natureza, mediante os ramos posteriores dos nervos da medula espinal, garantirá um equilíbrio biológico geral na antiga estrutura corporal; todavia as correntes nervosas da velha natureza, que eram secretadas ao longo dos ramos frontais no corpo inteiro, são interrompidas, e uma nova corrente nervosa, a corrente do segundo fogo serpentino, assumirá então a tarefa da antiga natureza. A consequência é que o sangue, assim como o fluido nervoso, se transmutam. A atividade de todos os santuários e de todo o sistema endócrino é submetida a mudanças. Assim, um sistema de linhas de força totalmente diferente se forma na figura da personalidade comum quanto ao aspecto exterior, porém iluminada e inflamada por correntes vitais totalmente outras que partem da nova fonte de consciência no simpático.

Um novo templo surge. Um templo tríplice, segundo consciência, alma e corpo. Um corpo material, não a figura grosseira da natureza dialética, senão a forma aprimorada de uma nova natureza. E prestai bem atenção, essa personalidade aprimorada não possui a estrutura da entidade da esfera refletora, pois essa habita os fragmentos da antiga e despedaçada personalidade dialética, cujo corpo material está totalmente aniquilado. Não, o irmão e a irmã do sétimo degrau ostentam uma personalidade totalmente nova e glorificada que compreende uma forma corpórea material. Para o homem comum da massa essa forma somente será visível se ela se manifestar em conexão com a antiga natureza, porém tão logo a antiga forma natural já não precise ser mantida, a nova forma natural se retirará rumo ao reino da eternidade pleno de luz do sol.

Na terceira parte deste trabalho poderemos descrever-vos pormenorizadamente a natureza e as características dessa nova forma natural bem como ela se libertará das faixas de seu nascimento e ressurgirá do túmulo.

Na Escritura Sagrada nos é relatado como o corpo crucificado de Jesus, o Senhor, foi sepultado na cripta de José de Arimatéia. Esse José de Arimatéia é o hierofante dos novos mistérios, e a cripta é idêntica à cripta de Christian Rosenkreuz, onde o novo corpo pode ser achado.

Nossos pensamentos de prece são que todos os que triham a senda possam concluir seu áureo caminho da cruz e ressurgir do túmulo da vitória, renascidos e fortes, para a nova e santa vivência: a santa vivência do vindouro novo homem.



Agora sabeis como podeis progredir do amor ao próximo rumo a uma ascensão ao *amor*. É o amor que é denominado Deus, Espírito e Luz. Agora compreendereis como Paulo o compreendeu: se tudo tivésseis e vos faltasse *esse* amor, esse novo estado de ser, nada teríeis nem seríeis, pois esse amor que é Deus, esse vôo de águia do Espírito, é a meta, a grande e maravilhosa meta de todos os que, nessa época de transição, são chamados à luz.

O amor não é portanto questão de palavras ou de terno sentimento, porém de ação redentora e libertadora da humanidade. Seja essa ação, para a qual mesmo o mais fraco entre nós foi escolhido, vosso começo e vosso fim, vosso sentar

e vosso levantar até o dia de vossa consumação!

Segui conosco na alegria do novo conhecimento! Celebrai conosco a festa de atos do vindouro novo homem!



PARTE III

**OS DONS E AS FACULDADES DO
NOVO HOMEM**

O RENASCIMENTO AURAL

É chegado agora o momento de apresentar-vos o vindouro novo homem. Em ambas as partes precedentes deste livro vos descrevemos os diversos aspectos filosóficos e intrínsecos dessa nova gênese humana. A época que contudo agora irradia no brilho da clara luz matutina é o despontar do dia em que o novo homem surgirá, agirá e será. Se não pertencermos àqueles que estão ligados à terra e enredados nos véus cinzentos da dialética, reconheceremos sem dúvida a natureza desse novo homem e poderemos verificar seu reaparecimento na história mundial, o qual teve início no ano de 1952.

Aquilo que se manifestou nessa época ariana há milhares de anos, mediante as fraternidades divinas, pelo trabalho santo de Akhnaton no Egito, pelos grandes obreiros da Índia, por Lao-Tsé na China, por Zarathustra nos reinos caldeus, por Mani no Oriente Médio, pela atividade de Platão e Pitágoras na Grécia, bem como também pelos druidas e pelo trabalho dos albigenses na Europa Ocidental, novamente brilhará nesta sombria ordem mundial.

O dia do novo homem chegou. A aurora de uma nova dispensação do verdadeiro povo de Deus rompeu a couraça da dialética. A corrente dos sete templos novamente soou,

forte e solidamente, e invencivelmente recomeçou seu trabalho, que com razão pode ser denominado o trabalho do discipulado perfeito. O trabalho de renovação começou, os caminhos de Renova estão sendo palmilhados.

Compreendereis agora que trilhar uma senda, principalmente no sentido muito especial que tencionamos, pressupõe uma despedida *ou* um andar juntos. Há alunos que, de coração e com toda a espontaneidade, querem seguir conosco. Outros, todavia, ainda estão plenos de dúvidas, e ainda há talvez aqueles que, sem compreendê-lo completamente, ainda estão cheios de reserva e crítica. Pois bem, esforçamos em ajudá-los, porém não o quiseram. Eis por que, agora, chegou a hora da despedida. Nós os saudamos. A aurora de um novo dia paira qual coroa sobre os caminhos que elegemos. Abandonamos a noite, e uma nova tarefa nos espera. As palavras faladas agora e as que serão no futuro somente são válidas para aqueles que viajam conosco, e somente neles elas causarão força.

Deveis estar lembrados de que a força da renovação gnóstica, que pode ser acolhida pelo átomo-centelha-do-espírito após um longo caminho já descrito por nós, finalmente brilha no ramo ascendente esquerdo do simpático. Se essa plenitude de irradiação se manifesta, isso é uma prova de que uma nova circulação magnética se formou no coração do microcosmo, coincidindo com o corpo da natureza da morte. Esse nascimento tão especial se relaciona com a circulação de forças puramente gnósticas no corpo da velha natureza, em suma, o desenvolvimento de uma nova corrente nervosa. A consequência disso é, como dissemos, que tanto o sangue como o fluido nervoso se transformam. A atividade dos santuários da cabeça, do coração e da bacia e do sistema endó-

crino será transformada, e paulatinamente um sistema de linhas de força totalmente outro se forma, segundo a aparência exterior, na figura da personalidade comum, porém irradiado e iluminado por correntes vitais totalmente outras, que partem da nova fonte de consciência no simpático.

Um novo templo surge. Um templo tríplice, segundo consciência, alma e corpo. Um corpo, um corpo material, não à imagem grosseira da natureza dialética, porém segundo a aparência sutilizada de uma natureza inteiramente nova. Uma personalidade glorificada, incluindo portanto uma forma corpórea material. Com essa nova forma, o candidato deve "sair ao encontro do Senhor nas nuvens do céu".

A viagem que agora iniciamos se relaciona com a construção desse novo veículo, dessa arca, do navio celeste, de que precisamos para poder alcançar nossa meta. É claro que agora temos de discutir e estudar minuciosamente que proporções nosso veículo deve ter, de que material ele deve ser e com que ferramentas teremos sucesso. Cada um de nossos companheiros compreenderá que em primeiro lugar a oficina tem de ser preparada; o local de trabalho onde as marteladas devem ser desfechadas, onde o esquadro e a régua podem ser utilizados sem estorvo, onde a rampa terá de ser aplainada, a fim de que breve, sem incidentes, o navio celeste possa ser confiado ao novo mar da plenitude de vida.

Que local poderia ser a oficina senão o centro de nosso microcosmo, de nosso corpo, de nossa forma material? Sabemos que essa forma material, proveniente da natureza da morte, não é divina. Eis por que o ceme dessa forma, seu princípio fundamental, tem de ser aniquilado. Por isso tratamos tão pormenorizadamente das sete condições prévias da senda, com o auxílio de algumas indicações da Segunda

Epístola de Pedro. Unicamente quando preencherdes essas sete condições, vossa oficina estará pronta, somente então podereis construir.

Primeiro a nova circulação magnética no simpático tem de ser realizada. Para uma entidade-centelha-do-espírito isso não é absolutamente nenhum esforço. Quem se entrega em perfeita auto-rendição à senda e aceita as conseqüências apronta, sem dúvida, sua oficina para nova construção. A prova desse "estar pronto" está no novo fluido que se manifesta no simpático. Esse fluido é a pedra com que se tem de construir. Ele é o supremo remédio, o verdadeiro elixir de vida dos mitos, o "Abre-te, ó Sésamo!" dos contos de fada. Esse fluido é a flama da sétima condição preenchida, a luz do amor divino. Somente com essa luz o trabalho pode ser iniciado e concluído.

Devemos compreender bem agora que não há sentido, e é mesmo muito errado, falar sentimentalmente sobre esse amor divino e consagrar-lhe versos. Quem sobre ele fala, tem de fazê-lo com atos, com os fatos da construção concreta. Isso é exigido de nós. O que é denominado amor na Doutrina Universal é a substância primordial da chama divina, da alma do mundo. Quando a luz dessa flama arder na nova circulação magnética, o candidato será capaz de – segundo as palavras de Paulo – "cobrir todas as coisas com esse amor", e – segundo as palavras de Pedro – ele "cobrirá uma multidão de pecados".

Queremos explicar-vos primeiro o que Paulo e Pedro queriam dizer com essas palavras. No famoso capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo diz que alguém que respira na substância primordial da chama divina está no caminho que conduz à libertação. Ele fala a seus alunos e

diz:

“Ainda que dirigíssemos nossa atenção às entidades mais cultivadas do campo de vida dialético e dominássemos perfeitamente a arte da retórica, e portanto falássemos e escrevêssemos um idioma tão extraordinariamente bem que se pudesse falar com razão do máximo alcançável, e mesmo que alcançássemos também os cumes mais elevados do campo mágico e intelectual e dominássemos todo o conhecimento da profecia, das secretas verdades sagradas da salvação e da Ciência, seríamos semelhantes a um cimbalo que retine, seríamos totalmente nada se não possuíssemos a substância primordial da flama divina.”

E então ele prossegue citando as possibilidades que se manifestam para todo o candidato quando ele obtém a participação nessa magnificência. Ele diz entre outras coisas: “O amor cobre todas as coisas, não leva em conta o mal”, e com o mesmo sentido citamos aqui as palavras de Pedro: “... pois o amor cobre uma multidão de pecados”.

Quando em geral se pede dos homens uma explicação dessas palavras, então nos é indicado um novo comportamento moral e ético que aparentemente é exigido tanto por Paulo como por Pedro. Ouvir-se-ia sem dúvida uma efusão mística, e todos pensariam nas mais elevadas normas do amor como nós o conhecemos em nossa ordem de natureza; em atos de auto-sacrifício e conciliação, em relações com seres humanos que se distinguem especialmente nesse campo.

Sabeis todavia que, com suas palavras, os apóstolos aqui citados não pensaram de modo algum nessas elevadas exteriorizações sentimentais dialéticas humanas? Como nós,

achareis essas habituais exteriorizações de amor nobres e úteis, que elas são como que um bálsamo para uma alma dilacerada, porém o capítulo 13 da Primeira Epístola aos Coríntios se refere, muito enfaticamente, a algo bem diferente do que se supõe. Precisamos compreender a verdadeira natureza dessas coisas a fim de poder abranger completamente o discipulado atual, tanto segundo os pensamentos como segundo a realização. Simultaneamente compreenderemos então o que Paulo quer dizer com o dom de línguas e o dom da profecia nos trechos restantes da Primeira Epístola aos Coríntios.

Talvez seja de vosso conhecimento que este mundo está cheio de movimentos baseados no dom de línguas, de comunidades pentecostais e de sociedades apostólicas, que pretensamente exercem esses dons. É profundamente trágico que a busca inconfundível de dezenas de milhares se tenha detido aí. Detida no esforço espírita, ocultista negativo, mediúnico. A causa desse mal está na ignorância, no fato de esses seres humanos se terem tornado vítimas das fraternidades da esfera refletora, as quais imitam a vida santa com intenções compreensíveis.

Se não puderdes ver essas intenções, dizemo-vos que todos os dons de que Paulo fala são extremamente atuais em uma verdadeira escola espiritual. Eles são a primeira assinatura, as primeiras provas da nova gênese humana. É todavia explicável que quando se desfigura essa assinatura, essas provas, imitando-as de maneira puramente dialética e completamente negativa, aniquila-se uma onda inteira de buscadores profundos e sinceros. Essa traição intensa do último século se aproxima de seu desmascaramento. A verdadeira essência dos dons e das faculdades do novo ho-

mem se tornará conhecida no mundo inteiro, e não apenas filosoficamente, mas também, ao mesmo tempo, de maneira prática, de modo que o abismo intransponível entre imitação e realidade seja mostrado claramente.

A consequência será que inúmeros descaminhados se dirigirão à Escola Espiritual a fim de reencontrar a via perdida e prosseguir conosco de força em força, de magnificência em magnificência. Assim, a prova será dada de que a Gnosis verdadeiramente chegou.

Quando um aluno preencheu as sete exigências da senda, participa organicamente da Gnosis, e, com isso, a nova circulação magnética no simpático se torna ativa, a nova irradiação que dela parte irá cobrir todo o ser do aluno: a personalidade, o campo de respiração, o ser aural assim como também o campo magnético. Essa nuvem do Senhor irá envolver o candidato e seu inteiro microcosmo como um manto, com consequências quase inacreditáveis. Grande variedade de dons e novas faculdades se manifestará, e todos eles se desenvolverão do único e mesmo santo espírito da renovação. Todos os pontos magnéticos no ser aural, os quais estão afinados completamente com a vida dialética e seus Eões, são extintos processualmente no manto do amor divino, e novas luzes são inflamadas. Essa irradiação de amor portanto, prática e diretamente, "cobrirá uma multidão de pecados".

Esse processo do amor divino extingue, pois, o *karma*. Ele cobre o *karma* portanto não apenas em sentido negativo – com o que ele não obstante continuaria a existir – porém o substitui completamente. Estamos novamente aqui diante de uma tradução errônea. A palavra original para "cobrir" pode também ser traduzida por "substituir". Os tradutores originais

da Bíblia não compreendiam que o amor pode “substituir” os pecados, por isso traduziram essa palavra como “cobrir”, esta eles bem podiam compreender. Todavia o sentido divino dessa palavra, à luz do que foi exposto, se tornará agora claro: o sistema magnético do ser aural é totalmente afetado por essa flama divina. Esse firmamento dialético é extinto, e um novo firmamento se forma. Sob esse novo céu, uma nova terra microcósmica irá, terá de manifestar-se – uma personalidade transfigurada. O primeiro sinal disso são alguns dons e possibilidades: o sinal do vindouro novo homem.

Falaremos agora sobre isso pormenorizadamente. Aconselhamo-vos a estudar bem os capítulos 12, 13, 14 e 15 da Primeira Epístola aos Coríntios, pois eles formarão a base de nossas explicações.



II

CONSEQÜÊNCIAS DO RENASCIMENTO AURAL

Explicamo-vos minuciosamente de que maneira a flama divina da Gnosis no ser aural do candidato extingue todos os pontos magnéticos do firmamento dialético, e como um novo céu é formado processualmente nesse amor flamejante a fim de que, com isso, sejam liberadas as possibilidades para uma nova terra, isto é, para uma personalidade glorificada.

Antes de, nessa base, prosseguirmos nossas explicações, tendes de imaginar bem a situação.

Com a boa vontade inteligente do ser-eu dialético, que se ofereceu completamente, a Gnosis irrompeu na personalidade com o auxílio do átomo primordial e tomou forma nos dois cordões do simpático*, mediante o que um segundo fogo serpentino, um segundo ser-eu, uma segunda consciência, é formado. Nesse momento, o candidato é plenamente consciente de seu estado duplo, de sua natureza dupla.

Ele então também dá provas dessa consciência dupla, como se depreende do profundo significado do Prólogo do Evangelho de João. O candidato que em seu caminho para a renovação chegou a esse ponto se assemelha a João. Ele se tornou um homem muito especial, um homem escolhido por Deus, porém certamente não um homem renascido em Deus.

Por isso ele diz: "Eu devo diminuir, e ele", o outro, a nova natureza em mim, "deve crescer. Aquele que vem após mim já era antes de mim".

Se o aluno que alcançou esse grau espiritual vive realmente desse princípio joanino assim formado, desenvolve-se a força de irradiação que, emanando do novo fogo serpentina, se propaga pelo inteiro campo de manifestação, cobre o inteiro firmamento aural e extingue processualmente os pontos magnéticos nele existentes. Em contrapartida, outras luzes, anteriormente latentes e que podem reagir a uma força eletromagnética mais forte, são forçadas à atividade. Portanto, nada mais e nada menos do que um renascimento aural se desenvolve, o qual é fundamental para toda a mudança da personalidade.

Esse renascimento aural nos é relatado em inúmeros mitos. A inteira Escritura Sagrada o menciona; basta apenas indicar-vos, por exemplo, o capítulo 24 do Evangelho de Mateus. Uma revolução cósmica não tem apenas um aspecto geral, mas também deve ser entendida de maneira completamente pessoal. Se um microcosmo quiser continuar desimpedidamente seu caminho para a restauração, a revolução microcósmica há pouco citada é absolutamente indispensável.

Sabeis quanto a vida exterior está relacionada com a vida interior. Quando a vida interior dos povos é superficial, materialista, dilacerada e demoníaca, condições externas se criam em total concordância com isso. Então todos os reinos naturais se afinam com isso, e mesmo o firmamento cósmico comum fará valer tal influência.

A antiga ciência secreta proclamou isso constantemente, a ciência moderna pode provar e explicar esse antigo segre-

do. Tratam-se de condições magnéticas que são criadas coletivamente e a oni-revelação tem de obedecer qual destino cego. Se compreenderdes isso, podereis também compreender o que uma multidão de homens relativamente pequena, disseminada pelo mundo inteiro, pode realizar. Se nós e outros seres humanos, mediante nova orientação de vida na Gnosis, causarmos uma revolução microcósmica e nela ingressarmos completamente, também invocaremos irrevogável e irresistivelmente forças magnéticas cósmicas e suprimiremos as irradiações degenerativas. Em seguida, nosso novo firmamento microcósmico ocasionará simultaneamente uma reversão geral que abrangerá a humanidade inteira. Que conseqüências esse processo terá para a massa, isso é assunto que concerne à própria massa.

Eis por que, em todos os tempos, gritos de alerta soaram da boca de videntes e profetas quando tal crise de reversão se aproximava, pois é claro que a vinda de tal crise e o período de tempo em que as conseqüências irrompem podem ser verificados, principalmente pelos seus aspectos científicos.

Por isso a Escola Espiritual moderna, com sua propagação sétupla por todo o mundo, pode falar sobre essas coisas com certeza tão positiva. Falamos porque sabemos. Se trilhades o caminho, também sabereis!

Supomos agora que se tornará claro para vós o que o renascimento aural significa. Se ele não se realiza, vosso desenvolvimento não poderá ultrapassar determinada fase e terá de retornar, após o curso de toda a natureza dialética, ao ponto de partida.

Os elementos magnéticos de vosso ser aural formam em

conjunto vosso plano de vida, vossa canção de vida. As linhas de forças magnéticas que, desses pontos, irradiam em vossa personalidade vos mantêm completamente em sua garra. Não podeis dar nem um passo para fora. Em vosso firmamento aural falam todos os vossos antepassados, todas as manifestações precedentes de vosso microcosmo, em suma, o inteiro passado, todo o *karma*.

Eis por que se tem de romper radicalmente com o passado! Eis por que todas as linhas de forças magnéticas que brotam agora do ser aural têm de ser despedaçadas, extintas. Este é o significado profundo de: "Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos a nossos devedores". A flama divina, que irradia no segundo fogo serpentino, *despedaça*, porém o próprio candidato tem de liberar a possibilidade para isso.

Por conseguinte, quando outras luzes são acesas no firmamento aural, e com isso outras linhas de forças magnéticas partem para a personalidade, ela tem de reagir a elas. Ela não pode agir de outra forma. Ela é como que impelida em outra direção, pois um novo campo de tensão eletromagnético surge, uma nova canção de vida ressoa. Quando os raios da nova aurora a alcançam, um novo dia irrompe, o primeiro dia do grande processo de transmutação da personalidade. À luz desse primeiro dia, uma seqüência lógica de novos dons e forças se manifesta. São os dons e faculdades citados na Primeira Epístola aos Coríntios.

É nossa intenção discutir todos esses dons e faculdades, observamos porém que a seqüência por nós escolhida não é a mesma que se manifesta no aluno que trilha a senda.

Primeiro queremos falar sobre *o dom da cura*. Se existe algo que excita a imaginação da humanidade, esse algo é

provavelmente esse dom. Por natureza, todo o homem é muito doente. A maioria de nós é afetada por muitas doenças, e em todo o caso, a morte de todos é finalmente causada por alguma doença. É claro, portanto, que todos nós temos o maior interesse em um bom cuidado da saúde como também na existência de um corpo de médicos o mais seletivo possível.

Também é compreensível que cresça o interesse da humanidade por toda a espécie de charlatanismo e práticas de cura notáveis feitas por toda a espécie de pessoas quando tal corpo de médicos falha (e isso porque ele se depara com uma tarefa impossível). Se alguém tivesse tempo e se desse ao trabalho, poderia compilar um inassimilável tesouro literário pertinente aos vários métodos e receitas de todos os séculos. De tempos a tempos, apanha-se um antigo remédio, sopra-se um pouco o pó, e um ou outro espertalhão o mostra como novo numa época moderna. Assim acontece com tudo. Há algo de novo sob o sol? Tudo já foi nos séculos que nos precederam. Os Cabiros, por exemplo, trouxeram a cura pelas ervas para os sacerdotes egípcios. E sabeis que em nossos dias esses métodos têm novamente sucesso cada vez maior.

Naturalmente, a medicina também teve em todos os tempos um caráter religioso. Os sacerdotes – outrora e hoje! – sempre quiseram ser chamados e ser curadores, pois leram sobre as excelsas personagens sagradas que de maneira miraculosa proporcionavam cura a seus doentes. Não era Jesus um curador? Não curavam os apóstolos num instante? Seus pacientes, após a cura, estavam tão fortes que tomavam sua cama e, com todos os seus pertences às costas, deixavam o hospital. Tais histórias agem de modo hipnotizante e inspira-

dor em toda a posteridade religiosa. Quando então Paulo fala do "dom da cura", as defesas vêm abaixo. Como uma torrente que se precipita montanha abaixo, os curadores religiosos, até os momentos atuais, inundam o mundo. Sempre que eles dirigem a atenção sobre si, os interesses confluem, e a imprensa religiosa dedica ao acontecimento a maior atenção.

Após investigação, descobrem-se três aspectos na cura religiosa: um aspecto denominado espiritual, um aspecto moral e um aspecto corporal. Exatamente como após a guerra de 1914 - 1918, esses aspectos, também agora, em nosso desmantelado pós-guerra, são cultivados zelosamente. Atualmente, um movimento de cura pela oração surgiu na Alemanha e se difunde cada vez mais, já propagando-se também em outros países. Essa cura pela oração em essência nada mais é que a imposição religiosa de mãos. A imposição de mãos, de que a Escritura Sagrada fala, é também algo que sempre ocupou a imaginação da humanidade. Em nossa juventude vimos os abençoadores e impositores de mãos ocupados, e freqüentemente eles tinham sucesso. Possivelmente também conheceis as práticas da Ciência Cristã, da Sra. Baker Eddy.

Em que está embasada a cura pela oração? Ela parte da idéia de que as doenças são as conseqüências dos pecados humanos, o que de fato é correto. Com isso todavia se esquece que a inteira existência humana é pecadora e se diz: "Porque isso é assim, essas doenças podem ser eliminadas ou neutralizadas mediante a humilhação, a oração e a reconciliação". Isso de modo algum é tolice, porém quando se considera o que os abençoadores entendem por reconciliação, então se sabe que eles bem ouviram o som, porém não puderam encontrar o sino. Então se sabe que seu procedi-

mento de reconciliação tem lugar no plano horizontal, que sua humilhação diz respeito somente aos conflitos na personalidade dialética, provocados pela atividade da lei gêmea do bem e do mal, e que a oração somente objetiva desembaraçar e eliminar esses conflitos na personalidade.

Permanece pois a pergunta: “Como é possível que homens possam tornar-se sãos mediante a cura pela oração? Respondemo-vos: como é possível que alguém com dor de cabeça possa ficar livre de sua dor com uma aspirina?”

Há pouca diferença entre o modo de agir dos produtos da indústria farmacêutica e aqueles da cura pela oração e da imposição de mãos. Mediante a atividade da aspirina no sangue, a ação de um ou outro incômodo em vosso sistema é reprimida um pouco, vossa dor de cabeça desaparece; porém a não ser que tomeis outro remédio, façais dieta ou useis outro método, a dor de cabeça retornará. A causa em si realmente não foi removida!

Pensai por exemplo numa perna paráltica! Como surgiu a paralisia? Pela avaria do sistema nervoso que tem relação com a perna. O fluido magnético já não pode manifestar-se nela. Se o acontecimento não for antigo, e as fibras nervosas não estiverem degeneradas, portanto, esclerosadas, tal doente pode ser auxiliado com a cura pela oração. Coloca-se o paciente em um estado extático religioso. Nesse estado ele é “reconciliado”, isto é, ligado com certa vibração da esfera refletora. Essa vibração excede a vibração do paciente em questão; o abençoador, em tal caso, é um homem mediúnico que está em ligação com a esfera refletora e desse modo – por seu intermédio – a perna paráltica é eletrizada, magnetizada. Se o paciente em questão pode manter-se em seu estado religioso exaltado, e com isso, obumbrado, a perna pa-

ralltica ficará sã, parcial ou totalmente, e esse homem poderá andar novamente. O preço que tem de ser pago por isso, porém, é uma ligação contínua com o Além e seus assim chamados curadores. Ele se tornou vítima das forças naturais da dialética, e o dramático é que tal homem louva a Deus diariamente por Sua graça a ele manifestada. Ele pode andar, porém a que preço!

Quem acha esse procedimento muito estranho, deve pensar nos métodos dos psiquiatras modernos. Esses métodos requerem e realizam primeiro uma ligação simpática entre médico e paciente, com outras palavras, uma reconciliação. Quando essa reconciliação, essa ligação extremamente indesejável, surgiu, o médico pode dirigir seu paciente aonde o queira.

Esperamos que estejais agora profundamente penetrados do fato de que o dom da cura, de que Paulo fala no capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios, de modo algum pode ter ligação com essas práticas. Esse dom nada tem a ver com a cura pela oração, com a imposição de mãos, com qualquer influência psicológica de um médico experimentador ou com charlatanismo. Ele não tem relação alguma com o curandeirismo religioso e seus três aspectos. Por isso a Escola Espiritual, ao longo de todos os anos, manteve-se livre de todo o charlatanismo e de práticas ocultistas de cura, que se apoiam nas leis magnéticas mencionadas. E ela também o fará no futuro.

O que será então o dom da cura de que Paulo fala?



III

O DOM DA CURA

Na Primeira Epístola aos Coríntios²³, Paulo se refere a alguns dons a serviço do novo homem, como: diversidade de dons da graça, diversidade de ministérios e diversidade de operações, que são a consequência do toque do Espírito Santo, da Gnosis Universal. Então a Epístola aos Coríntios dá outros detalhes sobre esses dons.

O dom da sabedoria, o dom do entendimento, o dom da fé, o dom da cura, o dom do domínio de forças, o dom da profecia, o dom de distinguir espíritos, o dom de falar outras línguas e finalmente o dom de interpretação dessas línguas.

Em seguida é determinado, em ligação com os processos de desenvolvimento desses novos dons espirituais no candidato e com seu estado de ser nesses processos, o lugar específico de seu ofício no grande trabalho. Paulo cita três estados de ministério: primeiro, o ofício de apóstolado; segundo, o ofício de profeta; terceiro, o ofício de instrutor. E entre esses três graus de ministérios estão distribuídas algumas tarefas: a demonstração de forças; a demonstração de cura; a capacidade de auxiliar; a capacidade de guiar; e, em

23 - Ver pág. 290.

quinto lugar, a demonstração de línguas.

Conseqüentemente, segundo a interpretação de Paulo na Epístola aos Coríntios, há nove dons, três ofícios e cinco tarefas. Todos eles pertencem ao desenvolvimento, à assinatura da nova gênese humana.

Antes de iniciarmos nossas exposições sobre esse tema, notamos que elas somente têm sentido e são completamente sem perigo se, do imo, aspirais a trilhar a senda e a satisfazer, cada um segundo seu estado de ser, as exigências dessa senda. O fato de essas coisas terem agora de ser reveladas pode, por um lado, fazer-nos felizes, já que isso demonstra estarmos às vésperas de acontecimentos realmente grandes e maravilhosos; por outro lado, essas discussões colocam uma grande responsabilidade sobre nossos ombros.

Por isso, repetimos enfaticamente que podeis atentar impunes a todas essas coisas, desde que vossa orientação esteja apoiada na firme decisão – cada um segundo seu estado de ser – de trilhar a senda. Se vos interessásseis por todas essas características da nova gênese humana, sem ao mesmo tempo buscar esforçar-vos por alcançar, do mais profundo ser, a nova gênese humana, desenvolverfeis em vós mesmos características *falsas*. Nós o repetimos, esses nove dons, esses três ofícios e essas cinco tarefas são as características, as provas da nova gênese humana! Se vos interessásseis *bastante* pelas características, porém negásseis a senda que a isso conduz, desenvolverfeis características falsas, desenvolverfeis meramente uma imitação, e por conseguinte, trilharfeis um caminho puramente ocultista, aliás de espécie completamente negativa. A conseqüência disso, sem dúvida, seria um grande obumbramento provocado pela esfera refletora, de mais a mais, isso tudo rebentaria em uma

violenta ilusão religiosa natural, com toda a sua miséria.

Tendes de entender, em primeiro lugar, que os dons, ofícios e tarefas, que são as características, as provas da nova gênese humana, nunca, em nenhum aspecto, podem ser colocados a serviço da ordem de natureza dialética e da humanidade que a serve. Essa conclusão é óbvia, pois o desenvolvimento dessas características da nova gênese humana está baseado em uma nova radiação magnética! Para os novos dons se desenvolverem, eles devem ser sustentados e impelidos pela força da natureza divina, pela força da Gnosis, em outras palavras, com a força de um campo de radiação eletromagnética não dialético. Essas forças procedem portanto de outra natureza, e uma vez que elas não podem ser úteis a esta natureza, é claro que elas não podem ser tampouco usadas neste mundo quando se revelam no aluno como dons.

Quando Jesus, o Senhor, diz: "Meu reino não é deste mundo", poder-se-ia talvez ainda pensar que se trata apenas de uma recusa, e que se uma irmã ou irmão da Gnosis se esforçasse, poderia ser útil talvez com uma ou outra faculdade no plano horizontal. Isso porém está fora de cogitação!

As palavras: "Meu reino não é deste mundo" não significam apenas um não querer, mas sim um absoluto não poder! Por isso temos de dizer-vos já agora que o dom da cura, tal qual a Escola o apresenta, não pode de modo algum ser posto a serviço de nenhuma terapia dialética. Temos contudo de acrescentar que esse dom, sem dúvida, pode favorecer vosso estado corporal, contanto que vossa inteira personalidade se encontre na senda. Quando, pelo vosso estado de ser na senda, tiverdes aberto vosso ser à nova radiação eletromagnética e participardes desse novo campo de radiação eletro-

magnética, as forças também vos tocarão em vossa personalidade para o bem estar de vosso corpo material.

É possível que vos sintais desapontados com a restrição que nós mencionamos. Se todavia, de coração aberto, estardes e considerardes as características da nova gênese humana, ficareis silenciosamente gratos e alegres interiormente. Experimentareis então que se confirmam aqui as palavras de Cristo: "Se andardes uma milha comigo, andarei duas milhas convosco". Todos os ofícios, faculdades e tarefas objetivam servir, ajudar, sustentar e apoiar o aluno desde o primeiro até o último degrau. Esse auxílio, que das forças irradia sobre nós, esse auxílio, que na prática é altamente atual na Escola Espiritual, é tão absoluto, tão dinâmico, tão abundante, que ninguém precisa sentir o menor receio que seja. Toda a preocupação sobre nosso eventual sucesso na senda é disparate. Quem permanecer nisso é sem dúvida egocêntrico e comprova com isso que está preso à velha vida e está desgostoso por não poder simultaneamente agarrar a nova vida com a velha vida.

Quem deseja a nova vida deve renunciar à velha vida. Toda a tentação na senda, qualquer que seja seu tipo, pode ser aniquilada com o glorioso auxílio dos irmãos e irmãs na senda. Pensai por exemplo nas conhecidas palavras do salmo 91:

*Nenhum mal te sucederá,
E praga alguma chegará a tua tenda,
Pois a seus anjos dará ordens a teu respeito
Para te guardarem em todos os teus caminhos.
Eles te sustentarão em suas mãos
Para que não tropeces em pedra alguma.*

Provavelmente se pensou às vezes que a senda da auto-realização fosse uma árdua jornada em solidão. Isso todavia é decididamente incorreto, pois que é apenas *um* lado da questão. Obreiros como Krishnamurti a apresentam assim por terem verificado que inúmeros seres humanos se apegam de modo negativo a autoridades, autoridades que somente o são no plano horizontal, porém que ainda não preenchem, elas mesmas, as exigências elementares da verdadeira vida.

Os dois lados da verdade única são elucidados de maneira correta pelas palavras de Cristo: "Se andardes uma milha comigo, andarei duas milhas convosco". Quando permanecemos completamente em auto-realização e trilhamos espontaneamente a senda, sem reparar nos resultados, sem preocupar-nos com as conseqüências e com as dificuldades, invocamos o auxílio perfeito de todos os que foram admitidos no círculo da Gnosis. E deles e através deles afluem a nós as forças das faculdades, ofícios e tarefas.

Outras palavras, essas do Sermão da Montanha, que também vos são conhecidas, afirmam de fato a mesma coisa: "Procurai primeiro o reino de Deus e Sua justiça, e todas as outras coisas vos serão acrescentadas".

Quem comprova buscar o reino de Deus mediante o trilhamento da senda experimentalá que o inteiro feixe de luz da Gnosis, com toda a sua diversidade de radiações, lhe será acrescentado. Inicialmente transformado por terceiros, como iremos ainda explicar, depois, de modo direto e absoluto, numa ligação de primeira mão. Aquilo que destarte se recebe, beneficia o inteiro sistema microcósmico, portanto, o corpo material.

Compreendido segundo a natureza, nosso microcosmo é

doente. Eis por que devemos todos trilhar a senda da santificação. Santificação é tornar-se curado, restabelecido, são. É dessa santificação, dessa cura e de sua utilização, que iremos falar.

Quem trilha a senda, trilha uma *via crucis*, a via da eterna e absoluta sanificação. E ele recebe força conforme sua cruz.



IV

AS TAREFAS: CINCO CORRENTES PARA A CURA

Deveis entender muito bem por que discutimos o dom da cura.

Há uma fraternidade mundial sétupla e um campo de radiação sete vezes sétuplo que se desenvolvem em torno dos sete focos do mundo. Um novo firmamento celeste se expandiu, um campo eletromagnético inteiramente novo se formou.

Uma grandiosa nova personalidade se manifestou para a humanidade buscadora. É a manifestação do Espírito Santo, da Gnosis Universal, em consequência do que – como é dito em Romanos, capítulo 8 – a manifestação dos filhos de Deus se torna possível.

É o cumprimento daquilo que a *Confessio Fraternitatis* assim expressa: “Uma coisa, ó mortais, será aqui declarada por nós, ou seja, que Deus decidiu enviar ao mundo, antes de seu fim, uma torrente de verdade, luz e grandeza, tal como Ele ordenou que essas fossem dadas a Adão no Paraíso”.

Esse campo de tensão de verdade, luz e grandeza se estende agora sobre nossos países. Infelizmente, porém, de modo algum acontece que todo o mortal participe automati-

camente dele. Isso é impossível, porquanto o sistema microcômico da humanidade dialética corresponde a um campo de tensão magnético totalmente diferente. É portanto necessário que sigamos outro caminho de vida e tomemos outras medidas a fim de que nosso inteiro sistema microcômico se abra ao toque do campo do Espírito Santo Sétuplo. Quem isso consegue se torna um homem muito especial, pois dessa hora em diante duas naturezas falam nele: a natureza dialética comum, e algo da nova natureza que inicia a manifestar-se nele. As enormes conseqüências disso serão claras.

Quando ainda somos inteiramente da velha natureza, abre-se grande vazio entre nós e o campo de tensão do Espírito Santo. Quando porém alguns adentram o estado das duas naturezas, é como se uma ponte fosse lançada. Então o campo do Espírito Santo pode entrar em contato com todos, ainda que não seja de primeira mão, mediante alguns que juntos formam a ponte de modo bem especial.

Quando os dons da graça do Espírito Santo afluem a um homem porque ele abriu seu ser, seu santuário do coração, à Gnosis, surge nesse homem certa atividade de novas forças, "uma diversidade de operações", como assim o denomina Paulo no capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios. Desse momento em diante, tal homem está apto a uma diversidade de ministérios. Com as operações das forças que não são explicáveis por esta natureza pode ele então atuar. Por que ele o pode? Porque ele ainda não é inteiramente da nova natureza, senão apenas com parte de seu ser! Se um de nós fosse inteiramente da nova natureza, perderíamos muito breve o contato com ele, pois os dois mundos, as duas naturezas, não podem confundir-se. Elas não podem atuar em conjunto, o único reino não é desta natureza.

Quando todavia alguém é tocado em seu ser pela força do reino universal, surge, embora temporário, um estado de *duas* naturezas. Mediante esse estado muito especial, em que ele atua como ponte, podemos experimentar algo da santa serenidade da vida primordial. Com uma parte de seu ser, tal homem é da nova natureza, e com a outra parte, ele é de nossa natureza. Ele pode dizer o que o toca interiormente e aproximar-se de nós com aquilo que ele recebeu. Apesar de a luz que assim nos é dada não poder ser comparada nem remotamente com a realidade mesma, ainda assim um pouco de luz brilha nas trevas de nossa vida. E certo é – pressupondo que somos verdadeiros buscadores e ansiamos pela salvação do sofrimento dialético – que podemos ser auxiliados de algum modo por essa luz única, a irradiar de cabeças, corações e mãos humanos. O dom da cura tem pois, entre outros, relação com isso.

Um aluno que entrou em ligação com a Gnosis adentra um caminho de gênese, o qual traz o desenvolvimento de faculdades. Com elas, as entidades que ainda vagueiam na escuridão, porém anseiam por luz, podem ser auxiliadas muito concreta e energicamente. Mediante essas faculdades, uma força se efunde nos homens fundamentalmente doentes, uma força de significado extraordinário e libertador, um auxílio que toca os aspectos do microcosmo, de modo que se pode falar com razão de dom da cura. Todavia esse dom também ainda tem outro aspecto.

Ser-vos-á compreensível que o dom da cura é uma faculdade que abre e capacita aqueles que têm fome de salvação ao primeiro toque da rosa, do átomo primordial, situado no santuário do coração. Quando pois um número crescente de homens possui esse dom e começa os três ofícios, parti-

cularmente o apostolado, o profetizar e o ofício de instrutor, a força gnóstica é liberada de maneira crescente e utilizada no campo dialético.

Pensai com relação a isso numa lente ustória²⁴. Quando pudermos em conjunto, nas trevas da existência, polir uma lente ustória e com seu auxílio, receber e concentrar a radiação da Gnosis, poderemos inflamar um fogo. É portanto uma diferença considerável se apenas um homem está desenvolvendo os dons e os ministérios ou se, por exemplo, uma centena. A Escola Espiritual aspira a formar um grupo de homens que foram apanhados na e pela renovação e que, sem nenhuma presunção ou espalhafato, desenvolvam e irradiem espontaneamente, graças a seu ser tocado pela Gnosis, uma força tão formidável que resultados inacreditáveis se manifestarão. Paulo, em sua Epístola aos Romanos, denomina isso “a revelação dos filhos de Deus, a qual” – diz ele – “a inteira criação espera com ardente anseio, por que a criatura e a criação (isto é, o homem dialético e seu campo de vida) foram submetidos à morte”. A criatura está completamente aprisionada nos liames desta natureza. E agora a criação espera a revelação dos filhos de Deus a fim de que o Espírito Santo possa ser inflamado aqui, nessa existência ímpia de nossa natureza.

De tal grupo – seres humanos convertidos em servos e servas do povo de Deus – irradia o Espírito Santo transformado em cinco correntes claramente perceptíveis já citadas por nós, as cinco tarefas que são nomeadas no capítulo 12 da Primeira Epístola aos Coríntios, a saber, a demonstração de forças, a demonstração de cura, a capacidade de auxiliar,

24. Lente usada para facilitar a combustão.

a capacidade de guiar e as demonstrações de línguas.

Quando um homem é libertado pela Gnosis, primeiro forças irradiam dele, pois quando o átomo-centelha-do-espírito, a jóia preciosa situada no topo do ventrículo direito do coração, pode ser tocado pela radiação do sol gnóstico, ele irá refletir essa radiação. Esse processo de reflexão é denominado por Paulo "demonstração de forças". Logo que tal homem recebe o citado toque da Gnosis, nesse mesmo momento forças são irradiadas espontaneamente, livres de sua vontade. Elas partem espontaneamente dele. Não são suas forças, porém a atividade do filho de Deus que é refletida pelo átomo do coração. Isto é a demonstração de forças: o processo involuntário de reflexão do átomo primordial.

Mais tarde, quando o processo progride no aluno, e o santuário da cabeça é tocado, mediante o que o diadema atrás do osso frontal começa a irradiar, o que então os olhos comprovam, e ainda mais tarde quando a nova circulação magnética, o segundo fogo serpentino, se manifesta, essas radiações-forças se tornam cada vez mais fortes e poderosas.

Quando pois alguns irmãos e irmãs se encontram na Escola Espiritual, um grupo de buscadores verdadeiros – quando vem a uma reunião ou mais tarde frequenta o templo – será tocado pelas forças que irradiam de tais alunos. Então eles são admitidos nesse "poço de Siloé" e reagirão a isso. Se o grupo consiste de verdadeiros buscadores, de famintos pelo Espírito, eles perceberão essa atuação de forças.

Mesmo um animal o percebe. Quando um ser bem sensível, como por exemplo um cão, entra num local sereno, onde algo dessas forças é manifestado, ele reage a isso como consequência de sua sensibilidade natural. O animal se sen-

te inquieto.

Quando homens verdadeiramente buscadores adentram tal campo de força, com certeza eles perceberão essa irradiação-força. Eles começam a respirar, poder-se-ia dizer, pela primeira vez e exprimem isso, por exemplo, dizendo: "Como aqui é maravilhoso! O que há aqui de especial? De onde vem isso?" Achais a Escola Espiritual incomparável e incomum. Estais fascinados.

Essa é a experiência inicial de todos os alunos da Escola, e muitos não conseguem deixar de expressá-lo e de conversar sobre isso com os outros. Nessa experiência eles estiveram sob a demonstração de forças.

E quando pois os pacientes (essa expressão é bem correta, pois todos nós, como microcosmos, estamos bem danificados) têm realmente fome do Espírito Santo, de modo que as justas e belas palavras do poeta a eles se aplicam:

*Como a corça suspira pelas correntes de águas,
Assim, ó Deus, suspira minha alma por Ti,*

então a demonstração de forças se torna uma demonstração de cura. Assim, a força que foi transformada pelo santuário do coração de alguns se converte em uma radiação-força que também toca o átomo do coração, a rosa*, nos corações dos buscadores.

O toque das forças, inicialmente mais ou menos desconcentrado, muito breve se transforma, na Escola Espiritual, poder-se-ia dizer, em uma concentração, mediante a qual a nuvem de força-luz em que o buscador se encontra se transforma primeiro num foco, e depois, forma um raio. Esse raio, esse incêndio, esse fogo, é dirigido à rosa, ao átomo do coração, ao centro matemático do microcosmo. Se a rosa no

santuário do coração é pois sensível a isso, se o botão de rosa pode desenvolver-se em certa medida sob a influência da radiação-força, a demonstração de cura inicia, pois no momento em que o botão de rosa em vós é sensível à força, comprova-se que vós a assimilais, que não desfrutais, um pouco misticamente, dessa demonstração de forças nem prendeis a respiração e dizeis: "Oh, mas como é maravilhoso no templo da Rosacruz!" Então a força irrompe no interior, a rosa se abre, refrigera e alimenta, e desse momento em diante um processo se desenvolve em vós, um processo de reconstituição, o qual ainda é interinamente de segunda mão, isto é, sob a influência da demonstração de forças transformadas de outros.

O dom da cura vos tocou: o processo de santificação começou em vós. Um processo interino que mais tarde é assumido pela própria Gnosis.

É claro que nesse estado uma ligação muito especial surge entre a Escola e o aluno. A fase do "oh, que maravilhoso!" então já passou de fato, pois esse processo de reconstituição, esse toque interior, freqüentemente causa dor. É um fogo que amiúde nos cauteriza. Porém graças ao toque de cura progredimos na senda. Em consequência disso, a terceira tarefa pode ser assumida, a terceira tarefa em benefício do candidato.

O auxílio correto é apresentado ao aluno ou à aluna conforme sua inteira situação magnética pessoal. A capacidade de auxiliar se mostra então no candidato como uma realidade. Embora – falando de maneira geral – nossos caminhos se dirijam a um único e mesmo objetivo, nossas experiências são muito particulares para nomear, nossas situações, possibilidades e conflitos são excessivamente particulares. E nisso

vós sois ajudados. A Fraternidade trilha convosco um caminho que se ajusta perfeitamente a vossa própria situação. Eis por que as vivências de todos os alunos, em muitos aspectos, são fundamentalmente diversas. Sois ajudados segundo vossas condições eletromagnéticas particulares. O firmamento microcôsmico no ser aural não é diferente em todos nós? As radiações do ser aural não fazem soar em cada um de nós sua própria canção de vida? Pois bem, isso é levado em consideração pela Fraternidade, e assim recebeis em vossa situação particular justamente o auxílio de que necessitais.

Se esse auxílio vos é apresentado, sois guiados (a quarta tarefa), sim, literalmente *guiados*. Nesse momento, não se pode falar de liberdade. Dizemos deveras, ou porque o ouvimos de um passado remoto ou porque isso ressoa de encontro a nós provindo da verdadeira vida libertadora: "Queremos ser livres", mas nesse ponto de vossa senda ainda não se pode falar de liberdade. O que sabeis da senda? Para que lado tendes de ir? Sabeis isso? O que significam todas as experiências na senda? Sabeis algo disso? Não sabeis nada! Apenas especulais! Por isso, se levais realmente a sério o trilhar a senda e disso dais provas no citado processo de desenvolvimento, chega um momento em que sois literal e corporalmente guiados. Vosso ser-eu, vossa consciência natural comum não pode compreender esse processo, não pode ficar ao leme; esse eu precisa sumir. E se colocais vosso eu em segundo plano, uma nova consciência, que possa tomar a condução de vosso sistema, não surge incontinenti, pois ainda a não possuís.

Por isso a Fraternidade intervém com a capacidade de guiar e chama o candidato: "Agora te ajudaremos; vai reto avante até a meta, porque tu o mereces, porque agora *podes*

ser ajudado!™.

A relação que surge com a Gnosis por meio disso podeis ler novamente no Salmo 139, onde a alma que é guiada diz:

*Senhor, Tu me cercas por todos os lados.
Todos os meus caminhos Te são conhecidos.
Se elevar-me ao céu, Tu al estás,
E se me encontrasse nas partes mais inferiores da terra,
Até ali Tua mão me guiaria.*

Isso se relaciona com a quarta tarefa, a capacidade de guiar, de que o Salmo 91 canta:

*...pois a seus anjos dará ordens a teu respeito
Para te guardarem em todos os teus caminhos.
Eles te sustentarão em suas mãos
Para que não tropeces em pedra alguma.*

Realmente não se pode falar que se trilhades a senda sereis confrontados, segundo vosso ser-eu, com o pior e o mais diabólico. Se colocardes vosso eu em segundo plano e confiardes vosso inteiro ser à condução da Fraternidade, o quarto sol nascerá sobre vós e sereis guiados através dos vales sombrios como se andásseis por caminho plano.

Quando então essa quarta tarefa foi concluída, e o candidato progrediu até certo ponto, ele experimenta, em quinto lugar, a demonstração de línguas. Então a Doutrina Universal lhe é transmitida, os mistérios universais lhe falam no santuário da cabeça modificado, e as escamas lhe caem dos olhos. Chegado a esse estado, o candidato olhará face a face, pela primeira vez na vida, a senda singular, o Espírito

Santo desce sobre ele, em ligação de primeira mão, e a rosa no santuário do coração, florescendo completamente, abre-se por inteiro à luz solar de Deus.

Aquilo que o candidato ouviu ou leu sobre a Doutrina Universal era apenas a imagem externa dos mistérios. Essa imagem, por mais que lhe tenha sido útil, desvanece-se agora. O candidato, daqui por diante, adentra o círculo dos auxiliares, o círculo dos filhos de Deus. Ele se tornou partícipe da nova raça.



V

AS FACULDADES (I)

Discutimos como o buscador se torna um aluno e como ele, por meio das cinco tarefas ou correntes que se manifestam na Escola Espiritual, é conduzido ao desabrochar da rosa. Vejamos agora de que modo, após o desabrochamento da rosa, as novas faculdades se desenvolvem; portanto, como o dom da cura é de fato obtido, e como o irmão ou a irmã acolhido no novo povo de Deus poderá trabalhar com esse dom da cura.

Primeiro queremos ainda assimilar que cura, no sentido da Gnosis, significa uma restauração do microcosmo danificado, uma restauração de seu estado original. Somente se pode falar realmente de cura quando um microcosmo danificado pode retornar a seu antigo esplendor. Cura é, portanto, santificação ou reconstituição, e o dom da cura é o dom de pôr esse processo em movimento em um ser humano. O dom se baseia, como dissemos, na força transformada do Espírito Santo, na força de radiação da Gnosis que, transformada, irradia do ser do curador e se manifesta em cinco correntes claramente perceptíveis. Elas são as cinco correntes magnéticas do novo campo de vida.

Além disso, temos ainda de enfatizar que a força utiliza-

da, liberada no dom de cura, é uma força recebida da Gnosis, contudo não pode sem mais nada ser designada como Espírito Santo. Ela é fluido magnético transformado, portanto, força gnóstica refletida. Uma força que, em consequência do aparelho refletor, necessariamente é enfraquecida e razoavelmente modificada. Com isso é dito então simultaneamente que o dom da cura nunca pode ser perfeito, pelo menos enquanto o microcosmo não houver sido acolhido no perfeito, no absoluto. Com outras palavras, o dom da cura só se estende até certo limite, em que o instrutor deixa o aluno e o entrega à própria Gnosis. O instrutor experimentará e reconhecerá assim, espontaneamente, sua fraqueza e seus limites e achará sua força na colaboração com todos os seus irmãos e irmãs. É claro, portanto, que quando alguns obreiros que dispõem do dom da cura se unem numa comunidade vivente e vibrante, a força limitada será multiplicada. Isso esclarece o que significaria se muitos, em conjunto, obtivessem esse novo dom. Eles poderiam inflamar uma força maravilhosa, uma luz particularmente poderosa, nestas escuras regiões.

Os verdadeiros obreiros, portanto, nunca buscam sua força no isolamento. Eles sempre unem suas forças. Eles não desejam posição de domínio. Sabem que tudo o que refletem de valores gnósticos é conservado no campo de força e beneficia a todos os que deles necessitam.

Conforme sabeis, na Primeira Epístola aos Coríntios são citadas nove faculdades do novo homem. O dom da cura também se conta entre elas. Poder-se-ia perguntar se, após o desabrochamento da rosa, todas essas faculdades tomam forma ao mesmo tempo no aluno. Esse não é o caso. Elas se desenvolvem e manifestam em determinada seqüência, que desejamos explicar-vos razoavelmente.

A primeira faculdade Paulo denomina a faculdade da fé ou faculdade da transmissão de fé. É a faculdade de refletir a radiação-fé da Gnosis, recebida no ser do instrutor, projetar essa radiação-fé no átomo primordial de um homem buscador e conduzi-la a alguma atividade. Se essa faculdade da transmissão de fé puder ser utilizada, tal buscador recebe nesse instante certo grau de fé. Inicialmente será uma fé no respectivo instrutor, uma fé naquilo que o instrutor fala, e essa fé incipiente possui naturalmente todos os elementos possíveis para um desenvolvimento ulterior. O buscador, que desse modo é guiado à fé, ainda não tem contudo a *faculdade da fé*, isto é, ele ainda não pode, por sua vez, transmitir a fé a outrem.

A fé sempre se relaciona com determinada radiação do átomo primordial e é portanto algo bem diferente do que o homem religioso natural entende por isso. Este acredita em autoridades e na grande maioria dos casos é dirigido como um autômato. A fé no sentido da Escola Espiritual sempre é, todavia, uma conseqüência da atividade do átomo-centelhado-espírito. O átomo primordial, como sabeis, tem uma faculdade atrativa, assimiladora, e uma faculdade irradiante. A fé, a primeira faculdade do aluno que se torna instrutor é pois um estado em que o átomo primordial assimila de modo muito direto a Gnosis e desperta uma atividade no átomo primordial do aluno.

Podeis comparar isso a um raio de luz. Imaginai uma luz poderosa que brilha sobre um templo, porém que a incidência de luz é obstruída pelo telhado. Imaginai pois que um instrutor está ao púlpito, numa posição muito favorável, a fim de captar algo dessa luz e transmiti-la àqueles que estão reunidos no templo. Mais ou menos assim tendes de ver a

atividade da primeira faculdade.

Como já foi dito, o buscador crê, em consequência dessa atividade refletora, no instrutor, naquilo que o instrutor irradia sobre ele porque o experimenta. Com isso, não é autoridade o que irradia do instrutor. O instrutor não assume, com relação ao aluno, nenhum ponto de vista nem se coloca acima dele. A fé no instrutor é parte de um processo em que ambos, instrutor e aluno, são acolhidos. Do mesmo modo que o instrutor experimenta a atividade da luz, assim também o aluno a experimenta no mesmo momento, e ele a sente no santuário do coração. Se essa atividade não acontece, então se comprova que esse aluno não possui o átomo primordial ou ainda está demasiado fechado ou muito voltado para a linha horizontal da existência para que, por enquanto, a atividade de fé prevista possa ter sucesso.

Ainda que o buscador acredite naquilo que o instrutor irradia sobre ele e lhe explica razoavelmente por palavras ou alguma outra maneira, esse estado ainda não se esteia na própria Gnosis. Ainda se necessita para isso, em primeira instância, uma espécie de mediador, um meio, um aparelho refletor.

Se todavia o crente trilha agora realmente a senda, sua força de fé crescerá continuamente até que, finalmente, aconteça uma realização de primeira mão. Ele é guiado a esse estado pelas cinco correntes, as cinco tarefas, que dimanam da Escola Espiritual²⁶. Se o aluno que inicialmente obteve a fé não trilha a senda, então breve a ligação efetuada enfraquece ou se transforma em certa animosidade, em aversão, podendo mesmo acabar em oposição e inimizade. Podemos verificar com isso que a fé, como faculdade, é o

26. Ver págs. 299/300 e 303/309.

primeiro dom e se relaciona com uma atividade mágica, portanto, criadora, do átomo primordial no santuário do coração.

A seguir o futuro instrutor progride para a segunda faculdade, o dom da sabedoria. Isso causa uma atividade do círculo de fogo da *kundalini*, o qual se situa no santuário da cabeça, em torno da pineal. Em consequência dessa atividade o hemisfério cerebral direito do candidato é conduzido a um novo estado. Há centenas de pontos magnéticos na estrutura, nas diversas circunvoluções de nossa substância cerebral. Todos eles estão ligados a pontos magnéticos correspondentes no ser aural. Portanto, entre os pontos magnéticos no ser aural e os hemisférios* cerebrais correm linhas de força.

A segunda faculdade causa, especialmente por meio de uma nova atividade da pineal, uma dissolução das correspondentes ligações entre o ser aural e o hemisfério cerebral direito e seus pontos magnéticos. As ligações com o firmamento aural são como que cortadas, e outras ligações surgem em seu lugar. Em consequência disso, a força gnóstica, que tocou o átomo primordial e atingiu o santuário da cabeça mediante a atividade do timo e da circulação sanguínea, obterá certo grau de liberdade, não obstante as muitas limitações no candidato. Com isso a segunda faculdade é liberada nele. Com auxílio dessa faculdade o instrutor poderá, se preciso for, captar mais ou menos intuitivamente uma imagem da realidade e projetá-la na consciência do aluno que nele crê ou na doutrina. Esta segunda faculdade nos proporciona assim uma faculdade pictórica. Ela é algo da vindoura consciência jupiteriana de que falava Max Heindel.

Se não existe a ligação de fé entre instrutor e aluno ou se ela é, por enquanto, demasiado fraca, a projeção da imagem falhará. O aluno nada compreenderá ou receberá uma

noção totalmente falsa da imagem projetada. Esse é o motivo por que às vezes, na Escola Espiritual, o trabalho concernente ao aluno pára em determinado momento. O aluno então não está vibrante em sua fé, a ligação de fé é enfraquecida, e quando se deve projetar determinada imagem no aluno mediante a segunda faculdade, não se consegue fazê-lo. Se essa projeção da imagem, por exemplo, objetiva fazer algo claramente compreensível, visto que a hora chegou, e conseqüentemente entusiasma-lo e alegrá-lo, tal aluno permanecerá no momento totalmente indiferente. Tudo o que lhe é transmitido o deixará completamente indiferente e não poderá comovê-lo.

Em caso positivo, porém, quando o aluno reage incontinenti, ele demonstrará que a imagem recebida causa nele como que uma tempestade. Inúmeras perguntas e problemas surgirão, e ele cumulará o instrutor com essas perguntas e problemas. Por essa razão, o instrutor deve dispor nesse momento de uma terceira faculdade. Essa faculdade Paulo denomina o dom do entendimento. É a faculdade com cujo auxílio ele pode analisar a imagem da intuição e os problemas surgidos serão resolvidos. Uma faculdade, portanto, com cujo auxílio o resultado da análise poderá ser gravado no aluno como uma idéia.

A terceira faculdade, que é denominada na Primeira Epístola aos Coríntios o dom do entendimento, tem sua base nos lóbulos frontais da substância cerebral. Pela atividade do círculo de fogo da *kundalini* é mudado, primeiro, o hemisfério cerebral direito, e conseqüentemente surge a segunda faculdade; a seguir, os lóbulos frontais da substância cerebral são acolhidos no processo de mudança, e em conseqüência disso a terceira faculdade se manifesta. Com essa terceira fa-

culdade, surgida da sede de nossa inteligência, a sede de nosso entendimento, situada atrás do osso frontal, o instrutor pode ser, como deverá ser bem compreensível, muito útil ao aluno, pois com isso ele pode dar instruções concretas e traçar diretrizes cuja utilidade e necessidade ele pode demonstrar, em qualquer aspecto, serem evidentes. Quando essa atividade tem sucesso, o aluno tem a sensação de que todas as coisas são evidentes. Então ele diz, do ímo, com convicção: "Sim, não pode ser de outra maneira", ou, como há pouco alguém nos disse: "Eu não posso compreendê-lo perfeitamente, mas sei que é verdade, e todo o meu ser se interessa por isso". Esse é o resultado da terceira faculdade.

O instrutor dispõe agora portanto de três faculdades: a faculdade de inflamar a fé em um homem apto a isso; a faculdade de projeção de imagem e a faculdade de transmitir a análise intelectual dessa imagem à consciência do aluno como discernimento e idéia.

Então a quarta faculdade se desenvolve, que Paulo denominou o dom do domínio de forças. Essa faculdade completa provisoriamente os processos no santuário do coração. Ela traz ao aluno uma nova vontade. Nesse momento, o instrutor se torna ao mesmo tempo sacerdote. Lede novamente o que é dito em *Dei Gloria Intacta* sobre a nova vontade, e o significado dessa quarta faculdade se vos tomará claro. Ela surge mediante uma constelação modificada no hemisfério cerebral esquerdo, mediante a qual se torna possível ao instrutor dominar e dirigir todas as forças manifestadas nele pela Gnosis e, o que é mais importante, utilizá-las para a cura dos alunos! Assim, no trabalho da Escola, não haverá nenhuma rotina, monotonia ou hábito, porém, conforme a situação do momento e o estado atual do mundo, da humanidade,

ou da Escola, se atuará com a força necessária, e a palavra correspondente a ela será proferida. Uma grande comoção será provocada, e a multidão de alunos será despertada e mantida desperta.

Notareis, possivelmente, que essas explicações têm muita semelhança com um processo ocultista científico muito conhecido. Podeis ver daí como a ciência ocultista tenta imitar esse processo de desenvolvimento, que serve à libertação da humanidade de seu estado de queda. A imitação consiste na realização desse processo mediante o eu e na completa egocentricidade existente por trás disso. Pode-se naturalmente fazer isso, porém se consegue então uma caricatura. O desenvolvimento que discutimos convosco em nome da Escola Espiritual é um desenvolvimento guiado e nascido da força da Gnosis, da força do Espírito Santo, do estado em que o homem joanino diz: "Não eu, porém ele, o outro, deve crescer". E quando, pois, esse domínio de forças está presente, a quinta faculdade, como síntese das quatro precedentes, pode manifestar-se. Essa quinta faculdade é, pois, o dom da cura. Ela sintetiza todas as faculdades precedentes, todas as forças desenvolvidas até então no cerebelo, com a medula oblongada como ponto central, e transforma, daí em diante, o instrutor em um mago, em um sacerdote-rei do povo de Deus. Só a partir desse momento o instrutor ingressa realmente no serviço da Fraternidade, no serviço da Gnosis.



VI

AS FACULDADES (II)

Vimos que a primeira faculdade do novo homem se relaciona com o dom de inflamar a fé em um homem apto para isso.

Em segundo lugar se desenvolve a faculdade de projeção de imagem; em terceiro, a faculdade de gravar na consciência do aluno a análise intelectual da imagem; em quarto, a faculdade do domínio de forças, que tem relação com a nova vontade; e em quinto, a síntese dessas quatro faculdades no dom da cura.

Somente essa quinta faculdade faz do instrutor um verdadeiro mago no sentido da Gnosis. Queremos agora verificar o porquê.

Descrevemo-vos o instrutor como um obreiro que está em ligação de primeira mão com a Gnosis e reflete a força gnóstica sobre o sistema do buscador. Ele pode realizar grandioso trabalho com a faculdade de reflexão e a faculdade de projeção. Ele desperta a fé no buscador e possui uma faculdade expressiva de poder projetar algo da glória e da majestade da realidade. Ele possui a faculdade intelectual de analisar aquilo que desse modo transmite e dispõe razoavelmente de um domínio de forças a fim de poder intervir de

maneira correta. O instrutor ainda não pode porém, ao realizar esse trabalho quádruplo, causar nenhuma modificação realmente fundamental no sistema, no microcosmo do aluno!

O aluno, quando arde de entusiasmo na Escola, está de fato pleno de novo interesse, ele é muito devotado e indubitavelmente está preenchido de uma nova atitude de vida. Ele também é um homem de moral elevada e altamente respeitável. Não se pode ainda falar, porém, daquilo que se poderia nomear modificação de tipo, e unicamente esta seria a prova da posse de uma nova consciência. Quando mantemos nosso tipo comum e nos perdemos de vista, por exemplo, por dez anos, e então nos reencontramos em nossos caminhos da vida, podemos dizer um ao outro: "Você ficou mais velho, encaneceu, porém continua exatamente o mesmo". Velhos amigos, que não se viram por anos, podem dizer isso um ao outro, com o que se diz ao mesmo tempo, contudo, que nenhuma mudança interior aconteceu.

Quando todavia se fala na Escola Espiritual de um toque pela Gnosis, daí por diante uma mudança absoluta de tipo deveria acontecer, e se diria ao nos encontrarmos: "Que mudança notável aconteceu a você!" A mudança tem a ver sobretudo com uma mudança no caráter, pois o caráter é a síntese do inteiro sistema magnético do homem. E enquanto não ocorre nenhuma mudança no sistema magnético e no caráter, nas características fundamentais do caráter, não se pode falar que o homem tenha realmente adentrado o processo de cura. Ele pode indubitavelmente dar provas de uma atitude de vida pura, de uma mudança ética, de ser um homem de princípios elevados, porém não se pode falar, nós o repetimos, de uma mudança realmente fundamental. Quando muito se pode dizer que o aluno, sob a direção do instrutor,

experimenta e aprende a compreender, filosófica e hipoteticamente, o novo ser humano. Ainda não se pode porém falar de uma mudança biológica, estrutural; de uma experiência biológica, estrutural, da nova vida nem, portanto, de cura. O instrutor ainda não possui, até esse momento, o dom da cura, ou caso o possua, não pode ainda utilizá-lo porque o aluno em questão não está apto para isso ou ainda não está aberto a isso.

Vimos que cura é reconstituição, santificação. Quando um ser humano é acolhido em tal processo, isso é logo notado, principalmente pelas notáveis mudanças que ocorrem no microcosmo. Estas têm ligação, como dito, com a mudança do caráter e portanto do sistema magnético fundamental. A fim de acolher um aluno na força da cura, não basta que o instrutor utilize sua faculdade transformadora. Se a possibilidade para isso existisse, então se poderia falar de uma espécie de método magnético de cura. E a transmissão de forças aconteceria então, conforme é desejado com tanto gosto em alguns círculos, pela imposição de mãos, por exemplo, ou pelo gesto de bênção, ou pela feitura de passes sobre o corpo, ou pelo proferimento de mantras*.

Não, a qualificação do aluno para ingressar no processo de santificação é determinada, em primeiro lugar, por seu estado de ser. Na realidade, ele já deve ter chegado a esse ponto. Ele deve mostrar perfeita prontidão, e pode-se afirmar que aconteça o que acontecer ele perseverará. O instrutor que possui a quinta faculdade realmente nada faz para tal aluno. Nem um gesto sequer é feito, nem uma fórmula de oração sequer é proferida. Desejamos explicar-vos o que de veras sucede.

Imaginai que um aluno está na cura, que ele portanto

participa do processo de santificação. Isso significa que ele entrará em ligação de primeira mão com a força da Gnosis, sem nenhum intermediário, portanto, também sem o instrutor como intermediário. Ele passou inteiramente, sob a direção do instrutor, pelo processo prévio, que começou com sua entrada na Escola Espiritual, e está assim na cura, em ligação de primeira mão com a Gnosis. É isso o que a Escritura Sagrada denomina a descida do Espírito Santo, mencionando-a múltiplas vezes, a qual se busca tão diligentemente nas igrejas.

A fim de realizar essa ligação é necessário aquilo que se poderia nomear: ignição. Esse "ser inflamado pelo Espírito de Deus", como os rosacruzistas clássicos denominavam essa ligação, é realmente uma ignição, uma inflamação. E essa ignição, esse contato, ocorre mediante o instrutor que possui a quinta faculdade.

Pensai apenas, como simples exemplo, numa instalação elétrica! A instalação elétrica foi feita, tudo foi cuidado nos mínimos detalhes, as lâmpadas estão colocadas, porém a ligação com o cabo principal ainda tem de ser feita. No momento que isso acontece a energia aflui à instalação, e as luzes podem inflamar-se.

No caso do aluno de nosso exemplo, uma dificuldade fundamental se origina com isso. E essa dificuldade consiste em uma diferença de vibração muito perturbadora, em uma diferença de potencial. O inteiro sistema microcósmico do aluno, que deve entrar em ligação com a Gnosis, é de uma vibração muito, muito inferior à vibração do campo de vida da Gnosis, e uma entrada violenta da Gnosis no sistema do candidato causaria uma grande desordem. Isso poderia ocasionar até mesmo combustão e diversas doenças inflamató-

rias.

Por isso o instrutor entra em cena como inflamador, como um mediador muito temporário e impessoal. Ele se coloca mentalmente entre a Gnosis e o aluno, invoca para este a força da Gnosis, diminui a vibração dessa força por algum tempo, como que a fim de apanhar por ele o primeiro impacto, e se retirará incontinenti se o contato acontece. O instrutor é nesse caso, portanto, meramente o obreiro que estabelece de maneira científica e correta a ligação entre o cabo principal e a nova instalação. E esse trabalho somente pode ser bem sucedido quando o aluno, no momento psicológico, de modo algum está preparado para ele. Isso pode acontecer num momento que ele ou ela está ocupado com um trabalho muito comum, por exemplo, em casa, ao lavar a louça. O instrutor está portanto completamente ausente, de modo que toda a exaltação, toda a demonstração dialética e exibição de importância pessoal estão aí excluídas. E de antemão é certo que esse processo não possui nem um caráter pessoal sequer.

Quando essa ignição se realiza, tal aluno se torna irmão ou irmã do Círculo Apostólico.

Conhecemos na Escola Espiritual três fases de instrução, atividade e crescimento:

a Escola orientadora e introdutória, também denominada a antecâmara, a Escola da Rosacruz;

a Escola de Consciência Superior, em que o processo prévio é conduzido adiante;

e o Círculo Apostólico, onde o aluno entra em ligação de primeira mão com a força da Gnosis mesma. Ser chamado a esse Círculo Apostólico é portanto, simultaneamente, uma mudança. E esse chamado e essa mudança acontecem de

maneira muito impessoal, sem que para isso o instrutor esteja presente; sem que haja um ritual, um serviço, um mantra, uma imposição de mãos, um gesto de bênção ou algo semelhante.

Pode-se agora perguntar: "Então o dom da cura não tem nada a ver com alguma cura corporal ou algo assim? Por exemplo, no caso em que o corpo sofre de tal maneira que impedimentos espirituais pudessem surgir ou o trabalho pudesse ser retardado de um ou outro modo".

A essa pergunta deve ser respondido o seguinte: quando o aluno está ligado de primeira mão à Gnosis, seu inteiro bem-estar e seus infortúnios estão nas mãos da Fraternidade. O aluno está então ligado com os sete focos, com as sete escolas, com as sete vezes sete forças. E é de conhecimento geral entre os que penetraram a Doutrina Universal que o número sete, ou dito de outro modo, que a lei do sete ocupa um lugar eminente na realidade de todas as vibrações magnéticas da Fraternidade Universal.

Há uma lei de realização sétupla. Quando um aluno, por sua entrada no Círculo Apostólico, evoca por si próprio essa lei, de modo espontâneo, evidente, ele sem dúvida receberá também, nessa harmonia divina, todas as forças de que necessita para a realização de sua tarefa. Sua condição corporal, pelo tempo que ela for útil e necessária, será mantida em equilíbrio – mesmo que sua saúde seja bem fraca.

Talvez compreendereis agora também por que chamamos de mago o possuidor da quinta faculdade, um mago pela graça de Deus. Tal mago pela graça de Deus é o inflamador impessoal da cura divina, a serviço da Fraternidade Universal. E é claro que se o trabalho deve ser executado da maneira correta, o instrutor ainda deve dispor de uma sexta

faculdade, a saber, o dom de distinguir espíritos, tal como Paulo a denomina. Há leis de distinção que o servo mágico tem de conhecer. Elas determinam quem se encontra em determinada fase de auxílio. Eventuais simpatias ou antipatias já não contam, pois não é essa a lei por que o instrutor se pauta; mesmo que ele achasse o candidato muito antipático: quando o discípulo está pronto, o mestre lá se encontra. Eis por que enfatizamos tanto o caráter impessoal desse trabalho. Mesmo que se vos achasse muito simpático, mesmo que o instrutor estivesse ligado a vós por laços de verdadeira amizade, e não vos encontrásseis em determinada fase de auxílio, o auxílio não poderia ser-vos proporcionado. Há leis elevadas que determinam, regulam, quem está em certa fase.

Ser-vos-á claro que se não pode revelar nenhum conhecimento sobre a atividade e os métodos dessa faculdade.



VII

A MORTE FOI TRAGADA NA VITÓRIA

Gostaríamos agora de dirigir vossa atenção ao último capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios:

Isso afirmo, irmãos, que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem o perecível herdar a imperecibilidade. Vede, eu vos digo um mistério. Nem todos dormiremos, porém transformados seremos todos, num abrir e fechar de olhos, num momento, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soará, e os mortos ressuscitarão imperecíveis, e nós seremos transformados. O perecível deve revestir-se de imperecibilidade, e o mortal, de imortalidade. E quando o perecível se houver revestido de imperecibilidade, e o mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: A morte foi tragada na vitória. Onde está, ó morte, tua vitória? Onde está, ó morte, teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, porém, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por isso, amados, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes no trabalho do Senhor, sabendo que no Senhor vosso trabalho não é vão".

Naturalmente, já lestes esta passagem da Bíblia inúmeras vezes, ouvistes, com certeza, citarem-na inúmeras vezes e possivelmente a conheceis de cor. Todavia, achamos ainda ter de chamar enfaticamente vossa atenção para ela, pois nessa passagem é transmitida literalmente, a todos os que o queiram compreender, a mesma mensagem que a Escola Espiritual anuncia. A Escola Espiritual fala com grande força sobre essas mesmas coisas, pois se trata aqui da mensagem do fim, a mensagem clássica sobre o fim de toda a dispensação dialética, quando em certo momento as radiações da nova vida afluem ao tempo a fim de envolver todos aqueles que podem e têm de ser auxiliados.

Paulo diz: "Vede, eu vos digo um mistério". Essas palavras não aludem a um mistério que tenha de ser mantido oculto a todo o custo nem a um mistério que de modo algum possa vir a público, trata-se porém aqui de fatos, de realidades, que permanecem ocultos e velados a todos os que estão completamente mergulhados na natureza. O mistério permanece para eles um completo segredo, mesmo que se quisesse fazer tudo para lhes explicá-lo de maneira perfeitamente clara. Eles não poderiam compreendê-lo. Eles não poderiam resolver o enigma, e novamente se mostrariam verdadeiras as palavras: "O que está oculto aos sábios e eruditos deste mundo é revelado aos filhos de Deus".

O mistério é desvendado àqueles que podem compreender que carne e sangue não podem herdar o reino de Deus nem o perecível herdar a imperecibilidade. Tendes de perguntar-vos a vós mesmos se podeis compreender isso. Muitos neste mundo, como por exemplo a maior parte dos homens orientados segundo a religião natural e o ocultismo, partem do pressuposto que a relação entre a dialética e a vi-

da primordial pode ser comparada à relação entre algo interior e superior, e que se pode evoluir, elevar-se em espiral, por meio de um caminho de iniciação, do inferior para o superior; que se pode evoluir ou iniciar-se na vida original partindo desta natureza, com a manutenção desta natureza, com a conservação das características da consciência. Pois isto é o que Paulo tem em mente com "herdar": entrar na vida primordial. E agora se fala o seguinte: "Uma herança implica que eu, como herdeiro, receba em determinado momento isso ou aquilo. E assim estou a caminho para essa herança; eu cresço, evoluo, portanto, para ela".

Tendes porém de compreender perfeitamente que carne e sangue *não* podem herdar o reino de Deus; que o perecível, o dialético, a natureza da morte, *não* pode herdar a imperecibilidade. A dialética não pode elevar-se ao primordial ou nele ingressar.

Quando compreenderdes isso claramente; quando verdes claramente a essência da dialética e vossa ligação estrutural com ela; quando souberdes de um reino imutável e compreenderdes que tudo o que é desta natureza tem de ser deixado para trás completamente; quando intimamente tiverdes esperança em tal saber e procurardes a libertação, sabendo que o perecível não pode herdar o imperecível; quando também puderdes dizer: "Eu não posso compreendê-lo bem, porém sei que o caminho que a Escola Espiritual mostra é certo e verdadeiro, já não posso afastar-me dele, quero trilhá-lo"; quando souberdes que estais nesse estado de ser, os véus do mistério cairão, e tudo se vos tomará claro.

Quando um interessado entra em contato com a Escola, começa a estudar a literatura e freqüenta as reuniões, sabeis que uma das primeiras tarefas do expositor é ensinar-lhe a

essência das duas ordens de natureza: a essência da natureza da morte, onde estamos e à qual pertencemos, e a essência do reino imutável, onde não estamos e ao qual não pertencemos. Se compreendeis a relação entre ambas as ordens de natureza e o largo abismo que as separa, já vos tornastes maduros para compreender o mistério de salvação a que Paulo alude no capítulo 15 da Primeira Epístola aos Coríntios. Ele diz:

Quando já não tentardes evoluir partindo deste mundo, quando já não experimentardes chegar a uma solução nesta natureza, sereis acolhidos pela força da Gnosis em um processo de mudança.

Lá é dito: “. . . num abrir e fechar de olhos, num momento, ao ressoar da última trombeta”. Isso significa: num momento claramente perceptível começa o ressoar da última trombeta.

Uma trombeta bem afinada tem, como talvez bem saibais, um som estranho, e o ressoar de uma trombeta tem uma faculdade incomum de penetração. Um bom trombetista pode comover ao tocar seu instrumento. Esse ressoar de trombeta é utilizado como símbolo para uma vibração muito estranha, a qual obterá grande poder sobre o mundo e a humanidade: a vibração do novo campo magnético, o qual é entendido sobre o mundo pelas sete escolas. E essa vibração, pois, dessa trombeta é recebida por apóstolos, profetas e instrutores que estão nos três ofícios²⁶. Mediante as faculdades²⁷ de que falamos tão detalhadamente quanto possível, essa vibração é vertida e musicada de inúmeras maneiras para todos aqueles que podem e querem declinar segundo o

26. Ver pág.299.

27. Ver 3ª parte, cap. V

eu da natureza. Quando portanto já nada esperades deste mundo, aceitando isso não como um dogma, porém como um *conhecimento* do imo, e estiverdes dirigido inteiramente ao outro, sereis tocados pela vibração do novo reino: então ressoa para vós a trombeta. Então essa força adentra o átomo primordial, penetra-vos e inicia um processo em vosso sistema. Nesse cingimento mundial, todos os que são acolhidos nesse processo são mudados, literal e corporalmente.

“Como e em que sentido?”, perguntareis.

Acabastes de ouvi-lo com as palavras de Paulo: o perecível, o mortal, o terreno, aquilo que pertence a esta natureza da morte, reveste-se de imperecibilidade. O perecível não pode deveras herdar o imperecível, porém pode revestir-se dele, isto é, o perecível é confrontado com o imperecível, com conseqüências claramente compreensíveis, pois tudo o que é perecível em nosso microcosmo tem de ser atacado e aniquilado, tem de desaparecer totalmente; o microcosmo tem de ser limpo por completo do perecível.

E muitos de nós, assim diz Paulo, morrerão, falecerão, perderão o corpo material durante esse processo. Eles irão porém, livres de toda a natureza, para o vácuo que conhecemos como vácuo* de Shamballa. Eles estarão livres; aqueles que foram acolhidos nesse processo serão mantidos livres da inteira esfera refletora. Quando, pois, a morte incidental, a morte comum da natureza, nos encontra nessa situação, enquanto estamos, portanto, acolhidos no processo de mudança, o que importa então? Os assim chamados mortos lá, assim diz Paulo, serão ressuscitados, e os assim chamados vivos aqui serão transformados. E nessa ressurreição de cima para baixo, e nessa transformação de baixo para cima, am-

bos os grupos crescem como que um em direção ao outro. E em dado momento, todos os véus caem; os véus são rasgados, e nós estaremos em liberdade e em fraternidade. Então se tornarão realidade as palavras:

“A morte foi tragada na vitória. Onde está, ó morte, teu agulhão?!”

“O agulhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, porém, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Quem está nesse processo pode afirmar jubilante: “A morte já não me causa medo!” Quando estamos na multiplicidade de sons da trombeta, quando podemos perceber algo do maravilhoso concerto, que nos importa então a morte! Nesse estado de ser, temeis a morte? Não é tolice então ainda temê-la?

E não nos consolamos, tal como a massa religiosa natural faz em sua ilusão, com um: “Breve estaremos no céu, na esfera refletora”. Não, nós dizemos um ao outro: “Nós nos encontraremos no novo campo de vida!” Da perecibilidade, das névoas pálidas da noite, viajamos, renovados, rumo à aurora. Esta é nossa certeza.

Por isso falamos das faculdades do novo homem. Por isso focalizamos vossa atenção nessas faculdades a fim de que saibais que o tempo chegou, que a trombeta ressoou e que deveis dizer: “Eu percebo seu som!” E experimentareis no coração essa certeza positiva, a certeza do conhecimento.

E por isso:

“Sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que no Senhor vosso trabalho não é

vão". A ressurreição e a grande transformação começaram. Breve os véus cairão, e estaremos juntos com todos os outros, com todos os libertos, no novo campo de vida. Irmãos e irmãs, breve a noite terá passado!



VIII

O NOVO CAMPO DE VIDA

Um novo firmamento se estendeu! Ou, dito de outra forma, um novo campo eletromagnético, um novo campo de vida se formou. Este novo campo eletromagnético não é explicável pela natureza dialética comum. Ele não foi formado por esta natureza nem mantém o menor contato harmônico com ela.

Esse novo campo de vida envolve toda a terra e não mostra nem uma lacuna ou interrupção em sua extensão em torno dela. Pode-se dizer que o mundo e a humanidade estão como que encapsulados no novo campo de vida. E a manifestação desse novo campo é indicada na Escritura Sagrada como: "A volta de Cristo".

Podeis compará-lo com uma camada atmosférica uniforme. E assim como em um céu chuvoso aqui e acolá as pesadas nuvens de vapor-d'água se descarregam numa torrente de chuva, do mesmo modo as tensões que se acumularam no novo campo de vida se descarregam em sete focos. Estes sete focos coincidem com as sete escolas. Mediante estas sete escolas se desenvolve pois uma radiação horizontal: uma vibração emana das sete escolas em grandes círculos através de nosso campo dialético de existência. E temos

de entender essa radiação mais ou menos horizontal como um chamado, uma atração, um despertar e um toque. Se vemos as radiações do novo campo de vida como linhas verticais, então essas linhas verticais formam em conjunto com as linhas da atividade horizontal das sete escolas como que uma cruz, e assim descobrimos que, de modo científico e com força impassível, uma cruz é fincada na terra.

Não deveis ver esse novo campo magnético como fenómeno estranho e súbito. Não é como se ele há cinqüenta ou cem anos não houvesse existido e se tivesse manifestado subitamente nos últimos anos. De maneira alguma. As profecias de todos os tempos sempre aludiram a essa maravilhosa manifestação. Elas a anunciaram como a volta de Cristo com ou nas nuvens do céu, como a manifestação dos filhos de Deus. Elas falam de um novo dia de colheita, de um novo firmamento que tem de estender-se, da retirada da noite ante uma nova aurora, e ainda de inúmeras outras maneiras. Podeis descobrir essa idéia, esse pronunciamento, em toda a parte, até nos fólhos amarelados dos antigos.

Tendes de perceber bem que todos esses profetas não falavam de visões ou ainda por sugestões de divindades, e muito menos construíam expectativas do futuro, pois essa espécie de profecia se apóia nos dons proféticos da dialética. Estes últimos formam um sucedâneo, uma imitação, e jamais podem furtar-se a elementos muito especulativos que, assim como ensinou o passado, podem causar muita miséria. Não, os profetas de que falamos, que testemunharam da manifestação vindoura do novo campo magnético de vida, sabiam o que a humanidade dialética não podia saber. Eles viram o que os olhos comuns da humanidade não podiam ver. Os profetas olharam uma obra poderosa, uma obra que

estava em construção! Eles conheciam um processo de realização e a meta e a essência deste processo, dessa obra. E assim eles podiam testemunhar com grande certeza: "Um dia essa obra ficará pronta. Então as conseqüências se manifestarão, e o novo se realizará". Eis por que não havia nenhum elemento especulativo nessa profecia.

Imaginai que observais como uma casa é construída com uma substância invisível para mim; que sabeis o objetivo por que a casa é construída e quem será o morador dessa casa, enquanto esses fatos – devido a meu estado de ser – me são desconhecidos. Suponde que ma descreveis, enquanto existencialmente nada posso saber dela, nada posso ver, nada posso ouvir. Então poderei julgar-vos um tolo ou considerar-vos um homem quimérico. Ou se vos respeito, poderei chamar-vos um profeta de envergadura dialética. Porém aquilo que me anunciásseis não seria nenhuma profecia dialética especulativa, pois falaríeis e testemunharíeis de uma realidade. Como vedes essas coisas de *vossa* realidade, não as vejo da *minha*. De modo algum posso ver, de minha realidade, aquilo que percebeis.

Um profeta, tal como aqui o apresentamos, não é nenhum especulador do futuro. Ele é testemunha da realidade. Que realidade então temos aqui diante dos olhos? Esta: que o novo campo magnético, de que falamos tão enfaticamente, já durante milhares de anos no curso dos eões esteve em construção. Ao aproximar-se um período de colheita, ele tem de ser vivificado continuamente, seu trabalho, realizado, e então, quando o período de colheita acaba, ele é como que novamente alçado. Toda a escola espiritual que surge no tempo prepara, pelo seu trabalho, seus esforços e seu sacrifício, uma parte desse campo magnético. E assim esse cam-

po se torna cada vez mais poderoso, maior, mais dinâmico.

A primeira fraternidade, nesse dia de revelação, foi a que teve mais dificuldades, pois ela realmente teve de executar o trabalho pioneiro.

Para a realização desse trabalho, essa fraternidade era formada de um grande número de enviados, que já haviam alcançado a libertação antes. É o grupo que indicamos como a Fraternidade de Shamballa. Para a segunda fraternidade já foi muito mais fácil, pois ela pôde continuar a construir sobre os alicerces já deitados pela primeira fraternidade, além de poder contar com a primeira fraternidade pioneira. Assim, o trabalho progrediu até nossa história recente, em que apareceram as fraternidades egípcia, hindu e chinesa, e os essênios, os maniqueus e outros gnósticos. Finalmente seguem os druidas, os albigenses, os rosacruzês clássicos da Idade Média e os rosacruzês da época moderna. Cada um desses grupos deu uma contribuição ao grande trabalho. Cada um teve uma parte da veste inconsútil de Jesus Cristo. Cada um preparou e cooperou com o grande campo magnético.

E se agora podeis ver algo dessa realidade e dela narrais, sois então um médium ou um astrólogo? Então, assim chamados iniciados vos sugeriram isso? Sois então um profeta em sentido negativo? Ou testemunhais de vossa própria certeza científica? Se vedes que a veste inconsútil é tecida, se percebeis como uma nova pureza magnética irradia paulatinamente seu brilho sobre o mundo e descobris que essa faculdade dinâmica cresce continuamente, é então profecia negativa dizer: "Dia virá em que as conseqüências se manifestarão e imporão"? "Ninguém sabe quando o dia e a hora virão", assim está na Escritura Sagrada, pois sempre há fato-

res que ainda surgirão: *Esta* certeza, porém, tem o vidente, o visionário, o glorioso dia vem! Quando destarte podeis chegar a essa conclusão, colocai-vos sobre o solo de uma realidade científica.

É portanto especulação profética quando a *Confessio Fraternitatis* diz: “Uma coisa, ó mortais, será aqui declarada por nós, ou seja, que Deus decidiu enviar ao mundo, antes de seu fim, uma torrente de verdade, luz e grandeza, tal como Ele ordenou que essas forças fossem dadas a Adão no Paraíso”? E quando Karl von Eckartshausen, há um século, fala repetidamente de “a reconstrução do edifício”, ele o faz com um profundo conhecimento interior. Ele testemunha da manifestação dos filhos de Deus, da manifestação do Espírito Santo. Ele viu o campo magnético, que estava em desenvolvimento, e sabia que esse campo o tocava, que ele fazia parte desse campo.

Cada um de nós – e por isso falamos aqui sobre essas coisas – pode agora alcançar o mesmo conhecimento, pois o campo de radiação de que os profetas falavam abrange todos nós como “uma veste inconsútil”. Esse campo de radiação se tomou tão poderoso, o brilho da nova era é tão intenso, que o notareis e experimentareis incontinenti se apenas abirdes vosso microcosmo a esse toque. Daí por diante adentrareis a essência das duas naturezas. Daí por diante o início do Santo Evangelho é então escrito para vós: sobre a relação entre João e Jesus, da figura de João, que diz:

Endireitai os caminhos do Senhor para nosso Deus que vem! Não sou eu o filho de Deus, porém aquele que vem após mim. Graças a minha existência segundo a natureza da morte, não sou digno de desatar-lhe as sandálias dos pés. Aquele que vem após mim é maior do que eu.

Se abrires vosso ser, vosso microcosmo, ao maravilhoso novo campo de vida, a força de radiação tocará vosso átomo primordial, abrasará vosso inteiro ser e vos conduzirá a um novo processo, o processo de transmutação e transfiguração.

Dá por diante, dizfamos, adentraís a essência das duas naturezas: uma natureza que declina com João, o Batista, e outra natureza que está em crescimento, a natureza do novo homem. E é claro que se adentraís esse estágio, esse processo das duas naturezas, incontinenti surgirá em vós “uma diversidade de operações”, tal como Paulo a denomina na Primeira Epístola aos Coríntios. Isto é, uma nova atividade de forças que desenvolve as novas faculdades: novas faculdades no homem dialético que declina, e novas faculdades no e mediante o homem que nasce.

Por isso o candidato também participa dá por diante de uma nova série de ministérios, de uma nova série de atividades. Quando a nova força o toca e um processo nele começa, a consequência destes se tomará perceptível em e por suas ações. Essas novas atividades, essa nova série de ministérios, tornam indestrutível a veste inconsútil. Elas deverão recolher a nova colheita.

Imaginai que um grupo de homens é tocado positivamente pelo novo campo magnético, e que assim as ações e atividades se desenvolvem neles e se tomam visíveis ao exterior. No mesmo momento eles formarão como que uma gigantesca estação transformadora das novas forças magnéticas. A força de Cristo se manifestará por intermédio deles, ela irradiará por sobre toda a terra e circulará em tomo dela. E destarte, por intermédio de tal grupo, muitos buscadores serão alcançados e auxiliados. Ela juntará uma nova colheita, e esta será como que levada ao novo campo de vida.

Paulo cita nove diferentes atividades ou ministérios, dos quais já discutimos seis. Todo o ministério, toda a atividade, é ao mesmo tempo uma cooperação com o novo edifício de Deus, com o novo campo magnético. Repetimos uma vez mais para que nunca jamais o olvideis: quando as forças do novo campo magnético nos tocam, as diferentes atividades se manifestam *por nosso intermédio*. Essas atividades não são explicáveis por uma ou outra força dialética, não se pode ensiná-las em uma universidade, mediante exercícios, livros ou estudo. Não, quando elas se manifestam, elas vêm diretamente do novo e oni-abarcante campo magnético intercósmico. Então é a Fraternidade de Cristo, a qual testemunha por nosso intermédio.

É claro, portanto, que tão logo pelo menos uma das nove atividades se evidencie por nosso intermédio, nós nos tornamos, em sentido muito exclusivo, colaboradores de Deus. Então podemos colaborar com o novo edifício de Deus, com o novo campo magnético. Isso é o que os rosacruzistas clássicos, chamam, na *Fama Fraternitatis*, de "a construção da nova morada *Sancti Spiritus*". Quando Christian Rosenkreuz ofereceu espontaneamente todos os seus dons e tudo o que ele possuía aos sábios e eruditos da Europa, e eles os recusaram vergonhosamente – bem compreendendo a valiosidade do que ele oferecia, porém descobrindo ao mesmo tempo que teriam de descer de seus elevados tronos se quisessem servir à Fraternidade de Cristo – ele se retirou, assim reza a *Fama Fraternitatis*, e construiu com os seus a morada *Sancti Spiritus*: ele entrou em um novo trabalho maçônico. E esse trabalho é, pois, a participação no derramamento do sangue de Cristo, em sua morte e em sua ressurreição.

O homem que vive, trabalha e age, gasta força, força

sanguínea. Todo o homem verte assim, cotidianamente, seu sangue para si próprio, para sua família ou para terceiros. Enquanto esse processo se realiza dentro desta natureza e é completamente desta natureza, tal derramamento de sangue, tal morrer, naturalmente nunca é libertador. Tão logo, porém, um homem adentra a essência das duas naturezas e, portanto, participa do outro campo magnético, isto é, da Fraternidade de Cristo, sua atividade terá uma consequência inteiramente diversa. Tal obreiro, até onde seu trabalho é explicável pela nova natureza, verterá seu sangue de maneira inteiramente distinta. O derramamento de sangue da velha natureza mantém a roda da dialética em movimento, ele é uma morte contínua. O derramamento de sangue da nova natureza, porém, traz libertação. Tudo o que fizerdes da nova natureza, por mínimo que seja, é em sua ação diretamente libertador. Cinco minutos de serviço para a Fraternidade Universal, na e pela força da Fraternidade, já valem ouro e significam mais do que anos de labuta dialética.

O derramamento de sangue da velha natureza impele o giro da roda, porém o derramamento de sangue da nova natureza proporciona libertação. O derramamento de sangue da velha natureza também mantém outros ligados ao giro da roda e aprisionados na natureza da morte, porém o derramamento de sangue na e pela nova natureza impele outros à libertação porque tal trabalho, empreendido a partir da nova natureza, sempre coopera com o novo campo de vida, com a nova morada *Sancti Spiritus*. E essa morada se tomará tão poderosa, e o chamado que dela emana, tão irresistível, que ela quase forçará outros a nela ingressar, a levantar-se da natureza da morte. Por isso, o derramamento de sangue da nova natureza, com relação a um único homem, somente

acontece de fato a uma *única* vez. Quem, alcançado por essa força, a ela se rende completamente ingressará na libertação.

IX

O DOM DA PROFECIA

Um significado inteiramente novo do conceito "servo", ou "servo da palavra", resulta daquilo que já discutimos. Ou melhor dizendo, esse conceito adquire destarte seu significado primordial. Um servo ou uma serva, neste sentido, não é meramente um ser humano que exerce uma função mística ou realiza uma tarefa no trabalho de alguma escola espiritual nem que se prepara ou se preparou, intelectual, mística e profissionalmente, para um trabalho prático a serviço da humanidade. Não, um servo ou uma serva no sentido discutido por nós é unicamente o ser humano que entrou em ligação com o campo de radiação eletromagnético da Fraternidade de Cristo, foi acolhido processualmente na grande mudança microcósmica e experimenta, pois, uma diversidade de atividades e, por conseguinte, evidencia de maneira totalmente espontânea e natural essas qualidades.

Unicamente quando entramos em ligação com o campo de radiação da Fraternidade Universal e experimentamos suas atividades em nosso sistema, pode-se falar de um verdadeiro servir no sentido a que a Escritura Sagrada alude. Então se desenvolve uma diversidade de ministérios, em que uma série sempre crescente de diversas características se

exteriorizam, sim, têm de exteriorizar-se, na demonstração prática do serviço ao mundo e à humanidade. Os famosos capítulos 12, 13 e 14 da Primeira Epístola aos Coríntios foram terrivelmente adulterados; em conseqüência disso se afirma, entre outras coisas, que um homem recebe o dom da cura; um segundo, o dom da instrução; um terceiro pode ser chamado, por exemplo, apóstolo, e um quarto, ainda, profeta. As nove qualidades que Paulo menciona são como que partidas a fim de que não possam atuar. A significação gnóstica, contudo, é que todas as nove qualidades, em uma sucessão contínua, se manifestarão no candidato até que, em dado momento, elas luzam dele em sua totalidade. Nisso não importa, evidentemente, o que se é socialmente, economicamente ou o que seja no plano dialético; se se é Valentin Andrae, o teólogo, ou Jacob Boehme, o sapateiro.

O primeiro dom se relaciona com a faculdade de estimular a fé em um homem apto a isso. O átomo primordial no servo assimila assim, de modo direto, a força-luz da Gnosis e desperta, com sua irradiação, uma atividade no átomo primordial do buscador, mais ou menos como um espelho que reflete a luz solar. Essa luz solar pode então ser claramente percebida mesmo nos recantos mais sombrios. Assim atua a primeira faculdade: um servo, em sua ligação direta da Gnosis, irá como que refletir a radiação gnóstica e inflamará uma luz na escuridão do coração humano se nele estiver presente um átomo primordial.

O segundo dom de ministério se relaciona com a faculdade de projeção de imagens. Um homem buscador pode experimentar a luz, a luz espiritual pode penetrar e ser refletida nas trevas de sua alma. Porém que espécie de luz e de onde ela vem? O segundo dom possibilita ao servo auxiliar

aqui, graças à faculdade de projeção de imagens que possui. Com o auxílio dessa faculdade o instrutor poderá captar uma imagem da realidade e projetá-la na consciência de um aluno crente. Em consequência disso uma série de questões surgirá no aluno: "Por que isso e por que aquilo? E como devo agir nesse caso e naqueloutro?" Se não houvesse a ligação de fé entre instrutor e aluno, a projeção da imagem, a segunda faculdade, malograria completamente seu objetivo, e o aluno tiraria toda a sorte de conclusões errôneas, especulativas.

Eis por que há um terceiro dom de ministério, o qual consiste na faculdade de transmitir à consciência do aluno a análise intelectual da imagem projetada; após seu emprego, o aluno começa a entender e a compreender.

O quarto dom é a faculdade do domínio de forças, o qual se relaciona com a vontade. Ele transforma seu possuidor em um mago, não mediante desenvolvimento ocultista, porém pela graça de Deus. Uma faculdade ocultista sempre se desenvolve de uma força da natureza, enquanto aqui se trata de uma faculdade que é o resultado de um toque processual pelo Espírito Santo.

Da síntese dessas quatro faculdades se manifesta no aluno um quinto dom, a saber, o dom da cura. E somente este dom investe o servo do antiqüíssimo ministério de rei-sacerdote. O homem é doente, muito doente e sua cura é reconstituição ou santificação. Eis por que a cura é o retorno do homem a sua pátria original. Esse ministério da quinta faculdade possibilita a entrada da própria Gnosis no sistema microcósmico do aluno. Até aí, a luz fora projetada no aluno pelo instrutor, agora, porém, o próprio aluno tem de entrar em ligação com a luz, e o instrutor, o servo da quinta faculdade,

coloca em andamento esse processo de ligação de primeira mão mediante a ignição. O candidato é assim, por meio desta flama, ligado diretamente à Gnosis.

Esse quinto dom de ministério deve ser visto, além disso, em conexão com uma sexta faculdade, a saber, a faculdade de discernir espíritos. Há leis de discernimento que o servo mágico conhece e tem de empregar. Ele não pode transgredi-las e com seu auxílio pode evitar que seus ministérios sejam utilizados de maneira inútil ou distorcida. Unicamente quando o aluno está pronto, pode surgir uma nova possibilidade de desenvolvimento. Se ele ainda não chegou a esse ponto, ele terá de esperar, pois não pode forçar esse processo. Na Escola Espiritual fidedigna não ocorre desperdício de energia, pois a sexta faculdade é utilizada.

Dirijamos nossa atenção agora ao dom de línguas e ao dom da profecia. Já procuramos esclarecer-vos filosoficamente que especulações, mediunismo e resultados da ciência ocultista ou da imaginação estão completamente excluídos da profecia no sentido da Doutrina Universal, pois o profeta fala e testemunha de uma realidade vista por ele, isto é, a realidade do novo campo de vida. Não se pode pois chamar de profeta todo o vidente que, por experiência própria de primeira mão, fala sobre o novo campo de vida. Suponde que possais perceber, pela ligação de primeira mão, alguém do novo campo de vida e que no-lo dissésseis. Então bem seríeis um vidente, porém não um profeta.

Somente é profeta aquele que está na interação das duas naturezas, portanto, aquele que também está em ligação com o novo campo de vida vê no momento atual no novo campo e – por amor à Gnosis e à humanidade – dele testemunha e, avisando, faz soar o *hora est!*, exortando seus ou-

vintes e seus discípulos à atividade autolibertadora. *Este é um profeta.* Tal profeta, dissemos, foi João, o Batista. Dele é dito, no hino de louvor de Zacarias: "Tu serás chamado Profeta do Altíssimo, pois saíreis ante a face do Senhor a fim de preparar e tornar retos os seus caminhos".

Agora direis: "Isso tudo pode ser correto, porém como podemos distinguir entre a profecia verdadeira e a profecia falsa? Há um número tão grande de profetas neste mundo! Eles testemunham de tantas esferas diversas de influência e com tamanha persuasão que quase se lhes poderia acreditar. Porém assim é muito difícil chegar a uma conclusão correta. Como podemos saber, quando um profeta se manifesta a nós, se devemos aceitar ou rejeitar seus pronunciamentos? Quais são os critérios para o julgamento?"

Respondemo-vos essas perguntas dizendo que sempre podereis reconhecer o verdadeiro profeta pelo fato de sua faculdade profética apoiar-se nas já citadas seis faculdades. Não se pode falar que na Escola Espiritual fidedigna alguém pudesse ser somente profeta e apenas falar e testemunhar do novo campo de vida. Não, se um profeta, um verdadeiro profeta, eleva sua voz, ele é sustentado pela totalidade das forças das seis faculdades precedentes. Que sentido, que utilidade teria a profecia se aqueles que ouvem e a quem ela é dirigida não tivessem a ocasião de trilhar o caminho que o profeta indica?!

Outra pergunta seria se o dom da profecia, quando visto em ligação com as seis outras faculdades, tem realmente alguma finalidade prática. Bem pode-se dizer que há coisas muito poderosas nos seis dons precedentes, pelas quais surgiram inúmeras ligações entre o futuro aluno, o aluno candidato, o aluno e a Fraternidade. Qual seria então a utilidade

prática da profecia? Pode ser maravilhoso ouvir-se falar de todos os magníficos aspectos e do êxtase do novo campo de vida, porém há nisso um elemento de utilidade realmente prática? Está o aluno porém, graças à atividade dos outros dons, de fato, orientado ao novo campo de vida e ocupado em aproximar-se dele pelo melhor caminho?

Se essa pergunta surgir em vós, prestai atenção ao objetivo da profecia e à tarefa do profeta. O objetivo da profecia é anunciar um novo capítulo no devir das coisas ou determinado aspecto deste, anunciar o que acontecerá. Além disso, todavia, e chamamos enfaticamente vossa atenção para isso, a faculdade da profecia, em conexão com a quinta faculdade, é ao mesmo tempo ignitiva, dinamizante, vivificante, mágica. Aquilo que a faculdade de projeção de imagem e a faculdade interpretativa projetaram e explicaram é posto em movimento pela sétima faculdade, pela profecia. Profetas são portanto os inflamadores do curso da Gnosis no tempo. Assim, eles não testemunham negativamente: "Vimos isso ou aquilo" e dão-se por satisfeitos, porém quando profetizam: "Vimos isso, isso acontecerá", causam ao mesmo tempo uma ignição, uma dinamização do processo que eles anunciam.

Poder-se-ia compará-lo com a inflamação de uma mecha já preparada. A mecha está pronta, e deve haver uma flama que a acenda a fim de que a explosão sobrevenha.

Outro exemplo: há uma torrente de água, porém ela está represada por algum obstáculo, por alguma barreira. O profeta então explica: "A nova água está aqui e ela basta a todos", e brande o machado contra a barreira e destrói o obstáculo de modo que a torrente possa afluir.

O profeta, portanto, não diz apenas: *hora est*, agora acontecerá, porém cuida ao mesmo tempo, considerando todas as

intenções e indicações da Fraternidade, que realmente aconteça! Profetas são portanto construtores, pedreiros, que não somente proferem a palavra, mas também a realizam. Eles a realizam mediante uma revolução, uma revolução sem luta e sem coação.

Assim, a *hora est*, que é proferida nestes tempos, se relaciona com a preparação intensa e a dinamização de uma possibilidade inteiramente nova no curso de nosso tempo. Sua intenção é, se possível, fazer-vos também – segundo as palavras do capítulo 2 da Epístola aos Efésios – membros da família de Deus, concidadãos do novo campo de vida. Assim, deveis ver essa possibilidade como algo que está muito próximo de nós! Não se trata aqui de um processo que é colocado em atividade por forças divinas, por entidades celestiais. Não, a possibilidade nos é presenteada pelas forças celestiais, pelas forças primordiais, porém elas têm de ser utilizadas por nós. Nós temos de realizá-la, nós temos de utilizar o material de construção.

Se então nós também dissermos – segundo as palavras do capítulo 2 da Epístola aos Efésios: *Temos de tornar-nos membros da família de Deus, concidadãos do novo campo de vida*, então nós mesmos temos de preparar-nos para isso. Somos chamados a ser membros da família da Gnosis. Pois bem, somos como que acolhidos em uma nova casa e nela podemos morar, contanto que nós próprios cooperemos. No capítulo 2 da Epístola aos Efésios é igualmente dito até que ponto nos tornamos unos com a nova morada. Nela somos utilizados como pedras viventes sobre o alicerce dos apóstolos e profetas, com o próprio Jesus Cristo como pedra angular.

Compreendi esta palavra! Um profeta a serviço da Fraternidade Universal jamais utilizará a faculdade profética ininteligentemente, por exemplo, impelido por emoção ou entu-

siasmo ou sob a pressão de interesses pessoais ou inclinação humanística. Não, ele somente construirá, ele somente deve e pode construir sobre a pedra angular, sobre a suprema pedra angular do campo magnético de Cristo. Nessa força ele pode construir, porém somente até onde essa força justifique a utilização da faculdade profética. Trata-se aqui, portanto, de uma faculdade poderosa, cujos limites mal se podem suspeitar. Ela é tão abrangente e traz consigo uma responsabilidade tão grande que é necessário discutirmos pormenorizadamente os problemas relacionados com ela.



X

A FACULDADE DAS LÍNGUAS (LINGUAGENS)

O capítulo 14 da Primeira Epístola aos Coríntios principia com as palavras: "Persegui o amor e procurai com zelo os dons do espírito, porém principalmente o dom da profecia!"

Conforme dissemos, o dom da profecia é o mais útil e o mais necessário no desenvolvimento dos futuros eventos, pois profetas, no sentido da Gnosis, são construtores, realizadores, que não somente anunciam a *hora est*, porém ao mesmo tempo a cumprem. Essa faculdade provém diretamente da essência das duas naturezas. Já há muitíssimo tempo, esses obreiros participam de dois campos magnéticos bem distintos. Graças a seu nascimento eles participam do campo magnético da dialética, enquanto graças ao toque da Gnosis participam cada vez mais do campo eletromagnético da renovação, do novo campo de vida. Eles apresentam como que dois sistemas magnéticos distintos em seus microcosmos, e com isso, também duas influências magnéticas distintas.

Se refletirdes agora que esses homens estão de posse de todas as seis faculdades discutidas, podereis determinar razoavelmente o resultado de sua ação. Eles não podem, naturalmente, realizar na velha natureza a essência da nova

dispensação. Isso está fora de cogitação, pois o grupo de linhas de forças magnéticas do novo campo de vida não pode realizar nenhuma atividade realmente construtiva no velho campo de vida, já que este possui uma estrutura magnética totalmente diversa e está submetido à esterilidade. O profeta todavia bem pode perturbar os pólos magnéticos do velho campo de vida. Talvez saibais, se tiverdes estudado um pouco a ciência natural, que os pólos magnéticos de determinado campo de vida podem ser perturbados por influências de outros campos magnéticos. Surge então uma comoção contínua. Se um microcosmo que contém em si dois sistemas magnéticos surgir no mundo, ele perturbará irrevogavelmente os pólos magnéticos da dialética. Tão logo isso aconteça, algo dos filhos de Deus se manifestará. A perturbação magnética é a manifestação, a revelação dos filhos de Deus. O profeta é capaz de evocar portanto, meramente por sua presença, uma parada imperiosa do trágico curso da dialética.

Quando uma entidade que possui o átomo primordial, presa pela ilusão, ainda persegue com todas as suas forças as coisas desta natureza porque ainda espera algo dela, seus desígnios se esvanecerão qual fumaça com o aparecimento do profeta; eles como que lhe fogem por entre os dedos e, com grande força, são forçados a retornar a sua morada original. Eis por que sabemos com certeza, na Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, que se aproxima o dia em que uma multidão cada vez maior de buscadores adentrarão o campo de força da Escola. Quanto mais obreiros irromperem na faculdade profética mediante os degraus do desenvolvimento descrito, tanto mais rápido esse dia virá. Por isso a Escritura Sagrada diz, com relação à consumação das coisas: "Ninguém sabe o dia e a hora". Tratam-se aqui de fatores viven-

tes que ainda devem nascer, que ainda devem realizar-se. E todos os fatores viventes estão nos alunos: os filhos de Deus têm de manifestar-se.

Essa manifestação de vossa filiação potencial de Deus está em vossas mãos. Tendes de juntar-vos às fileiras dos filhos de Deus mediante a automaçõnaria. Se vos comoverdes dolorosamente com o destino do mundo e da humanidade, se verdes um número incontável de seres humanos seguir o caminho do declínio em ignorância, se descobirdes que muitos milhões se agridhoam à roda do nascimento e da morte mediante seu procedimento pessoal e social e que desejais ajudar prazerosamente aqueles que têm a possibilidade para isso, salvá-los do declínio certo neste dia de manifestação, considerai então que *todos* os meios que a religião natural e o humanismo natural utilizam são e serão absolutamente negativos. A criação dialética inteira está submetida à esterilidade. Ao mesmo tempo compreendereis que um grupo de, digamos, cento e quarenta e quatro profetas que estivesse de posse das faculdades mencionadas poderia fazer em duas semanas infinitamente mais do que a humanidade inteira poderia realizar em um século. Assim como um homem que possui a primeira faculdade pode inflamar a fé em outros mediante o dom de reflexão de seu átomo primordial, um grupo de profetas poderá paralisar o inteiro curso da vida dialética não-divina, e isso sem luta alguma, meramente por sua presença e por dirigir seu interesse aos pontos mais vitais e fracos. Aquilo que o ocultismo mais humano não é capaz de fazer, a magia do transfigurismo o faz. O desenvolvimento ocultista, em qualquer que seja a forma, está sempre compreendido no interior da estrutura de linhas de força magnéticas da dialética, desta ordem mundial. A magia ocul-

tista sempre está, por isso, em harmonia com a natureza da morte. A magia transfigurística perturba incontinenti a base magnética de vida da dialética. Se verdes isso agora, compreendereis por que as escolas transfigurísticas sempre foram e sempre serão tão combatidas neste mundo, e por que um predicador pôde escrever recentemente acerca dessa "ignominiosa seita dos rosacruzês".

Assim como uma única centelhazinha de luz consegue afastar a escuridão, do mesmo modo um obreiro transfigurista poderá paralisar a magia da dialética. Eis por que tudo o que é transfigurismo é odiado e temido neste mundo e, naturalmente, também combatido. Igualmente preenche-nos de satisfação ouvir chamarem-nos de ignominiosa "seita" dos rosacruzês. Se o trabalho dos rosacruzês fosse louvado e incensado neste mundo, isso comprovaria que eles se teriam desviado inteiramente do único caminho correto. Nunca antes se falara publicamente sobre essa poderosa faculdade do ministério de profeta. Agora, contudo, o selo do segredo foi rompido porque o tempo chegou; e a todos os que podem entender é dito com grande ênfase: "Persegui o amor e procurai com zelo os dons do espírito, porém principalmente o dom da profecia!" Uma vez que os sete focos da Fraternidade Universal funcionam agora no mundo, todos aqueles que trazem em si a possibilidade de salvação, mesmo os que estão nos confins da terra, deverão ser dirigidos e conduzidos à senda da santificação. Para isso será necessário que o campo da natureza da morte seja perturbado. Os seres humanos estão ligados a esta natureza por inúmeros laços; vemos homens distintos irem de encontro ao declínio diante de nossos olhos. Eis por que é mister intervir. E somente se pode fazê-lo perturbando o campo magnético desta natureza, de

maneira que o curso das coisas seja como que retardado, paralisado. Destarte todas as entidades presas à natureza pela ilusão poderão escolher livremente. E assim se demonstrará que a Escola Espiritual é, ao mesmo tempo, uma escola de profetas.

Já dissemos que a faculdade da profecia acarreta imensa responsabilidade àquele que a utiliza. De fato, se virmos como essa sétima faculdade surge, compreenderemos por que essa responsabilidade pode ser assumida com segurança. Devemos ver o dom da profecia em conexão com as duas faculdades ainda não discutidas, os dons de línguas. A fim de fazer-vos compreender o que se tem em mente com essas duas faculdades, chamamos primeiro vossa atenção para o fato de que a palavra língua é utilizada com dois significados na Escritura Sagrada: primeiro, como indicação do órgão com cujo auxílio falamos (por exemplo, na Epístola de Tiago: "A língua é um mal incontrolável, pleno de veneno mortal"); segundo, na expressão "línguas de fogo". Essas "línguas de fogo" se referem às línguas ígneas do novo sistema magnético no microcosmo. São as novas línguas de que Marcos fala, capítulo 16. Jesus ressuscitado, o Senhor, aparece a seus discípulos e lhes diz: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura! Quem crer e for batizado será salvo". Anunciai o evangelho do novo campo de vida a toda a criatura! Anunciai-o não somente com a palavra, mas sobretudo com a nova e radiante faculdade autoprojeto-ra que todo o servo tem de possuir a fim de que a nova força magnética possa afluir a este mundo. Quem nela acredita, quem por ela se deixa batizar, quem a ela se liga, será salvo. E quem destarte é salvo, quem destarte entra em ligação com o novo campo de vida, fará este sinal: "Em meu nome"

– isto é, mediante a nova substância magnética – “expulsais maus espíritos e falareis com novas línguas”.

Pensai também na descida do Espírito Santo na festa de Pentecostes. Nessa ocasião, foram vistas línguas de fogo sobre as cabeças dos discípulos, em consequência do que eles começaram a falar em línguas, as quais tinham tamanha eficácia que cada um se sentia como se fora interpelado em sua própria língua. Esta é a caracterização pura das duas faculdades da linguagem das línguas.

Imaginaí a personalidade do homem. Em torno dela se encontra o campo de manifestação e este é encerrado pelo ser aural sétuplo. Nesse ser aural se encontra um sistema magnético, um firmamento magnético. Se olhardes, à noite, o céu límpido, percebereis inúmeras estrelas; o céu está salpicado de pontos luminosos. Pois bem, se fôsseis capazes de observar, do interior, vossa personalidade, vosso próprio firmamento microcósmico, iríeis igualmente perceber pontos luminosos: vossa legião particular de estrelas. É claro que mediante esse firmamento magnético se forma um campo magnético fora do ser aural. Mediante todos esses pontos magnéticos radiantes no ser aural são atraídas forças que estão em total harmonia com a natureza do firmamento. Esse é o aspecto externo. E o aspecto interno é que o firmamento magnético, que também está carregado com inúmeras forças, envia essas forças à personalidade, sobretudo ao santuário da cabeça.

O sistema magnético de nosso firmamento difere completamente em todos nós, ele tem um caráter muito individual. Tendes realmente de ver esse ser aural sétuplo, com o inteiro sistema de forças do firmamento magnético, como um ser, como uma realidade de ser, também indicado na lite-

ratura como o eu superior. Há muitos homens, como se depreende da literatura esotérica, que se curvam como que em adoração ante seu eu superior, pois acham que ele tudo sabe, é nosso Deus, desempenha todo o papel superior na existência. Quando, pois, o transfigurista fala sobre o novo ser, sobre o ser celestial que novamente tem de manifestar-se, muitos pensam – como freqüentemente temos verificado – que o eu superior seja esse ser celestial. Ora, isto está fora de cogitação! Nosso eu superior, nosso ser aural, nada tem em comum com a elevada realidade de ser. Muitas pessoas sensitivas recebem todo o tipo de impressões do eu superior. Elas estão conscientes disso e acham que é o ser celestial que lhes fala. Mais de um aluno veio a nós, quando falamos sobre o novo ser, com a informação: “Sim, eu o conheço, já vi freqüentemente o novo ser e trilho meu caminho sob a direção do eu superior”. Pobres diabos! Esse eu superior é aquele que é chamado Satã na Escritura Sagrada, e Satã significa opositor. O eu superior da natureza é literal e corporalmente nosso opositor. Esclarecer-vos-emos isso.

O eu superior contém, como explicamos, um sistema de forças magnéticas que se comunicam à personalidade, ao mesmo tempo em que se projetam completamente no santuário da cabeça, de maneira que o inteiro firmamento, o sistema global de pontos magnéticos do ser aural também se encontra, numa forma diminuta e concentrada, no santuário da cabeça. O eu superior se reflete portanto no santuário da cabeça, no assim chamado eu inferior. O eu superior nos rege, pois vemos como, por exemplo, nossa consciência, nosso pensar, nosso querer, nosso caráter e nosso tipo se desenvolvem mediante a ligação nomeada. Tudo o que há em nós em caráter, consciência, predisposição, dom, entendimento,

volição, possuímo-lo graças a nosso eu superior. Do eu superior correm como que linhas de força magnéticas para os pontos correspondentes no santuário da cabeça, e em conformidade com isso, pensamos, agimos e vivemos. Com outras palavras: pendemos dos fios quais bonecos no teatro de marionetes do eu superior, e quando o diretor do teatro, o eu superior, puxa os fios, somos, graças a nossa personalidade, postos em movimento e compelidos à ação. Correspondendo à qualidade e à natureza do eu superior, somos portanto aquilo que somos.

Compreendeis agora que quando desejo trilhar a senda, quando desejo evadir-me da natureza da morte, no mesmo instante entro em conflito com meu eu superior? Então o sistema magnético já não ajusta! Meu caráter e minha consciência provêm, segundo a natureza, da essência do eu superior. Por conseqüência, quando me oponho a esta natureza e quero seguir a senda dos hierofantes de Cristo, daí por diante entro em conflito com meu eu superior: este se torna então meu adversário, meu opositor, meu satã. Eis por que Jesus, o Senhor, antes de andar seu caminho, tem de primeiro ajustar contas com esse satã, que lhe vem como o tentador no deserto. Esperamos que compreendais a lógica disso: trata-se aqui de leis naturais exatas.

Atentai pois ao que segue: as linhas de força nomeadas confluem no santuário da cabeça. A soma dessas forças magnéticas determinam meu inteiro estado de ser, meu tipo, meu caráter, a inteira natureza de minha atividade. Nada sou e nada posso sem meu eu superior.

Essas linhas de força, que partem do ser aural e confluem nos pontos magnéticos no santuário da cabeça, são um afluxo de forças contínuo, vivente e vibrante. Elas tam-

bém luzem. Destarte se encontram em tomo de nossa cabeça linhas de forças muito ígneas. Elas são as línguas de fogo que, luminosas, são visíveis em torno da cabeça de todo o ser humano. Jesus, o Senhor, diz pois a seus discípulos, e a Escola Espiritual, a seus alunos: "Tendes de falar com novas línguas!", isto é, um novo sistema magnético deve desenvolver-se em vós e luzir de vós.

"Como isso acontece?", ireis indagar talvez. "Como podemos começar a trabalhar nisso se graças a nossa inteira personalidade, nossa consciência, nosso caráter, nosso tipo, somos regidos pelo eu superior? Como podemos trazer uma mudança a isso? Isso nunca será possível, pois tão logo queira algo ou decida fazer algo, fá-lo-ei graças a uma sugestão de meu eu superior! Sou uma vítima completa, um prisioneiro completo, o escravo de meu eu superior. Como posso então trazer uma mudança a esse estado?"

Podeis fazê-lo se, mediante vossa atitude de vida totalmente mudada, vosso átomo-centelha-do-espírito, o átomo primordial, situado no ápice do ventrículo direito do coração, for tocado pela luz. Então a Gnosis abre como que uma brecha no centro de vosso microcosmo (pois o átomo primordial, o botão de rosa, fica no centro matemático do microcosmo). Tão logo esse princípio primordial divino, a rosa do coração, principie a luzir em vós, tereis fixado a rosa na cruz. Então vos tornareis um rosacruz. Desse momento em diante, o machado será colocado à raiz da árvore. O que acontece pois agora? Quando essa rosa é aberta pela luz da Gnosis, uma força começa a afluir em nós, a qual não é explicável pela natureza, não se harmoniza com o sistema magnético existente do microcosmo e está em completa desarmonia com todas as influências que afluem em nós provindas do ser

aural e nos desejam dominar e reger.

De baixo para cima, da rosa do coração, começa com isso um processo, a demolição do antigo, um processo de oposição ativa. Tão logo a rosa luza, o eu superior, nosso satã, nosso opositor, procurará neutralizar, escamotear, aquilo que principia a manifestar-se em nosso microcosmo. Surgirá uma luta em nós.

Podereis responder: "Sim, posso falar disso. Nossa vida é uma luta contínua. Tenho experiência disso desde os dias de minha juventude". Tendes em mente então a luta que é própria à dialética. Vivemos em uma ordem de natureza de luta. Não deveis, porém, confundir essa luta da natureza com a que a Gnosis inflama em nós. Logo que a rosa principie a luzir, logo que a corrente gnóstica possa penetrar-nos, desenvolver-se-á em nós uma luta completamente distinta e muito pessoal. Trata-se da luta que perturba o sistema magnético existente, e cujo objetivo primário é despedaçar e mudar esse inteiro sistema que controla o santuário da cabeça a partir do firmamento: portanto, um novo firmamento tem de surgir!

Logo que esse novo firmamento apareça e, por conseguinte, forças magnéticas inteiramente novas afluam no santuário da cabeça provindas do ser aural, uma nova consciência, um novo caráter de um novo tipo humano, uma personalidade inteiramente nova também irá manifestar-se. Tudo isso será então a consequência lógica, cientificamente explicável da luta desencadeada pelo afluxo de forças gnósticas.

Logo que o novo sistema magnético se manifeste em torno do santuário da cabeça, as novas linhas de força ígneas, as novas línguas, serão vistas. E dessa hora em diante

o aluno, em quem essa nova coluna de fogo se torna visível, começa a falar “com outras línguas”.



A FACULDADE DE INTERPRETAÇÃO DE LINGUAGENS

Conforme explicamos, todo o homem possui línguas de fogo. Estas são visíveis sobretudo em torno do santuário da cabeça e consistem em linhas de força magnéticas, que formam a ligação entre o sistema magnético central do ser aural e o sistema magnético central da personalidade no santuário da cabeça.

O sistema magnético central do ser aural é chamado eu superior, e o sistema magnético central no santuário da cabeça é indicado como o eu inferior. Das forças que alcançam o eu inferior o homem vive, o homem é. Nossa consciência, nosso caráter, nossa inteira natureza, são explicáveis a partir dessas forças, e todos nós somos dirigidos assim por um eu superior. Mediante essas línguas de fogo todo o homem fala uma linguagem própria, muito particular. Nosso eu, nosso eu inferior, não é assim um ser completamente autônomo, senão meramente um reflexo do eu superior. De tempos a tempos, o reflexo morre e é então substituído. Unicamente o eu superior, o sistema magnético central do ser aural permanece, é, existe e se estende além do túmulo e da morte. Apenas uma mudança atmosférica é feita periodicamente no eu superior, no firmamento do eu superior todas as coisas se ajustam aos resultados do eu inferior.

Explicamos como essa ligação aural à natureza pode ser rompida mediante uma conversão fundamental de vida e como, em consequência disso, novas línguas luzirão do aluno. Ele tem de começar agora a falar com essas novas línguas de fogo; elas têm de testemunhar dele. Isso significa a aniquilação de ambos os antigos sistemas magnéticos, tanto o do ser aural como o do santuário da cabeça. Ao mesmo tempo isso significa que dois novos centros magnéticos devem surgir e que o aluno tem de aprender a corresponder-lhes. Sua vida deve tornar-se tal que já não se possa falar de um eu superior nem de um eu inferior, de um eu superior que dirige e domina o eu inferior, senão que uma perfeita harmonia, uma dupla unidade, surge entre esses dois.

O aluno tem de possuir portanto dois novos dons. Primeiro, um novo sistema duplo de línguas, um novo sistema magnético duplo, e além disso a faculdade de agir a partir desse novo sistema. Portanto, ele tem de utilizar na prática esse novo sistema.

Deve-se perguntar agora de que modo ambos esses dons podem ser obtidos. Inúmeros, no correr dos séculos, se fizeram essa pergunta.

É também uma pergunta que fez rebentar sobre a humanidade uma torrente de mediunidade, uma torrente de obumbramento, proveniente da esfera refletora. Se tiverdes algum dia entrado em contato com um assim chamado movimento de demonstração de línguas, sabereis o que temos em mente com isso. Uma reunião de tais seres humanos traz a marca genuína do ocultismo negativo.

Aqueles que aí se reúnem estão todos muito exaltados; em todo o caso, são seres humanos que cometem o grande erro de presumir que seu estado de ser dialético seja uma

base satisfatória para um toque do Espírito Santo. Assim, eles são, sem exceção, vítimas de uma exegese bíblica literal.

Não se pode avaliar o número daqueles que foram des-caminhados por tal exegese bíblica e, durante muitas encarnações, foram excluídos do caminho de libertação. Sabeis que, por esse motivo, o protestantismo causou muito mais danos anímicos do que o catolicismo romano? Pensa-se frequentemente que o contrário seja o caso, porém essa opinião é incorreta. O protestantismo é um grande perigo para a humanidade que busca libertação, maior do que qualquer outra orientação religiosa natural.

Em tal reunião, como vos falamos, estão juntos homens que são vitimados por uma exegese bíblica literal. E se desenvolve assim, irrevogavelmente, um experimento espírita. A congregação se coloca num estado de êxtase pelo canto conjunto, pelos rituais e pela música, e o fato de estarem juntos, nessa orientação bem definida, faz com que surja um círculo magnético. Em determinado momento os médiuns começam a tagarelar. Alguns deles levantam e se contorcem de toda a maneira possível: um tremor percorre o fogo serpentino, as faces são distorcidas horrivelmente, medonhas de se ver. E então, inopinadamente, eles começam a falar.

Aquilo que é dito deve naturalmente permanecer no mesmo estilo.

Eis por que eles começam a falar em línguas estranhas. O que eles dizem se assemelha ao latim ou, em todo o caso, a uma língua antiga. Isso é inerente, por completo, à natureza do drama que aí é representado. O conteúdo daquilo que é falado se compõe dos chavões comuns das sessões espíritas, de uma série de falatórios da esfera refletora, intercala-

dos com textos bíblicos e nomes sagrados da terra de verão, que seria o céu etc. etc. Também na maioria das vezes há alguns então que, quando os médiuns, os políglotas, terminam, principiam a demonstrar o dom de interpretação de línguas; e eles explicam o que foi falado na língua estranha. Isso funciona do mesmo modo mediúnico.

Compreendeis quão horrível, triste e inútil é tudo isso, quão consternante e caricatural. Se puderdes compreender razoavelmente o dom de línguas em sua verdadeira essência e significado, tal como o delineamos para vós, compreendereis a mesquinhez de sua imitação, a anormalidade e a garra das trevas que aí estão ativas. Ainda que dissésseis as coisas mais elevadas em todas as línguas do mundo, mesmo nas mais antigas e já não usadas, enquanto em vós não houvesse o novo sistema magnético, nenhuma realização-Jesus e nada do novo, não obstante seríeis – ainda que declarásseis provir essas palavras do dom de línguas – *ou* um descaminhado *ou* um descaminhador. E em todas as circunstâncias seríeis alguém obumbrado pela esfera refletora.

Queremos asseverar mais uma vez, com toda a ênfase, que um aluno da Escola Espiritual tem de despedir-se muito consciente e enfaticamente, já no início de sua senda, de todas as influências do Além, com todas as conseqüências ligadas a isso. Se, por exemplo, perdésseis hoje o membro mais querido de vossa família ou o amigo mais amado, vós, como alunos da Escola Espiritual, teríeis de abandoná-lo completamente daí por diante. Já não pode existir um único contato sequer na linha horizontal entre vós e o ser humano tão amado. Se ainda não estais preparados ou não sois capazes disso, se ainda dirigis o ouvido ao Além a fim de ouvir, então vós interrompeis vosso discipulado e não podeis man-

ter-vos como aluno. Por isso é dito tão enfaticamente na Escritura Sagrada: "Não pergunteis aos mortos!"

Falo aqui com experiência própria. Muitos sabem que, há alguns anos, perdi meu irmão, que estava junto de mim na grande obra. Desde o momento em que fomos separados pela morte, não houve o menor contato espírita entre nós, embora se tentasse de muitos lados estabelecer tal contato. É indizível quantas mensagens, supostamente de meu irmão, recebi por intermédio de terceiros. Elas sempre foram sem exceção, jogadas ao cesto de lixo, e nunca tomei conhecimento delas. E a todos que me traziam tais mensagens eu disse: "Se meu irmão tiver algo a dizer-me, ele conhecerá os meios para transmiti-lo de outra maneira".

Acolhei no coração este nosso conselho: não mantenhais, em circunstância alguma, nenhum contato com entidades da esfera refletora! Ainda que, por assim dizer, nosso próprio amado Senhor vos aparecesse, voltai-vos e trilhai vossos caminhos! Se isso não fizerdes, breve descobrireis que abandonásteis o caminho da libertação. Quem mantém a receptividade a influências da esfera refletora bloqueia uma possível abertura ao novo campo de vida, isto é, ao portal da vida.

No que a isso concerne, seres humanos sensitivos têm muito mais facilidade. Diz-se que os seres humanos sensitivos têm a maior dificuldade; isso porém não é verdade, pois um ser humano sensitivo tem muito mais facilidade porque ele pode identificar a esfera refletora e reconhecer sem dificuldades uma sugestão dela. Contudo, vemos freqüentemente que justamente os sensitivos são vitimados. É fácil adivinhar como isso acontece. Um ser humano sensitivo se julga demasiado cedo no novo campo de vida. E quando alguém

supõe isso de si demasiado cedo, então está errado e é vitimado. Quando alguém, todavia, resoluto e de maneira absoluta, não permite nem um contato sequer dessa espécie, toda a influência da esfera refletora desaparecerá bem depressa. Se negardes essas coisas completamente, mesmo que se queira oferecer-vos o que este mundo tem de mais belo a oferecer, chega o momento em que elas terão de deixar-vos em paz. Acautelai-vos portanto!

O portal da vida é a indicação simbólica da passagem, da travessia, entre nosso campo magnético e o novo campo de vida. Dentro de um tempo não muito distante, uma torrente de luz atravessará este portal e realizará uma união entre os irmãos e as irmãs que ainda se encontram neste campo e aqueles que estão no novo campo de vida. Se abrangêssemos isso de maneira puramente espírita e tentássemos realizar tal contato de maneira mediúnica, os maiores perigos surgiriam.

Façamos agora a pergunta: como obtemos os dois dons de línguas? E vejamos que resposta nos dá a Doutrina Universal.

O processo inicia com o toque do átomo-centelha-do-espírito, com o toque do botão de rosa no santuário do coração. Mediante esse átomo a Gnosis irrompe no coração da natureza da morte. Von Eckartshausen nos relata que Jesus Cristo "invadiu o coração deste mundo". Também Jacob Boehme descreve como o Espírito do Senhor, o Espírito de Cristo, invade o coração da natureza da morte. "A Gnosis atacou o coração desta natureza", assim diz ele. Pois bem, quando vosso átomo-centelha-do-espírito, vosso átomo primordial, o botão de rosa em vosso coração, se torna sensível ao toque da Gnosis, vosso microcosmo é atacado por Jesus,

o Senhor, até no coração. Desse modo, a Gnosis entra no coração do microcosmo.

Quando esse caminho é aberto, vemos o processo já tantas vezes discutido começar, em consequência do que o toque gnóstico também penetra o santuário da cabeça. Coração e cabeça são assim os primeiros a ser tocados. Se o aluno coopera agora com esse processo e cheio de fé e devoção nele prospera, uma intensa perturbação magnética surgirá no citado duplo sistema mediante essa atividade de fé. O resultado disso é que todas as forças resistentes à Gnosis serão como que impelidas para as partes mais exteriores do microcosmo. Então tudo o que se agita e ferve na personalidade a fim de ligar-nos à terra será realmente expulso e se coloca nas partes mais exteriores do microcosmo. Todas as forças se reúnem no firmamento aural, no sistema magnético do ser aural, e destarte o eu superior, em mais de um sentido, se tornará incontinenti em um real opositor.

Podeis comparar esse acontecimento com uma lâmpada que é acesa na escuridão. O brilho da luz tem um alcance em torno do qual se pode traçar um círculo; além desse círculo reina de novo a escuridão. A lâmpada é acesa, a escuridão é expulsa de determinado espaço e se concentra em torno do círculo. Quando Jesus, o Senhor, a Fraternidade, o campo magnético de radiação dos hierofantes de Cristo, nos ataca no átomo do coração, e com isso a escuridão é expulsa para fora, então esta se concentra no ser aural, no eu superior. Nesse momento o anel de escuridão se torna, com razão, em nosso opositor. Ele se torna para nós em um satã.

Se esse processo continua, vemos nos primeiros anos desenvolver-se uma espécie de equilíbrio. O vácuo de luz na personalidade, no centro do microcosmo, e a borda da escu-

ridão se mantém em equilíbrio. Se porém a lâmpada permanece ardendo, se há bastante óleo na lâmpada, como o expressa o Evangelho, a luz bem como também o anel de escuridão permanecem estacionários. O eu inferior, a personalidade, é então dominado pelas novas forças magnéticas, que penetram mediante as brechas abertas, e grande parte do campo de manifestação e o ser aural são dominados pelo eu superior. O aluno é então literalmente cercado por seu opositor. E esse opositor potencial pespega ao aluno toda a sorte de estratégias.

Não deveis, sobretudo, romantizar essa situação, não deveis verter lágrimas por causa dela nem escrever poemas sobre ela. Se a romantizamos e pensamos em toda a espécie de espíritos ligados à terra e terríveis forças más, então nos enganamos. Tendes de compreender perfeitamente que o eu superior, a central magnética aural, graças a sua natureza, tem de agir como ele é, pois esse sistema magnético é uno com a dialética, é uno com esta natureza. Com outras palavras, quando uma parte do coração do microcosmo é atacado pelo novo campo magnético, separação e oposição se desenvolvem por si mesmas. Isso tudo nada tem a ver com romantismo.

O ser aural tem de agir tal qual ele é. O mito de Satã, o culto de Satã, a fé no Diabo etc., é tudo romantismo inventado pela Igreja. O ser aural, o opositor, o satã, está presente por natureza em todo o ser humano que deseja libertar-se da dialética. Graças a seu estado natural o ser aural é nesse caso nosso opositor. Por isso, a Escritura Sagrada também diz sobre isso: "Jesus, o Senhor, encontra Satã no deserto". Abandonado o deserto da vida, rumo à grande meta, ele se encontra automaticamente com seu opositor.

O mesmo se sabe de Buda. O Evangelho de Buda também descreve várias vezes como Buda se encontra com seu opositor, o satã, que é então chamado Mara: amargura.

Se o aluno consegue manter-se na luz do brilho da lâmpada, na força da Gnosis, e se ele endireita os caminhos do Senhor com todas as conseqüências decorrentes, uma nova fase se desenvolve em determinado momento. O abraço, a armadura de seu opositor, é então rompido. Surgem aberturas, e, se observarmos bem, vemos como diversos pontos magnéticos, que inicialmente enviavam uma intensa luz brilhante à personalidade, começam a apagar-se. Essas estrelas caem do firmamento, e determinadas luzes novas são inflamadas: um novo firmamento começa a formar-se. Surgem, tal como a Escritura Sagrada o expressa várias vezes, um novo céu e . . . uma nova terra! Quando novas radiações magnéticas podem ser acolhidas no santuário da cabeça, a personalidade também tem de mudar. A personalidade se encontra em harmonia com o sistema magnético; se o sistema magnético muda, também a personalidade tem de mudar. Essa mudança começa na consciência. Isso é transfigurismo. Assim começa o transfigurismo. Conseqüentemente, trata-se aqui do surgimento de um novo eu superior e de um novo eu inferior. Finalmente, vê-se surgir no aluno um novo céu e uma nova terra, e pode ser dito: "Vede, tudo o que era velho passou!"

Desde o primeiro momento em que o antigo sistema magnético é rompido, e o novo sistema magnético começa paulatinamente a apresentar-se, o primeiro dom de línguas também começa a manifestar-se. Novas línguas começam a luzir. Outras forças magnéticas – já não explicáveis pelo campo da dialética, senão pelo novo campo de vida – come-

çam a afluir. Estas novas forças buscam pontos de contato no santuário da cabeça, o qual é então substituído por um sistema completamente novo de pontos magnéticos. A substância cerebral cinzenta, em concordância com isso, começa a mudar. Outras circunvoluções cerebrais se formam, e lenta, porém seguramente, algo de uma consciência inteiramente nova começa a apresentar-se, de um eu completamente novo. No início, esse novo eu ainda existe em um estágio embrionário. Ele ainda não pode entrar em ação, ainda é meramente um crepúsculo, o crepúsculo que precede o dia. Enquanto o aluno ainda se encontra nesse estágio do crepúsculo, do alvorecer, o antigo eu, que naturalmente ainda é uma consciência completa, ainda tem de cooperar. Então há a divisão, a atividade simultânea, das duas naturezas.

A antiga consciência, todavia, se submete inteiramente – tal como João a Jesus – ao outro que está crescendo, ao outro que está vindo. A antiga consciência no aluno se submeterá à nova consciência que está crescendo nele. É o estado em que o aluno vê a nova vida, começa a reagir cada vez mais forte a ela e vive cada vez mais conforme com ela. Nesse momento, o jovem irmão ou a jovem irmã obteve o dom de línguas. As novas línguas começam a atuar, começam a realizar determinados resultados no sistema, na personalidade do microcosmo, a qual está submetida à transfiguração. Esse é o dom de línguas que começa a manifestar-se. Uma vez, porém, que o novo eu ainda se encontra num estágio embrionário, ainda não alcançou o desenvolvimento pleno, ele ainda não pode assumir completamente a direção da nova vida. Ele ainda não pode agir com a plenitude da nova vida. Ele já pode deveras profetizar, agir como profeta, porém tal aluno ainda não possui o apóstolado completo.

Quando, contudo, a nova consciência está completamente formada, quando o novo eu nasceu como consciência e o eu inferior está apto a agir assim, o dom de interpretação de línguas, em determinado momento, como que em um abrir e fechar de olhos, como que ao soar da última trombeta, irrompe qual um fogo; isto é, irrompe a faculdade de utilizar as novas forças, a força para a utilização das línguas de fogo. E nesse momento o profeta se tomou ao mesmo tempo um apóstolo de Jesus Cristo.

Esse é portanto o esquema da magia nômupla do transfigurismo. Assim como todos os que têm ouvidos para ouvir são chamados ao ofício de profeta, igualmente eles são chamados ao apostolado. E, um dia, podereis sair por este mundo com a ordem de missão gravada em vossos corações:

“Anunciai o Evangelho da libertação à inteira criação!”

Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Eles são libertados da roda do nascimento e da morte.



GLOSSÁRIO

Para melhor compreensão sobre a terminologia empregada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, figuram neste glossário as palavras que no texto vêm acompanhadas de asterisco (*). Os números entre parêntesis correspondem às páginas em que estas palavras foram mencionadas.

Albigenses. Nome dado aos cátaros, após a denominada Cruzada contra os Albigenses em 1209. *Ver* cátaros. (75)

Arrependimento – humildade. *Arrependimento:* o estado de consciência em que o aluno, em autoconhecimento crescente, discerne e experimenta quanto ele caiu, quanto ele aos olhos de Deus nada é, que ele nada sabe, pode nem possui qualquer valor perante Deus, e que por isso trilha a senda da demolição do eu como único caminho possível de reconciliação. (107)

Humildade: a atitude interior para com os semelhantes provinda desse estado de consciência e dessa decisão, cujo estado de aflição e trevas é compreendido e reconhecido como o seu, e de que o aluno, em medida assustadora, sabe-se culpado, e cuja libertação ele vê e aceita como parte indivisível de sua própria. (107)

Átomo-centelha-do-espírito. Átomo de Cristo ou proto-átomo, situado no centro matemático do microcosmo e coincidindo com a parte superior do ventrículo direito do coração. Por isso é também designado misticamente de *rosa do coração*.(33)

Astúcia atlante. *Ver* consciência cérebro-lunar. (50)

Campo de manifestação *Ver* imagem mental do homem imortal. (39,50)

Campo de respiração. *Ver* microcosmo em o campo de manifestação. (41)

Cátaros (do gr. *Katharos*: puros). Movimento iniciático-cristão que se desenvolveu na Europa entre o século XI e XIV, principalmente no Sul da França, na região montanhosa dos Pirineus, conhecida

como Sabartez ou Languedoc. Foi aí, ao redor de Sabart-Tarascon e das aldeias vizinhas Ussat-Ornolac, nas muitas grutas ali existentes desde a pré-história e transformadas em santuários naturais, que se constituiu o lugar de longa, severa e dura iniciação para os cátaros. Eles, a exemplo dos essênios e dos primeiros cristãos, levavam vida ascética de alta espiritualidade, vivenciando na prática um cristianismo puro, numa total auto-renúncia a tudo o que era deste mundo; não possuíam bens nem dinheiro, dedicando-se inteiramente à comunidade, pregando o evangelho e curando os enfermos, pois também eram terapeutas.

Acusados porém de heresia pelo Papa Inocêncio III, este enviou a histórica Cruzada contra os Albigenses em 1209, quando, numa seqüência trágica de mortes e torturas, cidades inteiras e castelos daqueles que os defendiam foram saqueados, e as populações, incluindo mulheres e crianças, passadas a fio de espada. Após a queda de Montsegur em 16 de março de 1244, 205 cátaros foram queimados vivos numa imensa fogueira. Os poucos remanescentes abrigaram-se então na grande gruta subterrânea de Lombrives, chamada a Catedral do Catarismo, onde mais tarde, em 1328, 510 cátaros foram emparedados vivos, encerrando assim a epopéia medieval desse movimento mártir.

Os cátaros eram também denominados de "os Puros, os Perfeitos, ou Bons Homens", porque, seguindo o caminho dos Mistérios cristãos, haviam operado em seu ser a reificação, e assim, tal como verdadeiros discípulos de Cristo, a serviço do mundo e da humanidade, galgavam o "caminho das estrelas", o caminho da transformação (ou da transfiguração, na linguagem da jovem Fraternidade gnóstica). Fazendo alusão a esse estado de puro, a Escola da Rosacruz moderna fala da alma renascida, a alma-espírito, que, pela sua ligação restabelecida com o Espírito, de novo obteve a participação na sabedoria divina, a Gnosis. Para maiores informes sobre a vida dos cátaros, ver o livro *O Caminho do Santo Graal*, de A. Gadal. (247)

Clara decisão da vontade do candidato . . . eventualmente com força interior

Essa decisão da vontade, essa força interior, provém do novo Marte, a faculdade da vontade renovada em Deus. Ver *Dei Gloria Intacta*, cap. 6, A Iniciação de Marte do primeiro Círculo sétuplo. (51).

Consciência cérebro-lunar. A consciência cérebro-lunar é uma consciência muito primitiva, localizada no plexo solar, e que se apóia apenas em alguns centros do santuário da cabeça dirigidos pela lua. Essa consciência era própria da humanidade atlante até a metade do período atlante inclusive. Esse estado de consciência se caracteriza por uma astúcia extremamente primitiva, que ainda hoje está ativa em muitos seres humanos. (50)

Coração cósmico de Cristo. O campo de radiação eletromagnético da Fraternidade Universal de Cristo, cuja essência nuclear se encontra no coração do sétuplo planeta Terra, o Reino Universal. (79)

Demolição do eu (autodemolição). É o processo joanino que se exprime nestas palavras: "É necessário que ele cresça e eu diminua".

Nesse processo o aluno, na força da Gnosis, trilha o caminho da autodemolição, que consiste em abandonar as faculdades do eu nascido da natureza, partindo todos os laços do eu e, silenciando toda a dinâmica e raio de ação do eu, reduzindo este núcleo de nossa consciência dialética, a uma atividade biológica mínima. Devemos esclarecer porém que essa demolição não significa suicídio, porém a neutralização do que é ímpio dentro do microcosmo. Para aquele que não iniciou ainda sua caminhada pelo deserto, isso parece aniquilação de toda a existência. Para aquele que se encontra no deserto, porém, no estado de consciência joanina, sabe, com certeza interior, que existe outro centro de existência adormecido dentro do microcosmo, outro núcleo de consciência, que deve ser despertado para a Vida. João expressa isso nas palavras: "Era ele que existia antes de mim". "Não sou digno de desatar as sandálias de seus pés."

Este peregrino do deserto sabe que o auto-sacrifício não é sacrifício no sentido comum, porém a libertação da verdadeira vida. (19)

- Devakan.** A morada dos “deuses”, mestres e adeptos da esfera refletora. (142)
- Dialética.** Nosso presente campo de Vida, onde tudo se manifesta em pares opostos. Dia e noite, luz e escuridão, alegria e tristeza, juventude e velhice, vida e morte, estão ligados um ao outro inseparavelmente. Eles se sucedem, e um evoca o outro. Por causa dessa lei fundamental, tudo aqui está sujeito à contínua mudança e desintegração, a surgir, brilhar e fenecer, e nosso campo de existência é uma região de finidade, de dor, de sofrimento, de demolição, de doença e de morte. (13)
- Dialético** (adj.). Refere-se à dialética. (13)
- Dispensação.** Período em que uma revelação particular da mente e da vontade de Deus opera diretamente na humanidade. Por exemplo: Dispensação Mosaica, Dispensação Cristã. (267)
- Divisão.** Toda a criatura traz em si algo da consciência de seu criador. Destarte algo da consciência do homem passa para seus filhos, e através destes, para seus descendentes, e assim por diante. Assim, essa divisão de consciência e essa mistura de consciência progredem ininterruptamente com a sempre continuada seqüência de reprodução. (84)
- Doutrina Universal.** Não é um *ensinamento* no sentido literal comum, tampouco se pode encontrar em livros. Na sua essência mais profunda é a vivente realidade de Deus; tão-somente a consciência enobrecida, a consciência hermética ou pimândrica, nele pode ler e compreender a oni-sabedoria divina. Essa Doutrina ou Filosofia Universal é, portanto, o conhecimento, a sabedoria e a força que sempre de novo são ofertados ao ser humano pela Fraternidade Universal, a fim de possibilitar à humanidade decaída trilhar o caminho de retorno à casa do Pai. (70)
- Efésio.** O homem buscador que, com seu anseio de elevação e purificação de vida, trilha neste plano de existência o caminho da bondade e, mais cedo ou mais tarde, descobre que esse caminho tem um ponto culminante definido, uma fronteira absoluta, fronteira que o homem deste mundo não pode transpor. O buscador que atravessou essa região fronteira é denominado efésio na Linguagem Sagrada. Tal homem está diante da grande es-

- colha: libertar-se das limitações da dialética mediante conversão fundamental de vida ou permanecer agrilhado à roda girante e sofrer a dor do inevitável declínio, visto que este é lei natural. (50)
- Ekklesia**, a nova. A *Una Sancta*, o novo povo de Deus como membro da Igreja Una e Invisível de Cristo. (17)
- Endura**. A senda da demolição do eu. (130)
- Endurística** (adj.). Refere-se à endura. (107)
- Eões** (I). Enormes espaços de tempo. (14)
- Eões (II). Grupo dirigente hierárquico do espaço e do tempo. A mais elevada formação metafísica de potestades, proveniente da humanidade decaída, que abusa de todas as forças da natureza dialética e da humanidade, e as compele à atividade não-divina para proveito de suas sombrias intenções. À custa de terrível sofrimento da humanidade, essas entidades obtiveram a liberdade da roda da dialética, liberdade que elas, em imensurável necessidade de automanutenção, somente podem preservar em aumentando ilimitadamente os sofrimentos do mundo e assim mantendo-o. Em sua coletividade, elas com muito acerto, são indicadas como "a hierarquia dialética" ou "o príncipe deste mundo". (216)
- Escola Espiritual**. A Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo. Ver Fraternidade Universal. (14)
- Esfera material / esfera refletora**. As duas metades componentes desta ordem de natureza dialética. A esfera material é a região onde vivemos em nossa manifestação material. A esfera refletora é a região onde se realiza o processo entre a morte e a reencarnação. Ela consiste, além da esfera infernal e do assim chamado Purgatório (a esfera de purificação), naquilo que na religião natural e no ocultismo é indicado erroneamente como céu e vida eterna. Essas esferas celestes e a existência nelas, da mesma maneira que na esfera material, estão sujeitas à finitude e à temporalidade. A esfera refletora é, portanto, o local de morada temporário dos mortos, o que não quer dizer que a personalidade falecida retornará a nova vida, pois *não há subsistência da personalidade quádrupla!* Apenas o núcleo mais profundo da consciência, o assim chamado lampejo espiritual ou centelha dialética, é reto-

mada temporariamente no ser aural e forma a base da consciência da nova personalidade que é construída pelo ser aural em cooperação com as forças ativas na mãe. (17)

Esfera refletora. *Ver esfera material.* (17)

Fogo serpentina. O sistema cerebrospinal, a sede do fogo da alma ou fogo da consciência. (232)

Força interior. *Ver clara decisão da vontade.* (52)

Fraternidade. *Ver Fraternidade Universal.* (43)

Fraternidade Universal. A Hierarquia divina do reino imutável que forma o corpo vivo do Senhor. Ela também é indicada por outros nomes, tais como Escola de Mistérios dos Hierofantes de Cristo, Igreja Una e Invisível de Cristo, Escola Espiritual Hierofântica. (15)

Gnosis. O alento de Deus; Deus, o Logos, a Fonte de todas as coisas, manifestando-se em e como Espírito, Amor, Luz, Força e Sabedoria Universal. (28)

Hemisférios cerebrais. O santuário da cabeça, visto microcosmologicamente, consiste em dois hemisférios. O hemisfério cerebral direito é o foco mais importante da faculdade do pensamento; o hemisfério cerebral esquerdo, o foco mais importante da vontade. (319)

Hierarquia dialética. *Ver eões (II).* (102)

Hierofantes de Cristo. *Ver Fraternidade Universal.* (78)

Humanidade adâmica. A humanidade do gênero de Adão, isto é, a humanidade decaída. (84)

Humildade. *Ver arrependimento.* (107)

Imagem mental do homem imortal. A atividade mental por que surge a imagem mental do homem imortal no campo de respiração não é a atividade comum da faculdade do pensamento, porém a atividade da assim chamada consciência jupiteriana, a consciência do verdadeiro homem. Essa atividade é liberada e alimentada à medida que o aluno, com discernimento e compreensão crescentes, torna retos os caminhos para seu senhor interno, isto é, trilha a senda da morte do eu. É o progredir contínuo no caminho da mudança fundamental de vida, no cumprimento fiel das novas exigências interiores de vida, que chama à vida a imagem mental

- do homem imortal e a faz crescer. (38)
- Inferno.** Inferno mesmo. (104)
- Karma** (adj. cármico). Lei de ação e reação, de causa e efeito, que ensina "colherás o que semeaste". Resultado das ações boas e más das vidas passadas e da atual. (57)
- Kundalini.** Anel circular em torno da pineal formado de inúmeros pontinhos minúsculos semelhantes a ervilhas. Quando a nova corrente eletromagnética, através do átomo-centelha-do-espírito, do timo e do sangue, toca o santuário da cabeça, esses pontinhos – que têm, cada um, uma atividade – começam a irradiar uma luz policromática, o assim chamado círculo de fogo da pineal. À medida que a pineal se abre mais para o influxo direto de luz da Gnosis, a força de radiação e a atividade da *kundalini* crescem continuamente em intensidade e magnificência. *Ver também* pineal. (36)
- Logos.** O Verbo criador, a fonte de todas as coisas. (77)
- Lúcifer.** O fogo-alma ímpio, o gás hidrogênio não-divino, onde tanto no eu inferior, como alma dialética em manifestação, como no eu superior, no deus ígneo aural, irradia esse fogo ímpio repetidamente como alma em uma nova personalidade mortal. (99)
- "Luta contra o mal, em sua"**. O ser aural, o eu superior dialético, não incita ao mal, senão à bondade dialética, isto é, ao bem relativo, à pseudobondade deste mundo. Ele procura impelir o homem à cultura constante do eu. (183)
- Macrocosmo.** O mundo em tamanho grande, o universo. (181)
- Maniqueus.** Movimento surgido no século III, formado por Mani, que foi perseguido, acusado de procurar juntar numa vasta síntese o ensinamento dos primeiros gnósticos, o cristianismo e o budismo. O maniqueísmo ressurgiu nos ensinamentos dos cátaros ou albigenses. (75,163)
- Mantra** (adj. mântrico, mantrâmico). Palavra ou série de palavras que cantada ou pronunciada em certo estado de consciência e orientação libera grande força. Mantras somente têm efeito libertador quando utilizados por um homem ligado com a Gnosis a serviço da grande obra. Qualquer outro uso evoca somente forças naturais, é gerador de *karma* e fortalece assim consideravel-

mente a ligação à roda da dialética. (325)

Mantrâmico. Ver mantra. (34)

Microcosmo. O homem como *minutum mundum* (pequeno mundo) é um sistema de vida complexo e esférico, onde se pode distinguir, de dentro para fora: a personalidade, o campo de manifestação, o ser aural, um campo espiritual magnético sétuplo. O verdadeiro homem é um microcosmo. O que se entende por homem neste mundo é apenas a personalidade severamente mutilada de um microcosmo irremediavelmente degenerado.

Nossa atual consciência é uma consciência pessoalística e, por consequência, apenas é cônica do campo de existência a que pertence. (47)

O *firmamento*, o ser aural, personifica a totalidade de forças, valores e ligações que são o resultado das vidas de diversas manifestações de personalidade no campo de respiração. Todas essas forças, valores e ligações formam, em conjunto, as luzes, as estrelas, de nosso firmamento microcósmico. Essas luzes são focos magnéticos que, em concordância com sua natureza, determinam a qualidade do campo espiritual magnético, isto é, a natureza das forças e substâncias que são atraídas da atmosfera e acolhidas no sistema microcósmico, portanto, também na personalidade. Assim, tal a natureza dessas luzes, tal é a personalidade! Com isso, uma mudança no ser da personalidade tem de preceder uma mudança no ser do firmamento, e esta última apenas é possível mediante o auto-sacrifício do ser-eu, a total demolição do eu. (167)

O *campo de manifestação* ou campo de respiração. É o campo de força imediato em que a vida da personalidade é possibilitada. É o campo de ligação entre o ser aural e a personalidade e está, em sua atividade de atração e repulsão de forças e substâncias a favor da vida e da manutenção da personalidade, completamente em harmonia com a personalidade. (37)

Microcósmico. Ver microcosmo. (49)

Negação. É aquilo que Paulo denomina "morrer diariamente". É o afastamento de todo o interesse por aquilo que é deste mundo, incluindo nosso próprio ser-eu. É o contínuo dizer não, com ação,

a todos os impulsos da natureza em nosso sangue. Tal orientação de vida apenas tem sentido quando ele é a consequência lógica do despertar de um discernimento (o verdadeiro autoconhecimento!) concernente à verdadeira natureza e ao verdadeiro estado de nossa existência humana atual e desta ordem de natureza. Mediante esse "morrer diário" consciente e convicto, liberamos em nós o caminho para a atividade dupla da luz libertadora da Gnosis, que *destrói* então tudo o que rejeitamos e *constrói* aquilo que possibilita a nova manifestação humana. Assim, morremos então literalmente, segundo o velho homem, "na força demolidora de Cristo", isto é, todos os impulsos da velha natureza são silenciados em nós, o que permite a nova natureza, o novo homem, manifestar-se. (32)

Núcleo pérfido de nossa região de vida. Uma concentração cósmica de hidrogênio que foi inflamada por uma idéia ímpia e da qual o inteiro universo dialético vive e é. (99)

Pineal ou glândula pineal. A pineal, juntamente com a *kundalini*, que somente reage à verdadeira luz espiritual, quando inflamada pela luz da Gnosis através do átomo-cantelha-do-espírito, do timo e do hormônio de Cristo, forma o trono do raio de Cristo, da iluminação interior, o portal aberto pelo qual a sabedoria de Deus é transmitida diretamente aos homens. (36)

Príncipes deste mundo. Ver eões (II).

Reinos subumanos da natureza. (152)

O reino animal originou-se das forças que, liberadas mediante nossa vida de desejos inferior, emanam de nós; os pássaros canoros provieram de nosso desejo de vivenciar beleza. (151)

O reino vegetal corporifica nas árvores, por exemplo, nosso anseio de libertação; nas flores, nosso anseio de pureza e de luz. (149)

O reino dos insetos e dos micróbios corporifica as atividades más dos sentimentos e paixões dos homens: ódio, ciúme, ira, etc (151)

O reino mineral veio à existência por meio dos sentimentos de incomensurável isolamento que caracteriza o ser interior do homem individualizado deste mundo

O reino elemental veio à existência como conseqüência de nossa vida desenfreada de pensamentos. (Ver pág. 151 e seguintes.)

Como resultado da existência automantenedora do homem-eu, todos os reinos subumanos se caracterizam pela mesma assinatura: toda a forma e todo o impulso de vida estão conformes com autodefesa e automanutenção, tudo e todos vivem à custa de outros.

Religião natural. A religião no sentido horizontal que espera a salvação por meio da afirmação e cultura deste mundo e do ser humano atual, sem atentar nas inequívocas palavras de Cristo: "Meu reino não é deste mundo!" – "Aquele que não nascer da Água e do Espírito, não pode entrar no reino dos céus" (332).

Roda da dialética. O reiterado processo de nascimento, vida, morte e reencarnação. (80)

Roda do nascimento e da morte. Ver roda da dialética. (80)

Rosa do coração. O átomo de Cristo, o átomo-centelha-do-espírito, também designado misticamente como botão de rosa, a semente áurea Jesus ou a maravilhosa jóia de lótus, localiza-se no centro matemático do microcosmo, que coincide com a parte superior do ventrículo direito do coração. Esse átomo é um germe de um microcosmo totalmente novo, que se encontra latente no homem decaído como uma promessa divina da graça, até que chegue o momento em que este, amadurecido com o sofrimento e experiência neste mundo, lembre-se de sua origem e seja preenchido pelo ardente anseio de retornar à casa paterna; somente então é criada a possibilidade para que a luz do sol espiritual possa despertar o botão de rosa amadurecido, e, no caso de uma perseverante reação positiva e numa diretriz plenamente consciente, possa ser dado início ao processo pleno de graça da completa regeneração do ser humano, segundo o plano de salvação divino. (310)

Rosacruzés clássicos. Os rosacruzés que pertenciam à Escola de Valentin Andraee, manifestação da Fraternidade Universal em fins do século XVI e XVII. Valentin Andraee publicou importantes obras, entre as quais *As Nupcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, considerada o mais importante testamento da Ordem

da Rosacruz clássica, um dos luminosos pilares em que está ali-
cerçado também o trabalho da Rosacruz moderna. (202)

Senda de Sangha. A senda da santificação (palavras de Buda).
(209)

Ser aural. O firmamento microcósmico ou eu superior, o portador de
nosso *karma*, de nossa ligação resultante do passado próximo e
distante. *Ver* microcosmo. (79)

Ser-desejo, um novo. A corporificação do grande anseio de salva-
ção. (52)

Ser-lipika. O ser aural ou eu superior como portador de nosso *kar-
ma*, de nossa ligação proveniente de passado próximo e distante.
(169)

Simpático. A parte do sistema nervoso que, no homem dialético, não
está sob o controle da vontade, porém funciona automaticamen-
te. Refere-se mais especificamente aos dois cordões de nervos
situados à direita e à esquerda do canal da medula espinal. Es-
ses dois cordões confluem para a extremidade superior da me-
dula espinal, próximo à glândula pineal. (232)

Sistema. Sistema de vida, microcosmo. (59)

Sistema da lipika. Firmamento aural, o firmamento dos centros sen-
sorais, dos centros d e força e de focus, os quais constituem as
luzes ou estrelas de nosso sistema microcósmico. (169)

Tao. Denominação de Lao-Tsé para a Fonte Única de todas as coi-
sas. (198)

Transfiguração. O processo evangélico do renascimento da água e
do Espírito, o primordial caminho de volta para a pátria perdida,
para o outro reino, para a ordem da vida de Cristo. (72)

Una Sancta. *Ver* a nova *ekklesia*. (15)

Vácuo de Shamballa. Região fora da esfera material e da esfera re-
flectora, preparada pela Fraternidade de Shamballa (um aspecto
específico da Fraternidade Universal) em benefício dos alunos
que com seriedade, devoção e perseverança, esforçaram-se em
trilhar o caminho de retorno, porém que ainda não podem ingre-
ssar no novo campo de vida. Tais alunos, se está presente uma
base mínima de trabalho, neste campo de trabalho preparado es-
pecialmente para eles, são colocados em estado de continuar o

trabalho iniciado em condições harmônicas, livres dos esforços, obstáculos, perigos e desgostos da dialética, e completar sua libertação da roda do nascimento e da morte, tornando-se, desse modo, participante da nova Vida. (335)

ÍNDICE REMISSIVO

PARTE I

AUTOCONHECIMENTO COMO CONDIÇÃO PRÉVIA PARA A NOVA GÊNESE HUMANA

I	O ADVENTO DO NOVO HOMEM	13
	A <i>Una Sancta</i>	15
	"Ao encontro do Senhor nos ares"	21
II	CRISTO, A FONTE UNIVERSAL DE LUZ E FORÇA . .	23
	No mundo, porém não do mundo	24
	O verdadeiro sol espiritual	25
	O átomo-centelha-do-espírito	25
	Ultravioleta e infravermelho	25
	<i>Hora est!</i>	28
III	A ATIVIDADE SÉTUPLA DO SOL DIVINO	31
	Demolição do eu mediante negação	32
	Os sete raios do sol divino	34
	O despertamento do átomo-centelha-do-espírito	34
	A fase da busca	35
	A jóia maravilhosa	36
	A imagem mental do homem imortal	38
IV	A NATUREZA DO APRISIONAMENTO HUMANO	41
	Formas-pensamentos e suas atividades	41
	O arqui-instinto do sangue	44
	Nosso ser-desejo, o eu sanguíneo	45
	O sistema fígado-baço	45
	A concepção mental do homem imortal	48
	A atividade do átomo-centelha-do-espírito	49

	A expulsão do eu sanguíneo	52
V	NÃO HA LIGAÇÃO ENTRE O HOMEM NATURAL E O HOMEM ESPIRITUAL	55
	Os três egos naturais	55
	A aparência da cultura	57
	A inquietação	59
	“O trabalho do Senhor”	63
VI	GRAVIDADE E LIBERTAÇÃO	65
	“A fé em vossos corações”	66
	O anseio como faculdade eletromagnética	67
	O microcosmo	67
	O caminho para a porta dos mistérios: estar silencioso perante Deus	70
	Os dois campos eletromagnéticos	71
	O novo campo de vida	72
	Transfiguração	72
VII	A LOUCURA DA CRUZ	73
	A camisa-de-força da natureza	73
	A resistência ao transfigurismo	74
	Em boa companhia	75
	O Reino Universal	77
	O setenário cósmico	77
	Nossa terra dialética	79
	As forças naturais e os arquétipos	80
VIII	DEUS – ARQUÉTIPO – HOMEM	83
	“O reino de Deus está em vós”	84
	Os arquétipos dos homens	85
	O átomo-centelha-do-espírito e o arquétipo	87
	Nossa atual realidade existencial	87
	A restauração da unidade desfeita: Deus – arquétipo – homem	88

	A Fraternidade Universal de Cristo como mediadora	89
	O consolador	89
	O que é a imagem do imortal	90
IX	A ALQUIMIA DIVINA E NÓS	91
	A fórmula alquímica divina fundamental de nosso planeta	91
	A substância primordial, a matéria mágica	91
	O Grande Alento	92
	A alma original	93
	O gás hidrogênio	93
	Nosso princípio anímico nascido da matéria	94
	Nascido duas vezes	94
	O renascimento da água e do espírito	94
	A bomba de hidrogênio vivente	95
	Hidrogênio, oxigênio, nitrogênio, carbono	96
	Nosso planeta-mãe sétuplo	97
	Os quatro alimentos santos	98
X	HOMEM, CONHECE-TE A TI MESMO!	99
	Lúcifer	99
	A alma-eu, meramente um fenômeno natural	99
	A desorientação do homem-eu e de seu mundo	100
	Nossa unidade fundamental com o campo luciferino	101
	A ilusão do ocultismo	102
	O inferno e o fogo do inferno	102
	A hierarquia dialética	102
	A ilusão da religião natural e de todos os seus esforços no plano horizontal deste mundo	102
	O curso do destino em Lúcifer	103
	O chamado da Escola Espiritual à reflexão	103
	Salvação mediante evolução, uma impossibilidade	105

	Dois princípios de fogo serpentino	105
	Cristo e Lúcifer	105
	A tarefa de Pentecostes do aluno	107
	A ressurreição da Estrela Matutina	108
	O Espírito e a noiva	108
XI	A ROSA DA MANIFESTAÇÃO SÉTUPLA DE DEUS .	109
	A Rosacruz	109
	A concreticidade e a realidade da grande meta	110
	Nosso campo de existência, um todo isolado	111
	Os quatro alimentos dialéticos	112
	Os quatro alimentos santos	112
	O mar de águas vivas	112
	Os dois campos atmosféricos	113
	O chamado de Cristo para o retorno	113
	Nova construção templária	113
	O lançamento da pedra fundamental	114
	O aluno construtor de templo no trabalho	115
	A entrada no campo eletromagnético primordial	116
XII	A INEVITABILIDADE DO CAMINHO DA CRUZ	117
	A rosa estilizada	117
	O caminho da cruz	118
	A jóia preciosa no lótus	118
	A meta única da Escola Espiritual	119
	Os dois campos de vida	119
	O chamado da Fraternidade Universal	122
	A necessidade da ação autolibertadora	122
	A percepção do chamado	123
	Falso misticismo	123
	O perigo da religião natural	124
	O trilhamento da senda	124

	Crentes, chamados e eleitos	125
XIII	A ASCENSÃO PARA A LIBERDADE	127
	“Deus conhece todos os Seus filhos pelo nome”	128
	O estado pecaminoso da consciência-eu	128
	O átomo luciferino e o átomo de Cristo	129
	A necessidade fundamental do renascimento da alma	130
	Através do Jordão	130
	O batismo de Jesus no Jordão	131
	Crentes, chamados e eleitos, os três estágios da ascensão evangélica para a liberdade	132
	O início atingível	134
XIV	O EVANGELHO VIVO DA LIBERDADE	135
	A linha de separação	135
	O declínio do eu em Jesus, o Senhor	136
	A peregrinação de Jesus	137
	O Evangelho escrito em nossos corações	137
	O caminho evangélico da cruz, um caminho de alegria, um caminho para a ressurreição	139
	A última página do Evangelho	140
	O verdadeiro Círculo Apostólico	140
	A bênção provinda do Terceiro Templo	141
	A graça todo-poderosa	142
	A horrível paródia do Evangelho da liberdade	142
XV	O CONHECIMENTO DA NATUREZA DA MORTE	145
	As causas da queda humana	147
	Achai-as em vós mesmos!	148
	A preparação para a imitação de Cristo	148
	O microcosmo como pilha atômica	148
	A imprescindibilidade dos reinos naturais subumanos	151
	O horror de seu surgimento e de sua existência	151
	A tragédia dos esforços de autoproteção do	

	homem dialético	153
XVI	A ILUSÃO DA DIALÉTICA	155
	A tragédia geral do mundo	156
	Autoconhecimento libertador	156
	O cansaço da alma buscadora	158
	Loucura	159
	A tentativa de imitar o reino de Deus na dialética	159
	O aprisionamento consciente e contínuo da humanidade	160
	Judas e seu curso de destino	161
	A assinatura tríplice da traição	161
	O fim fatídico	164
	O grande perigo na senda	164
XVII	AS DUAS FORMAS NO MICROCOSMO	165
	O fantasma tríplice	165
	O fim de Judas	165
	Os três grandes obstáculos antes da descoberta da senda	166
	O ser aural, o eu superior	167
	O eu inferior	169
	Lúcifer, o deus ígneo	170
	O firmamento como <i>lipika</i> (Portador do <i>karma</i>)	170
	O estado dependente do ser aural	170
	Os er aural como deus natural	170
	A ilusão do ocultismo	171
	O sol espiritual latente	172
	A tentação no deserto	173
XVIII	“ELE DEVE CRESCER, E EU, DIMINUIR”	177
	O poder do eu superior	177
	A influência do eu superior no processo de nascimento terreno	178
	Nossa existência atual – apenas um processo natural	179

A ficção da idéia de existência posterior e da reencarnação	180
Nossa existência não divina mediante auto-agrilhoamento ao eu superior	181
Um novo céu e uma nova terra	182
A aniquilação completa de nosso estado natural	183
Jesus Cristo, o outro	184
O caminho da humildade perfeita	184
O retorno da luz	185

SEGUNDA PARTE

A SENDA SÉTUPLA DA NOVA GÊNESE HUMANA

I	FÉ, VIRTUDE, CONHECIMENTO	191
	Os perigos dos esforços no plano horizontal	192
	A chave para a senda: a fé	195
	A verdadeira posse da fé	196
	A virtude	196
	O conhecimento	196
	Um novo archote é inflamado	198
II	AUTODOMÍNIO (I)	201
	O autodomínio	202
	As conseqüências dos instintos naturais reprimidos . . .	203
	O inferno das regiões fronteiriças do Além	204
	O surgimento das assim chamadas regiões superiores da esfera refletora	206
	O estado de efésio	207
	A culpa recíproca de homem para homem	208
	A necessidade da senda da cura	209

III	AUTODOMÍNIO (II)	211
	As doze forças	213
	As três fases de crescimento do	
	homem dialético	214
	A estrela de Belém	216
	A espada na alma	217
	A luta das duas naturezas	217
	O verdadeiro autodomínio	218
IV	PERSEVERANÇA	219
	A perseverança dialética	220
	A pureza de coração, chave para nossa	
	inteira conduta de vida	222
	“Choque”	223
	A necessidade de perseverança	224
	Pecado	225
	A ligação contínua	226
V	DEVOÇÃO (I)	227
	A devoção dialética	229
	A atividade do remédio supremo	229
	A mudança corporal do aluno	230
	Os quatro alimentos santos	231
	O segundo fogo serpentino	232
	Pingala e ida; Ananias e Safira	233
	O desenvolvimento da nova pilha da consciência	233
	O timo	234
	Um novo sistema nervoso, uma personalidade	
	inteiramente nova	235
	A cidade com as doze portas e da libertação	235
VI	DEVOÇÃO (II)	237

	O relato de Atos dos Apóstolos	238
	A comunhão consciente com as radiações de Cristo	240
	Uma nova consciência	241
	O assassinio da nova radiação magnética	242
	Os "mancebos"	242
	A exigência absoluta da morte do eu	243
VII	DEVOÇÃO (III)	245
	Uma nova figura corporal	245
	O assim chamado suicídio dos albigenses	246
	Dois núcleos de consciência	247
	O sepulcro vazio	249
	O círculo Apostólico	252
VIII	AMOR AO PRÓXIMO	252
	"Deus manifestado na carne"	253
	O amor da dialética	254
	Humanismo	255
	Cativo na Gnosis	257
	No mundo, porém já não do mundo	257
	Pescadores de homens	259
	O segredo do trabalho da Escola Espiritual	259
	Primeira Epístola aos Coríntios, cap. 13	260
IX	O AMOR (I)	263
	Os três templos	264
	A pesca de homens	265
	As três leis sagradas do apostolado	267
X	O AMOR (II)	271
	A vindoura nova vida	273
	O vindouro novo homem	274
	O libertador anseio de salvação	275
	A entrada para o novo reino	275

A construção do novo templo	276
A gloriosa nova personalidade	277

TERCEIRA PARTE

OS DONS E AS FACULDADES DO NOVO HOMEM

I	O RENASCIMENTO AURAL	283
	A quem falamos	284
	A construção da arca	285
	O local de trabalho do construtor	285
	O erro dos movimentos de línguas	288
	O amor que cobre pecados	289
	A revolução microcós mica	290
II	CONSEQÜÊNCIAS DO RENASCIMENTO AURAL . .	291
	Conseqüências da revolução microcós mica	291
	"Perdoai-nos as nossas dívidas . . ."	294
	O primeiro dia da recriação: novos dons e novas faculdades	294
	Cura: o que ela <i>não</i> é	298
III	O DOM DA CURA	299
	Tres ofícios, cinco tarefas, nove faculdades como características da nova gênese humana	299
	Os perigos do interesse negativo	300
	O que é cura	301
	O auxílio ilimitado para a salvação	302
	"Procurai primeiro o reino de Deus . . ."	303
	Santificação, uma via crucis para a sanificação	304
IV	AS TAREFAS: CINCO CORRENTES PARA A CURA	305

	A Fraternidade Mundial Sétupla e seu campo de radiação	305
	O estado das duas naturezas: novas operações, novas forças, novos ministérios	306
	O dom da cura	307
	"A revelação dos filhos de Deus"	308
	O auxílio curativo das cinco tarefas	308
	O poço de Silóé	309
	O despertamento da rosa	311
	Um novo elo na corrente áurea	313
V	AS FACULDADES (I)	286
	A limitação do dom da cura	316
	A faculdade de transmissão da fé	317
	A faculdade da sabedoria e a faculdade pictórica	319
	A faculdade de análise intelectual e a faculdade de transmissão de discernimento e conhecimento	320
	A faculdade da nova vontade	321
	O dom da cura	322
VI	AS FACULDADES (II)	323
	A mudança de tipo	324
	O início da cura	325
	A ignição	326
	A ligação de primeira mão	327
	A faculdade de distinguir espíritos	329
VII	A MORTE FOI TRAGADA NA VITÓRIA	331
	A mensagem do fim	331
	Nenhuma libertação mediante evolução	333
	As duas naturezas	333
	A última trombeta	334

	A última trombeta	334
	O vácuo de Shamballa	335
	Onde está, ó morte, teu aguilhão?!"	336
	Breve a noite terá passado	337
VIII	O NOVO CAMPO DE VIDA	339
	A veste inconsútil	339
	A morada <i>Sancti Spiritus</i> para a nova colheita	340
	João e Jesus	343
	A cooperação no edifício de Deus	345
	O derramamento de sangue da velha natureza	346
	O derramamento de sangue da nova natureza	346
IX	A FACULDADE DA PROFECIA	349
	O verdadeiro servo da palavra	349
	O verdadeiro profeta	352
	As faculdades do profeta	353
	O objetivo e a tarefa do profeta	354
	A construção sobre a pedra angular: Cristo	355
X	A FACULDADE DAS LÍNGUAS	
	(LINGUAGENS)	357
	A perturbação dos pólos magnéticos do	
	campo dialético	358
	A manifestação dos filhos de Deus	359
	Transfigurismo e este mundo	360
	O curso dos fatos é retardado	361
	Línguas	361
	Novamente: o ser aural	362
	Línguas de fogo	365
	O devir das novas línguas	336
XI	A FACULDADE DE INTERPRETAÇÃO DE	
	LÍNGUAS	369
	Novas línguas de fogo	370

A ilusão e o perigo dos movimentos de línguas	370
"Não pergunteis aos mortos"	373
Sensitividade	373
A obtenção dos dons de línguas (linguagens)	374
O crescimento da nova consciência	378
O dom da interpretação de linguagens, a força para a utilização das línguas ígneas	379

Tendo em vista que o tempo é chegado em que tudo o que estava em oculto deva ser revelado; e uma vez que o tempo da Colheita dos últimos dias já começou, e as trevas da Noite Cósmica agora se alastram estendendo a sua mortalha sobre o mundo e a humanidade que se encaminha para o declínio, a Escola da Rosacruz Áurea mostra de novo o universal Caminho Único para a sobrevivência, a Senda Única para a Vida franqueando ao mesmo tempo a possibilidade para que se possa efetivamente trilhar esse Caminho para o novo vir-a-ser humano, mediante o processo do Renascimento pela Água e pelo Espírito, o Caminho da Transfiguração.

É disso que este livro, *O Advento do Novo Homem*, almeja ser um testemunho e um chamado.

E, como sempre, no limiar desse Caminho ressoa a advertência: "Homem, conhece-te a ti mesmo". E isso porque, sem que se possua o real autoconhecimento, sem que se ouse sondar o próprio ser, até ao âmago, em objetiva busca pela verdade, todo anseio por libertação não tem o mínimo sentido.

Por esse motivo, a parte introdutória deste livro referente à nova gênese humana começa, antes de mais nada, por um necessário confronto que abrange inúmeras facetas da nossa presente realidade de existência.

Enquanto essa realidade não for interiormente reconhecida segundo a sua verdadeira natureza, e enquanto não surgirem em nós as conseqüentes resoluções decorrentes dessa concientização, a Senda Sétupla não poderá ser trilhada.

O advento de um Novo Homem a que esse Caminho conduz, somente pode revelar-se à consciência deste mundo segundo os Dons e Atributos com os quais esse Novo Homem serve ao grande Trabalho de Libertação empreendido pela Fraternidade Universal de Cristo, e portanto auxilia nessa Tarefa para levá-la a bom termo. O libertar-se das trevas do aprisionamento e da dor deste mundo significa *autolibertação*, mas autolibertação a serviço da humanidade.

A glória e a magnificência do Novo Homem, com efeito, pertencem àquele Reino que não é deste mundo, e ultrapassam de muito a capacidade de entendimento da consciência terrena dialética.

Não obstante, o sincero buscador da Libertação que reconheceu, de seu íntimo, a Senda sétupla como o Caminho que conduz à Verdade e à Vida, e sonda profundamente as possibilidades grandiosas para as quais o Novo Homem é chamado para servir à humanidade, poderá vir a experimentar o antever da incomensurável Glória na qual é dado ingressar o Homem Renascido.